

Para muitos de nós, autores deste livro, "Marxismo e Filosofia da Linguagem" é um livro que temos e "usamos" no tempo de nossa formação "à avulso", nos dias do mestrado ou de doutorado que, para muitos de nós, "fica bem ali" no tempo, como dizem os mineiros (ou, pelo menos, é como se diz que eles dizem [...]). Ao vezes, é apenas um livro que recomendamos que nossos orientandos saibam ou que indicamos, como bibliografia em nossos cursos de pós-graduação. Muitos de nós tivemos que voltar no tempo, reviver vivências antigas, releer o texto, retomar ideias, refazer julgamentos, reapreciar diálogos, reavaliar lugares e discursos. E esta é, sim, uma grande oportunidade de reaprender. E, aqui, ter certeza: todos os autores levaram isso muito a sério.

O mercado editorial brasileiro, no que tange à teoria do discurso, é bastante diversificado e atualizado. Porém, era difícil encontrar uma obra em que os pilares da teoria fossem discutidos desde sua construção, mormente a partir da chegada das ideias filosóficas de Volóchinov (ainda sob o manto de Quilbín) por meio de seu Marxismo e Filosofia da Linguagem ao Brasil. Assim, havia um "vácuo" editorial que agora está preenchido com a presente obra, oferecendo aos alunos de graduação e de pós-graduação uma visão histórica-epistemológica das ideias básicas contidas no livro seminal de Volóchinov, bem como de sua evolução até os dias atuais. Ao adentrar neste livro, o leitor terá o privilégio de viajar pelas ideias primordiais de um dos maiores filósofos da linguagem de todos os tempos e chegar aos dias atuais com o desdobramento de muitas de suas ideias que, como sementes de boa qualidade, gemeram e continuam frutificando no fértil campo das pesquisas sobre o discurso.



Organizadores:
Sérgio Nunes de Jesus
Celso Ferrarezi Junior

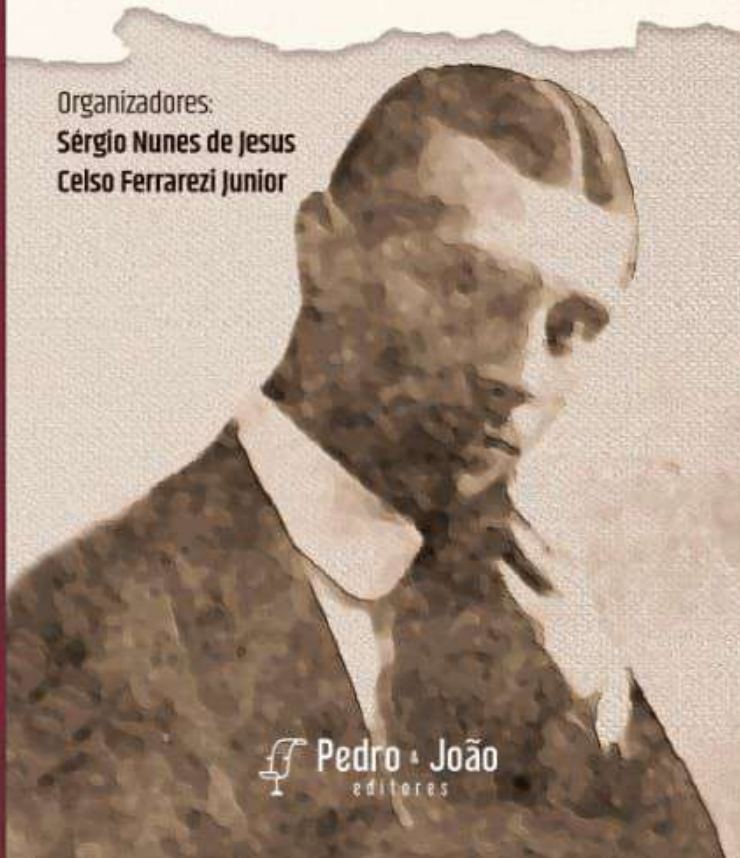
PILARES DA TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO:
A OBRA DE VALENTIN VOLÓCHINOV

(da década de 1920 aos dias atuais)



PILARES DA TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO: A OBRA DE VALENTIN VOLÓCHINOV (da década de 1920 aos dias atuais)

Organizadores:
Sérgio Nunes de Jesus
Celso Ferrarezi Junior



Pedro & João
editores

Revisar "Marxismo e Filosofia da Linguagem" e, conseqüentemente, o pensamento de Volóchinov, trouxe a cada autor presente nesta obra um desafio e uma oportunidade: o desafio de adentrar o texto e se apropriar de um discurso afiado, antigo mas atualíssimo, de compreender uma voz múltipla que ora confirma, ora nega seus contemporâneos, que critica ideias então aceitas e que profere caminhos futuros para uma ciência então nascente não pode ser considerado pequeno. Aceitar esse desafio não deixa de ser uma forma de ato heráico, especialmente diante de tudo o que já se disse de tudo o que já se pensou e de tudo o que, pretensamente, se afirmou (se afirma?) ser definitivo sobre Volóchinov e sua obra. Esperar se por meio de um texto assimat nesse ambiente é ainda mais feroz, pois é o reconhecimento público do consenso que em nós habita e que nos faz trabalhar como textualistas e discursar como discursantes. Mas, nesse desafio há uma oportunidade e é a de reconhecer-se por meio do outro.

**Pilares da Teoria Dialógica do Discurso:
a obra de Valentin Volóchinov
(da década de 1920 aos dias atuais)**

**Sérgio Nunes de Jesus
Celso Ferrarezi Junior
(Organizadores)**

**Pilares da Teoria Dialógica do Discurso:
a obra de Valentin Volóchinov
(da década de 1920 aos dias atuais)**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Sérgio Nunes de Jesus; Celso Ferrarezi Junior [Orgs.]

Pilares da Teoria Dialógica do Discurso: a obra de Valentin Volóchinov (da década de 1920 aos dias atuais). São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 404p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-948-4 [Impresso]

1. Teoria Dialógica do Discurso. 2. Valentin Volóchinov. 3. Práticas Discursivas na Amazônia - IFRO. 4. Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas - UNIFAL-MG. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Arte da capa: Celso Ferrarezi Junior

Layout, preparação dos Originais: Celso Ferrarezi Junior e Sérgio Nunes de Jesus

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Celso Ferrarezi Jr.; Nara Dantas de Azevêdo; Sérgio Nunes de Jesus; Autores

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (UNICAMP/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiuava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

*Se, de fato, houve um “círculo”, não é de forma
alguma necessário chamá-lo de “Bakhtin”*
(VOLÓCHINOV, 2015, p. 30, In: SÉRIOT,
Volóchinov e a filosofia da linguagem. Trad.
Marcos Bagno, São Paulo: Parábola, 2015).

A presente obra é um dos frutos da cooperação científica entre os grupos de pesquisa *Práticas Discursivas na Amazônia*, vinculado ao IFRO, e *Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas*, vinculado à UNIFAL-MG, ambos certificados pelas instituições junto ao CNPq. A cooperação de quase uma década e meia, precisamente, 14 anos - entre esses dois grupos têm gerado projetos de pesquisa e de extensão, assim como a produção de um grande número de obras técnicas, científicas e apresentações nacionais e internacionais com pesquisas pautadas nas áreas de língua(gem), educação e cultura.



SUMÁRIO

Apresentação	13
[... Olhares Responsivos ...]	
<i>Sérgio Nunes de Jesus</i>	
<i>Celso Ferrarezi Junior</i>	
Introdução	17
[O Eu, o Nós e o Texto]	
<i>Sérgio Nunes de Jesus</i>	
<i>Celso Ferrarezi Junior</i>	
<i>Maria Cristina Ramos Borges</i>	
Parte I - Abrindo as discussões: para entender a problemática com suporte na linguagem	
1. Uma leitura da abordagem dialógica do discurso reportado	33
<i>Dóris de Arruda C. da Cunha</i>	
Parte II - Teoria e prática: dialogismo em diferentes perspectivas	
2. O pensar filosófico sobre a linguagem: reflexões de Volóchinov	51
<i>Roseli Wanderley de Araújo Serra</i>	
<i>Josemeire Caetano da Silva</i>	
3. Ideologia: Volóchinov e sua presença na sociedade do século XXI	79
<i>Osmando Jesus Brasileiro</i>	

4. A interação verbal: perspectivas na língua(gem)	101
<i>Paulo Rogério Stella</i>	
5. A interação verbal: aportes na língua(gem)	123
<i>Nair Ferreira Gurgel do Amaral</i>	
6. O discurso: conceito geral em Volóchinov	161
<i>Sebastião Josué Votre</i>	
7. Discurso direto, indireto e indireto livre: o discurso alheio como exemplo de dialogismo discursivo	191
<i>Luciano Novaes Vidon</i>	
<i>Vivian Pinto Riolo</i>	
8. Bases para a noção de interdiscurso: o dialogismo e as formulações do interdiscurso nos estudos enunciativo-discursivos	213
<i>Geane Valesca da Cunha Klein</i>	
<i>Lucas Martins Gama Khalil</i>	
9. O sujeito, a consciência individual e a consciência coletiva: noção de consciência em marxismo e filosofia da linguagem	245
<i>Luciane de Paula</i>	
<i>José Antonio Rodrigues Luciano</i>	
10. A representatividade da consciência individual e coletiva para Volóchinov: apontamentos	267
<i>Sérgio Nunes de Jesus</i>	
<i>Elizângela Ataíde de Souza</i>	

11. Esses Lopes – tudo o que é bom faz mal e bem: perspectivas sobre o sujeito, a consciência individual e coletiva	287
<i>Sandra Mara Moraes Lima</i>	
12. A concepção de língua(ge) e enunciado nos estudos de Valentin Volóchinov	307
<i>Manoel Klebson de Andrade Oliveira</i> <i>Nádia Barros Araújo</i>	
13. A palavra e o signo: embate ideológico na produção escrita de um alfabetizando	325
<i>Fabiana Giovani</i> <i>Moacir Lopes de Camargos</i>	
14. A significação: abordagens em marxismo e filosofia da linguagem	341
<i>Celso Ferrarezi Junior</i>	
15. A dimensão social da linguagem em marxismo e filosofia da linguagem: princípios básicos	365
<i>Maria Cecília de Magalhães Mollica</i> <i>Claudio de Alencar Padua</i> <i>Flavia Coutinho Diniz</i> <i>Hadinei Batista</i> <i>Vania Lisboa Guedes</i>	
OS ORGANIZADORES	387
OS AUTORES	389

APRESENTAÇÃO

[... Olhares Responsivos ...]

Em 1993, o especialista em história da literatura V. Duvakin publicou na revista “Chelovek”, uma série de entrevistas com Bakhtin que ele realizara no início dos anos 1970. Eis o que Bakhtin disse de Volóchinov:

“[...] eu tinha um amigo próximo, Volóchinov... É o autor do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, um livro que, poderíamos dizer, me é atribuído. Sim, é isso. Valentin Nikolaevich Volóchinov” (SÉRIOT, 2015, p. 49). (grifos do autor).

O mercado editorial brasileiro, no que tange à teoria do discurso, é bastante diversificado e atualizado. Porém, é difícil encontrar uma obra em que os pilares da teoria sejam discutidos desde sua construção, mormente a partir da chegada das ideias filosóficas de Valentin Volóchinov (àquela época, ainda sob o manto de Bakhtin) por meio de seu *Marxismo e Filosofia da Linguagem* ao Brasil.

Assim, há um vácuo editorial que gostaríamos de explorar, oferecendo aos alunos de graduação e de pós-graduação uma visão histórico-epistemológica das ideias básicas contidas naquela obra e de sua evolução até os dias atuais. E a partir daí, instituímos uma proposta aos autores para que pudessem ‘visualizar’ o que poderiam, de certa maneira, contribuir para a obra que apresentamos ao leitor. Vamos a seu detalhamento:

A proposta

A proposta é a construção de uma obra intitulada *Pilares da Teoria Dialógica do Discurso: a obra de Valentin Volóchinov (da década de 1920 aos dias atuais)*, aplicável a cursos de graduação de Letras, Linguística, Sociologia, Filosofia e Educação (estes últimos,

sendo aqueles que possuem disciplinas na área da linguagem, o que está se tornando cada vez mais comum).

Características gerais da obra

- o livro em um volume, com 15 capítulos, sendo cada capítulo escrito por um autor ou autores;
- o livro é pensado com conteúdo e linguagem acessíveis, sem serem rudimentares, de forma a permitir aplicação em graduação e em pós-graduação;
- todos os autores convidados são especialistas em suas áreas, mas, ao mesmo tempo, pessoas dispostas a manter a homogeneidade da obra e a trocar ideias com os organizadores;
- o livro tem como objetivo discutir os principais pilares da Teoria do Discurso estabelecidos em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, de V. Volóchinov, apresentando: 1. como esses pilares foram estabelecidos na obra fundadora; e 2. quais mudanças conceituais foram desenvolvidas, desde então, até os dias de hoje.

Itens estruturais

Linguagem: os capítulos foram escritos em linguagem simples para que se tornassem acessíveis no nível da graduação, mas não “toscos”, pois terão importância também para a pós-graduação.

Tamanho: os capítulos não deveriam ultrapassar o máximo de 25 laudas A-4, com fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre as linhas de 1,5.

Notas: notas de rodapé foram utilizadas ao mínimo. Todas as informações deveriam estar contidas no próprio texto.

Citações: citações diretas são livres, mas deveriam ser feitas em português, mesmo que isso exigisse tradução do autor (o que, quando for o caso, seria indicado imediatamente após a citação).

Tópicos centrais das discussões temáticas

- A filosofia da linguagem;
- A ideologia;
- A interação verbal;
- O discurso (conceito geral de discurso);
- O discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto-livre;
- Bases para a noção de interdiscurso;
- O sujeito, a consciência individual e a consciência coletiva;
- A língua, a linguagem e o enunciado;
- O signo e a palavra;
- A significação;
- A dimensão social da linguagem.

Prof. Sérgio Nunes de Jesus
Prof. Celso Ferrarezi Junior
Os Organizadores

INTRODUÇÃO

[O Eu, o Nós e o Texto]

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. [...] “A palavra vai à palavra”. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante (VOLÓCHINOV, 1997, p. 147-8, grifos nossos).

Todos nós, ao longo da nossa vivência social, incorporamos discursos alheios ouvidos (cf. ORLANDI, 1996) que, gradativamente, se diluem em nossa memória e dão origem a um novo discurso, com marcas únicas e identificáveis. É a transmutação do discurso alheio ouvido em discurso apropriado - nosso discurso. Além disso, exploramos os discursos lidos dos quais nós, autores de textos, nos apropriamos por meio das muitas leituras feitas em diferentes momentos de nossa formação, transformando-as em discursos incorporados ou em discursos citados na escritura de nossos próprios trabalhos. Isso se dá porque as formas de tecer um texto diferenciam-se de autor para autor, uma vez que cada um de nós utiliza não somente a própria voz, mas também aquelas que se manifestam de forma citada ou não citada, ou mesmo, difusamente enunciada. São palavras nossas cheias de palavras outras, tecidas em pensamentos originais - porque por nós construídos - mas, ao mesmo tempo, “oriundos”, porque repletos de discursos incorporados. É assim que nossa mente - e aquilo que com ela proferimos - faz dialogar, numa mesma urdidura, autores que nunca dialogaram entre si, faz contatar mundos nunca contatados, trança, em um mesmo tecido textual, linhas que nunca haviam coexistido. É o “milagre” da plurivocidade do texto.

É sobre isso que trata este pequeno ensaio – pensar sobre a incorporação do discurso alheio em nosso discurso e sobre a forma

como cada autor tece o seu texto, conseguindo mostrar a sua voz e, ao mesmo tempo, as vozes alheias por ele incorporadas. Usaremos como referência básica para as discussões o capítulo 'O Discurso de Outrem', do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Bakhtin/Volóchinov (1997), por um tempo, atribuído erroneamente a M. Bakhtin. Antes de entrar no tema propriamente dito, porém, pedimos licença para apresentar um cenário histórico que contemple alguns dos avanços da Linguística em relação ao discurso desde a publicação original da obra em russo até os dias atuais.

Muita coisa mudou desde então ...

Vários foram os avanços da Linguística, principalmente na segunda metade do século passado, não só ao que se refere à estruturação sintático-semântica da frase, com os estudos da gramática gerativo-transformacional de Noam Chomsky a partir da década de 1950, depois reformulados por ele mesmo e por outros estudiosos nas décadas posteriores. Também, no que diz respeito à *Teoria do Discurso*, que assumiu dimensões abordagens múltiplas, houve grande avanço na compreensão de seu objeto de pesquisa. Um dos elementos mais estudados nesse interstício foi a tessitura do texto, especialmente com a *Linguística de Texto* surgida na Europa em meados dos anos 1960, de onde se expandiu para outros países, inclusive para o Brasil, nas décadas de 1970 e 1980. Esses avanços aconteceram paralelamente à existência de uma obra pouco lida nos anos que se seguiram à sua publicação em Leningrado, em 1929 – originariamente sob a autoria de V. N. Volóchinov, a saber, 'Marxismo e Filosofia da Linguagem', que só se tornou conhecida no Ocidente a partir dos anos 1970.

Hoje, o contexto sócio-histórico e o conhecimento acadêmico são bem diversos daqueles em que Volóchinov escreveu sua obra. Naquela época, a Linguística ainda estava engatinhando, os estudos de Linguística Histórico-Comparativa eram ainda o foco central dessa Ciência na Europa e o que sabemos hoje sobre Psico e

Neurolinguística, por exemplo, não passavam de sonhos de ficção científica. A Linguística daquela época tratava de sintaxe descritiva e se encontrava bastante presa aos fenômenos da evolução fonético-fonológica e morfológica das línguas. Saussure estava sendo descoberto pelo mundo por meio do Curso de Linguística Geral a ele atribuído e o estruturalismo versava como “ciência de ponta” nos estudos da linguagem.

Atualmente, o olhar de grande parte dos linguistas não é mais um olhar estritamente estruturalista (embora o gerativismo, ainda muito forte no mundo científico dos estudos da linguagem, seja filiado à visão cartesiana do objeto língua). Os olhares se voltam para o cérebro humano e o processamento psico-neurológico da linguagem. Os avanços tecnológicos, especialmente aqueles concernentes à produção magnética de imagens do funcionamento cerebral em tempo real, tem permitido um mapeamento das redes neuronais de linguagem como antes não se cria possível. É hora de olhar para dentro não a partir mais da ‘língua-E’ para retomar aqui o termo clássico de N. Chomsky, mas a partir da fisiologia da linguagem. É nela que se espera encontrar as respostas nunca conseguidas.

Agora, o texto e o discurso ...

Aqui do “lado de fora”, grande parte dos linguistas está voltada para o texto e não mais para a palavra isolada ou para a frase. O que sabemos hoje nos permite ampliar a unidade de estudo na qual os componentes fonético-fonológico, morfossintático, semântico-pragmático e estilístico assumem relevos nunca compreendidos para a sua compreensão. Os ideais e os sonhos dos precursores estão se materializando. Weinrich, por exemplo, já em 1964, conceituava o texto como um “andaime de determinações cujas partes são interdependentes”:

Um texto é, sem dúvida, uma totalidade em que tudo está numa ordem lógica, de modo que cada oração entendida ajuda a compreensão orgânica da seguinte. De outro lado, a oração seguinte, se compreendida, influi sobre a

compreensão da precedente, de modo que se entende melhor quando se volta a pensar nela. É assim que alcançamos a compreensão do texto. Por isso, toda oração está subordinada a outra na medida em que não só não se compreende por si mesma, mas também contribui para a compreensão de todas as demais. Isso demonstra que não só a oração isolada, como também o texto inteiro, é um andaime de determinações cujas partes são interdependentes (p. 274-282).

Era uma visão precursora e visionária que permitia ver o texto de uma forma integrada, mas para a qual não havia método de estudo que permitisse comprovar o afirmado. Hoje, esses métodos existem, são comuns e bem compreendidos. E pouco tempo passou desde então.

Mas, não apenas Weinrich era capaz de enxergar novos horizontes para a Linguística. A obra de Volóchinov que, como anteriormente dissemos, ficou muito tempo desconhecida, nos surpreende hoje e se revela em toda a sua pertinência e iconoclastia apontando, com anos de antecedência, que “as categorias linguísticas, tais como são, só são aplicáveis no interior do território da enunciação”. Desse modo, sendo mais rápidos do que o tempo, podemos imaginar um hipotético diálogo entre Volóchinov e Weinrich, que assim concluiria: “A categoria *oração* é meramente uma definição da oração como uma unidade dentro de uma enunciação, mas de nenhuma maneira como entidade global” (VOLÓCHINOV, 1997, p. 140).

Hoje, compreendemos que a interdependência de relações sintáticas e semânticas (entre outras em um texto) expressa uma intencionalidade que todo texto possui, intencionalidade esta apreendida não somente pelo sentido que uma oração isolada tem, ou que assuma em relação a sua congênere contextual, mas também em virtude da circunstância enunciativa, ou seja, em virtude do evento em que o texto é produzido, pelo conhecimento de mundo do leitor que lhe permite construir cenários mentais em que os textos devem fazer sentido. Esses cenários são muitas vezes compartilhados entre os interlocutores, mas em outras, lhes pertencem egoicamente. Aí entra outro ‘milagre’ do texto, que é sua

reconstrução pelo ouvinte-leitor, cuja voz se manifesta na compreensão e que pode - ou não - contemplar a voz do autor.

Um exemplo disto? Todos os textos ouvidos e lidos, todos os textos compartilhados. Mas, porque não presenciar o milagre aqui, sem que o santo seja necessariamente citado. Tomemos a crônica bem-humorada de Fernando Sabino, na qual a fala de uma das personagens é imediatamente retomada por uma das unidades linguísticas da fala de outra personagem. O humor mais fino desse texto só se revela àqueles que reconhecem no conteúdo e na linguagem comportamentos estereotipados atribuídos aos mineiros do interior: sossego e laconicidade. E é este conhecimento que garante a sua verossimilhança:

*Conversinha Mineira** - Fernando Sabino¹

- É bom mesmo o cafezinho daqui meu amigo?
- Sei dizer não senhor: não tomo café.
- Você é dono do café, não sabe dizer?
- Ninguém tem reclamado dele não senhor.
- Então me dá café com leite, pão e manteiga.
- Café com leite só se for sem leite.
- Não tem leite?
- Hoje, não senhor.
- Por que hoje não?
- Porque hoje o leiteiro não veio.
- Ontem ele veio?
- Ontem não.
- Quando é que ele vem?
- Tem dia certo não senhor. Às vezes vem, às vezes não vem. Só que no dia que devia vir em geral não vem.
- Mas ali fora está escrito "Leiteria"!
- Ah, isso está, sim senhor.
- Quando é que tem leite?
- Quando o leiteiro vem.
- Tem ali um sujeito comendo coalhada. É feita de quê?
- O quê: coalhada? Então o senhor não sabe de que é feita a coalhada?

¹ Disponível em: <http://diversao.terra.com.br/artecultura/noticias/0,,OI401326-EI3615,00-Leia+a+cronica+Conversinha+Mineira+de+Sabino.html> Acesso em: 09 mai. 2019.

- Está bem, você ganhou. Me traz um café com leite sem leite. Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na sua cidade?
- Sei dizer não senhor: eu não sou daqui.
- E há quanto tempo o senhor mora aqui?
- Vai para uns quinze anos. Isto é, não posso agarrar com certeza: um pouco mais, um pouco menos.
- Já dava para saber como vai indo à situação, não acha?
- Ah, o senhor fala da situação? Dizem que vai bem.
- Para que Partido?
- Para todos os Partidos, parece.
- Eu gostaria de saber quem é que vai ganhar a eleição aqui.
- Eu também gostaria. Uns falam que é um, outros falam que outro. Nessa mexida...
- E o Prefeito?
- Que é que tem o Prefeito?
- Que tal o Prefeito daqui?
- O Prefeito? É tal e qual eles falam dele.
- Que é que falam dele?
- Dele? Uai, esse trem todo que falam de tudo quanto é Prefeito.
- Você, certamente, já tem candidato.
- Quem, eu? Estou esperando as plataformas.
- Mas tem ali o retrato de um candidato pendurado na parede, que história é essa?
- Aonde, ali? Uê, gente: penduraram isso aí [...]

*(SABINO, Fernando. **Conversinha Mineira**. In: A mulher do vizinho (p. 144). Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1962).

Nas concepções de Koch e Travaglia (1989, p. 80):

Em sentido amplo, “a intencionalidade abrange todas as maneiras como os emissores usam o texto para perseguir e realizar suas intenções comunicativas”, enquanto a aceitabilidade “inclui a aceitação como disposição ativa de participar de um discurso e compartilhar um propósito” comunicativo. Em sentido amplo, essas duas noções têm a ver com o que se vem chamando, na literatura linguística, de argumentatividade. Subjacente aos aspectos cognitivos do uso linguístico, existe uma atividade básica: a argumentação. É através dessa atividade que os conhecimentos são selecionados e estruturados em textos.

Na crônica de Sabino, o que querem o forasteiro e o dono da leiteria sem leite? E o que quer o autor? E o que o leitor reconstrói a

partir da leitura? Todos esses passos da leitura são dependentes de mais do que apenas das palavras e das orações presentes no texto. Eles são iniciados a partir da estrutura, mas não se encerram nela. São 'disparados' pela estrutura como uma flecha é projetada pelo arco, mas, como a aquela, esses passos têm um longo percurso até o alvo - e, inclusive, podem ser desviados e erra seu objetivo. Hoje, esse percurso é conhecido, explicado, estudado, aprofundado. No tempo em que Volóchinov adiantou sua existência, era uma hipótese.

Falemos agora, um pouco de texto e discurso, conceitos que têm sido, muitas vezes, utilizados equivocadamente como sinônimos. Estabeleçamos os limites entre os dois termos. Para tanto, vejamos o que é dito por Koch e Travaglia sobre discurso:

Toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo – como também o evento de sua enunciação (1989, p. 8).

e sobre texto;

[...] uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor, ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão (*idem*, p. 8).

Barros (2003, p. 1), refletindo sobre o conceito de texto, afirma o seguinte:

O texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um 'tecido' organizado e estruturado, quanto como objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sócio-histórico. Conciliam-se, nessa concepção de texto ou na ideia de enunciação de Bakhtin (Volóchinov), abordagens externas e internas da linguagem. O texto-enunciado recupera estatuo pleno de objeto discursivo, social e histórico. (grifo e parênteses nossos)

Pensando nos conceitos de discurso e texto, Fiorin (2003, p. 30) diz o seguinte:

Aquele (o discurso) é o patamar do percurso gerativo de sentido em que um enunciador assume as estruturas narrativas e, por meio de mecanismos de enunciação, actorializa-as, especializa-as, temporaliza-as e reveste-as de temas e/ou figuras (GREIMAS; COURTÈS, 1979, p. 160). O texto é unidade de manifestação. É o lugar em que os diferentes níveis (fundamental, narrativo e discursivo) do agenciamento do sentido se manifestam e se dão a ler. É, por isso, labiríntico e estratificado. É o lugar da relação entre imanência e manifestação. (grifo e parênteses do autor)

E Fiorin não para por aí. Prossegue em suas considerações, distinguindo as noções de interdiscursividade das de intertextualidade:

Tanto um fenômeno quanto outro dizem respeito à presença de duas vozes num mesmo segmento discursivo ou textual. No entanto, eles apresentam também diferenças. A intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. **Há de haver três processos de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização.** (...) A interdiscursividade é o processo em que se incorporam percursos temáticos e/ou percursos figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro. Há dois processos interdiscursivos: a citação e a alusão (1994, p. 32). (grifos nossos)

Orlandi (1999, p. 32), por sua vez, afirma que,

[...] é preciso não confundir o que é interdiscurso e o que é intertexto. O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984), fala uma voz sem nome. [...] o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer, enquanto o intertexto se restringe à relação de um texto com outros textos. (grifos da autora)

Como vemos o discurso, tem relação mais direta com a *intencionalidade* (isso mesmo: com “s”) semântica do texto que

permite a revelação de sua intencionalidade (agora sim com “c”), enquanto o texto é mais relativo à *materialidade* do produto linguístico. Um e outro coexistem, como que em dimensões diferentes, se intercomplementam e fazem, um do outro, sua razão de existir. De forma simplista, podemos assim dizer que o texto existe para expressar um discurso e este existe porque um texto foi criado para expressá-lo.

Parece-nos ter ficado mais claro, agora, o porquê de a citação – termos grifados na fala de Fiorin – ser considerada um processo comum aos dois conceitos aqui discutidos – texto e discurso. O sujeito que utiliza a citação de forma honesta, sem apropriação indébita, deve identificar de quem é a voz presente em seu texto, pois tal recurso, uma vez utilizado, não permite que a autoria do discurso citado caia no silêncio, nem seja apagada da memória. Mais do que isso, o sujeito que cita honestamente, evidencia o diálogo com o autor do conteúdo citado e torna claro o enriquecimento de seu discurso pela multivocidade que o constitui, sem a pretensão e a arrogância descabidas de que a autoria de uma vida - ou de um pensamento sequer! - possa ser propriedade de um só homem, de uma só mente. Citar honestamente, seja em forma de discurso direto, na de discurso indireto ou no discurso indireto livre, é sempre um ato de diálogo e uma forma de reconhecimento da grandeza do compartilhar. Sobre eles, Bakhtin/Volóchinov (1997, p. 145):

A enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido.

Logo, o diálogo que se estabelece na textualidade é a revelação da presença do discurso incorporado ao discurso próprio - o proferido - de forma que o “eu” textual, por mais autoral que possa parecer, se torna um “nós-vivencial” e, ainda, de maneira que uma estrutura linguística aparentemente unívoca se revela, sempre-e-

sempre, a construção coletiva de múltiplas existências humanas porque realizada por intermédio de uma única mente feita-em-muitas em razão da tessitura do texto. As linhas que se tecem em nossos textos são produto evidente das muitas vidas alheias, dos muitos discursos alheios e das muitas vivências alheias que carregamos em nós mesmos inescapavelmente. É a maravilha da revelação linguística da coletividade humana que habita em cada um de nós. Como negá-lo, diante de tantas evidências, a não ser como fruto de profunda arrogância e deplorável ignorância?

Então ...

Se pode haver um café com leite sem leite, se a situação da cidade é assim como o povo diz que a situação está e se o cartaz do candidato a prefeito aparece como que por milagre na parede do estabelecimento sem que o dono tivesse visto nada - ou desejado ver..., é sinal de que há leitores, ouvintes e autores mais descuidados do que outros - embora haja aqueles que apenas se fazem de descuidados... Porém, da mesma forma, podemos concluir que há mais de uma forma de entender o café com leite, a situação da cidade, a campanha política para a prefeitura, o mundo que nos cerca e o universo dos textos que nos enredam. É isso que faz de nós - descuidados ou não - o que somos: a diversidade que em nós habita e que, querendo ou não, representamos.

Quando este livro foi pensado, não o foi como um cardápio de pratos feitos nem mesmo como um receituário científico para doses homeopáticas de pensamento Volóchinoviano. Que pretensão descabida seria se assim o fosse! Ele foi pensado para ser um diálogo, o mais múltiplo e aberto possível, em que os textos e os discursos pudessem ser produzidos e proferidos sem cerceamentos além de sua linha mestra - que é “Marxismo e Filosofia da Linguagem” - porém, sem bordas definidas e sem tolos medos acadêmicos.

Ora, se o texto é uma unidade tecida por um sujeito que tem a intenção de comunicar o que pensa a outro sujeito, num dado

ecossistema linguístico e em uma situação específica, e se nossos textos são - inescapavelmente - de nós mesmos e de muitos outros, isso explica o porquê de termos convidado tantos autores de diferentes formações, escolas e pensamentos distintos para construir esta obra: porque não tememos o outro, uma vez que não tememos nem os textos nem a liberdade de textualizar e de proferir.

Desbravar “Marxismo e Filosofia da Linguagem” e, conseqüentemente, o pensamento de Volóchinov, trouxe a cada autor presente nesta obra um desafio e uma oportunidade. O desafio de adentrar o texto e se apropriar de um discurso alheio, antigo-mas-atualíssimo, de compreender uma voz múltipla que ora confirma ora nega seus contemporâneos, que conflita ideias então aceitas e que profetiza caminhos teóricos para uma ciência então nascente não pode ser considerado pequeno. Aceitar esse desafio não deixa de ser uma forma de ato heroico, especialmente diante de tudo o que já se disse, de tudo o que já se pensou e de tudo o que pretensiosamente se afirmou (se afirma?) ser definitivo sobre Volóchinov e sua obra. Expor-se por meio de um texto autoral nesse ambiente é ainda mais belo, pois é o reconhecimento público da coletividade que em nós habita e que nos faz textualizar como textualizamos e discursar como discursamos. Mas, nesse desafio há uma oportunidade e é a de reconstruir-se por meio do outro.

Para muitos de nós, autores deste livro, “Marxismo e Filosofia da Linguagem” é um livro que lemos e “usamos” no tempo de nossa formação “lá atrás”, nos idos do mestrado ou do doutorado que, para muitos de nós, “fica bem ali” no tempo, como diriam os mineiros (ou, pelo menos, é como se diz que eles dizem [...]). Às vezes, é apenas um livro que recomendamos que nossos orientandos usem ou que indicamos como bibliografia em nossos cursos de pós-graduação. Muitos de nós tivemos que voltar no tempo, reviver vivências antigas, reler o texto, retomar ideias, refazer pensamentos, reconstruir diálogos, visitar lugares e épocas - e esta é, sim, uma grande oportunidade de reaprender. E - pode ter certeza! - todos os autores levaram isso muito a sério!

Então, diante de tudo isso, caro(a) leitor(a), seja bem-vindo(a) a esse coletivo humano que se pôs a pensar, incorporar, reconstruir, avaliar, concordar ou discordar, elogiar ou repreender, enfim, que se deu o direito do livre-pensar e do livre-expressar intencionalidades e intencionalidades sobre uma das mais importantes obras que a ciência da linguagem já produziu ao longo da História. Seja bem-vindo(a) a esses textos aqui apresentados e que eles sejam bem-aceitos por você como parte de suas vivências e de sua construção pessoal mais significativa. E, antes que nosso diálogo introdutório termine: obrigado! - estamos gratos por você estar aqui compartilhando conosco esses momentos de reconstrução coletiva do saber.

Cacoal-RO; Alfenas-MG; Rolim de Moura-RO
Inverno de 2022
(... em tempos de pandemia...)

Prof. Sérgio Nunes de Jesus
Prof. Celso Ferrarezi Junior
Profa. Maria Cristina Ramos Borges

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Ensaio de Cultura 7)
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Dialogismo, polifonia e enunciação**. In: Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Ensaio de Cultura 7)
- FIORIN, José Luiz. **Polifonia textual e discursiva**. In: Dialogismo, polifonia, intertextualidade: In: Dialogismo, polifonia,

intertextualidade: em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Ensaio de Cultura 7)

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

ORLANDI, Eni Puccinelli Orlandi. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli Orlandi. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. São Paulo: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli Orlandi. **Interpretação**: autoria, leituras e efeitos do trabalho simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli Orlandi. **O que é linguística?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

VOLÓCHINOV, Valentin Nicolaevic. (atribuído a Mikhail Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 7. ed. Prefácio de Roman Jakobson. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

WEINRICH, Harald. **Cap. IX – El relieve en la oración**. In: *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Versão espanhola de Federico Latorre. Madrid: Editorial Gredos, 1974. p. 274-282.

PARTE I

ABRINDO AS DISCUSSÕES: PARA ENTENDER A PROBLEMÁTICA COM SUPORTE NA LINGUAGEM

UMA LEITURA DA ABORDAGEM DIALÓGICA DO DISCURSO REPORTADO¹

Dóris de Arruda C. da Cunha

— Como é que aquilo que foi dito por alguém é transmitido para outra pessoa?

— Como é que aquilo que eu digo agora pode ser reconhecido como já enunciado por outra pessoa ou por mim mesma em outro momento?

— Como é que a fala ou um fragmento de fala pode estar deslocada dentro do enunciado que a contém?

— Como é que se explica que um discurso, uma vez retomado, não seja mais o mesmo, que ele seja sempre modificado?

Essas são perguntas que nos colocamos para abordar o fenômeno da transmissão do discurso na fala cotidiana, partindo das formas normatizadas: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre, mas o que preferimos chamar de retomada modificação do discurso de outrem, não se restringe a essas três formas canônicas.

A maior parte das descrições do trio discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre foram feitas no quadro da sintaxe da frase. Essa opção redutora não corresponde à dimensão do

¹ Este artigo foi publicado originalmente na revista *Investigações Linguística e Teoria Literária*, v. 2, 1992. Trata-se de um pequeníssimo recorte com algumas modificações da tese de doutorado (CUNHA, 1990) na Universidade de Paris V (atualmente Paris Descartes), publicada em livro com o título *Discours rapporté et circulation de la parole* (CUNHA, 1992). Para esta publicação, foram substituídas apenas as citações e referências das edições francesas de Bakhtin e Volóchinov pelas edições brasileiras recentes, traduzidas diretamente do russo.

fenômeno, que só pode ser compreendido se delimitarmos como fronteira, a interação verbal como um todo.

O discurso de outrem não apenas permeia a linguagem, mas é uma das chaves para a sua compreensão, interessando à gramática, à estilística, à retórica, à linguística e à teoria da literatura. Até os anos 1980, a transmissão da fala era estudada a partir de textos literários ou jornalísticos. Efetivamente, toda a teoria normativa do discurso reportado é decorrente da distinção entre as formas tipograficamente marcadas e não marcadas, sendo estas últimas identificadas por uma suposta correlação dos tempos verbais, independentemente do contexto de produção.

A gramática clássica descreve as três formas de reprodução da fala e dita as regras de constituição, a partir de exemplos literários. O discurso direto é utilizado para reproduzir "textualmente" as palavras enunciadas. A identidade do produtor do discurso original é indicada (antes, após ou numa oração intercalada) pelo narrador. O discurso indireto é a reconstituição da fala de outrem, pelo narrador que transmite apenas a sua substância. Alguns gramáticos consideram o discurso indireto livre como uma forma do discurso indireto. Trata-se dos casos em que as orações do discurso indireto são independentes sintaticamente da principal (daí a ausência do "que" de subordinação e do verbo "dizer", implícito na proposição que precede a proposição livre). Nessa perspectiva, onde tudo parece simples e definitivo, os gramáticos prescrevem as transformações dos dêiticos e dos tempos verbais exigidas na passagem do discurso direto para o indireto.

Resumindo, a gramática tradicional se limita à descrição comparativa dos dois tipos de enunciados, excluindo todas as formas de uso que não obedecem à norma da modalidade escrita. Por conseguinte, a gramática normativa não permite abordar a gênese do discurso reportado nem, conseqüentemente, as transformações sofridas pelo discurso original na língua falada.

A gramática gerativa transformacional (BANFIELD, 1973; AUTHIER-REVUZ, 1978) se propõe a demonstrar que o discurso direto e o discurso indireto não são formas derivadas uma da outra,

como deixa supor a gramática tradicional, mas constituem dois modos independentes de transmissão. O seu pressuposto metodológico básico – a descrição de frases gramaticalmente aceitáveis – torna estéril o debate para provar que o discurso direto e o indireto não tem a mesma estrutura profunda. O *corpus* utilizado – frases isoladas de qualquer contexto – não permite a descoberta de elementos verdadeiramente novos para a compreensão da retomada-modificação do discurso de outrem.

As duas gramáticas tratam os enunciados no nível da língua, não considerando o discurso reportado enquanto fenômeno relacional, ao mesmo tempo, uma “relação de falas” e uma fala relacionante, que concerne, no mínimo, a dois atos de enunciação e três falantes.

As abordagens enunciativas do fenômeno (AUTHIER-REVUZ, 1982; MAINGUENEAU, 1981, 1987) revelam duas tendências:

1. A primeira estende o domínio do discurso reportado ao da heterogeneidade enunciativa, manifestada não no nível da frase, mas no do discurso. Às três formas gramaticais se acrescentam: o resumo com citação, a colocação de aspas, alguns empregos do futuro do pretérito no diálogo, as formas marcadas de conotação autonímica (categoria que inclui todas as formas metadiscursivas que rompem a linearidade do discurso para explicar ou especificar o status da palavra), a polissemia etc.

2. A segunda transfere o interesse para todas as formas de plurivocalidade, ou seja, casos em que pode se ouvir mais de uma voz no enunciado: pressuposições, negações, enunciados metalinguísticos, paráfrases, provérbios, slogans, ironia, além das três formas marcadas de discurso reportado.

Vale ressaltar a importância da perspectiva enunciativa que amplia o campo de observação (até os anos 1970, excluindo os trabalhos de teoria da literatura, o discurso reportado só foi analisado do ponto de vista gramatical). Consideramos, porém, necessário distinguir o discurso reportado da circulação da fala: o primeiro englobaria todos os casos em que o locutor retoma o

discurso de outrem ou o seu próprio discurso para transmiti-lo a uma terceira pessoa; a segunda, todas as formas de retomada do discurso alheio constitutivas do “discurso atual”, no caso do diálogo cada turno de fala se constituindo em função do turno precedente.

A “gramática do discurso”² se preocupa com a descrição dos fatos no uso da língua e propõe uma tipologia que mostra a multiplicidade das formas de discurso reportado. A observação do fenômeno num contexto mais amplo – na imprensa e no diálogo infantil – mostra a sua relação com o discurso performativo e metalinguístico em alguns tipos de texto – narrativo, informativo, explicativo e ficcional. Entretanto, a aplicação dos métodos estruturais da linguística da frase à linguística do discurso termina por privilegiar as formas em detrimento de uma descrição dinâmica.

Para estudar o discurso reportado nas produções orais, é preciso ir além dos diversos quadros doutrinários e estruturais citados e abordá-lo na perspectiva dialógica – a nosso ver, a mais original e produtiva – do discurso que ao ser retomado é sujeito a múltiplas acentuações.

É desnecessário apresentar Bakhtin e Volóchinov atualmente. Inúmeros trabalhos literários ou linguísticos fazem referência às propostas teóricas desses autores, críticos de Saussure desde 1929, que sustentava ser o objeto da linguística, não a língua, mas a enunciação dialógica, produto da interação de dois indivíduos socialmente situados. Essa enunciação dialógica não deve ser analisada sem levar-se em conta “a situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206).

Segundo Volóchinov (2017, p. 245), os problemas sintáticos só podem ser resolvidos a partir dos “estudos das formas da comunicação verbal e das formas correspondentes da enunciação”.

² Nós nos referimos especificamente ao trabalho de Gaulmyn M. M. de. *Les verbes de communication dans la structuration du discours*, Thèse d’Etat, Université de Lyon/Université de Paris VII, 1985.

A análise do discurso reportado se apresenta, então, como o estudo de um problema de sintaxe específico que, bem colocado, pode dar as bases metodológicas de uma teoria da linguagem. Para tanto, Volóchinov (2017, p. 252) parte dos autores clássicos russos e explicita a importância da análise do discurso reportado como preâmbulo à do diálogo, na medida em que “as tendências fundamentais e constantes da apreensão ativa do discurso de outrem se manifestam no discurso reportado”. Em outras palavras, o conhecimento destas formas de apreensão é fundamental para compreender a unidade de base da língua-fala, que é o diálogo.

Por meio de uma leitura correta das formas do discurso reportado, é possível conhecer as tendências sociais que estão na origem da apreensão ativa do discurso de outrem.

O que se deve entender por apreensão ativa do discurso de outrem? A preparação de uma réplica interior e de um comentário atualizado, duas operações que constituem um todo organicamente ligado e se exprimem no contexto narrativo pelo discurso reportado. A interrelação dinâmica entre o contexto narrativo e o discurso citado constitui o verdadeiro objeto de estudo do discurso reportado.

Essa importante mudança de enfoque faz surgir uma outra dimensão do fenômeno: o deslocamento do objeto de estudo das formas isoladas para o contexto narrativo, o que permite explicar a relação do locutor com o discurso que ele retoma, a relação das duas enunciações, de dois sujeitos e o gênero do discurso expresso por estas relações.

Volóchinov define duas orientações na interação entre discurso narrativo e discurso reportado. A primeira, o *estilo linear*, utilizada para transmitir a fala dogmática no russo antigo, conserva o discurso de outrem “na sua integridade”. A segunda orientação, o *estilo pictórico*, transmite o discurso apreendido como um ato social completo. É um discurso individualizado no qual os comentários e réplicas do reportador se misturam com o discurso original, não percebendo o auditor as fronteiras entre os dois. É importante

salientar que Volóchinov distingue uma gama de enunciados nesta segunda orientação. Ele ressalta dois tipos:

1. O narrador introduz no seu relato os seus sentimentos (humor, ironia, ódio, alegria, desprezo).

2. O narrador deixa seus personagens falarem com a fala própria, o que confere aos fragmentos reportados um outro valor, tornando-os mais densos e objetivos que o restante do contexto narrativo.

Podemos reencontrar essas orientações da transmissão dos discursos no processo de circulação de textos em culturas de estágios diferenciados, conforme a descrição de Lotman (1976, p. 46): “observa-se uma grande penetração de textos estrangeiros cujas traduções adequadas não podem ser fornecidas, e uma acumulação de inserções textuais não traduzidas naquela cultura”. Essa acumulação de textos estrangeiros, na consciência russa, na segunda metade do século XVIII e no começo do seguinte, ilustraria o estilo linear de transmissão.

Lotman estabelece ainda uma analogia entre este fenômeno e o processo de assimilação pela criança (que possui uma “língua com um pequeno alfabeto”) da língua dos adultos (“língua com um grande alfabeto”). A criança deve transpor para a sua fala os textos dos adultos. Quando são difíceis ou quando ela não consegue traduzi-los, apenas memoriza alguns dos seus fragmentos. Essa analogia nos permite formular a seguinte hipótese: as retomadas no discurso passam por um processo semelhante, ou seja, quando não se domina o tema a ser reportado, a transmissão será linear enquanto que um tema conhecido conduzirá a uma transmissão pictórica.

A abordagem dialógica do discurso de outrem permite enfatizar as particularidades que uma análise puramente sintática negligencia. Assim, por exemplo, é possível estudar a relação que se estabelece entre o tipo de discurso e as formas de transmissão. O discurso literário trata livremente as palavras de outrem, transmitindo as transformações na “inter-orientação sócio-verbal”; o discurso retórico (político ou judiciário), que tem necessidade de

fidelidade, apresenta o discurso de outrem delimitado por fronteiras nítidas. Outro aspecto ligado ao discurso retórico é a relação entre a tradução da palavra a ser transmitida e a percepção do lugar que ela ocupa do ponto de vista hierárquico, ou seja, o discurso retomado será muito menos influenciado por “réplicas” e “comentários” e terá fronteiras muito mais marcadas se ele for percebido como vindo do alto de uma escala hierárquica.

E como a língua é o produto de uma enunciação concreta ligada à interação social, cujas formas são determinadas pelas condições socioeconômicas de uma época, Volóchinov propõe uma classificação por períodos:

1. O “dogmatismo autoritário”, tendência a transmitir o discurso de forma linear e impessoal característico da Idade Média;
2. O “dogmatismo racionalista”, estilo também linear, porém mais matizado, próprio dos séculos XVII e XVIII.
3. O “individualismo realista e crítico”, estilo ornamentado, com introdução de réplicas e comentários do autor no discurso reportado, observado no fim do século XVIII e início do século XIX;
4. O “individualismo relativista” com tendência à diluição do contexto narrativo, indicado como contemporâneo, no momento em que Volóchinov observou tais fatos, ou seja, nos anos 1920.

Foi ele também o primeiro a falar de modelos mistos de transmissão do discurso alheio, ao considerar que as relações dinâmicas entre o discurso reportado e o contexto narrativo se exprimem nos esquemas de transmissão do discurso de outrem - o discurso direto e o discurso indireto - que se realizam apenas através de suas variantes. Eis alguns casos citados por Volóchinov (2017, p. 260):

Discurso quase indireto e, principalmente, o discurso indireto livre, que enfraquece ainda mais as fronteiras do enunciado alheio. Prevaecem também as modificações³ do discurso direto e indireto que, nas tendências autorais, são mais flexíveis e penetráveis (discurso direto difuso, as formas verbais analítico-verbais do discurso indireto e assim por diante).

³ Na tradução de 2017 de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, as tradutoras usam a o termo modificação em lugar de variante.

Volóchinov estabelece que o discurso indireto não pode ser reduzido a uma transposição do discurso direto. Ele define o discurso indireto como a semantização das marcas do discurso original — uma semantização produzida pela análise que faz o sujeito reportador dos elementos não linguísticos e não verbais.

Três variantes do discurso são descritas:

Analítico-objetual: o conteúdo temático é retido e retransmitido após uma decomposição do sentido em constituintes semânticos. Esta variante é encontrada em um contexto dogmático, no qual a personalidade do falante não é levada em conta pelo sujeito reportador. Os discursos, citante e citado, não se misturam; as réplicas e os comentários têm um lugar no contexto narrativo, mas não se confundem com o discurso de outrem que mantém a sua integridade semântica e a sua autonomia. Trata-se do estilo linear de transmissão.

Analítico-verbal: retoma, de forma analítica, a expressão do locutor. Os elementos marcando a sua subjetividade e o seu estilo são incluídos no discurso indireto de maneira a serem percebidos como específicos. As palavras típicas do locutor são transmitidas com uma “coloração” que serve também para exprimir as nuances do autor, seu julgamento. Contrariamente a primeira variante, a ênfase é colocada sobre a personalidade do sujeito. É o procedimento mais frequente na literatura russa, em decorrência da ausência da correlação dos tempos verbais.

Impressionista: procedimento estilístico utilizado na literatura para transmitir os pensamentos dos personagens. O narrador dispõe, neste caso, de toda a liberdade de representação. Esta variante se situa entre as duas primeiras.

Volóchinov (2017) assinala ainda uma variante constituída de um discurso direto completando um discurso indireto; para ele, esta seria uma das utilizações pictóricas do discurso indireto.

O discurso direto também apresenta um leque de variantes:

1. O *discurso direto preparado*: as palavras reportadas são submetidas ao narrador que anuncia no contexto narrativo o tema da fala a ser citada e lhe imprime uma entonação pessoal. Nesse caso, o contexto narrativo torna-se pouco objetivo. Os discursos diretos que prolongam um discurso indireto ou o discurso indireto livre pertencem a esta categoria.

2. O *discurso direto objetificado*: o autor caracteriza de tal forma o herói no contexto narrativo que o conteúdo de sua fala não tem valor por si mesmo. Ela serve apenas para reforçar a representação que o autor dá do seu personagem.

Analisando um relato de Dostoiévski, Volóchinov (2017) observa uma modificação mais complexa: o *discurso reportado antecipado, dissipado e oculto no contexto narrativo*, uma “mistura de discursos” (narrativo e reportado) identificada nas mudanças de tom, pelo contraste entre a elevação da sintaxe e a vulgaridade do vocabulário. Com este procedimento, o narrador expõe o herói à gozação e à ironia do autor.

3. Volóchinov estuda ainda as *perguntas e exclamações retóricas*, formas intermediárias entre o discurso narrativo e o reportado, que, em alguns casos, serve para transmitir o discurso interior. Essas perguntas e exclamações podem ser atribuídas tanto ao autor quanto ao herói, mas normalmente o autor assume o discurso do herói, razão pela qual elas não são colocadas entre aspas. Formalmente, estas modalidades são análogas ao discurso indireto livre, porém, Volóchinov as considera um discurso por substituição, uma vez que não existem as marcas gramaticais caracterizando a interferência entre o discurso narrativo e o reportado. Na realidade, há um contínuo entre o discurso direto preparado e essas últimas formas.

Nessa perspectiva, o discurso indireto livre é o esquema mais importante da retomada-modificação, caso extremo de convergência de dois discursos com entonações diferentes. Volóchinov se recusa a considerar o discurso indireto livre como uma simples mistura de

discurso direto e indireto. Essa é uma posição nova no estudo da apreensão ativa do discurso de outrem. O discurso indireto livre exprime uma “orientação ativa” que se traduz não pelas formas gramaticais, mas pela interferência de tons, do contexto narrativo nas palavras reportadas.

Bakhtin (2015) retoma o tema da fala de outrem, chamando a atenção para a importância dos procedimentos de transmissão, não apenas no discurso romanesco, onde se trata de representação do discurso de outrem, mas também nos domínios extraliterários. Tais procedimentos são introduzidos no romance, passando por transformações que os enriquecem e, reciprocamente, as formas romanescas oferecem uma outra percepção da transmissão da fala de outrem.

O estudo da representação dessa fala “estrangeira” deve ser precedido pelo da sua transmissão. Basta observar, diz o autor russo, as conversações cotidianas, para constatar a frequência das citações e das referências a outrem:

em todos os cantos da vida e da criação ideológica nosso discurso está repleto de palavras alheias, transmitidas com todos os diversos graus de precisão e de imparcialidade” (BAKHTIN, 2015, p. 130).

A variedade das formas sintáticas de transmissão do discurso de outrem se explica pelos diferentes níveis relacionados: elaboração verbal e estilística do discurso, procedimentos de encadeamentos interpretativos, reconsideração e reacentuação. Daí a transformação de sentido sofrida por um discurso reportado: por mais exata que seja a transmissão, o fato de isolar o fragmento de fala do seu contexto original para colocá-lo em outro lugar cria uma mudança. Mesmo nos casos de transmissão familiar da fala do outro, em que os elementos situacionais e paralinguísticos são dados, ocorrem modificações. Em outras palavras, toda citação, mesmo a transmissão direta *ipsis litteris* entra em outras redes dialógicas que não são as do contexto original.

Bakhtin (2015, p. 135) aprofunda a reflexão sobre “o tema do falante no uso ideológico de nossa consciência no processo de sua comunhão com o mundo ideológico”, refletindo sobre “o processo de “formação ideológica do homem”. Nesse domínio, sua reflexão ultrapassa o quadro da linguística e da teoria da literatura. Seu alcance é de natureza filosófica:

aqui o discurso do outro já não atua como informação, uma instrução, regras, modelos etc.; ela procura determinar os próprios fundamentos da nossa relação ideológica com o mundo e do nosso comportamento, atua como um *discurso autoritário* e como um *discurso interiormente persuasivo*.

O primeiro, o *discurso autoritário* (religioso, político, moral, o discurso do pai, dos adultos, dos mestres etc.) opõe-se ao segundo por ser dado e recebido como tal, quer dizer, como vindo do alto de uma hierarquia. Ela não se confunde com as vozes circundantes, mas se isola como um bloco “compacto e inerte”. Por conseguinte, é globalmente transmitida sem modificação de sentido e exige as marcas distintivas do seu isolamento (as aspas obrigatórias). Nenhum diálogo é possível com o contexto de transmissão. Na literatura em prosa, “ele não pode ser representado, mas apenas transmitido” (BAKHTIN, 2015, p. 137).

O *discurso interiormente persuasivo* (que não emana diretamente de uma autoridade) funde-se com o nosso,

entra em tensa interação e luta com outros discursos interiormente persuasivos. Nossa formação ideológica é justamente essa tensa luta que em nós se desenvolve pelo domínio de diferentes pontos de vista, enfoques, tendências e avaliações verbo-ideológicas. A estrutura semântica do discurso interiormente persuasivo não é concluída, é aberta e cada novo contexto dialogante é capaz de revelar possibilidades semânticas sempre novas (BAKHTIN, 2015, p. 140).

Ele é, portanto, essencial para o processo da evolução ideológica da consciência individual, pois permite um trabalho experimental e seletivo do pensamento, que dê origem a um pensamento independente.

Esta estrutura aberta se integra, sutilmente, ao novo contexto, sem estabelecer fronteiras com a fala estrangeira. Na literatura, a narrativa de Dostoiévski oferece-se como modelo exemplar de uma infinidade de formas de transmissão e de encadeamento de falas secundárias.

Redimensionando e ampliando a perspectiva analítica do discurso de outrem, Bakhtin e Volóchinov propuseram uma das abordagens mais ricas e mais frutuosas para essa questão. Muitos autores sacrificaram a fala de outrem à gramática, e o discurso reportado com frequência foi reduzido a objeto de um debate periférico e exclusivamente aplicado. Consideramos *O Marxismo e a Filosofia da Linguagem*, uma obra exemplar, onde a problemática é magistralmente investigada. Encontramos a afirmação categórica que o discurso reportado é discurso dentro do discurso, enunciação dentro da enunciação, mas também discurso sobre o discurso, enunciação sobre a enunciação, o que impossibilita falar de discurso de outrem sem considerar o contexto narrativo no qual se insere e no qual circula a enunciação “autônoma” de um outro sujeito.

Volóchinov propõe várias hipóteses de trabalho:

1. Não há formas de discurso reportado, porém esquemas, configurações de retomadas do discurso de outrem, que tendem para o discurso direto, indireto ou indireto livre, mas que não podem, absolutamente, ser descritos de maneira definitiva e estática;
2. Existe um posicionamento do locutor, na sua relação com o discurso de outrem, onde ele se auto introduz como autor da retomada por meio de descrições, tematizações etc., antes de reportar e modificar este discurso;
3. Além da reutilização do discurso do outro, fazendo com que a retomada-modificação seja, *a priori*, o produto de um encontro de dois discursos, os esquemas são estratégias discursivas elaboradas, não como uma marca de heterogeneidade no interior de uma enunciação monológica, mas como uma nova enunciação dialógica:

“nos modelos se expressa a tendência de percepção ativa do discurso alheio. Cada modelo tem o seu próprio modo criativo de reelaborar o enunciado alheio em uma direção, particular somente a ele” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 268).

Esse salto das formas estáticas para esquemas dialógicos não constitui apenas uma mudança de “etiqueta”. Volóchinov e Bakhtin realizaram uma revolução teórica, passando da abordagem em nível da língua das formas de discurso citado para o nível da circulação do discurso dialógico: o esquema se realiza na forma de uma de suas modificações. A forma sintática existe, evidentemente, mas é apenas a condensação discursiva, o resultado de “tendências predominantes de percepção do discurso alheio” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 253); é praticamente impossível (diríamos inútil) querer constituir uma lista das formas de discurso reportado, pois é sempre possível encontrar modificações não inventariadas. É sempre possível, desse modo, encontrar-se novas formas.

Notas

1. Nós nos referimos especificamente ao trabalho de Gaulmyn M. M. de. *Les verbes de communication dans la structuration du discours*, Thèse d'Etat, Université de Lyon/Université de Paris VII, 1985.

2. Esta concepção é atualmente dominante e constitui o ponto de partida dos estudos linguísticos e dos fenômenos da interação. Cf. por exemplo esta formulação no trabalho de Wastzlavick et al. (1972): “um fenômeno resta incompreensível enquanto o campo de observação não for suficientemente amplo para que se inclua o contexto no qual o dito fenômeno se produziu”.

3. Utilizamos as categorias da tradução brasileira de Marxismo e Filosofia da Linguagem.

4. Interessa a Volóchinov (2017, p. 278) “as modificações em que ocorrem uma troca mútua de entonações, uma espécie de contaminação mútua entre o contexto autoral e o discurso alheio”.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. “Les formes du discours rapporté”. *In: DRLAV* 17, 1978.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. “Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: Eléments pour une approche de l’autre dans le discours”. *In: DRLAV* 26, 1982.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. “Hétérogénéités énonciatives”. *In: Langages* 74, 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance**. São Paulo, Editora 34, 2015.
- BANFIELD, A. “Le style narratif et la grammaire des discours direct et indirect”. *In: Change* 16/17, 1975.
- CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. **Organisation du dialogue, discours rapporté et circulation de la parole - contribution à une approche dialogique du discours d’autrui**. Tese de doutorado. Université Paris V, 1990.
- CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. **Discours rapporté et circulation de la parole**. Leuven/Louvain-la-Neuve: Peeters/Louvain-la-Neuve, 1992.
- GAULMYN, M. M. de. **Les verbes de communication dans la structuration du discours**. Thèse d’Etat, Université de Lyon, Université de Paris, 1983.
- GREVISSE, M. **Le bon usage**. Gembloux, Duculot, 1975.
- LOTMAN, Y. M. “La réduction et le déploiement des systèmes sémiotiques. (Introduction au problème: le freudisme et la culturologie sémiotique)”. *In: Travaux sur les systèmes de signes/Ecole de Tartu*. Bruxelles, Complexe, 1976.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Approche de l’énonciation en linguistique française**. Paris, Hachette, 1981.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Nouvelles tendances en analyse du discours**. Paris, Hachette, 1987.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina

Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo). São Paulo:
Editora 34, 2017.

WASTZLAVICK, *et al.* **Une logique de la communication.** Paris,
Seuil, 1972.

PARTE II

**TEORIA E PRÁTICA:
DIALOGISMO EM DIFERENTES
PERSPECTIVAS**

O PENSAR FILOSÓFICO SOBRE A LINGUAGEM: REFLEXÕES DE VOLÓCHINOV

Roseli Wanderley de Araújo Serra
Josemeire Caetano da Silva

Tudo o que é ideológico tem significado:
representa, retrata ou representa algo que está fora de si mesmo
(VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 21).

Filosofia da linguagem: trajetória e noções iniciais

A título de um conceito geral, pode-se dizer que, falar sobre a Filosofia da Linguagem, doravante FL, é um pensar linguístico e filosófico sobre a linguagem. Nessa perspectiva, pensar a Filosofia é pensar em questionamentos do tipo: “O que é isto?” que é uma pergunta bem ocidental. No nosso caso, a pergunta correta seria: O que é Linguagem? Existem problemas da linguagem que dizem respeito ao próprio filosofar e que são tratados por psicólogos, filósofos e antropólogos.

Então, onde, no âmbito da Filosofia, surge o interesse pela linguagem? podemos afirmar que a Filosofia consiste em um diálogo permanente sobre questionamentos em busca da verdade, tema bastante polêmico. O filósofo, por meio de seu discurso, deve desvelar, ou seja, retirar o véu que encobre a realidade. E essa realidade não se oferece, não se encontra sem esforço, para se encontrar a verdade é necessário realizar uma tarefa penosa.

Pensar a linguagem, eis aqui o cerne de nossas reflexões. Para tanto, faz-se salutar o discernimento acerca das questões linguísticas que envolvem o pensar filosófico, especificamente no que tange ao pensamento de Volóchinov, ponto fulcral de nossas reflexões neste capítulo.

Vale ressaltar que as áreas que se interessam pela origem da linguagem são a metafísica, a lógica e a epistemologia. A metafísica é a parte da Filosofia que se caracteriza, em linhas gerais, pela tentativa de formular os fatos mais genericamente universais, incluindo as categorias mais básicas. Essa relação entre as categorias traduz também as relações entre os entes representados? A lógica se encarrega, no nosso caso, da corrente linguística; já a epistemologia se encarrega de pensar criticamente sobre o que é conhecimento, o conhecimento humano que se destina a elucidar o mundo, como ele é e sua representação na consciência do homem.

O que é preciso para que uma expressão linguística seja significativa? Para que essa expressão possua certo significado? Como outras formas de linguagem se relacionam? Pensar o conhecimento é pensá-lo tanto *a priori* como *a posteriori*, dependendo da teoria adotada. O metafísico sempre pergunta: O que é o ser? Quais são seus fundamentos últimos? Na divisão da História da Filosofia, encontramos a relação *Ser-Conhecer-Dizer*. Alston (1972) apresenta a filosofia como análise. Sai da questão epistemológica e vai mais para a questão linguística: Dizer sobre. No caso do professor, temos a relação: Professor *versus* conteúdo, *versus* como foi falado sobre.

Quais são os aspectos básicos da linguagem que usamos para falar sobre o mundo? Poderíamos afirmar que não existe Filosofia da Linguagem, existem filósofos da linguagem, e os filósofos da linguagem se encarregam de realizar reflexões que se destinam, entre outras, a pensar a linguagem.

A Filosofia da Linguagem tenta relacionar as coisas no mundo com as formas de linguagem de maneira mais ou menos análoga. Ela dedica-se ao estudo da linguagem natural e, em parte, a tornar explícito nosso conhecimento implícito da linguagem.

Não se dedica ao estudo de línguas particulares, tal como o português, o castelhano ou o inglês, mas sim ao estudo filosófico de características gerais da linguagem e da nossa capacidade e proficiência linguística enquanto seres humanos.

O filósofo da linguagem se pergunta o que vem a ser a linguagem, seu relacionamento com a essência das coisas e investiga sobre o ser. Como tal, a Filosofia da Linguagem é uma disciplina central na Filosofia.

Para fins deste capítulo, antes de entrarmos na Filosofia da Linguagem em Volóchinov, faremos um breve percurso histórico da FL, incluindo alguns nomes que mais se destacaram nessa área. Para tanto, recorremos a Oliveira (1997), em cujo material elucida que a Filosofia da Linguagem é apresentada de uma maneira plural, ou seja, a relação com filosofias analíticas, hermenêuticas, fenomenológicas, dialéticas e psicanalíticas. Ele também apresenta a primeira fase da reviravolta linguística do pensamento filosófico, concentrada na consideração da sintaxe e da semântica da linguagem, preparando o terreno para a compreensão da posterior e mais radical "reviravolta pragmática".

Segundo Oliveira (1997), na Grécia Antiga, Aristóteles e Platão já pensavam em algo que ia muito além da revelação do cristianismo. Na Idade Média, Santo Agostinho abordava a linguagem, mas em uma dimensão teológica. Tratava da função da linguagem na fé cristã. Para ele, tudo começou com a palavra (o "Verbo"). Segundo Agostinho, um gesto ou um simples desenho pode revelar-nos a natureza de um objeto desconhecido: mas, em todo caso, as palavras não chegam a ser eficazes como os gestos. De fato, grande parte das palavras não pode fazer senão evocar a nossa atenção acerca daquilo que somente os olhos estão habilitados a mostrar-nos. Para reconhecer uma palavra como sinal, é preciso antes saber que coisa ela significa. Santo Agostinho era um grande orador, com muitas gestualidades e dava também muito valor ao silêncio. Retomou Platão para montar seu projeto filosófico-teológico.

Na Modernidade, com o Liberalismo, destacou-se o pensamento de John Locke. O filósofo empirista refletiu sobre o modo de transmitir as ideias por meio da palavra, da fala: a função da palavra, da linguagem, no contexto do espaço público. Locke considera primeiramente a natureza das ideias, depois percebe a

proximidade do conhecimento que adquirimos com as palavras, assim atribui à linguagem papel primordial na aquisição do conhecimento humano. Dos ensinamentos de Locke, podemos destacar o debate em torno da origem, do estatuto e das funções da linguagem, tão relevantes para a compreensão da linguagem a partir dos elementos da comunicação e da sua aplicação em contextos de uso da língua/linguagem.

Um momento decisivo para a História da Filosofia, do Pensamento, das Ciências Humanas e Sociais, de um modo geral, foi a Virada Linguística, com Humboldt¹. Humboldt estabelece uma relação recíproca de dependência entre pensamento e palavra, de modo que ambos os elementos configuram-se como aspectos paralelos de uma mesma atividade, o que significa que entre eles não há hierarquia, primazia ou precedência de um sobre o outro, há, antes, interação em um *continuum*. Iniciada com Locke (1632-1704), a chamada “Virada Linguística” apresentou uma nova ideia de linguagem como a língua de um povo, tradução do modo de ver e se entender a si mesmo.

Nietzsche (1844-1900) também se destacou no contexto da Filosofia da Linguagem no século XX como filólogo e filósofo. Fez uma crítica radical a toda a história da filosofia. Escreveu diversos textos sobre a religião, a moral, a cultura da época sempre com metáforas, ironias e aforismos. Suas ideias-chave incluem a crítica ao perspectivismo, a vontade de poder. Sua tese central é a ideia de “afirmação da vida”. Nietzsche vê a linguagem como elemento essencial para a manutenção da vida humana. A vida é e está além de toda estabilidade e de toda verdade. A linguagem, segundo este filósofo da linguagem, é criação e também novidade. E justamente por ser criação e novidade, o homem jamais poderá construir um

¹ Outro famoso Humboldt, Alexander, foi um geógrafo, naturalista e explorador nascido na Prússia, atual Alemanha. Era o irmão mais jovem do ministro e linguista prussiano Wilhelm Von Humboldt. Esse fato favoreceu a visão de Wilhelm da linguagem como fator universal. Mais adiante, Wilhelm passou a compreendê-la também como ferramenta na prática do poder e da violência.

conhecimento filosófico apropriado para a mesma. A Filosofia está condenada a estar sempre em uma ilusória sobre como funciona a linguagem, isto é, faz-se imprescindível a reflexão constante acerca de seu funcionamento.

Ainda no século XX, deu-se a Virada Pragmática. Os desenvolvimentos teóricos haviam se voltado para uma "linguistificação" da razão (Virada Linguística). Também passaram a reconhecer a dimensão prático-social do conhecimento, da realidade e de nossa presença no mundo (virada pragmática).

No século XX, destacamos Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Esse pensador desdobrou sua obra para além da filosofia. Desconstruiu a matemática, a linguagem e a própria noção de mente. Discutiu todos esses temas e disciplinas à luz da lógica e das relações existentes entre as partes constituintes em cada conceito.

De Wittgenstein, destaca-se o *Tractatus Logico-Philosophicus*, em que procurou identificar a relação entre a linguagem e a realidade, para além de estimar os limites da ciência. As estruturas a partir das quais o significado se expressa são representadas pelo uso que as palavras têm, levando a uma visão comunitária daquilo que é essa mesma linguagem.

Ludwig Wittgenstein surge como um dos nomes mais conceituados nesta nova predisposição semântica, no sentido em que a mune de uma propensão social, assente em estruturas mentais, nas quais os signos relativos a cada termo são incorporados. O próprio vocabulário surge como uma ferramenta através da qual se capacita a expressão da experiência humana, mas que depende do contexto atribuído pela mente para a sua adequação nesta ou naquela situação.

Sobre os aspectos básicos da linguagem que usamos para falar sobre o mundo, Platão dirá que tudo tem um nome comum e uma ideia ou forma correspondente. Por exemplo, os vários tons de branco/ as várias formas de viver da humanidade. E há os correlatos: árvore – arboridade; humano – humanidade. Opondo-se ao uso

retórico da linguagem concebida pelos sofistas², Platão concebe a linguagem de modo filosófico. Em Platão, a linguagem é, pela primeira vez, colocada como objeto de um estudo sistematizado, uma vez que a verdade está colocada entre a linguagem e as coisas. Entre outras reflexões, Platão argumenta sobre: a essência da palavra; a relação do ser da palavra e do ser da coisa, visto que a palavra, segundo seu pensamento, é capaz de traduzir a coisa; a palavra só tem a função de fazer a separação entre os entes; a linguagem serve para descrever, comparar, exprimir diferenças; a linguagem é somente o instrumento de relações existenciais (persuasão, ameaça, sugestão, etc.).

Aristóteles defenderá que cada indivíduo compartilha de uma ideia geral. Existe ato, potência, substância e essência. A teoria da linguagem de Aristóteles envolve a afirmação de uma visão completamente distinta daquela dos sofistas no que se refere à natureza do diálogo dos homens. Aristóteles afirma que o que define a linguagem como tal é sua essência intelectual. A linguagem como símbolo dos estados da alma pode manter-se em um horizonte puramente semântico. Nesse sentido, poderíamos questionar: Quais são as consequências para a concepção da linguagem? Na visão de Aristóteles, nada se enuncia a não ser com um enunciado próprio, um para cada coisa. O conhecimento das coisas está restrito ao seu próprio nome. A investigação dos nomes é o princípio da instrução Oliveira (1997) advoga que o interesse pela linguagem no âmbito da Filosofia, surge seguramente: (i) Na Metafísica - a parte da filosofia que se caracteriza, em suas linhas gerais, como uma tentativa de formular os fatos mais genericamente universais, incluindo as

² Elucidamos que os sofistas eram conhecidos como um grupo de pensadores que se deslocavam de uma cidade para outra de forma itinerante com o objetivo de ensinar a arte da retórica e da argumentação. Nesse sentido, a sofística constitui radical inovação da problemática filosófica, destacando o eixo das pesquisas do cosmo para o homem. Inaugura, o período chamado "humanista" da filosofia grega, assim chamada ilustração grega, a primeira ilustração na cultura ocidental, com um olhar para a multiplicidade das coisas e dos deuses diante dos homens, em suas visões tudo está em transformação.

categorias mais básicas da linguagem; (ii) Na Lógica – estudo das inferências e como distinguir as inferências válidas das inválidas, a análise dos enunciados, suas premissas e conclusões. O que interessa é a forma do enunciado e a composição do texto. Com a Lógica, Aristóteles força os sofistas a obedecerem a certos parâmetros; (iii) Na Epistemologia - é aqui onde a Filosofia realmente se interessa pela linguagem, entendida como indispensável para transmitir as ideias; a correspondência entre a ideia e a coisa; entre a proposição e entre o estado de coisas; hoje, diz-se que a verdade é uma construção, ou seja, várias verdades relativizadas.

A relação linguagem-mente-mundo continua a ser uma preocupação dos filósofos contemporâneos, mas de uma forma muito mais sofisticada, rigorosa e sistemática. Os filósofos preocupam-se agora, por exemplo, com as condições de verdade corretas de usos particulares de frases, com os estados de coisas reais ou possíveis que conferiram verdade ou falsidade às frases usadas, e com o valor cognitivo de distintos tipos de frases.

Segundo Faraco (2017), a Virada Linguística do início do século XX, por volta de 1925/1926, trouxe mudanças profundas no estudo e na compreensão das Ciências da Linguagem e da Filosofia. A primeira parte do século XX, na Rússia e, em toda parte, viu surgir gradualmente uma abordagem formalista da linguagem que buscava entender determinada língua – e a linguagem em geral – como um sistema composto de elementos fixos e variáveis e que, desse modo: “mudava seu foco do desenvolvimento histórico para a ‘lógica’ interna da língua como sistema” (RENFREW, 2017, p. 83). É nesse contexto que se insere Volóchinov.

Breve biografia de Valentin Volóchinov

Valentin Nikolaevic Volóchinov nasceu em 1895 em São Petersburgo e assistiu à Revolução que se originou naquela cidade. Sobre sua formação acadêmica, os estudiosos concordam que ele estudou Direito e Filologia na Faculdade de Direito da Universidade

de Petrogrado, durante o período em que viveu em São Petersburgo. Ademais, foi professor e tinha particular interesse por música e poesia. Posteriormente, voltou sua atenção para a filosofia e a filologia.

Volóchinov foi um linguista marxista que também se aventurou na crítica à psicologia freudiana, alguns anos antes de escrever *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. O trabalho de Volóchinov como um dos muitos resultados florescentes do surgimento do marxismo durante a década após a Revolução de Outubro que permaneceria ofuscado pelo processo contrarrevolucionário enfrentado pelo stalinismo.

Segundo Sériot (2015), há aspectos da vida de Volóchinov, que são pouco conhecidos. Além de professor interessado por música, filosofia e filologia, Volóchinov era adepto do ocultismo e interessado pelos mistérios esotéricos, as seitas maçônicas e a arte das mesas giratórias.

Valentin Volóchinov foi um dos contribuintes para a criação de uma Filosofia da Linguagem tanto quanto Mikhail Bakhtin, outro componente importante do Círculo, o qual seu contemporâneo integrava. Pensar em suas contribuições para a FL, enquanto seguidor de Bakhtin, atribuindo ao Círculo uma identidade vinculada a apenas um integrante não daria conta de abranger os interesses e a participação de Volóchinov, pois, na verdade, ele não foi seguidor/discípulo de Bakhtin. Logo, a participação de Volóchinov, no referido Círculo, partiria de um conjunto de afinidades ideológicas que pensava a linguagem por meio das questões transversais a uma sociedade, questões essas que variam, transformam e são transformadas pelos agentes da linguagem. Enxergava a importância de analisar a linguagem com o máximo de elementos possíveis e presentes nos contextos de uso da linguagem, levando em consideração os enunciados como um objeto que carrega as potencialidades da linguagem em contexto social.

Nesse caminho, entende-se que Volóchinov preocupou-se em conceber uma compreensão dos conceitos ideológicos que não se dissociam jamais de uma interação social. Seja sua preocupação com

o potencial da palavra e todos os elementos que modificam sua significação, seja com os enunciados que materializam as várias possibilidades comunicativas, ou pelos signos que condensam entendimentos compartilhados por grupos, o filósofo seguiu os princípios de uma coletividade na qual a linguagem tudo perpassa. De acordo com Faraco (2009):

As obras de Volóchinov, em ordem cronológica, são as seguintes: O Discurso na Vida e o Discurso na Poesia (1926); O Freudismo: um esboço crítico (1926); As Correntes Mais Recentes do Pensamento Linguístico no Ocidente (1928); Marxismo e Filosofia da Linguagem, sua tese de doutorado (1929); Estilística do Discurso Literário (1930) que compreende aos três artigos: “O que é Linguagem?”, “A Estrutura do Enunciado” e “A Palavra e sua Função Social” e, finalmente, “As Fronteiras entre Poética e Linguística (FARACO 2009, p.100).

É interessante notar que alguns trabalhos de Volóchinov como por exemplo, Marxismo e Filosofia da Linguagem (1929) e O Freudismo: um esboço crítico (1926) foram atribuídas a Bakhtin. Segundo Sériot (2015), havia muito conflito sobre a paternidade de Marxismo e Filosofia da Linguagem, e que ao ser indagado, “Bakhtin sempre dava respostas evasivas, contraditórias e desconcertantes” (SÉRIOT, 2015, p. 48). MFL foi, na verdade, a tese de doutorado de Volóchinov, de acordo com o dossiê de doutorado do autor, publicado em 1955. De acordo com Sériot (2015), esse documento nos traz informações de primeira mão, incluindo apreciações regulares dos professores de Volóchinov, principalmente do seu orientador de tese, V. Diesnickij. A este respeito, Sériot (2015) cita o dossiê pessoal do doutorado de Volóchinov chamado “Licone delo” (dossiê pessoal, p. 71), que diz: “O camarada Volóchinov trabalha sob a orientação de V. Desnickij [...] aplica com sucesso em seus trabalhos o método marxista. Prepara um trabalho sobre o tema Marxismo e Filosofia da Linguagem” (SÉRIOT, 2015, p. 53).

Tendo em face este e de outros acontecimentos na vida de Volóchinov, continuaremos o nosso percurso histórico com algumas

informações sobre a participação de Volóchinov no chamado Círculo de Bakhtin.

Volóchinov, Bakhtin e o Círculo

É praticamente impossível falar de Volóchinov sem associá-lo a Bakhtin. Volóchinov era um membro do círculo intelectual que é normalmente associado a Mikhail Bakhtin e foi durante sua estada em Nevel, quando aconteceu o seu primeiro contato com Bakhtin, no círculo de debate e discussão em que participaram desde 1918, interessados nas mesmas questões.

Antes de prosseguirmos, é mister pontuar algumas questões sobre o chamado Círculo de Bakhtin. Inicialmente, era um grupo de colegas, Bakhtin, Volóchinov e Medvedev, que se encontravam, mas não eram chamados de Círculo. Os três tinham uma convivência intelectual muito intensa.

Segundo Sériot (2015, p. 30): "o Círculo de Bakhtin é uma invenção tardia e apócrifa", em razão de nunca ter sido usada à época em que eles se reuniam. Existe um registro de 1967 feito pelo psicolinguista Leontiev, na forma de discurso reportado, em uma entrevista dada por Bakhtin nos anos 1970. A expressão Círculo de Bakhtin dá a ideia de que Bakhtin era o líder. O autor atesta que os demais participantes do grupo tiveram igual importância nas suas contribuições, também se encontravam informalmente e também pertenciam a outros agrupamentos.

O "Círculo de Bakhtin" é frequentemente apresentado na Rússia e no mundo ocidental, como um trio cuja cabeça é Mikhail Bakhtin, sendo seus membros, Valentin. Volóchinov e Pavel Medvedev, o que Jean Peytrad (1955, p.11) chama carinhosamente de "Grupo BMV". Mas um trocadilho bem sucedido não é prova ontológica e faz pouco caso dos que não tiveram a honra de ser traduzidos: Lev Pumpjankij (1991-1940). Ivan Sollertinskij (1902- 1944), Matvjev Kagan (o "filósofo de Marburgo", 1989-1937), Boris Zubakin (1894 - 1938), Marija Judina (1899-1970), Aleksander Mejer (1874 -1939), Konstatin Vagnov (1899-1934). Se, de fato, houve um "círculo", não é necessário, de forma alguma, chamá-lo de Bakhtin (SÉRIOT, 2015, p. 30).

De acordo com Parrington (1997), o chamado Círculo de Bakhtin era um grupo de estudiosos soviéticos, incluindo o teórico cultural Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), o linguista Valentin Nikolaevich Volóchinov (1895-1936) e o estudioso literário Pavel Nikolaevich Medvedev (1891-1938), além de outros estudiosos.

Baseando-se em uma variedade de posições filosóficas, o grupo desenvolveu uma filosofia das ciências humanas, linguagem, produção literária e história, e uma teoria cultural abrangente. O trabalho do grupo combinou, de várias maneiras, o neokantismo da Escola de Marburg (especialmente Ernst Cassirer), fenomenologia (especialmente Max Scheler e Karl Bühler), formalismo russo (especialmente Lev Jakubinski), hegelianismo e vários tipos de marxismo (PARRINGTON, 1997, p. 3).

Medvedev e Volóchinov trabalhavam no desenvolvimento de uma abordagem sociológica da poética e da interação discursiva, respectivamente. Ambos procuraram trazer um encontro das tendências filosóficas contemporâneas com as ideias sociológicas defendidas pelos marxistas russos da época, particularmente Nikolai Bukharin.

Segundo Faraco (2009), Volóchinov juntamente com Bakhtin e Medvedev tinham os seguintes projetos em mente: i) Construir uma prima filosofia: crítica do teoreticismo, isto é, das objetificações da historicidade vivida, obtidas pelos processos de abstração típicos da razão teórica. Interlocução com neokantismo (por meio de Kagan que estudou com Cohen da Escola de Marburgo) e da fenomenologia. Do neokantismo: questão axiológica; (ii) Teoria sociológica ou marxista da criação ideológica. Contribuições: críticas ao marxismo vulgar (lógica determinista e mecânica da base econômica para manifestações superestruturais); papel central que deram à linguagem.

Volóchinov, o Formalismo e o Formalismo Russo

A fim de entender melhor a FL em Volóchinov, é importante entender um pouco o contexto da Rússia e da União Soviética no qual estava inserido. Para tanto, falaremos brevemente sobre o Formalismo e o Formalismo Russo, que tiveram grande peso na obra de Volóchinov.

Em um sentido mais amplo, segundo Mambrol (2020), o “Formalismo é o cultivo da técnica artística em detrimento do assunto, seja na prática literária ou na crítica literária” (MAMBROL, 2020, p. 1). Vendo de outro modo, o objetivo de uma crítica formalista da literatura é fornecer aos leitores não apenas os meios de explicar o conteúdo das obras (“O que, especificamente, isso diz?”), mas também as ferramentas críticas necessárias para avaliar a qualidade artística de obras e escritores individuais (“Quão bem dito?”).

O termo tem sido aplicado, muitas vezes, em um sentido pejorativo, e há vários tipos de críticas que enfatizam o *design* ou padrão estrutural de uma obra, ou seu estilo e maneira, sua forma isolada de seu conteúdo. No formalismo, geralmente são essas as características formais sobre as quais se baseiam as avaliações estéticas.

De acordo com Mambrol (2020), o termo formalismo também é frequentemente usado na linguagem teórica contemporânea para denotar os formalistas russos, especialmente Victor Shklovsky, Vladimir Propp e Roman Jakobson, cujo trabalho se tornou importante para movimentos posteriores como o Círculo de Praga Tcheco, o estruturalismo francês e a semiótica.

O Formalismo Russo, um movimento de crítica e interpretação literária, surgiu na Rússia durante a segunda década do século XX e permaneceu ativo até cerca de 1930. Membros do que pode ser vagamente chamado de escola formalista enfatizaram antes de tudo a natureza autônoma da literatura e, conseqüentemente, o estudo adequado da literatura não como reflexo da vida de seu autor nem como subproduto do meio histórico ou cultural em que foi criada. Vários indivíduos e grupos que defendiam ou pelo menos

incorporavam uma perspectiva marxista na literatura, incluindo membros da “escola sociológica”, bem como da escola de Bakhtin, na década de 1920, atacaram os formalistas por negligenciar os discursos sociais e ideológicos que incidiam sobre a estrutura e a função de a obra poética.

Serra (2020) postula que os membros do Círculo, incluindo Volóchinov, confrontavam firmemente os postulados do formalismo com as novas perspectivas derivadas do marxismo. Segundo Brandist (2012), à intelectualidade soviética da época tinha sido dada a tarefa de dismantlar a distância teórica entre a ciência tradicional e o materialismo histórico. Assim nos diz Faraco(2009) referindo-se a Bakhtin e ao Círculo:

Os membros do Círculo que recebeu seu nome tinham em comum, conforme se pode ler em Clark & Holquist (p. 65), uma paixão pela filosofia e pelo debate de ideias, o que é facilmente perceptível nos textos que nos legaram. Mergulharam fundo nas discussões de filósofos do passado, sem deixar de se envolver criticamente com autores do seu tempo (FARACO, 2009, p. 14).

Um grupo russo um tanto distinto, composto por Mikhail Bakhtin, Pavlev Medvedev e Valentine Volóchinov combinaram elementos do formalismo e do marxismo em suas explicações da multiacentalidade verbal (a capacidade das palavras e outros signos linguísticos de carregar mais de um significado de acordo com os contextos em que são usados) e do texto dialógico.

Com a consolidação da ditadura de Stalin, por volta de 1929, o formalismo foi silenciado como heresia na União Soviética, e seu centro de pesquisa migrou para Praga na década de 1930.

A filosofia da linguagem em Volóchinov

A fim de discorrermos sobre as principais ideias de Volóchinov, no que concerne à FL, trataremos aspectos relevantes que nos ajudarão na compreensão do pensamento de Volóchinov e na sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, doravante MFL.

O principal filósofo da linguagem na época em que Volóchinov escrevia era o linguista suíço Ferdinand de Saussure, frequentemente descrito como o fundador da linguística moderna.

Saussure acreditava que o trabalho dos linguistas não era estudar a história da linguagem, mas sua estrutura, e essa estrutura deveria ser estudada em seus próprios termos e por si mesma. Expressando essa crença em uma famosa Saussure (1995) postula:

Ao separar a linguagem da fala, estamos ao mesmo tempo separando: (1) o que é social do que é individual; e (2) o essencial do acessório e mais ou menos accidental. A linguagem não é uma função do falante; é um produto que é assimilado passivamente pelo indivíduo. Nunca requer premeditação e a reflexão entra apenas para fins de classificação. [...] Falar, ao contrário, é um ato individual. É intencional e intelectual (SAUSSURE, 1995, p. 30).

Para Ferdinand Saussure, a linguagem é social e individual; psíquica; psicofisiológica e física. Portanto, a fusão de Língua e Fala. Para ele, a Língua é definida como a parte social da linguagem e que só um indivíduo não é capaz de mudá-la. O linguista afirma que “a língua é um sistema supraindividual, utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”, portanto “a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua” (COSTA, 2008, p. 116).

A Fala é a parte individual da linguagem que é formada por um ato individual de caráter infinito. Para Saussure, é um “ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1995, p. 22). Língua e Fala se relacionam no fato da Fala ser a condição de ocorrência da Língua.

Volóchinov reconhecia a importância do trabalho de Saussure, mas, considerava que um dos problemas de fazer uma comparação da linguagem com um sistema de signos matemáticos, como Saussure fez, era que isso pode evoluir para um interesse apenas pela lógica interna do próprio sistema de signos, tomado como em álgebra, completamente independente dos significados ideológicos que dão aos signos seu conteúdo. Volóchinov assinalou que a formulação de Saussure não conseguia explicar como a linguagem

como forma social muda ao longo do tempo e de onde vem a criatividade individual (VOLÓCHINOV, 2018, p. 48-52). Parrington (1997) postula:

Do ponto de vista do falante, o “centro de gravidade da linguagem não está na identidade da forma, mas naquele significado novo e concreto que ela requer no contexto particular utilizado, mas sim compreender seu significado em um determinado enunciado, ou seja, significa compreender sua novidade e não reconhecer sua identidade (PARRINGTON, 1997. p. 3).

Volóchinov (2018) contrapôs as ideias de Saussure às de um filósofo da linguagem anterior, Wilhelm von Humboldt, cuja teoria da linguagem pode ser vista como o oposto polar da de Saussure. Inspirado na filosofia romântica, von Humboldt acreditava que a essência da linguagem é justamente aquele ato criativo do indivíduo que Saussure havia rejeitado como objeto de estudo. No entanto, isso significava que Humboldt era incapaz de ver a linguagem como um sistema social. Assim, ele achou impossível explicar por que determinados indivíduos dizem as coisas que fazem, supondo, como ele fez, que a criatividade individual foi dada.

Sua abordagem acabou esvaziando a linguagem de seu conteúdo ideológico e negligenciando sua natureza intrinsecamente social. Segundo Volóchinov, tanto Saussure quanto von Humboldt haviam falsamente separado o indivíduo da sociedade. Embora Saussure reconhecesse a linguagem como um fenômeno social, seu método nos impede de estudá-la em um contexto social.

A concepção de linguagem de Volóchinov é diferente das teorias que descrevemos rapidamente neste capítulo (existem outras), pois, em vez de separar uma visão idealizada da linguagem social de seu uso real por indivíduos na fala cotidiana, Volóchinov baseou seu estudo linguístico em enunciados sociais reais. Ele não estava, portanto, disposto a partir de um mundo ideal, como Chomsky fez, no qual um falante/ouvinte ideal interage dentro de uma comunidade de fala homogênea.

Analisando quão relevantes são as críticas de Volóchinov hoje, percebemos que a linguística, sem dúvida, progrediu desde a

década de 1920. Um dos principais desenvolvimentos foi a teoria da linguagem desenvolvida pela primeira vez por Noam Chomsky no final da década de 1950, que diz que a aquisição da linguagem é uma característica inata compartilhada por todos os seres humanos. A teoria da linguagem de Noam Chomsky (gramática gerativa) frequentemente cita a descrição de Humboldt da linguagem: Sistema que “faz infinitos usos de meios finitos”, ou seja, em que um número infinito de frases pode ser criado empregando-se um número finito de palavras.

Parrington (1997) postula que o trabalho de Chomsky ganhou destaque por meio de seu ataque ao behaviorismo, a teoria psicológica de B. F. Skinner, que se tornou uma das figuras centrais do behaviorismo, as crianças aprendem a falar através da imitação do comportamento verbal correto.

Em oposição a Skinner, Chomsky argumentou que existe uma capacidade universal de aprender a falar que faz parte do direito inato de todos os seres humanos. Nascemos com um modelo básico no qual qualquer linguagem específica se encaixa. Há muita coisa convincente na proposta de Chomsky.

Segundo o autor, o problema com as teorias da linguagem baseadas em um mundo tão idealizado tem sido que, ao se concentrar em palavras fora dos contextos em que são usadas, o que se perdeu é o que há de mais importante na linguagem, ou seja, a capacidade fundamental das palavras de ter significado. No entanto, é certamente sua capacidade de expressar significado que dá à linguagem seu papel prático na sociedade humana. E, como veremos, é pela capacidade das palavras de transmitir significado que a própria consciência interage com o mundo social.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)* (1973, 2018), Volóchinov afirma que a linguagem é um produto da interação social, surgindo no e através do diálogo e que o enunciado constitui a unidade primária da linguagem. Essa fenomenologia da interação social na linguagem recebe uma forma sociológica, de modo que estilos

específicos de uso da linguagem são as encarnações discursivas das visões de mundo de grupos sociais específicos.

Volóchinov (2018) acreditava que uma teoria da linguagem verdadeiramente abrangente deveria incluir em sua descrição todos os fatores externos às palavras que afetam seu significado. Ele salientou que a única maneira de as palavras terem significado é sendo compreendidas. Mas as palavras são compreendidas por falantes e ouvintes específicos, que também são falantes, em situações específicas que ocorrem no mundo real.

Ele argumentava que, ao conceber as palavras como se ninguém as falasse, outros linguistas haviam perdido um aspecto fundamental da linguagem. "O foco de atenção do falante é orientado pelo enunciado particular e concreto que ele está fazendo. O que é importante para ele não é que uma palavra seja um sinal estável e sempre autoequivalente, mas um signo sempre mutável e adaptável" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 68).

A experiência e as suposições compartilhadas afetam significativamente o tipo de linguagem que usamos com outra pessoa, tanto que conversas específicas podem não fazer sentido em termos de palavras apenas para pessoas de fora. O próprio Volóchinov deu um exemplo que ilustra isso: "Duas pessoas estão sentadas em uma sala. Ambos estão em silêncio. Então um deles diz 'Bem!' e o outro não responde". Como diz Volóchinov (1926, p. 6): "Para nós, forasteiros, toda essa 'conversa' é totalmente incompreensível". E assim postula o autor:

É deste "conjuntamente visto" (flocos de neve do outro lado da janela), "conjuntamente sabido" (a época do ano – maio) e "unanimemente avaliado" (cansaço do inverno, desejo da primavera) – é disso tudo que o enunciado depende diretamente, tudo isto é captado na sua real, viva implicação – tudo isto lhe dá sustentação. E, no entanto, tudo isto permanece sem articulação ou especificação verbal. Os flocos de neve permanecem do lado de fora da janela; a data, na folha do calendário; a avaliação, na psique do falante; e, não obstante, tudo isto está presumido na palavra bem. Agora que nós percebemos o presumido, isto é, agora que nós conhecemos o horizonte espacial e ideacional compartilhado pelos falantes, o sentido global do

enunciado "Bem" é perfeitamente claro para nós e compreendemos igualmente sua entonação (VOLÓCHINOV, 1926, p. 7, grifo do autor).

O que nos falta não é simplesmente a entonação com a qual a palavra 'Bem!' foi pronunciado, mas também o contexto extraverbal. Nesse caso em particular, não sabíamos o que as duas pessoas estavam olhando pela janela quando começou a nevar, embora já fosse maio. Ambos esperavam a primavera há algum tempo e ficaram amargamente desapontados com a queda de neve tardia.

Para Volóchinov (1926), o discurso não reflete uma situação extraverbal. Ele argumentou que todos os enunciados têm um caráter inerentemente dialógico. Como postula o autor:

As palavras são precisamente o produto da relação recíproca entre falante e ouvinte [...] Cada palavra expressa uma em relação à outra. Eu me dou forma verbal do ponto de vista do outro. Uma palavra é uma ponte lançada entre mim e o outro (VOLÓCHINOV, 1926, p. 66).

Nessa perspectiva, a comunicação verbal consiste em uma parte verbal propriamente dita, mas também uma parte extraverbal, não expressa, mas implícita, para a qual o conhecimento é condição indispensável para sua interpretação.

Segundo Volóchinov (1926), a dialogicidade é uma característica muito mais fundamental da fala, na medida em que afeta a própria estrutura da linguagem. Diz-nos o autor:

É perfeitamente óbvio que, de maneira alguma, o discurso reflete a situação extraverbal do modo como um espelho reflete um objeto. Mais exatamente, o discurso aqui analisa a situação, produzindo uma conclusão avaliativa, por assim dizer. Muito mais frequentemente, enunciados concretos continuam e desenvolvem ativamente uma situação, esboçam um plano para uma ação futura e organizam esta ação. Mas para nós há um outro aspecto do enunciado concreto que é de especial importância: qualquer que seja a espécie, o enunciado concreto, sempre une os participantes da situação comum como coparticipantes que conhecem, entendem e avaliam a situação de maneira igual. O enunciado, conseqüentemente, depende de seu complemento real, material, para um e o mesmo segmento da existência e dá a este material expressão ideológica e posterior desenvolvimento ideológico comuns. Assim,

a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Consequentemente, um enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: (i) a parte percebida ou realizada em palavras e (ii) a parte presumida. É nesse sentido que o enunciado concreto pode ser comparado ao entimema³ (VOLÓCHINOV, 1926, p. 6).

Se não considerarmos a dimensão extraverbal, a dimensão verbal não pode ser compreendida. Por exemplo, uma expressão verbal como “Que pena!” pode assumir diferentes significados dependendo da situação em que se expressa, podendo indicar tristeza (após ouvir um relato triste) ou ironia (após ouvir uma história supostamente triste). A análise do discurso, portanto, passa inevitavelmente por um reconhecimento do contexto extraverbal. Tal contexto pode ser pensado em um sentido mais direto (como o contexto em que a comunicação está ocorrendo), especialmente quando se fala de um ato de comunicação oral.

Marxismo e Filosofia da Linguagem

A importante obra de V. N. Volóchinov, publicada pela primeira vez em russo em 1929, teve que esperar uma geração para ser reconhecida e hoje serve para teóricos literários, filósofos, linguistas, psicólogos e muitos outros estudiosos de várias áreas.

Como o título sugere, o livro de Volóchinov (2018) lança as bases para uma filosofia marxista da linguagem – uma que funciona nos níveis do social e da sociologia, em vez do individualismo romântico ou da abstração filológica. Ele argumenta que “a própria consciência pode surgir e se tornar um fato viável apenas na corporificação material dos signos” e que os signos só surgem

³ O entimema é uma forma de silogismo em que uma das premissas não é expressa, mas presumida. Por exemplo: “Sócrates é um homem, portanto é mortal”. A premissa presumida: “Todos os homens são mortais”.

quando os indivíduos são “organizados socialmente” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 11-12).

Volóchinov (2018) acreditava que uma das formas mais importantes do gênero do discurso é o que ele chamou de 'linguagem social', ou seja, o discurso peculiar a um estrato específico da sociedade. De acordo com Volóchinov (2018), cada palavra [...] é uma pequena arena para o choque e o entrecruzamento de sotaques sociais de orientação diferente. "A palavra na boca de um determinado indivíduo é um produto da interação viva de forças sociais" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 41). Segundo Ivanova *et al.* (2011):

As pesquisas científicas de Volóchinov tinham por objeto a poética sociológica, a comunicação verbal e, mais particularmente, a natureza do enunciado. Na comunicação verbal, ele incluía também a — comunicação literária (*xudožestvennoe obsčenie*). O diálogo fazia parte da análise da comunicação verbal na qualidade de componente essencial e indispensável. De acordo com Volóchinov, o enunciado é engendrado na comunicação verbal e funciona nesse meio. É isso que explica o interesse particular de Volóchinov pelo diálogo e a relação entre o diálogo e o enunciado (2011, p. 10, grifo do autor).

Em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, no capítulo intitulado “*A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem*”, além de outras questões, o processo de criação do signo ideológico é abordado por Volóchinov (2018), no qual fica clara a relação dialógica que envolve a concepção do signo e como ele está diretamente ligado à ideologia de um indivíduo e suas relações sociais.

Já nas primeiras linhas do capítulo “*A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem*”, a seguinte afirmação é colocada em questão “tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91). Fica claro que o campo ideológico não consiste no *eu* individual, mas em uma instância em que está situada no *eu* e no exterior do *eu*, na força desse conjunto de interações.

Todo signo é ideológico e consiste no resultado da significação maior da existência de elementos sociais. Ou seja, quando um objeto

tem um significado, uma utilidade, e passa a refletir um conceito maior, contextualizado e aceito por um grupo de indivíduos, esse objeto passa a se tornar um signo, pois sua significação extrapolou a semântica do signo em si (VOLÓCHINOV, 2018). Os signos são constituídos a partir do acordo semântico estabelecido entre os sujeitos em interação social quando atribuem uma significação de valor ao objeto, imagem, palavra e essa significação é compartilhada pelo coletivo social.

Pensar a semântica de um signo ideológico requer compreender, por exemplo, que as mãos têm funções motoras tanto quanto possível, e que a boca tem funções respiratórias, alimentares e comunicativas. Então, mão e boca são, respectivamente, partes do corpo humano, extensão de membros e dos sistemas respiratório e alimentar. No entanto, posicionar o indicador em riste sobre a boca fechada entende-se em vasta compreensão social que se trata de um pedido de silêncio. Significar o mundo atribuindo-lhe sentidos, codificando valores, semântica compartilhada por um grupo é um ato de criação sógnica.

Um signo ideológico, então, é a representação de significados e ressignificados aceitos por grupos sociais. O signo é concebido e compartilhado em sociedade, nunca no individual. No entanto, o objeto não passa a ser um signo em si, ainda será o objeto ele mesmo, mas o conceito que o objeto reflete, aceito em um acordo social comunicativo é que torna-se o signo ideológico. A imagem sógnica, que referencia sentidos para além da simples função do objeto é que torna mais compreensível a dimensão sógnica e, por conseguinte, a dimensão ideológica.

Imediatamente, é preciso apontar o propósito da palavra para o olhar de Volóchinov (2018):

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função e de ser signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerado por ela. A palavra é o *médium* mais apurado e sensível da comunicação social. [...] A palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um signo *neutro*. Todos os demais materiais sógnicos são especializados em campos particulares da

criação ideológica. Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos que não podem ser aplicados a outros campos. Nesse caso, o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa (2018, p. 98-99, grifos nossos).

Ou seja, para Volóchinov, a palavra envolve todas as esferas de significação ideológica não podendo se dissociar jamais a palavra do signo linguístico, ainda que o signo não seja, em sua materialidade, verbal; mas pensar, compreender, decodificar o signo (semiologia) é feito por meio da linguagem verbal. É preciso entender que, da mesma forma que a palavra como materialidade do signo e do enunciado; o signo linguístico só se constitui no social e na interação, os enunciados são perpassados por discursos outros; não se pode solidificar esses elementos em determinações estáveis para pensar a análise dialógica do discurso, como também não se deve pensar o dialogismo em si mesmo como se sua definição fosse suficiente para entender esse campo do conhecimento como um todo.

Volóchinov forneceu uma série de *insights* importantes que nos permitem superar a lacuna entre a linguagem social e a consciência individual. Em primeiro lugar, na base material do pensamento. Nas palavras de Volóchinov (2018):

O complexo aparato das reações verbais funciona em todos os seus aspectos fundamentais também quando o sujeito não diz nada sobre suas experiências, mas apenas as experimenta “em si mesmo”, pois, se ele está consciente delas, ocorre um processo de fala interna (“encoberta”). (afinal, pensamos, sentimos e desejamos com a ajuda das palavras; sem a fala interior, não nos tornaríamos conscientes de nada em nós mesmos). Esse processo de fala interna é tão material quanto a fala externa (VOLÓCHINOV, 2018, p. 21).

Mas não é apenas que pensamento e linguagem compartilham o mesmo meio de transmissão, eles também têm a mesma fonte, ou seja, a sociedade. Volóchinov acreditava que a própria psique individual tem uma origem social. Volóchinov elabora ainda mais sobre isso quando argumenta que na cadeia de criatividade e compreensão

ideológica Marxismo e Filosofia da Linguagem, mas inteira e completamente fora da palavra, do gesto, do ato. “As relações sociais com outros indivíduos em atos de fala específicos, e simultaneamente em relações internas 'verticais' entre o mundo exterior e sua própria psique” (EMERSON, 1983, p. 15). A psique, portanto, não é um fenômeno interno, mas de fronteira. Ou, como disse Volóchinov: “a consciência individual não é a arquiteta da superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino que se hospeda no edifício social dos signos ideológico” (VOLÓCHINOV, 1930, p. 5).

Segundo Volóchinov (2018), a aparente unidade da linguagem na sociedade como um todo mascara uma luta de forças sociais. Essa luta, é claro, também ocorre nas cabeças dos indivíduos e é expressa por eles. Mas a criação do discurso interior não envolve um único fluxo unitário, mas sim um diálogo contínuo acontecendo na mente conduzido com diferentes ouvintes imaginados que são sempre extraídos de vozes que o indivíduo ouviu anteriormente.

Para pensar a linguagem

Trouxemos, inicialmente, algumas reflexões acerca de indagações filosóficas que envolvem questões sobre a linguagem; a compreensão das questões concernentes à Filosofia da Linguagem; como também, significativas contribuições de alguns renomados filósofos da linguagem que refletiram sobre a linguagem e sua relevância para o conhecimento humano. Iniciamos nossas reflexões com a pergunta: O que é linguagem? Estudar a linguagem é algo extremamente complexo. Em cada momento histórico, encontramos filósofos da linguagem preocupados em refletir, entre outras, a natureza da linguagem. Realizar um percurso histórico resgatando alguns filósofos da linguagem, mesmo que de forma sucinta, possibilitou-nos encontrar algumas visões para os questionamentos iniciais sobre a linguagem e a própria Filosofia.

Vale ressaltar que a tarefa central do filósofo é a elucidação de conceitos e, para que isso ocorra, faz-se necessária uma análise acurada das sutis diferenças conceituais existentes na linguagem

dita ordinária. Somos seres constituídos pela linguagem, somos seres pensantes, questionadores e bastante reflexivos. Já indagava Aristóteles (382 a.C. -322 a.C.): “A linguagem é capaz de dizer o mundo?” A Filosofia procura as condições de dizer ou contradizer algo. E a verdade? Existe de fato a verdade? Parmênides (530 a.C. - 460 a.C.) já se posicionava ao afirmar que: “a via da verdade é aquela que afirma o ser e nega o não-ser”. Segundo suas colocações: “o não-ser é inapreensível e inefável, enquanto o ser é tudo aquilo que pode ser pensado”. Pensar consiste na ação de refletir, submeter algo ao processo do raciocínio lógico, visto que o ato de pensar possibilita que exerçamos nossa capacidade de julgamento, dedução ou concepção acerca de algo. Corroborando com Parmênides, “ser e pensar são um e o mesmo”.

Em cada momento da História, cada sociedade pensa e elabora seu próprio conceito de verdade, isso se projeta nas reflexões filosóficas em busca de suas próprias verdades. E a função da linguagem? Para Santo Agostinho, o diálogo é a chave para essa resposta, visto que dentro dos diálogos encontramos formas de comunicação que desempenham a função da linguagem. Trata-se, aqui, de uma linguagem natural, espontânea e se relaciona com a linguagem falada. A verdadeira linguagem, para ele, está nos movimentos dos lábios e da língua que vão, naturalmente, ser acompanhados por gestos, realizando, por meio do diálogo, a função da linguagem.

Considerações

Os estudos sobre a linguagem nos colocaram, muitas vezes, na condição inicial exposta pela metáfora lockeana da tabula rasa, na qual o ser humano nasce sem conhecimento e o saber é aprendido através da experiência. Por outro lado, temos experiência com a linguagem desde nossa concepção, as diferentes formas de utilização da linguagem nos colocam sempre na condição de aprendiz. E aprender significa estar inserido em um processo dialógico constante. Aprender

significa adquirir habilidades, conhecimentos, instruir-se, compreender o mundo, o agir, o comunicar-se, o interagir dentro de um processo lógico e, claro, compreensível.

Nosso percurso histórico, mesmo sintetizado, na Filosofia da Linguagem nos possibilitou a compreensão de que a linguagem de fato faz parte do homem, ou de que o homem é linguagem; pudemos compreender que é possível “auscultar” a linguagem e também realizar uma reflexão do papel específico da Filosofia.

Compreender a importância da Filosofia da Linguagem, mais precisamente dos pensamentos dos filósofos da linguagem, permite-nos um amadurecimento das condições da possibilidade de aprender a linguagem e aplicá-la de forma consciente em todos os campos do conhecimento humano. Para tanto, interrogações e reflexões permeiam nossa primeira seção, com o intuito de convidar nossos leitores a uma imersão nos principais questionamentos do campo do pensar filosófico, da existência, da verdade e, claro, da linguagem.

Logo, elucidar essas indagações, estão presentes em nossas reflexões alguns ilustres pensadores da Filosofia da Linguagem para a construção dessa linha lógico-semântica dos estudos do pensamento filosófico da linguagem para, então, adentrarmos no cerne de nossas discussões: a Filosofia da Linguagem à época de Volóchinov (os anos 1920).

Referências

ALSTON, William Paul. **A filosofia da linguagem**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Zahar Editora, 1972.

BRANDIST, Craig. **O Círculo de Bakhtin**: novas perspectivas na história intelectual. Tradução de Helenice Gouveia e Roberta Schetini. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, Maria Ângela. Estruturalismo. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

EMERSON, Caryl. The outer word and inner speech: Bakhtin, Vygotsky, and the internalization of language. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 10, n. 2, p. 245-264, 1983. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/448245?journalCode=ci>
Acesso em: 25 fev. 2022.

FARACO, Carlos Alberto. **As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

IVANOVA, Irina. *et al.* O diálogo na linguística soviética dos anos 1920- 1930. The dialogue on the Soviet linguistics of the 1920^s and 1930s. Tradução de Dóris Arruda Carneiro da Cunha e Héber de Oliveira Costa e Silva. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 239-267, ago./dez. 2011.

MAMBROL, Nasrullah. **Literary Theory and Criticism**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://literariness.org/2020/10/19/russian-formalism/>. Acesso em: 08 mar. 2021.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1997.

PARRINGTON, John. Em perspectiva: Valentin Coloshinov. **International Socialism**, Grã-Bretanha, 75. ed. 1997. Disponível em: <http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/isj75/parring.htm>. Acesso em: 22 fev. 2022.

RENFREW, Alistair. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SÉRIOT, Patrick. **Voloshinov e a filosofia da linguagem**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SERRA, Roseli Wanderley de Araújo. **Os efeitos da gamification na avaliação de linguagem inglesa no ensino superior**. 2020. 271 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020.

VOLÓCHINOV, Valentín Nikoláievitch. **Freudism**. New York: Academic Press, 1926.

VOLÓCHINOV, Valentín Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora34, 2018.

VOLOSHINOV, Valetin Nikoláievitch. **El signo ideológico y la filosofía del lenguaje**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1930.

IDEOLOGIA: VOLÓCHINOV E SUA PRESENÇA NA SOCIEDADE DO SÉCULO XXI

Osmando Jesus Brasileiro

Introdução: a ideologia e o seu percurso etimológico

Para se refletir um pouco sobre o que seria a ideologia em Bakhtin é necessário que haja um estudo do termo até chegarmos ao pensador russo, haja vista que nem ele, nem nós, somos o “Adão da palavra”, como ele mesmo registrou em suas obras. Para tanto, vamos pensar um pouco o termo, ele aparece pela primeira vez em 1801 no livro de Dèstutt de Tracy, segundo Marilena Chauí (2008, p. 10), numa obra intitulada *Elementos de ideologia*, mas nasce como atividade filosófico-científica. Contudo, o termo passou por várias agregações de valor ao longo desses mais de 200 anos desde o seu surgimento. O termo assumiu tom pejorativo em 1812, por obra de discurso de Napoleão Bonaparte ao afirmar que:

Todas as desgraças que afligem nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, essa tenebrosa metafísica que, buscando com sutilezas as causas primeiras, quer fundar sobre suas bases a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história (BONAPARTE, *apud* CHAUI, 2008, p.10-1).

É interessante notar que o próprio Bonaparte usa o termo invertendo o seu significado, haja vista que o termo nasce de um viés materialista e não metafísico, mas o que chama a atenção é que ele foi transformado para ser usado contra aqueles que eram considerados seus inimigos e empecilhos ao seu plano de governo.

Mais adiante, o termo ganha um tom diferente ao ser utilizado por Augusto Comte em seu *Curso de filosofia positiva* (1978), o qual

estuda o processo de formação das ideias entre corpo e meio ambiente, ou seja, as observações de interação entre homem e natureza no processo de constituição das sociedades. Essa concepção de ideologia, enquanto conjunto de pensamentos que estuda as ideias, ganha corpo e significado. Essa concepção *comteana* de ideologia deixa três consequências principais, estudadas por Chauí (2008, p. 12), são elas: 1 – reduz o termo a uma simples organização de temáticas e ideias; 2 – estabelece uma relação autoritária entre teoria e prática, colocando teoria como superior e prática como inferior; e, 3 – concebe a prática como simples instrumento ou mera técnica. Há, portanto, uma superestimação das ideias e subestimação da prática, mas esse foi apenas um dos valores que a palavra viria a receber.

O termo aparece também em Emile Durkheim (2004) em sua obra *As regras para o método sociológico*, publicada originalmente no final do século XIX, em 1895, no capítulo II ao tentar criar a sociologia como ciência, para o pensador francês o ideólogo é “o ideológico é um resto, uma sobra de ideias antigas, pré-científicas”, (CHAUÍ, 2008, p. 13), portanto, alguém que não tem muito valor no que diz respeito às suas ideias, pelo menos do ponto de vista do estudo sociológico.

Após passar por várias fases da vida intelectual humana, o termo “ideologia” se tornou como algo que o cientista deve se afastar quando quiser realmente produzir ciência, a ideologia é algo que está “pré-pronto” na mente do indivíduo ao adentrar em um tema qualquer, por isso, tornou-se urgente que ela seja desvinculada do pensamento científico.

Marilena Chauí (2008, p. 13) diz ainda que:

[...] a ideologia não é sinônimo de subjetividade oposta à objetividade, que não é pré-conceito nem pré-noção, mas que é um “fato” social justamente porque é produzida pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar, não sendo um amontoado de ideias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das ideias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas das relações sociais.

Sendo então, a ideologia, um produto que surge das interações sociais, é bem fácil perceber que ela continuará a existir e a se transformar, da mesma forma dinâmica que as sociedades se transformam o tempo todo. E o estudo dessa ideologia, que surge por meio das relações sociais foi estudada por Karl Marx e Friedrich Engels em sua obra *A ideologia alemã*. Ele utiliza o método filosófico do materialismo dialético para estudar a ideologia alemã.

Por ter tomado vários rumos conceituais e permitido o surgimento de várias formas de pensar e caracterizar a palavra “ideologia”, o termo acabou ganhando concepções diferentes de acordo com a nacionalidade filosófica na qual veicula, por isso Marx percebe que existem várias maneiras de falar do termo, de acordo com a nacionalidade que o aborda, assim,

[...] embora Marx coloque na categoria de ideólogos os pensadores franceses e ingleses, procuram distinguir o tipo de ideologia que produzem: entre os franceses, a ideologia é, sobretudo política e jurídica, entre os ingleses é, sobretudo econômica. Os ideólogos alemães são, antes de tudo, filósofos. Se, portanto, podemos falar em ideologia em geral e na ideologia burguesa em geral, no entanto, as formas ou modalidades dessa ideologia encontram-se determinadas pelas condições sociais particulares em que se encontram os diferentes pensadores burgueses.

O que podemos dizer a partir disso é que a ideologia, além de ser maleável do ponto de vista conceitual, a depender do pensador e das influências de sua nacionalidade que o abordam, fica elucidado que é um termo burguês, portanto, traz em seu bojo a própria capacidade de trabalhar com a ideia de consumo e manutenção da sociedade. Isso também permite afirmar que a ideologia está presente em todas e quaisquer formas de sociedade, pois o Estado é uma ideia, e uma ideia que visa, ou nasce com o objetivo de controlar todas as coisas existentes na sociedade, portanto, se coloca como uma ideologia que pretende, com base e apoio dos que comandam a sociedade, controlar todas as outras ideologias contidas nela, aí surgem outros elementos ideológicos que visam a aparelhar o Estado tais como: justiça, religião, consumo,

democracia e tantos outros. Devemos dar um destaque especial ao consumo, pois, foi pensando nele que Marx criou grande parte de suas teorias e reflexões para compor o materialismo dialético, faremos isso mais adiante.

Quando o indivíduo na sociedade se envolve e fica enleado em muitas ideologias controladas por outras, ele acaba perdendo o controle de si, dando origem à alienação, ou seja, aquele que não emite mais opinião a não ser aquelas que ele está envolvido. É como um fanático religioso, político, filosófico ou qualquer outra forma de envolvimento tão profunda que ele não consegue perceber uma saída para ser ele mesmo. Parece evidente a que isso traz a aniquilação desse eu crítico e capaz de buscar algo diferente daquilo em que está envolvido.

Esse pequeno histórico servirá para entendermos como a ideologia chegou até Mikhail Bakhtin/Volóchinov, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, compreenderemos também de que maneira podemos verificar sua presença até hoje na nossa sociedade. Entendendo o histórico do termo, podemos entender melhor a concepção de Bakhtin sobre ele e até mesmo tentarmos ir adiante para atualizarmos sua compreensão até a nossa atualidade. Não fará sentido se estudarmos a temática e a deixarmos presa no passado, é necessário que a contextualizemos e tiremos algum proveito e aprendizado úteis à nossa existência.

Ideologia e Volóchinov

Inicialmente precisamos pensar que a linguagem é uma ferramenta estrutural, antes de mais nada, que possibilita a interação entre os indivíduos, portanto, é ela que permite toda e qualquer forma de organização social, pois é a comunicação que nos fornece o lastro necessário para que haja a interação e, dessa forma, o avanço da construção de outras relações e possibilidades de transformação e evolução.

Podemos exemplificar, de forma bastante elucidativa, que um homem começa a se comunicar com outro que iria caçar para comer, aí pensou em conservar uma caça de um dia para o outro e ganhar tempo no dia seguinte, mas não sabia como fazer isso, então, outro homem havia pensado em deixar a carne ao sol e talvez ao secar, no outro dia ela ainda estaria apta para o consumo, óbvio que precisamos simplificar as coisas, essas transformações levaram centenas de anos, e milhares de anos para chegar até nossos dias, contudo, foi a linguagem que estava lá o tempo todo.

Então, em 1929, nós estamos pensando em todo o conceito e histórico da palavra ideologia, agora no viés marxista, ou seja, naquela época começou-se a estudar a base central do pensamento marxista sobre ideologia, a qual é o materialismo dialético, ou seja, parte do princípio, segundo a filosofia de Marx e Engels, que a sociedade só poderia ser compreendida a partir do estudo das relações dialéticas desenvolvidas entre os diversos momentos históricos dessa sociedade. O pensamento de Marx defende que há diálogo o tempo todo, portanto, a linguagem é a ferramenta utilizada para que isso se realize, diante desse conhecimento, Bakhtin foi o primeiro a se perguntar, pensando essas relações dialógicas na sociedade, de que forma e até em que medida a ideologia determina/influencia a linguagem?

Mas que importância teria o estudo entre ideologia e linguagem? Talvez esse questionamento possa nos ajudar a fundamentar nossa reflexão a respeito do tema em questão. Acreditamos que na sociedade pandêmica atual estamos cada vez mais carentes de compreensão dos sentimentos dos outros e dos nossos mesmos, e é a linguagem que vai nos possibilitar isso. Na época de Bakhtin, é possível também que o sentimento fosse o mesmo, o de evoluir enquanto ser humano em sociedade. Ao passo que Saussure (2006) considera a linguagem um fato social e se debruça sobre o estudo da língua, Bakhtin (2006) se desdobra no estudo da fala, com as várias análises e estudos da enunciação, como é do conhecimento de todos que debatem sobre o assunto. Ele estuda

a fala afirmando sua natureza social, e a coloca, portanto, como coletiva, e não individual, o que é fácil de compreender haja vista que não tem como se realizar a fala de forma individual, ela precisa do outro para interagir, para ser enunciada e seu ciclo de comunicação se completar, o que reafirma o fato de sua ligação indissolúvel às condições de comunicação, e esta, por sua vez, está sempre ligada às estruturas sociais.

Essa afirmação nos leva a crer, juntamente com Bakhtin, que a fala sendo a mola propulsora das transformações linguísticas, reafirma-se o seu caráter social, é por meio das transformações da fala que elas se refletem na transformação da língua, como o surgimento de uma palavra nova.

Sendo aqui o nosso tema de trabalho, a questão da ideologia em Bakhtin/Volóchinov, vamos estudar então, o primeiro capítulo de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), intitulado “Estudo das ideologias e filosofia da linguagem”, para em seguida analisar parte de nosso cotidiano atual à luz de suas teorias... para tanto, cabe um breve resumo teórico do capítulo.

Neste capítulo ele fala da ciência das ideologias e a filosofia da linguagem e começa dizendo que “Os problemas da filosofia da linguagem adquiriram, recentemente, uma atualidade e uma importância excepcionais para o marxismo” (2006, p. 29), essa atualidade está presente na realidade das proximidades de 1930 e acreditamos que está também na nossa atualidade, por conta desse contexto de pandemia em pleno 2021. O marxismo tinha como premissa o materialismo dialético, portanto, as conexões com as estruturas sociais estavam ali sendo mostradas.

Outro ponto abordado é o problema do signo ideológico, neste ponto Bakhtin (2006) diz que:

Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia (2006, p. 29).

Essa constatação bakhtiniana nos leva a crer que a ideologia está relacionada a algo externo ao sujeito, portanto, é adquirida, influenciada e pode ser conduzida por outrem num determinado indivíduo, isso nos diz muito, haja vista que é a ideologia que pode nos levar a fazer algo ou mesmo deixar de fazê-lo. Diante disso, existe também uma relação entre o signo ideológico e a consciência, pois, os signos só podem aparecer em termo interindividual, na visão de Bakhtin, assim ele afirma que: *A consciência individual é um fato socioideológico*. Enquanto esse fato e todas as suas consequências não forem devidamente reconhecidas, não será possível construir nem uma psicologia objetiva nem um estudo objetivo das ideologias (2006, p. 33).

Outro ponto significativo bakhtiniano é que a palavra é vista como signo ideológico por excelência, pois ela é carregada de ideias e significados, os quais podem ser interpretados das mais variadas formas, enquanto a consciência não tem nada a ver com ideologia, ela é alimentada pela ideologia através das palavras que são carregadas no conjunto social, portanto,

O estudo das ideologias não depende em nada da psicologia e não tem nenhuma necessidade dela. Como veremos, é antes o contrário que é verdadeiro: a psicologia objetiva deve se apoiar no estudo das ideologias. A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais (BAKHTIN, 2006, p. 34). (grifos do autor)

Os signos sociais têm como seu principal meio de veículo a palavra, portanto, *“A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo”* (Destaques no original, BAKHTIN, 2006, p. 34). Sem, contudo, deixar de constatar ainda o aspecto da neutralidade ideológica da palavra, pois ela é pura e sensível aos signos sociais, portanto, sofre influência e se deixa usar para veicular tais signos, dessa forma, para Bakhtin,

[...] a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo *neutro*. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. [...]. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode

preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa (BAKHTIN, 2006, p. 35). (grifos do autor)

Ou seja, Bakhtin traduz aquilo que deduzimos antes, a palavra se deixa usar e serve de veículo para as ideologias, só então deixa de ser neutra e passa a ser portadora de significações diversas, de acordo com a ideologia que carrega. Bakhtin nos fala de uma outra propriedade da palavra ao dizer que: “Há uma outra propriedade da palavra que é da maior importância e que a torna o primeiro meio da consciência individual” (BAKHTIN, 2006, p. 35), portanto, sua importância se deve ao fato de que, ao ser usada, o indivíduo pode negligenciar e banalizar seu uso. Essa propriedade nos leva à compreensão bakhtiniana de que a propriedade da palavra de ser um signo interior, ou seja, ela é usada pela consciência, que veicula por todo o corpo e externa os sentimentos por meio de si mesma, “[...] Isso determinou o papel da palavra como *material semiótico da vida interior, da consciência (discurso interior)*” (Destaques no original, BAKHTIN, 2006, p. 35). Dessa forma, sabendo que “A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (BAKHTIN, 2006, p. 36), também pode se dizer que nenhum dos signos ideológicos podem ser transmitidos totalmente por palavras, ou seja, nem tudo pode ser dito por palavras, ela também revela insuficiente diante da realidade, o filósofo russo conclui então dizendo que

Todas as propriedades da palavra que acabamos de examinar – sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias (BAKHTIN, 2006, p. 36).

A partir daí podemos compreender a palavra como peça fundamental para a compreensão e estudo das ideologias, portanto, é importante também para a compreensão do materialismo dialético de Marx, por isso:

A única maneira de fazer com que o método sociológico marxista dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas

“imanescentes” consiste em partir da filosofia da linguagem concebida como *filosofia do signo ideológico*. E essa base de partida deve ser traçada e elaborada pelo próprio marxismo (BAKHTIN, 2006, p. 37). (grifos do autor)

Bakhtin dá a saída para o impasse da compreensão dos signos ideológicos no próprio marxismo, portanto, fazendo o uso do estudo das relações materiais e históricas das sociedades, como forma de chegar à sua compreensão profunda. Essa percepção também abre caminho para a compreensão das sociedades atuais quando faz uso das ideologias por meio das palavras, como veremos no tópico seguinte.

A ideologia na sociedade atual

Diante de tudo que apresentamos até aqui, cabe agora nos situar na atualidade mundial e nacional para tentar dialogar com as teorias de Bakhtin com o objetivo de compreender o uso ideológico no contexto atual.

Então convidamos o leitor a acompanhar um breve panorama do contexto. Em 2020 surgiu um vírus que mudou toda a realidade mundial, transformou toda a sociedade e fez a humanidade repensar suas formas de viver e existir. O Corona Vírus (COVID-19), se espalhou pelo mundo e atingiu um patamar que muitos governos, inclusive o brasileiro, não acreditavam que ganharia tamanha proporção, contudo, todo o resto do mundo compreendeu que o correto era reconhecer a magnitude gigantesca do problema e combater o vírus e ajudar a população.

O Brasil seguiu na contramão desse reconhecimento e continuou a política “negacionista” e a indicação e criação de *kits* anti-Covid, sem eficácia comprovada do ponto de vista científico. Assim, espalhou pela nação a ideia de que o vírus era menos maléfico do que aquilo que propagava a mídia e que a solução já existia. Surgiu uma massa que apoiava tal ideologia e os conflitos ideológicos tornaram-se uma realidade brasileira que passou a veicular nas redes sociais e na mídia com bastante frequência.

O conceito de ideologia ganhou conotação pejorativa na realidade brasileira da atualidade. Com o surgimento da pandemia, o negacionismo governamental brasileiro lançou mão do termo para incutir, em seus apoiadores, a ideia de que não há negação da pandemia e sim que a oposição criou uma situação para culpar o governo pelas mortes causadas pela Covid-19 e que isso é “a ideologia marxista de esquerda”, são esses mesmos os termos utilizados pelos que defendem o governo que nega a periculosidade do vírus, mas o que tudo isso tem a ver com Bakhtin e Marx? Tudo, quando pensamos, a partir deles, que a ideologia é formada no conjunto social e que o indivíduo perde o controle de si e passa a agir de acordo com os posicionamentos do grupo social que ele está incluído e, conseqüentemente, defende.

Dessa forma, quem posta em redes sociais uma imagem com o texto que vá de encontro ao que o Governo Federal diz e acredita, acaba sendo alvo dos que são a favor do governo, e a resposta vem muitas vezes seguidas de palavras agressivas, com o objetivo de mascarar a falta de argumentos científicos para aquilo que defende.

Figura 1 – Meme de *WhatsApp*.



Fonte: *WhatsApp Image* 2021-03-29 at 23.16.21.

A imagem acima foi postada em grupo de *WhatsApp* em que há a presença de pessoas pró e contra o governo mencionado no *post*. No caso acima, colhemos uma resposta contrária:

Nao eh isso nao! Ta fechado pq os governos estaduais socaram bilhoes no rabo! Nao construíram hospitais de campanha, nao compraram respiradores ha 1 ano atras e agora com essa crise nas UTIS veem jogar a culpa no Mito [sic]. (*WhatsApp* mensagem 2021-03-29 at 23.16.21)¹

Quando lembramos que as palavras são podem carregar consigo significados e ideologias é fácil entendermos que isso acontece com frequência, ao mesmo tempo em que podemos considerar que ela também possui seu grau de pureza, quando lemos, no contexto citado acima, a palavra “rabo”, vemos que tem um grau de violência linguística e que isso acontece para desqualificar a mensagem do *post* criticado e dá crédito ao governo “negacionista”, se, por outro lado, pensarmos num pequeno bichinho de estimação, podemos verificar a inocência e a pureza dessa mesma palavra, como na frase hipotética “Quando chego em casa, meu cachorro abana o *rabo* de alegria”, acreditamos que isso explica o grau que nos fala Bakhtin sobre a pureza e a ideologia veiculadas na palavra.

Podemos notar também, que no *post* da personagem da campanha de vacinação brasileira, o “Zé Gotinha”, a linguagem tem o objetivo de fazer um questionamento que poderia levar o leitor a uma resposta mais argumentada, com o objetivo de ajudar o interlocutor a compreender a realidade de uma outra forma, mas a ideologia por trás daquele que não acredita na crítica embutida na pergunta acaba levando-o a desqualificar o questionamento apresentado.

A palavra veicula muitos sentimentos e informações que tentam traduzir a realidade para o plano da linguagem, contudo, a ausência de informação, do enunciatário e/ou do interlocutor, sobre

¹ Quando lemos um texto com tal grafia nos questionamos como um professor, com nível superior, é capaz de escrever sem a menor observação e preocupação com a linguagem.

o que pode veicular uma palavra ou frase é capaz de desencadear em um dos interlocutores ou em ambos, uma reação adversa do esperado ou mesmo provocar um choque entre ambos. Uma reação adversa, de cunho violento, é muito frequente quando os envolvidos estão com os ânimos alterados, como numa briga de trânsito, ou sob efeito de bebida alcoólica ou entorpecentes, ambos os casos acontecem no conjunto social de forma frequente, e muitos deles, com resultados trágicos e violentos, são veiculados na mídia nacional bastante frequentemente.

Para não ficar apenas na análise do texto acima, vamos estudar outro texto publicado na mesma rede social, abaixo:

Figura 2 – Meme de *WhatsApp*.



Fonte: *WhatsApp Image* 2021-03-30 at 22.37.52.

Cabe ressaltar que o contexto político é um território bastante fértil para o surgimento de usos diversos da palavra, existem muitas possibilidades de exploração dos significados polissêmicos das palavras, na charge acima, a imagem é utilizada para direcionar o sentido da palavra “golpe”, isso acontece porque a população brasileira associou a figura do palhaço norte-americano “Bozo”, pela

semelhança física e comportamental do artista circense, com o atual Presidente da República, o qual é acusado de flertar com o fascismo e manter postura de extrema direita radical, e, na época da chegada do aniversário do 31 de março, que rememora ao golpe militar de 1964, as mudanças no alto escalão governamental levanta o receio de que o chefe do executivo federal tenha projeto de repetir o referido acontecimento. Dessa forma, “golpe” aparece aqui com dois significados básicos previstos no Aurélio (HOLANDA, 1988, p. 325-326): “1. Movimento com o qual o corpo se choca com outro, pancada, e 11. Manobra desonesta, com o fim de enganar, prejudicar outrem, ex. **golpe de estado.**” [Grifos no original]. Quando pensamos nas duas imagens, do Presidente da República e do palhaço, a ideologia política, inevitavelmente se faz presente, pois a palavra é usada e serve de transporte e como, por assim dizer, uma hospedeira das construções sociais em torno desse conjunto, levando o leitor a ser conduzido por esse caminho interpretativo e descartando os outros tantos significados desta mesma palavra.

Ainda no campo da política, vamos analisar uma opinião, mais individual, na qual envolve os contextos da pandemia, da política, da segurança pública e das medidas restritivas e de combate ao avanço do vírus. Dito isso, nosso caso de análise está no acontecimento ocorrido no último domingo do mês de março de 2021, situado em Salvador, na Bahia, durante mais ou menos 5h de negociação, policiais baianos tentam controlar um colega que se recusou a prender comerciantes informais na orla de Salvador, o PM, portando um fuzil, de forma isolada, decide que não irá prender trabalhadores para atender ao decreto do governo estadual baiano, no decorrer do processo, o PM atira para o alto e grita palavras de ordem e defesa da honra da polícia militar, considerando, a prisão e/ou recolhimento de trabalhadores das ruas, como algo arbitrário e desonroso, num dado momento, ele é alvejado pelos próprios colegas, é socorrido em seguida e levado ao hospital, onde vem a óbito horas depois. A movimentação foi filmada e transmitida ao vivo, pelas redes sociais, por moradores das proximidades, contudo,

imagens de outros ângulos surgem posteriormente e ganham proporções gigantescas na mídia local e nacional e, claro, o acontecimento também provoca comentários nas redes sociais. Observamos que o evento ocorrido pode ser usado tanto por um lado polarizado da política quanto por outro, os chamados apoiadores do presidente, “bolsonaristas”, ou da ala ideológica contrária, os denominados pelos bolsonaristas, de esquerdistas. Nesse contexto vamos refletir sobre um exemplo de cada lado:

Figura 3 – Meme de *WhatsApp*.

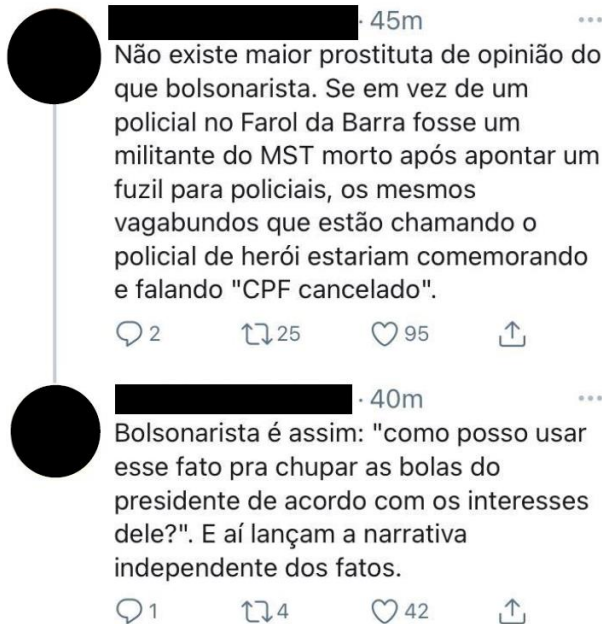


Fonte: *WhatsApp Image* 2021-03-28 at 22.37.54.

A descrição acima mostra a indignação, isolada, do policial militar, o contexto ideológico se identifica com o contexto do que defende o Presidente da República, o qual é favorável à abertura do comércio e contra o fechamento pregado pelo decreto do governo baiano, por isso chegou a entrar com processo contra esse decreto e o Supremo Tribunal Federal embargou. Esse posicionamento extremado do policial é carregado de ideologia e simbologia,

principalmente quando fala em “honra” e “dignidade do trabalhador” e associa diretamente com a “honra” da própria polícia militar. O contexto reforça e valoriza todo um arsenal ideológico construído ao longo do tempo no conjunto social e que não pode ser ameaçado. Mas tivemos também várias reações adversas a esse ideal, como no *post* seguinte:

Figura 4 – Meme de *WhatsApp*.



Fonte: *WhatsApp Image* 2021-03-30 at 12.54.55.

Nesse texto temos muito mais palavras carregadas de ideologia, de acordo com o que nos diz Bakhtin e ao que está presente na dialética materialista de Marx, vejamos alguns trechos constantes da primeira fala do *post*: “prostituta de opinião”, “morto após apontar um fuzil para policiais”, “CPF cancelado”, dentre outras.

Essas palavras carregam ideologia de violência e também com teor pejorativo, quando se usa a frase “prostituta de opinião”, a primeira palavra já tem uma longa história, lembremos que a

prostituta é registrada na bíblia desde o tempo de Jesus Cristo e que, se estudarmos um pouco, veremos que quando ela aparece contracenando com Jesus, ela é perdoada, contudo, a moral ideológica, mesmo que não exista essa palavra “ideologia” naquela época, o estigma se preserva até a atualidade, e tem como principal guardadora dessa moral, a própria ideologia religiosa cristã. Nesse momento, conseguimos visualizar algumas das contradições bíblicas e de como a palavra pode ser usada.

Percebe-se também que, em alguns momentos, a palavra “opinião” pode ser bem flexível, é por onde veicula a ideologia do que pensamos e essa interpretação também explica como agimos, contudo, ela também pode ser facilmente se deixar apropriar pelo outro, muda-se de opinião depois de ouvir outra opinião.

Na frase seguinte, temos a presença da violência, a palavra violência pode também pode ser facilmente modificada quanto ao seu significado, deixa de ser pejorativa e passa a ter valor positivo, quando se recorre a histórias de personalidades da nossa história, que para atingirem seus objetivos e conseguir um bem coletivo maior, precisam se utilizar da violência, como os guerrilheiros que lutaram pela independência dos países africanos de Língua Portuguesa, e tantos outros conflitos em busca de paz. Parece-nos interessante que a ideologia, assim como nos diz Bakhtin (2006) está sempre presente na história da humanidade, por isso a concepção ideológica marxista é caracterizada como dialética, ou seja, está em constante relação com a história. A palavra “morte” em si, traz uma ideologia de negatividade, associada à finitude da vida, são poucas as crenças e ideologias que a veem como algo positivo em alguns aspectos. “Fuzil”, esta palavra traz a simbologia da violência na atualidade, tanto nos ambientes de polícia, quanto voltada para o uso para fins criminosos. Ainda nessa primeira fala, podemos pensar mais sobre a frase “CPF cancelado”, está muito bem atualizada com o jargão da linguagem das redes sociais da atualidade. CPF – Cadastro de Pessoa Física, essa sigla é associada diretamente com a palavra “vida”, ao passo que o verbo “cancelar”, que aparece no particípio, está como

sinônimo de “morte”, traduz-se, portanto, como morte efetivada, contudo, essa linguagem é comumente utilizada por aqueles que percebem a morte de indivíduos fora da lei, os chamados “criminosos” ou marginais. Tudo isso ganha ideologia e conotação política muito carregada de significados.

Na segunda fala do *post*, temos outros destaques passíveis de estudo, e é uma pergunta: “chupar” e “bolas”, são palavras que sozinhas não passam de um verbo no infinitivo e um substantivo comum, ou seja, inocentes e livre de ideologia, contudo, o contexto em que foram jogadas e juntas, ligadas pelo artigo feminino no plural “as”, deixa-as com o tom bem mais carregado de significado, e assumem uma carga política que acaba se enquadrando em todo o contexto de “direita” e “esquerda” presentes na polarização política em que o Brasil se encontra desde as eleições de 2018. Essa situação é de uma atualidade muito forte, se conhecermos a estrutura política do país e pensarmos que cada um que ganhou voz com as redes sociais, se sente no direito de veicular o que pensa a respeito de tudo, de política, até a banalidade de comentar uma foto de uma atriz nas redes sociais.

Todas essas possibilidades de veiculação das ideias e opiniões acabam, em determinado momento, por interferir nas relações sociais que os indivíduos construíram ao longo do tempo, em alguns casos ferem até o grau de civilidade atingido até o momento presente de nossa história, como as brigas de trânsito banais o fazem com frequência. Isso ocorre porque as pessoas se acham “empoderadas” e representadas sobre suas ideias por mais absurdas que sejam.

Saídas ideológicas: política e consumismo

Tendo em vista todo o conhecimento sobre a ideologia e suas várias formas de uso, cabe-nos agora refletir sobre as formas que podemos lançar mão dessas informações para nos mantermos centrados, de forma crítica, sem que nos deixemos levar pelos enleios delas. A nosso ver, a melhor forma de agir para combater a tentativa frequente que as informações tentam nos conduzir e nos

tomar o controle é por meio da reflexão constante e de questionamentos tais como: o que isso interfere em minha posição política na sociedade? A quem vou ajudar ou prejudicar adquirindo este ou aquele posicionamento social? Minha postura está sendo coerente com a realidade do contexto social em que vivo? Caro leitor, parece muito, mas precisamos realmente nos empoderar, antes de mais nada, de nós mesmos. Devemos rever o velho pensamento filosófico socrático e cristiano do conhece-te a ti mesmo. Também não podemos esquecer da ideologia consumista, mencionada anteriormente, pois ela nos afeta muito, principalmente quando pensamos no marxismo, de forma constante em nossa vida em sociedade. Diante disso, passaremos a refletir sobre esses dois pontos da ideologia, a partir da política e do consumo, haja vista que estão interligados.

A sociedade moderna é conhecida como a “sociedade do consumo”, pois está baseada nos ideais burgueses de consumo, mas antes disso devemos pensar que ela está organizada de forma política, então faremos um panorama do papel da política inicialmente.

A política tem como princípio fundamental pensar e organizar a sociedade, como o próprio nome diz em sua etimologia, política vem do grego *politeia*, que significa tudo que vem de *pólis* = cidade ou estado, segundo o Aurélio (HOLANDA, 1988, p. 515), o termo política significa, em seu sentido principal, “Ciências dos fenômenos referentes ao Estado.” Portanto, está em acordo com a origem grega. A partir dessa pequena introdução, podemos deduzir que a sociedade precisa de um Estado para que suas estruturas sejam organizadas de forma a acolher os indivíduos, e dessa forma, possa garantir um grau de civilidade que permita a convivência entre os indivíduos que ocupam o mesmo espaço. O problema é que quando surge o termo, existia bem menos indivíduos para o estado tomar conta, na atualidade, as sociedades, com uma densidade demográfica cada vez maior, têm enfrentado sérios problemas para se manter organizada para todos. Podemos pensar em um país

gigantesco como o Brasil e imaginar como as normas e regras de convivência poderiam atingir todo o território nacional de forma equânime. Para se atingir isso, é necessário um grau muito elevado de eficiência e polidez das instituições e, principalmente da educação. Polidez para ficar claro que os que criam as regras precisam seguir antes de qualquer cidadão ou indivíduo que a elas serão subordinados e nem sempre isso acontece em nossa realidade.

Portanto, o legislador surge da sociedade, para, de forma política, atender aos anseios dessa mesma sociedade da qual é oriundo, o desvio de conduta ou de objetivos dessa finalidade cria transtorno altamente daninhos a todos. Isso é fácil de entender quando pensamos que a ideologia está veiculada e é criada no seio social, como vimos nos estudos teóricos acima. Por isso, torna-se importante a constante reflexão e vigilância sobre aquilo que queremos para o nosso contexto social. Jamais poderemos mudar a realidade social, sem construir uma ideologia que seja favorável a essas mudanças e isso engloba a criação de culturas, de paz, em vez de violência, de acolhimento, em vez de exclusão, de união em vez de segregação e por aí vai, e precisa partir dos anseios sociais e incorporar na ideologia que será veiculada no conjunto social por meio das palavras. A política tem papel fundamental nessa construção ideológica nova que pretendemos assumir para melhorar o contexto em que vivemos, e mais ainda, deve partir de cada indivíduo essa preocupação, como podemos perceber na célebre frase de Mahatma Gandhi “Seja a mudança que você quer ver no mundo.” Mas isso não acontece de forma simples, não é apenas dizendo ao sujeito isso, é necessário dá-lhes condições intelectuais e materiais para que ele seja essa diferença. Veremos a seguir, quando falarmos de consumismo.

Como vimos acima, a política tem função administrativa da máquina pública da sociedade, é fundamental para equilibrar o funcionamento social e proteger os cidadãos e as estruturas que mantêm a sociedade funcionando. Diante disso, pensamos que para uma se manter funcionando essa engrenagem social é necessário que

as pessoas tenham condições, no mínimo, dignas, de viverem nela, por isso o consumo passa a ser importante, haja vista que é o que irá fomentar a manutenção, do ponto de vista material, do conjunto social. A ideologia do consumo tem então, a função primordial de equilibrar o mercado de compra e venda de mercadorias. Nesse mercado surgem os mais variados produtos a serem consumidos, e, por incrível que pareça, o mercado cria necessidades e vende a solução. Foi assim com cada produto surgido para ser consumido. A ideologia do consumo envolve muitos elementos, tais como a necessidade de destaque de uma determinada classe pelo consumo, atrelar certos produtos a itens como alegria e felicidade é também um elemento que compõe este panteão.

Na ideologia marxista, o consumo é alimentado pela necessidade de manutenção da própria sociedade. Como Marx (1987) dizia em *O capital*, que o trabalhador da fábrica precisava ganhar o necessário para viver mais a mesma quantia para manter sua família e criar seus filhos para trabalharem nas fábricas, ou seja, era preciso que o trabalhador também consumisse, para manter a engrenagem funcionando. A ideologia do consumo, como ressalta Chauí (2008) leva o indivíduo a aceitar a necessidade criada pelo mercado e veiculada nas propagandas e força o indivíduo a tornar-se um consumidor. Contudo, a ação da propaganda é tão elaborada e ideologicamente carregada, que controla o indivíduo e o transforma em um consumidor, muitas vezes, compulsivo.

Dito de outra forma, a indústria do consumo não cria apenas necessidades, ela torna a ideia de consumir uma necessidade. É nesse sentido que devemos retomar o pensamento do “conhece-te a ti mesmo” e lembrar que os bens produzidos demandam um alto desgaste da natureza e, portanto, é daninho ao planeta, e, diante disso, pensar no que realmente é necessário para a nossa sobrevivência e o que beira o supérfluo e abandonar a ideia de um consumo exagerado. Então, a saída ideológica é refletir sobre a própria ideologia que nos cerca o tempo todo e aguçar nossa

criticidade para consumir, produzir e veicular apenas o que é indispensável à nossa existência.

Quando agirmos de forma consciente de quem somos e compreendemos o que realmente é necessário para vivermos com tranquilidade e tendo o necessário para ter paz é que poderemos encontrar equilíbrio suficiente para nos livrar do controle imposto por ideologias que visam obter e manter o controle da massa para perpetuar os privilégios e benefícios que atingem apenas a uns poucos indivíduos que controlam todo o conjunto social. É preciso que pensemos sobre o assunto de forma apurada e crítica.

Considerações: fugindo das armadilhas ideológicas e políticas

O objetivo principal de nosso trabalho foi refletir sobre a questão da ideologia em Bakhtin, repensando a etimologia do próprio termo e relacionando todo esse conhecimento com a nossa realidade cotidiana. Pensando em questões como: de que forma podemos agir e interagir com as ideologias que nos rodeiam e nos controlam?

A partir de tal objetivo, o trajeto percorrido nos mostrou que precisamos destruir a apatia que nos cerca e nos erguer contra certas ideologias impostas a nós. Entendemos também que nós precisamos desenvolver mecanismos que nos permitam fugir das armadilhas ideológicas e políticas, para evitar as tentações de que existem caminhos fáceis para construir uma sociedade igualitária e equânime.

Diante de tudo que foi apresentado é fácil também considerar que não encerramos a problemática, apenas trouxemos alternativas possíveis para repensarmos de que forma poderemos agir mediante o cenário da atualidade. Não somos o “adão da palavra”, como disse Bakhtin, mas temos nas mãos as palavras e a ideologia que ela carrega e cabe a nós dispormos da melhor maneira possível desse poder de atingirmos nossos objetivos enquanto cidadãos críticos e conscientes.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail (VOLÓCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. Tradução de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)
- DURKHEIM, Emile. **As regras para o método sociológico**. 9. ed. Tradução Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- HOLANDA, Aurélio Buarque Ferreira de. **Dicionário Aurélio básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S. A., 1988.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro III: o processo global de produção capitalista. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

A INTERAÇÃO VERBAL: PERSPECTIVAS NA LÍNGUA(GEM)

Paulo Rogério Stella

Entendendo a interação verbal

Antes de iniciarmos a discussão acerca do que vem a ser interação verbal, leia o trecho a seguir retirado do livro *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll, no capítulo 5, intitulado de *Conselho de Uma Lagarta*:

A Lagarta e Alice olharam-se uma para outra por algum tempo em silêncio: por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca, e dirigiu-se à menina com uma voz lânguida, sonolenta.

“Quem é você?”, perguntou a Lagarta.

Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: “Eu – eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento – pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então”.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou a Lagarta severamente. “Explique-se!”

“Eu não posso explicar-me, eu receio, Senhora”, respondeu Alice, “porque eu não sou eu mesma, vê?”

“Eu não vejo”, retomou a Lagarta.

“Eu receio que não possa colocar isso mais claramente”, Alice replicou bem polidamente, “porque eu mesma não consigo entender, para começo de conversa, e ter tantos tamanhos diferentes em um dia é muito confuso.

“Não é”, discordou a Lagarta.

“Bem, talvez você não ache isso ainda”, Alice afirmou, “mas quando você se transformar em uma crisálida – você irá algum dia, sabe – e então depois disso em uma borboleta, eu acredito que você irá sentir-se um pouco estranha, não irá?”

“Nem um pouco”, disse a Lagarta (CAROLL, 2002, p. 41).

Quando falamos de interação verbal, estamos falando principalmente de diálogo em suas várias formas. Segundo

Bakhtin/Volóchinov (2010, p. 127), o diálogo entre duas pessoas é o exemplo mais simples do processo de interação verbal. Segundo os autores, “o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes da interação verbal”. Ao olharmos o trecho acima, conseguimos identificar claramente os falantes, a Lagarta e a Alice. Essas duas personagens entram em interação por meio da pergunta, “Quem é você?”, feita pela Lagarta. Alice, por sua vez, responde, “Eu – eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento – pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então”.

Alice, inicialmente respondente aos questionamentos da Lagarta, toma o turno de fala, invertendo o sentido da troca verbal, quando interpela a Lagarta acerca de sua identidade e da possibilidade da metamorfose pela qual passará um dia., “Bem, talvez você não ache isso ainda”, Alice afirmou, “mas quando você se transformar em uma crisálida – você irá algum dia, sabe – e então depois disso em uma borboleta, eu acredito que você irá sentir-se um pouco estranha, não irá?”. Nesse momento, a Lagarta torna-se respondente também.

Três aspectos relativos à interação verbal precisam ficar claros nesse momento: a posição responsiva ativa dos participantes da interação, a tensão na produção de sentidos e a entonação valorativa. Em primeiro lugar, a interação verbal significa, pelo menos, dois sujeitos em estado de interação, o que implica dizer que ambos os participantes são ativos no processo. Em outras palavras, o ouvinte, participante do processo de interação, não deve ser entendido como uma orelha estática que recebe as palavras, proferidas por um falante, sem qualquer reação. Nas palavras de Bakhtin (2016, p. 25),

De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.

Desta citação, podemos depreender o segundo aspecto acerca de toda interação verbal, que é a tensão na produção de sentidos. Bakhtin/Volóchinov (2010) nos ensinam que, além da resposta ativa por parte dos integrantes do processo de interação, a relação que se estabelece é sempre tensa. Isso decorre porque nenhum dos participantes da interação verbal possui a mesma experiência de vida, a mesma história e os mesmos interesses. Por esse motivo, os sentidos produzidos dentro do processo de interação diferem entre os participantes em decorrência do fato de que a compreensão se dá não somente pela decodificação da língua, mas também pelo confronto, ou tensão, entre os sentidos já pertencentes a cada sujeito e os novos sentidos produzidos no direcionamento da fala de um locutor a seu interlocutor (de um falante a um ouvinte) em busca de uma resposta.

A “ativa posição responsiva” a que se refere a citação aponta para essa questão da tensão, pois, ao olharmos as palavras que compõem o sentido da expressão, encontramos a palavra “responsiva”, que significa a capacidade de resposta. A responsividade é uma das características da interação verbal e se refere a duas questões: a primeira seria a capacidade de resposta que todos temos, seja a resposta imediata como pudemos ver no diálogo entre Alice e a Lagarta em que uma personagem pergunta e outra responde. A segunda se refere à possibilidade de ser também uma resposta tardia guardada dentro de cada um de nós para ser produzida no momento adequado, “mas isso, por assim dizer, é uma compreensão responsiva de efeito retardado: cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2016, p. 25).

Tomemos como exemplo a leitura deste texto. As informações nele contidas podem não ser utilizadas no momento dessa leitura, mas, posteriormente, em algum momento, poderão ser recuperadas. Ocorre que os conceitos apreendidos agora não serão exatamente idênticos aos conceitos que serão produzidos nessa resposta tardia, pois já terão sido confrontados com outros conceitos advindos da experiência de cada um. Os conceitos já terão passado pelo tenso

processo de produção de sentidos decorrente da interação verbal ocorrida no interior de cada um de nós. Os conceitos que parecem novos nesse momento serão ressignificados na consciência de cada um por meio do confronto com conceitos, perspectivas, interesses, leituras etc. O resultado desse processo serão outros novos conceitos. Segundo Bakhtin/Volóchinov (2010, p. 137):

[...] a significação não está na palavra nem na alma do falante, ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois polos opostos.

O terceiro aspecto relacionado à interação verbal diz respeito à entonação expressiva do falante em relação às suas próprias palavras quando orientadas a um ouvinte. Para entendermos melhor o significado da entonação expressiva, precisamos retornar ao diálogo entre a Lagarta e Alice, no momento que a Lagarta interpela Alice acerca de sua identidade por meio da pergunta “Quem é você?”. Esse diálogo ocorre somente no capítulo 5 do livro, significando que Alice, a personagem principal, já havia passado por algumas aventuras. Ela, por exemplo, havia se tornado gigante e minúscula; havia perdido seus referentes ao cair no buraco etc. Alice, nesse momento, tem dúvidas sobre quem é em decorrência das aventuras por que já passou e das mudanças que ocorreram em seu corpo. Ao contrário de Alice, a Lagarta não tem dúvidas acerca de sua identidade; ela sabe muito bem o que é e em que se tornará. Alice também sabe disso em relação à Lagarta. Alice afirma “Bem, talvez você não ache isso ainda”, “mas quando você se transformar em uma crisálida – você irá algum dia, sabe – e então depois disso em uma borboleta, eu acredito que você irá sentir-se um pouco estranha, não irá?”.

Com base nisso, podemos entender melhor a entonação expressiva da pergunta “Quem é você?” da Lagarta para Alice. A Lagarta sabe que sua metamorfose ocorrerá. Portanto, não tem dúvidas acerca da sua identidade. Mas Alice não sabe mais quem é ou em que se tornará. Alice diz, “Eu – eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento – pelo menos eu sei quem eu era

quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então”. A pergunta da Lagarta ganha nuances de significação para além da situação concreta, que demandaria uma resposta simples e imediata, por exemplo, “sou Alice”.

Esta resposta de Alice não ocorre desta forma esperada, porque a interação verbal ultrapassa o contexto imediato e concreto do diálogo. A situação concreta imediata é inegavelmente imprescindível para o entendimento da interação verbal, pois, segundo Bakhtin/Volóchinov (2010, p. 128), “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta”. Entretanto, ainda segundo os autores, em todo estudo acerca da interação verbal é necessário também fazermos um movimento em direção ao “estudo das relações entre a interação concreta e a situação extralinguística – não só a situação imediata, mas também, através dela, o contexto social mais amplo”.

Ao olharmos o problema identitário pelo qual Alice passa naquele momento da história de uma perspectiva para além do simples contexto imediato da pergunta “Quem é você?”, percebemos a entonação expressiva desta pergunta que aponta não somente para todo o percurso anterior da personagem até aquele instante, mas também para o percurso pelo qual Alice se direcionará até o final do livro. A entonação expressiva produz sentido para além do diálogo direto e simples entre dois participantes. Ela aponta para outras direções, cujo sentido somente pode ser recuperado se conhecemos a situação histórica, social, ideológica, isto é, o contexto mais amplo em que a interação ocorre. Quando estudamos a interação verbal é necessário orientarmos nosso olhar em direção ao contexto mais amplo de valores em que a interação ocorre (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2010, p. 128). Podemos dizer que

A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos de trabalho, atos simbólicos de um ritual,

cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2010, p. 128).

Como dissemos no início desta discussão, o diálogo é a forma mais simples de interação verbal, mas muito importante para entendermos as nuances desse processo. Passemos agora a refletir acerca de outros níveis de interação verbal para além do diálogo, pois Bakhtin/Volóchinov (2010, p. 127) nos explicam que a interação verbal ocorre “não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”.

Isso quer dizer que a obra literária *Alice no País da Maravilhas*, como ocorre com qualquer outra obra literária, ou texto escrito, deve ser entendida dentro do processo mais amplo de interação verbal, “isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2010, p. 127). Ao retomarmos a obra *Alice no País das Maravilhas*, podemos inicialmente pensar nas relações estabelecidas entre autor e leitor. O autor de uma obra nunca escreve para ele mesmo, mas tem em mente um leitor previsto ou imaginado, isto é, um auditório social a quem se destina obra e com quem pretende interagir. Espera, assim, que seu leitor responda ativamente ao texto produzido, concordando, refutando, identificando-se com ele etc. Segundo os autores, o livro deve ser

[...] objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as relações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação discursiva (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2010, p. 127).

Além da interação que ocorre entre autor e leitor visado, qualquer obra também se orienta dentro de uma corrente de outras obras que a precederam e estabelece relação com obras que virão. Em outras palavras, qualquer obra não deve ser vista isoladamente

fora do contexto de obras outras cuja temática, estilo ou composição tenham características comuns. Além disso, a mesma obra suscita resposta de outras produções que vierem a sucedê-la posteriormente. A obra *Alice no País das Maravilhas* deve ser considerada dentro de uma corrente de outros textos e ideias circulantes na época que ofereciam a possibilidade de o leitor escapar por meio da leitura da sociedade vitoriana, caracterizada pela extrema religiosidade, austeridade e comedimento nas ações e reações – a literatura escapista.

A obra *Alice no País das Maravilhas* dialoga com este momento histórico, oferecendo ao leitor a possibilidade de pensar um mundo fantasioso fora da realidade sufocante da era vitoriana. Além disso, a obra também estabelece diálogo com trabalhos posteriores, entre os quais podemos citar as várias versões em desenho animado ou filme de longa-metragem de *Alice no País das Maravilhas*. Uma versão em desenho animado foi produzida em 1951 pela Disney, quase 100 anos após a publicação da obra original. O desenho animado visa a uma audiência infanto-juvenil, por isso, além de possuir cores claras e alegres, também apresenta uma narrativa leve com sutis toques de humor. As cenas são límpidas e os traços das personagens são homogêneos e orgânicos.

Podemos dizer que o desenho animado dialoga com a obra publicada em 1865, por meio não somente da retomada das personagens retrabalhadas ao gosto dos anos 50, mas também na referência ao texto infantil, já que a obra publicada em 1865 também é vista desde sempre como um obra infanto-juvenil. Além disso, os aspectos visuais do desenho animado juntamente com a leveza trazida pelos toques de humor dialogam com o período de produção do desenho animado, pois é sabido que naquele momento, pós segunda guerra mundial, os EUA estavam em franca expansão econômica em relação às outras nações. O desenho animado dialoga com esse momento histórico disseminando valores, por exemplo, de bem-estar, felicidade, amor e família com o objetivo de trazer um pouco de sustento à alma em período tão difícil de reconstrução das

sociedades dos países envolvidos. Em outras palavras, um livro publicado originalmente na Inglaterra vitoriana, torna-se um desenho animado produzido nos EUA, e entra em diálogo não somente com a própria obra escrita 100 anos antes, mas também com a época de sua produção por meio da preservação e transmissão de valores circulantes nos anos 1950.

A última versão conhecida em filme de longa-metragem de *Alice no País das Maravilhas* foi lançada em 2010, produzida por Tim Burton. A obra dialoga claramente respondendo ao desenho animado da Disney, por meio da negação daquele mundo brilhante e colorido inventado para os anos 50. O filme de 2010 opõe-se a ele, refutando-o, pois, ao contrário do desenho animado, o filme é escuro com toques góticos e as personagens apresentam-se pálidas e um pouco taciturnas. Estamos no início do século XX, período marcado por problemas de ordens várias: desde a ameaça causada pelo aquecimento global, passando por guerras e pandemias, até o crescimento da intolerância religiosa, racial etc. As imagens do filme dialogam não somente com este triste momento histórico de início de século, mas também com a obra literária do século XIX, retomando e reformulando a ideia de escape da realidade por meio de uma fantasia um pouco macabra.

Em resumo, segundo Bakhtin/Volóchinov (2010, p. 128), uma obra artística não somente interage com outras obras artísticas em diversos tempos e lugares, mas também estabelece diálogo entre diferentes épocas. Ao tratarem especificamente da obra literária, os autores afirmam que “o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.”. Não somente o discurso escrito pode ser pensado dessa forma, mas também o discurso visual, musical, ou qualquer outra forma de produção artística, científica, filosófica etc. Segundo ainda os autores, “pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face

a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2010, p 125).

Da interação verbal à interação discursiva e seus desdobramentos

A obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* chegou ao Brasil em tradução para a língua portuguesa com base na tradução francesa do texto original em língua russa. Até bem pouco tempo atrás, especificamente até 2017, este texto traduzido do francês manteve-se como a principal fonte de consulta em língua portuguesa do Brasil entre os pesquisadores da área. De acordo com Grillo (2017, p. 7), “a primeira tradução brasileira do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (...), hoje em sua 13ª edição, foi realizada em 1979 a partir do francês com consultas à tradução americana e ao original russo”. Segundo Grillo (2017, p. 7), acerca da edição do *Marxismo e Filosofia da Linguagem* anterior a 2017,

Apesar de provavelmente ser a obra mais conhecida e citada no Círculo de Bakhtin entre linguistas brasileiros, ela foi vertida principalmente do francês; esse fato motivou a decisão de traduzir o texto diretamente da primeira edição russa de 1929, com correções e pequenos acréscimos observados na segunda edição de 1930 [...].

Em 2017, foi publicada a primeira edição da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* com tradução diretamente da língua russa e, apesar das duas versões terem muitas semelhanças, o texto de 2017 é ligeiramente diferente em relação à edição brasileira anterior, principalmente, no que diz respeito a algumas escolhas lexicais. Isso se deu em decorrência da evolução na recepção do pensamento do Círculo de Bakhtin no Brasil desde final dos anos 1970, quando a obra foi publicada pela primeira vez em sua primeira versão, até os dias atuais. A nova tradução de 2017 foi feita com base em “fontes primárias obtidas, durante o segundo semestre de 2013, por meio de fotocópias de originais na Biblioteca Estadual Russa em Moscou”. E, de outro lado, porque foi fruto de um profundo trabalho de pesquisa com critérios de seleção de fontes claramente explicitados, isto é, as

tradutoras buscaram, “primeiramente, autores centrais para a compreensão do método sociológico desenvolvido em Marxismo e filosofia da linguagem [MFL], tanto pela influência quanto pela interlocução polêmica; e, em segundo lugar, atores e escolas ligados à linguística e à filosofia da linguagem (GRILLO, 2018, p. 8-9)”.

Interessa-nos nesta discussão a alteração do título do capítulo de que estamos tratando, pois na obra anterior à publicação da tradução direta do russo, o capítulo da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* a que este texto se refere, intitula-se *Capítulo 6. Interação Verbal* e situa-se na *Segunda Parte*, do livro intitulada *Para uma Filosofia Marxista da Linguagem*, entre as páginas 114 a 132. A obra de tradução a partir do francês apresenta dois autores: Mikhail Bakhtin, autor principal; e Valentin Volóchinov, autor que aparece citado entre parênteses com acento agudo no [i], considerado por muito tempo apenas um dos participantes do círculo cujo nome havia sido emprestado para a publicação da obra de autoria de Mikhail Bakhtin.

Na obra de 2017, o capítulo de que estamos tratando situa-se *na Parte II – Os caminhos da filosofia da linguagem marxista*, intitulado, 3. *Interação discursiva*, entre as páginas 201 a 226. A dúvida acerca da autoria da obra original foi finalmente dirimida e a tradução de 2017 foi atribuída unicamente a Valentin Volóchinov, escrito com acento agudo no [o].

Em decorrência da importância do capítulo no todo da obra e da tradição de utilização do texto anterior a 2017, houve a necessidade por parte das tradutoras da nova edição da obra de fazer uma nota de rodapé no capítulo em questão, *Interação discursiva*, com a seguinte explicação. Segundo Grillo e Volkóva (2017, p. 201):

Optamos por traduzir a expressão russa *rietchevóie vzaimodiéistvie* por “interação discursiva” uma vez que se trata do uso concreto da língua em uma situação social mais próxima e em meio social mais amplo, resultando no enunciado. Além disso, o adjetivo *retchvói* (“discursivo” ou “discurso”) é o mesmo que aparece no título do famoso texto de Bakhtin *Os gêneros do discurso* (ed. bras: Mikhail Bakhtin, *Os gêneros do discurso*, tradução de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, 2016). (N. das T.)

A mudança para interação discursiva traz outras novas nuances de sentido para o termo, pois amplia o escopo em que o processo interacional ocorre para além do verbal, expandindo-se, segundo Volóchinov (2017) para todo e qualquer tipo de expressão material organizada, isto é, fixa-se no “material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som musical etc.” (p. 212). O sentido de discursivo amplia o escopo de entendimento dos processos interacionais, o que permite também ampliar o sentido de enunciado, condicionado pela “situação social mais próxima” (p. 212).

E qual é o sentido de enunciado, então? A noção de enunciado passa a ter um valor fundamental dentro dos processos de interação discursiva. Além da situação social imediata ou próxima em que o enunciado é produzido, há também um interlocutor. Não existe enunciado sem a orientação concreta para um interlocutor. Segundo Volóchinov (2017, p. 205):

A palavra é orientada para um interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação [locutor] (...), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, mãe, marido etc.).

Assim como não pode haver um interlocutor abstrato, também não pode haver um locutor abstrato. Volóchinov (2017, p. 206) questiona acerca do locutor concreto com a pergunta: “Mas quem seria o falante?”. A isso podemos responder que o falante, locutor, é aquele que, tomando momentaneamente a posse da palavra para si, orienta sua fala para seu interlocutor, em busca de resposta. Volóchinov (2017, p. 205) argumenta que

[...] a importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte.

De acordo com Volóchinov (2017, p. 205) isso quer dizer que existe uma “ponte que liga o eu ao outro” (p. 205); que liga locutor e

interlocutor. Esta ponte pode ser definida como a palavra. No momento da interação, a palavra pertence ao locutor, que assume a autoria e a responsabilidade do que diz, porém esse pertencimento é momentâneo, já que o locutor sempre espera uma resposta. No instante seguinte ao direcionamento da palavra ao interlocutor, esse mesmo interlocutor toma a palavra para si e, em resposta ao locutor inicial e assumindo a autoria do que diz, direciona suas próprias palavras-respostas para um interlocutor (que pode ser inclusive o falante inicial). A interação discursiva é um eterno jogo de orientações, direcionamentos, autorias e responsabilidades em relação às palavras, primeiramente, alheias e, posteriormente, assumidas por um falante de uma língua.

Com base nesta noção e já sabendo que o material ideológico se expande para outras formas organização, podemos agora entender melhor o sentido de enunciado. Segundo Volóchinov (2017), o enunciado “apoia uma das extremidades em mim e outra no interlocutor” (p. 205), (...), sendo, pois, o “território comum” (205) entre locutor e interlocutor. Toda e qualquer ação socialmente situada, que envolve um locutor qualquer, um interlocutor e um contexto concreto por onde circulam valores sociais é um enunciado concreto. Isto quer dizer que um livro é um enunciado concreto, uma pintura também, uma obra musical, etc., pois todas essas manifestações produzem sentidos de alguém para alguém em determinado momento histórico.

A pergunta que fica é: se todas as formas de produção de sentidos são enunciados, já que envolvem sempre e, pelo menos, dois participantes em estado de interação em que alguém produz esse enunciado para outro alguém em um contexto social concreto de valores, então como um pesquisador pode constituir um *corpus* de pesquisa? Somente um observador distanciado da situação pode ter uma noção clara do enunciado. Por exemplo, um pesquisador situado no exterior em relação a seu objeto de observação consegue identificar quem são o locutor e o interlocutor, dentro do contexto de produção de sentidos. Se o objeto de pesquisa for uma obra de

arte, por exemplo, uma pintura, o pesquisador no recorte de seu objeto de pesquisa, enunciado artístico concreto, deve olhar as condições de produção, de circulação e de recepção da obra artística. Isto é, deve investigar acerca de quem produziu o quadro; deve também investigar que condições históricas e sociais influenciaram a produção da obra; deve saber também a quem a obra direcionava-se no momento de sua produção.

A esse conjunto de condições que permitem ao pesquisador reconstituir enunciados dá-se o nome de esfera ou campo de produção de conhecimentos. A noção de esfera é de extrema relevância quando nos referimos aos processos de interação discursiva, porque cada esfera se constitui de formas de produção, de circulação e de recepção de um enunciado concreto. É muito importante termos em mente que essa condição do pesquisador em relação a seu objeto nunca é a mesma para dois pesquisadores. A singularidade de cada um de nós no mundo nos permite ver o mesmo objeto de diferentes ângulos. Em outras palavras, um mesmo objeto, observado por dois sujeitos em lugares e/ou tempos distintos produz resultados diferentes, pois as experiências de vida, os conhecimentos, o modo de olhar o acontecimento observado varia de sujeito para sujeito.

Bakhtin (2006, p. 21) denomina esse movimento de afastamento do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa de “excedente de visão estética”, ou como é denominado por alguns pesquisadores da área: condição exotópica do sujeito. Nas palavras do autor,

Esse excedente de minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim.

Podemos resumir essa discussão da seguinte forma: um enunciado concreto somente é percebido como tal por alguém posicionado fora da esfera de produção, circulação e recepção do acontecimento discursivo de qualquer ordem. Esse alguém, um

observador ou pesquisador, situado a uma certa distância do evento comunicativo (diálogo, obra literária, pintura etc.) deve reconstituir a esfera de produção, circulação e recepção desse enunciado para poder, finalmente, obter um ponto de vista situado acerca do acontecimento. Dizemos situado porque, como a citação anterior nos informa, o excedente de visão pertence unicamente ao pesquisador que reconstruiu a esfera. A singularidade do posicionamento do pesquisador em relação a seu objeto dá a esse pesquisador uma visão única do objeto.

O eixo espaço-tempo tem grande importância na reconstrução da esfera de produção, circulação e recepção do enunciado concreto, pois o instante do posicionamento do pesquisador em relação a seu objeto de pesquisa é único. Imaginemos um fotógrafo situado em uma praia fotografando o mar a sua frente. O mar movimentava-se constante e continuamente, o que implica dizer que em nem um segundo o mar apresenta-se igualmente ao segundo anterior. O fotógrafo, então, posicionado em seu lugar único na praia, tem um ângulo de visão único e diferente de outro sujeito posicionado em outro lugar na praia que tira uma foto daquele mar. O celular do fotógrafo está marcando que são 7 horas 32 minutos e 21 segundos da manhã de sábado, dia 25 de agosto de 2021.

É correto afirmar que, se o fotógrafo tirar uma nova fotografia às 7 horas e 33 minutos do mesmo lugar em que estava anteriormente e virado para o mesmo mar, a imagem será a mesma da foto anterior? A resposta a esta pergunta é não. O mar movimentou-se nos segundos que se passaram entre uma foto e outra. As imagens podem ser muito parecidas, mas não serão as mesmas, pois haverá nuances de variações entre a primeira imagem e a segunda. Isso ocorre porque o eixo espaço-tempo está em contínuo e interminável movimento. O mesmo acontece com o enunciado retirado de um processo de interação como objeto de análise.

O pesquisador situado em outro tempo e outro espaço de onde observa seu objeto necessita reconstituir a esfera de produção, circulação e recepção desse enunciado para poder ter pistas a respeito

do momento histórico do acontecimento da interação. Seu objeto de observação e análise deixa de ser apenas um dado perdido no tempo e no espaço, pois ganha identidade (quem disse, o que disse, para quem disse e quando disse). Ao mesmo tempo, no instante que o observador institui seu objeto, reconstituindo a esfera de produção, circulação e recepção do enunciado, ele próprio institui um novo processo de interação entre ele próprio e seu objeto. Podemos dizer que esse objeto de análise se torna um locutor em relação ao pesquisador, cuja resposta demandada é o processo de pesquisa.

Volóchinov (2017, p. 220) oferece em seu texto uma possível sequência de tratamento do objeto de pesquisa na reconstrução da interação por parte do pesquisador. Em primeiro lugar, devemos olhar as “formas e tipos de interação discursiva em sua relação com suas condições concretas”, isto é, devemos recuperar a esfera de produção, circulação e recepção do enunciado. Se o enunciado em foco for uma pintura, o pesquisador deve levantar o momento histórico em que a pintura ocorreu, estudar as correntes artísticas em circulação na época, estudar as características do pintor em relação ao contexto histórico-artístico do momento e verificar a quem a obra de arte se destinou.

Em segundo lugar, devemos levantar as “formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte”. Dito de outro modo, dentro da esfera onde a interação discursiva ocorreu, o pesquisador deve levantar os enunciados que constituem seu objeto de observação. O pesquisador pode querer estabelecer como seu objeto de pesquisa uma obra somente ou um conjunto de obras do mesmo artista ou de artistas diferentes. É importante notar que quem estipula e faz o recorte de seu objeto é o próprio pesquisador, que, como o fotógrafo do exemplo dado anteriormente, está posicionado em seu tempo e espaço.

Por fim, devemos fazer a “revisão das formas”, observando as estruturas que compõem o enunciado. Seguindo nosso exemplo, no enunciado concreto pintura, o pesquisador deve levantar a

composição e a qualidade das tintas, o uso das cores, as características da pincelada do artista etc.

A interação verbal em suas várias formas

Para uma discussão aprofundada acerca dos processos de interação verbal ocorridos com o pesquisador em condição exotópica na reconstrução de seu objeto de pesquisa, sugerimos a leitura de:

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro** – Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editorial, 2001.

Nessa obra, Marília Amorim parte de uma reflexão pessoal acerca de seu próprio processo de pesquisa, chamando nossa atenção para a importância do posicionamento exotópico do pesquisador em relação a seu objeto. Para a autora, o pesquisador deve interagir discursivamente com seu objeto de pesquisa, pois “o objeto que está sendo tratado num texto de pesquisa é ao mesmo tempo objeto *já falado*, objeto *a ser falado* e objeto *falante*” (AMORIM, 2001, p. 19). A pesquisadora nos ensina a olhar o objeto de pesquisa de forma dialógica, ou seja, o objeto de pesquisa não é visto como algo estático e isolado, mas como um locutor em estado constante de interação com sua época, os pesquisadores etc. O papel do pesquisador é, então, entrar em interação com esse objeto falante. Em outras palavras, o pesquisador torna-se interlocutor do objeto de pesquisa, que, por sua vez, torna-se o outro do pesquisador: “o *outro* aqui é o interlocutor do pesquisador. Aquele *a quem* ele se dirige em situação de campo e *de quem* ele fala em seu texto” (AMORIM, 2001, p. 22).

A obra da autora possui três partes, além da introdução, intitulada de *Bakhtin, instaurador da discursividade*, em que autora apresenta três vieses contemporâneos do fazer pesquisa, são eles: “1) a ênfase é posta no campo, na ação e há um menosprezo mais ou menos explícito em relação à teoria e ao conceito; 2) a ênfase é posta na proximidade com o outro, na identificação, na empatia e na

naturalidade do encontro; 3) a ênfase é posta na experiência do pesquisado, sua vivência, sua pessoa” (AMORIM, 2001, p. 17). Com base nessa discussão inicial acerca das formas de pesquisa atuais, a autora parte para uma reflexão teórica “sobre a possibilidade e a impossibilidade do diálogo e do encontro com o outro no contexto da pesquisa” (AMORIM, 2001, p. 19) considerando o conceito de alteridade. Em outras palavras, a autora discute e nos faz refletir acerca de maneiras em que o pesquisador pode entrar em processo de interação com seu objeto. Passa, posteriormente, por uma discussão acerca da importância do texto nas ciências humanas, levantando alguns aspectos teóricos na observação do objeto de pesquisa, por exemplo, o ponto de vista acerca do gênero científico. O livro termina com dois exercícios de análise em que a autora não somente aplica as categorias levantadas no capítulo anterior, mas também as expande por meio de outros conceitos trazidos de Bakhtin e o Círculo, como as vozes em interação verbal no texto científico e as noções de monologismo e exotopia.

Uma obra publicada em 2019 que pode lançar mais luzes acerca de conceitos envolvidos na interação verbal intitula-se:

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia** – Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

O texto que dá o título à obra discute a relação entre obra literária e a vida e afirma que as duas coisas se encontram em constante estado de interação. Considera o autor que “a arte é imanentemente social” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 113) e, para tanto, busca subsídio teórico-metodológico para a observação da obra literária do ponto de vista de sua interação com a sociedade “no discurso do cotidiano comum” (p. 117). Propõe a observação das interações verbais ocorridas na vida cotidiana.

O autor propõe então uma expansão da noção de diálogo, incluindo, além das noções de locutor e de interlocutor, um terceiro participante no processo de interação verbal, identificado por

Volóchinov (2019, p. 125) como “personagem”. O terceiro participante constitui-se dos valores sociais presentes nos enunciados produzidos em interações verbais. As variações de tons que damos aos nossos enunciados verbais, as diferentes pinceladas que um pintor dá em sua tela, são entonações expressivas presentes no enunciado que orientam a interação para além a relação entre locutor e interlocutor. Essas entonações atribuem uma outra camada de sentido ao enunciado, direcionando o enunciado para valores sociais circulantes e comuns entre os participantes diretos da interação.

O locutor do enunciado verbal, o autor de uma obra artística, pode querer apoio de seu interlocutor na orientação de seu discurso para uma crítica social, para um momento histórico etc. Nesse momento, a resposta do interlocutor direto pode ser de comprometimento, aceitação etc., mas a resposta visada da sociedade, terceiro participante, para quem o discurso do locutor foi efetivamente direcionado, pode ser de rejeição, recusa etc. Ao refletir acerca da entonação crítica de uma palavra utilizada em meio a uma situação envolvendo dois participantes em interação verbal, o autor faz a seguinte pergunta: “A quem é dirigida essa crítica? Obviamente, não ao interlocutor, mas ao um outro: essa direção do movimento entonacional amplia a situação de forma clara, dando lugar ao *terceiro participante*” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 125).

Além desse importantíssimo texto, produzido no ano de 1926, a obra ainda contém outros escritos do autor, dentre eles, encontramos artigos produzidos por Volóchinov durante sua vida acadêmica, dentre eles um ensaio do autor intitulado *As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente* (1928), que lança as bases para a publicação da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* um ano mais tarde. A obra traz também um ensaio introdutório das tradutoras acerca do material coletado nos arquivos da “Biblioteca da Academia de Ciências de São Petersburgo entre março e junho de 2016” (GRILLO; AMÉRICO, 2019, p. 7).

Não podemos discutir os conceitos relacionados à interação verbal sem apresentarmos uma das obras de Bakhtin e o Círculo

mais lidas e utilizadas no Brasil em várias áreas desde aquelas relacionadas à linguagem, passando pela educação e chegando até mesmo nas ciências exatas.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

A obra em questão traz uma tradução atualizada do texto *Os gêneros do discurso*, que nos ajuda a entender melhor os processos constitutivos relacionados à interação verbal, incluindo-se aí definições bastante precisas de locutor, interlocutor e comunicação discursiva. Além disso, o texto traz ainda a noção de gêneros do discurso e seus três vieses: tema, estilo e forma composicional, todos relacionados aos processos de interação verbal, entendidos como um evento discursivo em que respostas são suscitadas em decorrência de demandas discursivas advindas de várias direções. Locutor e interlocutor se tornam respondentes ativos de correntes históricas, ideológicas e sociais. Segundo Bakhtin (2016, p. 60):

Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites do enunciado, como a mônada de Leibnitz, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia.

O texto traz ainda uma reflexão muito interessante acerca do que denomina de assimilação ativa e criativa da palavra do outro pelo sujeito em constante estado de interação verbal. Para Bakhtin (2016), o sujeito não cria novas palavras, mas retira-as de enunciados outros decorrentes das interações verbais de que participa. Assim, “o falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos (...) ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias etc.” (p. 61). Bakhtin (2016, p. 53) resume esse ponto de vista da seguinte forma:

Por isso pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada na minha expressão.

Além do texto acerca dos gêneros do discurso, a obra traz ainda um ensaio acerca do texto nas ciências humanas, dois textos inéditos no Brasil até então, intitulados de Diálogo I – A questão do discurso dialógico e Diálogo II. A obra encerra com um ensaio do próprio tradutor acerca dos textos traduzidos.

Para tratar de outros processos de interação verbal, mais especificamente da possibilidade do “contato vivo entre corpos em um mesmo espaço” (BRAIT; GONÇALVES, 2021, p. 12), sugerimos a leitura da obra:

BRAIT, Beth; GONÇALVES, Jean Carlos. (Orgs.) **Bakhtin e as artes do corpo**. São Paulo: Hucitec, 2021.

Essa obra “tem como objetivo fazer refletir sobre as contribuições, noções e reverberações que possam alargar os horizontes de compreensão das Artes do Corpo e seus elementos discursivos na contemporaneidade” (BRAIT; GONÇALVES, 2021, p. 11). Além da apresentação, referências e de uma nota acerca dos participantes, a obra se compõe de cinco capítulos principais. O capítulo intitulado de *Corpos espelhados nas dobras da arte e da vida: A desumanização*, Beth Brait e Jean Carlos Gonçalves tratam de questões relativas à interação que ocorre entre corpos: “visibilidade / invisibilidade; presença / ausência, identidades / alteridades do corpo, em diferentes linguagens” (p. 16).

No capítulo seguinte, *Por uma filosofia do corpo em movimento*, Dick McCaw propõe-se a “entender a originalidade e as possibilidades da filosofia inicial de Bakhtin ao fazê-lo dialogar com uma variedade de pensadores contemporâneos” (p. 57-8). O capítulo seguinte, *O professor e seu Outro e seu corpo – fragmentos de uma experiência no ensino*

universitário, discute o “ensino como atividade discursiva e, como tal, analisável na perspectiva bakhtiniana e do Círculo em diálogo com outros autores da filosofia da linguagem” (p. 83).

O capítulo intitulado *Corpo grotesco: ressonâncias em ritmo de Bach* pretende “entender a tradução intersemiótica do corpo grotesco em seus movimentos ressonantes de luz e gíngua conduzidos pelo ritmo de Bach” (p. 126) em um espetáculo de dança. O último capítulo, *Tradução e interpretação: um ensaio sobre libras, corpo e arte*, objetiva refletir “sobre a tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em contextos artísticos culturais e sua relação com o corpo, arte e dialogismo” (p. 147). Para tanto, as autoras partem do pressuposto de que “o corpo é suporte da língua” (p. 147).

Essas obras e autores dão vieses outros à teoria de Bakhtin e o Círculo, principalmente no que se refere aos modos de interação. São documentos imprescindíveis para quem quer aprofundar seus conhecimentos em conceitos tão relevantes para as ciências humanas.

Referências

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editorial, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLÓCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 14. ed. Trad.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. Tradução do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth; GONÇALVES, Jean Carlos. (Orgs.). **Bakhtin e as artes do corpo**. São Paulo: Hucitec, 2021.

CAROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Tradução de Célia Regina Ramos. São Paulo: Editora Arara Azul, 2002.

GRILLO, Sheila. **Marxismo e filosofia da linguagem**: uma resposta à ciência da linguagem no século XIX e início do XX. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia** – Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

A INTERAÇÃO VERBAL: APORTES NA LÍNGUA(GEM)

Nair Ferreira Gurgel do Amaral

O que “Marxismo e filosofia da linguagem” diz sobre o tema

No Capítulo 6, *A Interação Verbal*, Volóchinov (1988), primeiramente, retoma os temas abordados nos Capítulos 4 e 5, respectivamente: *Das Orientações do Pensamento Filosófico-Linguístico e Língua, Fala e Enunciação*, escritos na Segunda Parte do livro e intitulados: *Para uma Filosofia Marxista da Linguagem*, como reflexões e orientações a respeito da Interação Verbal.

O autor inicia o capítulo com as orientações do pensamento filosófico-linguístico: o *objetivismo abstrato*, ligado ao Racionalismo e ao Neoclassicismo e, centra suas críticas no *subjetivismo individualista*, ligado ao Romantismo.

Lembra o autor que o Romantismo foi “uma reação contra a última reincidência do poder cultural da palavra estrangeira: as épocas do Renascimento e do Classicismo” (VOLÓCHINOV, 1988, p. 110) e que os “românticos foram os primeiros filólogos da língua materna que tentaram reorganizar a reflexão linguística sobre a base da atividade mental em língua materna, considerada como meio de desenvolvimento da consciência e do pensamento”, introduzindo novas categorias e dando à primeira orientação suas características específicas.

O subjetivismo individualista, por apoiar-se na enunciação monológica, o faz do ponto de vista da pessoa que fala e não do ponto de vista do filólogo que, segundo o autor, é de compreensão passiva. Sendo assim, é um ato individual, uma expressão da consciência, dos desejos, das intenções e dos impulsos.

Temos aí um problema: a palavra “expressão” enquanto categoria engloba o ato de fala, ou seja, a enunciação. Dessa forma, expressão é: “tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores”. (p. 111) Como a expressão comporta duas faces: a interior e a exterior, sendo que a interior é o conteúdo e a exterior representa sua objetivação para outrem ou para si mesmo, “todo o ato expressivo move-se entre elas” (p. 111).

É por isso que se fala em dualismo entre o que é interior e o que é exterior, já que toda expressão procede do interior para o exterior. Tudo isso para explicar que a teoria do subjetivismo individualista, como todas as teorias da expressão, só se pôde desenvolver sobre um terreno idealista e espiritualista, uma vez que a mesma rejeita a expressão por considerá-la “uma deformação da pureza do pensamento interior” (p. 111). Ou seja, o autor rejeita a teoria e cita Tiutchev em nota de rodapé: “O pensamento expresso pela palavra é uma mentira”. E mais: “A teoria da expressão que serve de fundamento à primeira orientação do pensamento filosófico-linguístico é radicalmente falsa” (p. 112).

Para o autor, não existe atividade mental sem expressão semiótica “[...] não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (p. 112).

Nesse ponto, Volóchinov introduz o conceito de enunciação: “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (p. 112).

Ressaltando a importância da palavra em relação ao interlocutor, o autor diz que:

[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de

expressão a um em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (VOLÓCHINOV, 1988, p. 113).

O locutor é, portanto, o dono da palavra, sua propriedade, mesmo que ela não lhe pertença totalmente. Isso acontece porque a palavra situa-se em uma zona fronteira e o ato fisiológico de materialização da palavra impede a propriedade da mesma, já que a realização da palavra enquanto signo é determinada pelas relações sociais. Enunciação e locutor são dois conceitos que se completam uma vez que a inter-relação social só acontece por meio da enunciação. “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (p. 113).

Para explicar a forma e o estilo da enunciação, Volóchinov reforça a ideia da situação e dos participantes mais imediatos. Para ele, “o grau de consciência, de clareza, de acabamento da atividade mental é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social” (p. 114). Como exemplo, o autor utiliza o tema “fome”, explicando que “a tomada de consciência do tema pode dispensar uma expressão exterior mas não dispensa uma **expressão ideológica**” (p. 114). Acontece que o discurso, a entoação e até o estilo vêm da tomada de consciência. Assim, a fome ao ser tomada como consciência interior pode ser acompanhada de raiva, lamento ou indignação. No entanto, se for tomada como expressão exterior, apenas prolonga e esclarece a orientação tomada pelo discurso interior. Não esqueçamos que toda criação e organização da expressão estão no interior e que o exterior é apenas o material passivo do que está no interior, ou como diz o autor: “... a expressão se constrói no interior; sua exteriorização não é senão a sua tradução” (p. 112).

Ainda em relação à fome, Volóchinov (1988) reforça o fato de que a sensação interior a respeito da fome “depende ao mesmo tempo da situação imediata em que se situa a percepção, e da situação social da pessoa faminta, em geral” (p. 114). De tal forma

que o contexto social determinará os ouvintes possíveis. Porém, é preciso saber que existem graus de consciência e que “sem uma orientação social de caráter apreciativo não há atividade mental” (p. 114). Essas considerações foram apresentadas a fim de que pudéssemos entender os dois polos da atividade mental: o *eu* e o *nós*. São os limites dentro dos quais se realiza a tomada de consciência e a elaboração ideológica.

Vejam os que nos diz o autor a respeito da atividade mental do *eu* e da atividade mental do *nós*:

Na verdade, a atividade mental do *eu* tende para a auto-eliminação; à medida que se aproxima do seu limite, perde a sua modelagem ideológica e conseqüentemente seu grau de consciência, aproximando-se assim da reação fisiológica do animal. [...] Atividades mentais isoladas, ou mesmo seqüências inteiras podem tender para o polo do eu, prejudicando assim sua clareza e sua modelagem ideológica, e dando provas de que a consciência foi incapaz de enraizar-se socialmente.

A atividade mental do *nós* não é uma atividade de caráter primitivo, gregário: é uma atividade diferenciada. [...] Quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior (VOLÓCHINOV, 1988, p. 115).

Às atividades mentais acima descritas, o autor ainda propõe diferentes graus e tipos de modelagem ideológica para a atividade mental do *nós*. Como exemplo, mostra que se um homem faminto toma consciência de sua fome no meio de uma multidão também faminta, como os mendigos, sua atividade mental pode ser de resignação, vergonha e sentimento de dependência. Conseqüentemente, as formas ideológicas correspondentes serão, “conforme o caso, ou o protesto individualista do mendigo, ou a resignação mística do penitente” (p. 115). No entanto, se o faminto pertencer a uma coletividade onde a fome é uma realidade coletiva (não é obra do acaso), mas não existe vínculo material sólido entre os famintos, ou seja, cada um passa fome isoladamente, (o autor fala dos camponeses e eu pensei nos ribeirinhos isolados no interior da Amazônia e nos inúmeros sem teto e sem terras), a coletividade sente a fome, mas como não estão ligados por uma economia

comum, cada um suporta a fome “no mundo fechado de sua própria exploração” (p. 116). Sentirão a consciência da fome como resignação, porém desprovida de vergonha ou humilhação. É como se cada um dissesse: “Já que todos sofrem em silêncio, eu também o farei”. É o fatalismo e a resignação na adversidade.

Continuando com as atividades mentais e ideológicas do *nós*, o autor acrescenta que a fome será vista/experimentada por

[...] membros de uma coletividade unida por vínculos materiais objetivos (batalhão de soldados, operários reunidos no interior da usina, trabalhadores numa grande propriedade agrícola de tipo capitalista, enfim toda uma classe social desde que nela tenha amadurecido a noção de “classe para si”). Nesse caso, dominarão na atividade mental as tonalidades do protesto ativo e seguro de si mesmo (VOLÓCHINOV, 1988, p. 116).

Para esse grupo, não há resignação e submissão. Podemos encontrar, então, “o terreno mais favorável para um desenvolvimento nítido e ideologicamente bem formado da atividade mental” (p. 116).

Todos os casos citados mostram que a situação social é que determina o modelo e a enunciação mais propícia para expressar a fome.

Volóchinov (1988) destaca, ainda, a necessidade de classificação especial para a *atividade mental para si*, afirmando que ela “distingue-se claramente da atividade mental do *eu*” (p. 116). Isso porque, segundo o autor, “o individualismo é uma forma ideológica particular da atividade mental do *nós* da classe burguesa (encontra-se um tipo análogo na classe feudal aristocrática). A atividade mental de tipo individualista caracteriza-se por uma orientação social sólida e afirmada” (p. 118).

Por tratar-se de uma explicitação ideológica “do meu *status* social”, a confiança individualista não vem do interior e, sim, do exterior. A consciência do valor próprio vem, portanto, do mais profundo da personalidade, de onde se tira a defesa pela “minha posição econômica e individual”. Essa variante é característica da

intelligentsia ocidental contemporânea, diz o autor e, dessa forma, alimenta o orgulho por essa posição.

No entanto, a personalidade que se exprime “do interior”, é um produto da inter-relação social. Conclui-se daí que todo o itinerário que leva o “conteúdo a exprimir” à “enunciação” situa-se em território social. Logo, “*fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção*” (p. 117-18).

Para a totalidade da atividade mental e da expressão que a ela se liga o autor dá o nome de *ideologia do cotidiano* com a finalidade de diferenciá-la dos “sistemas ideológicos constituídos como a arte, a moral, o direito, etc.” (p. 118).

Tratando, agora, da ideologia do cotidiano, Volóchinov (1988) define que

A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência. Considerando a natureza sociológica da estrutura da expressão e da atividade mental, podemos dizer que a ideologia do cotidiano corresponde, no essencial, àquilo que se designa, na literatura marxista, sob o nome de “psicologia social” (p. 118-19).

Interessa ao autor apenas o conteúdo do psiquismo e ele é “totalmente ideológico”, pois é determinado por fatores sociológicos e não orgânicos. Os sistemas ideológicos são constituídos pela moral social, pela ciência, pela arte e pela religião e cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, definindo a ideologia presente. No entanto, o autor pondera que há necessidade de uma avaliação crítica viva que atue na língua da ideologia do cotidiano. Para isso, a compara com uma obra literária acabada, enfatizando que a mesma estabelece vínculo com o conteúdo da consciência dos indivíduos e só assim ela “é apreendida no contexto dessa consciência que lhe é contemporânea” (p. 118). Ao ser interpretada, a obra recebe da consciência dos receptores “uma nova luz”, a prova de vida de uma obra literária. Se a obra consegue sobreviver a cada época, estabelecendo contatos com a ideologia cambiante do

cotidiano, ela é capaz de viver nesta época, dentro de um grupo social determinado.

Com esse exemplo, Volóchinov mostra o verdadeiro papel de uma obra de arte: sua imortalidade, universalidade e atualidade. Sem isso, a obra deixa de existir, “pois deixa de ser apreendida como ideologicamente significante” (p. 119). Da mesma forma, acontece com a ideologia do cotidiano que precisa passar por uma avaliação crítica a cada época. Isso a colocará como capaz de viver em um grupo social determinado.

Além das considerações acima, o autor considera relevante os vários níveis da ideologia do cotidiano que são determinados pela escala social (que mede a atividade mental e a expressão) e pelas “forças sociais em relação às quais eles devem diretamente orientar-se” (p. 119). Inicia pontuando que “o pequeno mundo da atividade mental pode ser limitado e confuso, sua orientação social pode ser acidental, pouco durável e pertinente apenas no quadro da reunião fortuita e por tempo limitado de algumas pessoas” (p. 120). Essa atividade mental fortuita permanece isolada da vida espiritual dos indivíduos, não sendo capaz de consolidar-se e de encontrar uma expressão completa e diferenciada. Na escrita e mais ainda na forma impressa, fica impossível a fixação dessa atividade mental, portanto, sem chance de força no plano social. Este é o nível inferior da atividade mental, pois muda com rapidez na ideologia do cotidiano. Estão inclusos os pensamentos confusos e as palavras fortuitas ou inúteis, além de serem privados de lógica e unicidade. Para o autor, “comparáveis a romances sem heróis ou representações sem espectadores” (p. 120).

Já os níveis superiores da ideologia do cotidiano “são substanciais e têm um caráter de responsabilidade e de criatividade. São mais móveis e sensíveis que as ideologias constituídas” (p. 120). Além disso, repercutem as mudanças da infraestrutura socioeconômica mais rapidamente, acumulando energias criadoras para as revisões dos sistemas ideológicos.

As instituições ideológicas como a imprensa, a literatura, a ciência são novas correntes da ideologia do cotidiano e, mesmo sendo revolucionárias, “submetem-se à influência dos sistemas ideológicos e assimilam parcialmente as formas, práticas e abordagens ideológicas neles acumulados” (p. 121). Dessa forma, a “individualidade criadora” nada mais é do que “a expressão do núcleo central sólido e durável da orientação social do indivíduo” (p. 121) como, por exemplo: as entoações, as palavras e todos os movimentos interiores que adquiriram o “lustró social”, ou seja, passaram pelo polimento, pela rejeição ou apoio do auditório social.

A teoria da expressão que subjaz ao subjetivismo individualista, dessa forma, não deve ser aceita porque a enunciação não é interior e, sim, exterior – vem do meio social em que o sujeito vive. Para o autor, “só o grito inarticulado de um animal procede do interior”, pois é uma reação fisiológica e não ideológica. Já a enunciação humana é organizada fora do indivíduo, no meio social, por isso é uma interação social.

O autor informa também que a “parole” ou a enunciação individual não é um fato individual como afirmava a teoria do objetivismo abstrato, pois não serve à análise sociológica e nem geram um produto social. No entanto, Volóchinov pondera que “o subjetivismo individualista tem razão em sustentar que as enunciações isoladas constituem a substância real da língua e que a elas está reservada a função criativa da língua” (p. 122). Porém, o mesmo subjetivismo individualista erra ao ignorar a natureza social da enunciação e o autor diz que “cada elo dessa cadeia é social, assim como toda a dinâmica da sua evolução” (p. 122). Assim como tem razão ao afirmar o não isolamento da forma linguística do seu conteúdo ideológico, já que “toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica” (p. 122), mas erra ao afirmar que o conteúdo ideológico pode ser deduzido das condições do psiquismo individual.

Por fim, o autor ainda aponta outro erro do subjetivismo individualista: assim como o objetivismo abstrato, toma a

enunciação monológica como ponto de partida. Ao citar Otto Dietrich, Volóchinov esclarece que o referido autor “colocou com grande clareza o problema da interação verbal” tomando como ponto de partida a crítica da teoria de enunciação como meio de expressão. “Para ele, a função central da linguagem não é a expressão, mas a *comunicação*” (p. 123), considerando, assim, o papel do ouvinte e, conseqüentemente, o par locutor-ouvinte como condição necessária da linguagem. Porém, critica Volóchinov: “ele partilha essencialmente as premissas psicológicas do subjetivismo individualista” e suas pesquisas são desprovidas de qualquer base sociológica bem definida (p. 123).

Só então o autor informa estar em condições de responder às questões postas no quarto capítulo:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (VOLÓCHINOV, 1988, p. 123).

As questões colocadas no início do quarto capítulo foram as seguintes: No que consiste o objeto da filosofia da linguagem? Onde podemos encontrar tal objeto? Qual é a sua natureza concreta? Que metodologia adotar para estudá-lo? E mais: O que é a linguagem? O que é a palavra?

Na sequência, o autor ressalta a importância do diálogo na interação verbal em toda comunicação, seja ela em voz alta, face a face ou qualquer outro tipo, como, por exemplo, um livro que é objeto de discussão, estudo, comentários, críticas no quadro do discurso interior e nas reações impressas como resenhas e críticas por influenciarem trabalhos posteriores. Assim, o ato de fala em forma de livro “é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores” (p. 123). O discurso escrito será sempre parte integrante de uma discussão

ideológica, pois responderá a alguma coisa, seja para refutar, confirmar, antecipar ou procurar apoio.

Toda e qualquer enunciação representa apenas “uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta” que, por sua vez, constitui “um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um determinado grupo social” (p. 123).

Uma comunicação verbal não pode ser compreendida fora do vínculo com a situação concreta: são diferentes os elos que se estabelecem com os diferentes elementos de uma situação de comunicação artística ou científica. É por causa desse vínculo com a situação que a comunicação verbal vem sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal como os gestos, os atos simbólicos de um ritual, cerimônias e outros. Muitas vezes, a comunicação verbal é apenas o complemento e desempenha papel auxiliar. Resumindo, temos a seguinte tese: “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (p. 124).

Para o estudo da língua, o autor recomenda a ordem metodológica a seguir:

- 1.As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
- 2.As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
- 3.A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (VOLÓCHINOV, 1988, p. 124).

A evolução real da língua se desenvolve, então, na seguinte ordem: as relações sociais evoluem, a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal e o processo de evolução reflete-se na mudança das formas da língua. Assim, as formas de enunciação são importantes por constituírem as unidades

reais da cadeia verbal. A comparação com uma ilha emergindo de um oceano sem limites dá à enunciação o *status* de centralidade do discurso interior onde as dimensões e as formas são determinadas pelo auditório (situação da enunciação) que “obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação” (p. 125).

Exemplificando uma situação de enunciação completa, o autor fala que uma questão, uma exclamação, uma ordem ou um pedido são típicos da vida corrente e exigem um complemento extra verbal e um início não verbal. Chama esses recursos de discursos menores da vida cotidiana que “são modelados pela fricção da palavra contra o meio extra verbal e contra a palavra do outro” (p. 125).

Continua explicando que a forma da ordem é determinada pelos obstáculos que ela pode encontrar, o grau de submissão do receptor, entre outros fatores e que a modelagem das enunciações responde a particularidades das situações da vida corrente. Ainda esclarece que só se pode falar de fórmulas específicas ou estereótipos no discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum. Alguns tipos de fórmulas estereotipadas seriam as conversas fúteis de salão em que todos os participantes são familiares e não criam nenhuma obrigação; a principal diferença seria entre homens e mulheres. Aparecem os subentendidos, as reminiscências, etc. que também ocorre entre marido e mulher, irmão e irmã. Já pessoas estranhas e reunidas por acaso em uma fila constroem e terminam “suas declarações e suas réplicas de maneira completamente diferente” (p. 126). Conclui-se que, toda situação possui um auditório organizado e um repertório, desde que seja inscrita duravelmente nos costumes: serões no campo, nas quermesses, nas conversas de operários na hora do almoço, etc.

A fórmula estereotipada “adapta-se em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição

social do grupo” (p. 126). No entanto, as fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social: festas, lazer, relações em hotéis, em fábricas, etc. Coincidem com o meio, “são por ele delimitadas e determinadas em todos os aspectos”.

Para as formas de comunicação ideológica (declarações políticas, atos políticos, leis, decretos, manifestos) e as formas de enunciações poéticas e tratados científicos diz que já foram objeto de pesquisas em retórica e poética, mas que estiveram divorciadas do problema da linguagem e da comunicação social. Considera que “uma análise fecunda só é possível de uma perspectiva que encare a enunciação individual como um fenômeno puramente sociológico” (p. 126).

Voltando às duas orientações do pensamento filosófico-linguístico para conclusões definitivas, Volóchinov (1988) afirma que o objetivismo abstrato diz que “a língua não é uma coisa (ergon), mas antes uma atividade natural e congênita do homem (energeia)” e proclamava a investigação linguística romântica do século XIX. É diferente do que diz a linguística teórica contemporânea: “a língua não é uma atividade individual (energeia), mas um legado histórico-cultural da humanidade (ergon)” (p. 127).

Volóchinov conclui o capítulo 6 que trata da interação verbal espantado com a parcialidade e apriorismo das orientações do objetivismo abstrato e afirma que é falso e inadmissível reduzir a linguística a apenas uma das suas orientações. Diz, ainda: “No plano da teoria, é preciso refutar tanto a tese quanto a antítese apresentadas por Schor. Com efeito, nem uma nem outra dão conta da verdadeira natureza da língua” (p. 127). O autor refere-se a R. Schor, linguista moscovita que defendeu a segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico – o objetivismo abstrato.

Com as proposições abaixo, Volóchinov formula seu ponto de vista a respeito do tema:

1.A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta* da língua.

2.A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*.

3.As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*.

4.A *criatividade* da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.

5.A *estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*.

Tentamos, aqui, sintetizar o ponto de vista de Volóchinov sobre a interação verbal a partir das cinco proposições feitas por ele.

Somente uma *abstração científica* pode conceber a língua como um sistema estável de formas normativamente idênticas e essa abstração não dá conta da *realidade concreta* da língua, porque ela (a língua) constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*. Além desse fato, as leis da evolução linguística são *sociológicas* e não leis da psicologia individual, embora não possam ser divorciadas da atividade dos falantes.

A evolução da língua é como toda evolução histórica, podendo ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada. Trata-se da *criatividade* da língua que não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Também não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*.

Se a *estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*, a enunciação só é possível entre falantes. O ato de fala individual é, portanto, uma contradição, pois se refere a duas expressões opostas: “ato de fala” e “individual”. Todo ato de fala pressupõe ações

realizadas por um locutor, através de um enunciado, visando intencionalmente obter algo do alocutário. É como se disséssemos: “o livro caiu para cima”, já que o verbo “cair” pressupõe sempre o ato de descer, ir de cima para baixo, ir ao chão; tombar.

Volóchinov (1988) nos mostra, finalmente, que os elementos da Interação Verbal são: a situação social, os participantes imediatos, a enunciação, o signo ideológico manifestado através da palavra (sempre em função do locutor) e o diálogo. Sendo assim, a interação verbal é possível entre sujeitos, por meio de palavras, podendo realizar-se pela fala e/ou pela escrita.

As principais evoluções sofridas no tema e seus idealizadores

Retomemos o que Volóchinov (1988) nos mostrou a respeito dos principais elementos da Interação Verbal: a situação social, os participantes imediatos, a enunciação, o signo ideológico manifestado através da palavra (sempre em função do locutor) e o diálogo. Sendo assim, a interação verbal é possível entre sujeitos, por meio de palavras, podendo realizar-se pela fala e/ou pela escrita.

Para falar a respeito das principais evoluções sofridas no tema iremos retomar aspectos relacionados à interação verbal, tais como: *enunciação e dialogismo*.

Mostraremos como são compreendidos os enunciados e a enunciação em situações de comunicação. Abordaremos a importância da situação social, dos sujeitos, do discurso e do dialogismo, considerando os estudos sobre a concepção interacionista da linguagem em diversas esferas do conhecimento, principalmente nos domínios da Linguística como a Sociolinguística, a Linguística Textual e a Análise do Discurso.

Diz Volóchinov que a enunciação é um produto da interação social, “quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições da vida de uma determinada comunidade linguística” (VOLÓCHINOV, 1988, p. 121).

Acrescentaremos como contribuição ao termo os estudos de José Luiz Fiorin (1999) no livro “As astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo”. No Capítulo 1 – Dos princípios teóricos, o autor aborda dois temas: O Objeto da Linguística e A Enunciação. É neste último que encontramos o aprofundamento do tema já apontando para uma atividade discursiva. O autor inicia citando Benveniste (1974, p. 80): “a enunciação é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”. Em seguida, cita Anscombre e Ducrot (1976, p. 18): “A enunciação será para nós a atividade linguageira exercida por aquele que fala no momento em que fala”. Na sequência, faz críticas aos estudiosos citados, afirmando que “se a enunciação for considerada como ato singular, daí decorre logicamente sua impossibilidade de constituir um objeto científico” (p. 31). Na sequência, Fiorin (1999) propõe algumas competências necessárias para o sujeito enunciar. São elas (grifos meus):

- a) **Competência linguística** – o falante deve conhecer os sistemas fonológico, morfológico e sintático, ou seja a gramática da língua, além do léxico para produzir enunciados gramaticais e aceitáveis;
- b) **Competência discursiva** – engloba a tematização, a figurativização, a actorialização, a espacialização e a temporalização bem como os mecanismos argumentativos: utilização de implícitos, uso da norma linguística adequada, figuras de pensamento, modos de citação do discurso alheio, modos de argumentação *stricto sensu* (ilustração, silogismo etc), efeitos de sentido, objetividade, realidade etc.
- c) **Competência textual** – saber utilizar a semiótica-objeto em que o discurso será vinculado (processos de criação de imagem no cinema e na televisão e processos de textualização em língua natural).
- d) **Competência interdiscursiva** – diz respeito à heterogeneidade constitutiva do discurso.
- e) **Competência intertextual** – se refere às relações contratuais ou polêmicas que um texto mantém com outros textos ou mesmo com uma maneira de textualizar como a estilização.
- f) **Competência pragmática** – concerne aos valores ilocutórios dos enunciados.
- g) **Competência situacional** - diz respeito ao conhecimento referente à situação em que se dá a comunicação e ao parceiro do ato comunicativo (p. 32-3).

Se a enunciação é produto da interação verbal social, fica claro que as competências acima são necessárias porque envolvem conhecimento linguístico, textual e discursivo da língua, além de saber da heterogeneidade constitutiva do discurso, das relações que um texto mantém com outros textos, dos atos de fala e da situação de comunicação. Tais competências são comuns ao enunciador e enunciatário. Quanto maior for a intersecção entre ambos, melhor será a compreensão dos enunciados.

Mas o que é um enunciador e um enunciatário? O próprio Fiorin (1999), citando Landowski, observa que “a enunciação é o ato pelo qual o sujeito faz ser o sentido. E o enunciado o objeto, cujo sentido, faz ser o sujeito”. Sendo assim, o termo enunciação refere-se à atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciador (aquele que fala ou escreve), tendo em vista um enunciatário (aquele para quem se fala ou se escreve).

Fiorin ressalta que há duas leis discursivas importantes: a da informatividade e a da exaustividade. Para a primeira lei ele diz que se o enunciador quiser mesmo transmitir uma informação ao enunciatário, “só se enunciem coisas que a pessoa a quem se fala não conheça” (p. 34), pois os atos ilocutórios produzidos só podem ser de asserção. Ou seja, uma afirmação categórica que pode ser positiva ou negativa, porém, o locutor assume totalmente. Além disso, deve estar em oposição a outros valores modais, como a interrogação, a ordem, o pedido, a dúvida, a exclamação etc.

Ainda tratando-se da primeira lei – a informatividade – sabemos que para haver uma boa compreensão discursiva é preciso considerar não só os aspectos estruturais de um texto, mas também e principalmente os aspectos contextuais. Dessa forma, dois fatores de textualidade são relevantes: os fatores semânticos e os fatores pragmáticos. Dentro dos fatores semânticos estudamos a coesão e a coerência e nos fatores pragmáticos que se referem aos aspectos extratextuais temos cinco categorias principais: intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade.

Retomando a questão posta por Fiorin (1999), damos o nome de ato ilocutório às ações realizadas por um locutor através de um enunciado, visando intencionalmente obter algo do alocutário ou enunciatário. Austin (1965) deu o nome de atos de fala, porque percebeu que os enunciados desempenham diferentes funções na interação verbal e partindo do princípio de que *dizer* pode significar *fazer*, foi o primeiro teorizador dos atos de fala. Para Austin, na realização completa de um ato de fala ocorrem três atos distintos: ato locutório: corresponde ao ato de pronunciar um enunciado, ato ilocutório: corresponde ao ato que o locutor realiza quando pronuncia um enunciado em certas condições comunicativas e com certas intenções, tais como ordenar, avisar, criticar, perguntar, convidar, ameaçar, etc. e ato perlocutório: corresponde aos efeitos que um dado ato ilocutório produz no alocutário. Verbos como *convencer*, *persuadir* ou *assustar* ocorrem neste tipo de atos de fala, pois informam-nos do efeito causado no alocutário.

A lei da exaustividade diz respeito à taxa de informação que se deve apresentar numa troca verbal, uma vez que o enunciador deve apresentar as informações mais fortes sobre um determinado tema. Essas servem tanto para construir quanto para interpretar frases.

Os estudos de José Luiz Fiorin ampliam, portanto, a questão da Interação verbal, com foco na enunciação, detalhada em usos orais e escritos. Seus estudos foram incorporados aos Cursos de Graduação e Pós-Graduação, principalmente de Letras e Linguística e ainda foram adaptados por outros autores para o Ensino Médio como veremos no próximo item. Na lista dos mais divulgados estão os elementos da textualidade como a coesão e a coerência.

Outro tema ligado à interação verbal que ganhou novos olhares no Brasil foi a questão do dialogismo, especialmente nos estudos de Diana Luz Pessoa de Barros, no livro “Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade”, de 1999.

Vimos que a interação verbal é o princípio maior da língua e que do ato comunicativo depreende-se que a natureza polifônica e dialógica da linguagem é o espaço interacional entre locutores.

Barros (1999) inicia as reflexões contidas no Capítulo 1: *Dialogismo, Polifonia e Enunciação*, retomando alguns conceitos do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, como, por exemplo, a crítica ao monologismo, opondo a este o dialogismo, “característica essencial da linguagem e princípio constitutivo, muitas vezes mascarado, de todo discurso. O dialogismo é a condição do sentido do discurso” (p. 2).

A autora enfatiza o dialogismo discursivo em dois aspectos: a interação verbal e a intertextualidade. Se o dialogismo decorre da interação verbal entre enunciador e enunciatário via texto/discurso, a relação *eu-tu* não estabelece o subjetivismo pensado por Benveniste (1966). O sujeito, nesta concepção, perde a centralidade e é substituído por vozes sociais, transformando-se em sujeito histórico e ideológico, uma vez que “nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz” (p. 3).

Ao falar ou escrever, o sujeito deixa marcas em seu texto que refletem a sociedade em que vive, suas experiências e o que Pêcheux chamou de “jogo de imagens” – as imagens que o locutor faz do interlocutor, do referente, de si mesmo.

De acordo com Pêcheux (1969), os lugares ocupados pelos sujeitos são representados nos processos discursivos por uma série de características, identificadas como um jogo de imagem, “série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro e da imagem que fazem do referente ou objeto imaginado de que tratam” (p. 82).

Osakabe (1979, p. 49) completa o quadro, acrescentando que também é relevante considerar “o que A (locutor) pretende de B (interlocutor) falando dessa forma.” Em outras palavras, isso representa a expectativa que um produtor de texto tem em relação à recepção por parte de seu interlocutor.

Depois desse quadro de Pêcheux, não se poderá mais deixar de levar em conta as condições de produção. Entende-se claramente que o autor do texto vai precisar antever as expectativas de seu interlocutor

e, a partir desse fato, argumentar para que possa propor determinados discursos, determinadas conclusões. O texto final seria, assim, o resultado de um jogo entre dois sujeitos historicamente situados. É importante observar que as imagens são construídas pelos interlocutores durante o próprio processo de interlocução.

Esquemáticamente, tomo como modelo o quadro elaborado por Osakabe (1979, p. 49-50), acrescido de um quadro hipotético de respostas, considerando os itens que compõem o jogo de imagens, com base em um quadro estipulado por Geraldi (1991).

Figura 1 – Quadro contendo o jogo de imagens.

	Expressão designando as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” sustenta a formação imaginária correspondente
A	I A (A)	Imagem do lugar de A pelo sujeito situado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
A	I A (B)	Imagem do lugar de B pelo sujeito situado em A	“Quem é ele para eu lhe falar assim?”
B	I B (B)	Imagem do lugar de B pelo sujeito situado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
B	I B (A)	Imagem do lugar de A pelo sujeito situado em B	“Quem é ele para que ele me fale assim?”
A	I A (R)	“Ponto de vista” de A sobre B	“De que lhe falo eu?”
B	I B (R)	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala?”

Fonte: Osakabe (1979) e Geraldi (1991).

Amaral (2001), ao analisar redações de vestibular em sua dissertação de Mestrado: *Clichês em redação de vestibular: uma estratégia discursiva*, retoma a análise proposta por Geraldi (1991, p. 69) e formula um quadro de hipotéticas respostas que compõem o

jogo de imagens feitas no momento da produção das redações do vestibular:

Figura 2 – Quadro contendo o jogo de imagens em análise de redações do Vestibular.

JOGO DE IMAGENS	
1. Quem sou eu para lhe falar assim?	Candidato a uma vaga na Universidade. Portanto, devo planejar bem o que vou escrever, a fim de impressionar o professor e conseguir aprovação.
2. Quem é ele para eu lhe falar assim?	O corretor das redações é o representante da instituição que tem o poder de julgar meu texto. Ele espera ler textos bem escritos/comportados.
3. Quem sou eu (professor) para que ele me fale assim?	Sou o corretor/professor, e o meu papel é avaliar a competência dos candidatos.
4. Quem é ele (vestibulando) para que ele me fale assim?	Ele é um candidato e tem que mostrar o que aprendeu, através da redação bem escrita/comportada.
5. De que lhe falo eu (vestibulando)?	De um assunto que a instituição escolheu para me testar. Meu posicionamento deve ser o mais impessoal possível, a fim de não prejudicar minha imagem, diante do corretor. Tenho que seguir as regras ensinadas e antever o que ele pensa sobre o assunto.
6. De que ele (vestibulando) me fala?	De um assunto definido pela instituição que represento, sobre o qual tenho meus pontos de vista e que provavelmente ele deve ter assimilado na escola. É só verificar se ele aprendeu, pois a instituição já lhe disse como fazer.
7. O que ele (vestibulando) pretende de mim falando dessa forma?	Mostrar que aprendeu para conseguir aprovação.
8. O que o vestibulando pretende de si próprio falando assim?	Mostrar que sabe, que aprendeu para ser aprovado no vestibular.

Fonte: Amaral (2001).

Para a autora, este tipo de imagem proposto por Pêcheux como parte crucial das condições de produção revela a existência de uma contradição no próprio processo escolar que deveria conduzir o aluno ao aprendizado da escrita. Em vez disso, ele gera uma falsa

condição de produção. É como se houvesse uma simulação e não uma produção real. Por exemplo: se é instigado a escrever sobre determinado tema, provavelmente não dirá o que pensa sobre o assunto, mas sim o que um aluno diria para um professor. Ao ocupar um determinado lugar, o aluno diz o que ele acha que se espera que ele diga desse lugar, para um interlocutor que ele sabe não estar interessado na opinião dele; prova de que o quadro institucional é viciado.

A imagem que o vestibulando faz daquele que corrigirá seu texto pode induzi-lo a não tomar posições definidas, levando-o, inclusive, a criar um discurso neutro, o que o leva a “dizer sem dizer”, pois

O fato de estar escrevendo numa determinada situação (prova de vestibular sob grande tensão, competitiva), sobre um tema imposto, dentro de padrões previamente estipulados e, geralmente, para um avaliador que representa ali, naquele momento, a imagem que o aluno tem da escola enquanto instituição, provavelmente construída ao longo do processo escolar, leva o vestibulando a acreditar que o seu discurso deve reproduzir o que a escola lhe ensinou. Como seu interlocutor tem características fortemente escolares, o estudante, na necessidade de mostrar que sabe, nega sua capacidade discursiva e cria sua imagem de texto a partir das fontes que identifica com a imagem do interlocutor, isto é, relações sociais em que haja marcas autorizadas, padrão culto, etc. Assim, o vestibulando trabalha com um conjunto de operações de preenchimento de uma estrutura previamente dada (AMARAL, 2001, p. 42).

Nesse sentido, o interlocutor acaba não apenas por impor-se ao locutor, mas também por ameaçar destruir o próprio papel de sujeito que este deveria ter numa relação intersubjetiva.

Todos sabemos que o processo interacional exige dois sujeitos, cada um com legitimidade para defender sua posição. É o que ocorre com os textos de jornal, por exemplo. A pessoa que escreve não está preocupada se o seu leitor (i. é, se todos os leitores) vai concordar ou discordar do que ela escreveu; ela escreve segundo sua ideologia e quem lê concorda ou não. Esse é o verdadeiro sentido do texto escrito; esse é o seu modo social de circulação.

Voltemos, então, aos estudos de Diana Luz Pessoa de Barros, retomando a questão da intertextualidade: o diálogo entre os muitos textos, não sendo mais uma dimensão derivada, mas a primeira dimensão de que o texto deriva, reproduzindo o diálogo com outros textos.

Autores como Dominique Maingueneau (1993) e Osvald Ducrot (1987) dedicam-se a estudos sobre o dialogismo, seja na análise do discurso ou na semiótica. Já Althusser (1998) e Foucault (1973) influenciaram os estudiosos da Análise do Discurso com suas concepções de “formação ideológica” e “formação discursiva”. Ambos afirmavam que o estudo da linguagem não pode estar desvinculado das condições de produção.

O filósofo marxista Althusser concebe a ideologia como imaginário que intermedeia a relação das pessoas com suas condições de existência. A noção de ideologia, para o autor, está relacionada à de sujeito, aspecto demonstrado através dessas duas teses: “só há prática através de e sob uma ideologia”; “só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”, as quais levam à formulação central: “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER, 1998, p. 93).

Já Foucault (1973) entende que a formação discursiva é um sistema de dispersão, um sistema que não tem o compromisso com a unidade, com a coerência. Ele compreende que a formação discursiva é o local da luta, pois é aquilo que permite qualquer forma de atividade num nível discursivo.

Em *Arqueologia do Saber* (2008), Foucault debruça-se em conceituar o que é: Formação Discursiva, o Enunciado e o Arquivo e a Descrição Arqueológica, conceitos que nos farão entender melhor o que são formações discursivas, regularidades, dispersões e ideologias.

Foucault (2008) define como formação discursiva.

No caso em que puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistemas de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos,

transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Como se pode apreender, o que o autor apresenta é que a *formação discursiva* organiza grupos de enunciados, ou seja, um conjunto de performances verbais que estão atreladas no nível de enunciados.

O desenho foucaultiano em *Arqueologia do Saber* é que os discursos são uma dispersão de elementos. A análise do discurso descreve os discursos através de regras que regularizam sua dispersão. Regulado, o discurso é um conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma família. Foucault (2008, p. 42) define regularidade como uma “ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua similaridade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas”.

Assim, vimos que todos esses estudos corroboram com o que defende Barros (1999) ao dizer que “os estudos atuais desenvolveram de formas diversas esse conceito de dialogismo” (p. 4). Ou seja, os estudos da linguagem não podem se separar das condições de produção.

O conceito de polifonia foi sendo introduzido pouco a pouco e muitas vezes era confundido como sinônimo de dialogismo. A autora diz que o termo **polifonia** é empregado “para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem” (p. 5-6). Já o termo **dialogismo** é empregado para designar o princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso.

Dessa forma, pensamos ter ampliado as visões propostas a respeito da Interação Verbal, pois os estudos de Fiorin e Barros demonstram que a interação verbal depende dos conceitos básicos trabalhados como: enunciação, condições de produção, sujeito, dialogismo e, conseqüentemente, de outros: formação ideológica, jogo de imagens, formação discursiva, dispersão, polifonia e intertextualidade.

Ampliando a visão sobre o assunto

Neste item, apresentaremos cinco sugestões de obras que priorizam a temática da Interação Verbal, esperando, dessa forma, que os leitores possam aprofundar seus conhecimentos e aplicá-los na prática.

Em *Gramática da interação*: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. (TRAVAGLIA, 1998), o autor inicia com a instigante pergunta: “Para que se dá aulas de Português a falantes nativos de Português?” E continua respondendo que há quatro respostas possíveis para a questão. 1. Para *desenvolver a competência comunicativa dos falantes*, ou seja, “empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 1998, p. 17).

O autor diz ainda que essa competência comunicativa implica em outras duas: a gramatical ou linguística e a textual.

A competência **gramatical** ou **linguística** é a capacidade que tem todo usuário da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) de gerar sequências linguísticas gramaticais, isto é, consideradas por esses mesmos usuários como sequências próprias e típicas da língua em questão. Aqui não entram julgamentos de valor, mas verifica-se tão-somente se a sequência (orações, frases) é admissível, aceitável como uma construção da língua (TRAVAGLIA, 1998, p. 17). (grifos meus)

Para a competência textual, o autor informa que é a capacidade de produzir e compreender textos em situação de interação comunicativa, desde que executem as atividades textuais básicas, propostas por Charolles (1979). São elas: capacidade formativa, capacidade transformativa e capacidade qualificativa. Na capacidade formativa exige-se que o usuário da língua produza e compreenda um número ilimitado de textos e seja capaz de dizer se uma sequência linguística dada é ou não um texto na língua em uso. Para a capacidade transformativa, exige-se a competência em modificar (parafrasear, resumir, etc.) um texto. A capacidade qualificativa possibilita ao usuário dizer a que tipo de texto pertence um determinado gênero textual. Dentro das tipologias (narração,

descrição, injunção e dissertação), identificar se é um romance, uma anedota, uma reportagem, uma receita, uma carta, um artigo etc.

O autor coloca a relevância de voltar o ensino de língua para os textos, já que toda comunicação interativa acontece por meio de enunciados em situação de comunicação. A Linguística Textual tem se ocupado desse papel e vê o texto “como espaço intersubjetivo, resultado da interação entre sujeitos da linguagem que atuam em uma situação de comunicação para atingir determinados objetivos” (p. 19).

À segunda resposta à pergunta “Para que se dá aulas de Português a falantes nativos de Português”, o autor acrescenta dois objetivos de ensino de Português: levar o aluno a dominar a norma culta ou língua padrão e ensinar a variedade escrita da língua. Claro. Os alunos, quando vão para a escola já dominam a norma coloquial do meio em que vive na forma oral. Embora sejam mais restritos, a variante padrão da língua e a escrita só são adequadas a determinados tipos de interação comunicativa.

A terceira resposta diz que um dos objetivos do ensino de língua materna é levar os alunos ao conhecimento da instituição linguística, de como a língua está constituída e como funciona. O autor critica esta postura e cita Perini (1988, p. 24): seria um ensino que tem utilidade no campo da “informação ‘cultural’, aquela informação que não se admite que um indivíduo civilizado não detenha – como a de que Colombo descobriu a América em 1492, ou a de que *correr* é um verbo”. Ou seja, informações complementares que alguns consideram relevantes como saber o que é um banco, um caixa eletrônico, um cheque, para se utilizar adequadamente dos seus serviços.

Por fim, a quarta resposta “propõe um objetivo que, sendo mais ligado a atividades metalinguísticas, ao ensino da teoria gramatical, não se aplica só ao ensino de língua materna” (p. 20). A proposta é levar o aluno a pensar e a raciocinar, ajudando nas habilidades de observação e argumentação acerca da linguagem.

Após comentar os objetivos do ensino de Língua Portuguesa, Travaglia (1998) apresenta as Concepções de Linguagem a fim de

que os professores, ao tomarem posse desse conhecimento, possam mudar também a maneira de ensinar. Retoma a concepção que vê a linguagem como expressão do pensamento para criticá-la, na sequência, afirmando que essa concepção não considera o modo como o texto está constituído e diz que ele não depende do locutor (quem fala), da situação (onde, como, quando) e para que se fala. A outra concepção vê a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação. Assim, a língua é vista como um código, ou seja, “como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor” (p. 22). Essa concepção fez com que a Linguística não considerasse os interlocutores e a situação, afastando o dialogismo e estudando a língua em uma perspectiva mais formalista, conforme o Estruturalismo de Saussure e o transformacionalismo de Chomsky. É o primado da codificação e decodificação. A terceira concepção vê a linguagem como forma ou processo de interação, ou seja, o sujeito, ao usar a língua, realiza ações, atua sobre o interlocutor. Essa corrente teórica é conhecida como Linguística da Enunciação e engloba a “Linguística Textual, a Teoria do Discurso, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa e todos os estudos de alguma forma ligados à Pragmática” (p. 23).

A obra *A aula como Acontecimento* (GERALDI, 2010) é uma leitura que recomendo, pois o livro trata também de Concepções de Gramática e Variação Linguística; tudo voltado ao ensino de língua materna. Na segunda parte do livro, o autor trata, especificamente do Ensino de Gramática: como tem sido, proposta de ensino, gramática de uso, gramática reflexiva, gramática teórica e gramática normativa, contribuindo para que os professores de Português vejam a gramática com maior amplitude, algo maior do que tradicionalmente se tem entendido e ensinado nas aulas de Língua Portuguesa. Nesse livro, o autor tem uma interlocução com os professores a respeito do ensino de língua, pois, segundo ele próprio, “não há palavra própria, porque todas as palavras são patrimônio comum, cada uma delas

sobrecarregada de vozes e sentidos” (p. 10). Prosseguindo, Geraldí (2010) diz que se baseia em três princípios que refletem suas posições a propósito das relações de poder que se mostram na sociedade, seja pela discriminação linguística, ou, ainda, pela imposição de normas. Os três princípios são:

- 1.A linguagem é uma atividade, e as línguas, produtos desta atividade, não são sistemas fechados e acabados. Porque usadas, as línguas estão sempre em construção.
- 2.A escola é um lugar de aprendizagem e o ensino a ela se subordina, por isso, este não pode definir suas sequências, fixar um currículo (um caminho) e determinar desde sua organização o que e o quando algo deve ser aprendido. Quem está aprendendo é um sujeito falante, produtor de compreensões, com ritmos, interesses e história.
- 3.A linguagem não se presta apenas à comunicação. É nas interações com os outros que ela se materializa, não só a si mesma, mas também aos sujeitos que por ela se constituem, internalizando formas de compreensão do mundo, construindo sistemas antrôpo-culturais de referência e fazendo com que sejamos o que somos: sujeitos sociais, ideológicos, históricos, em processo de constituição contínua (GERALDI, 2010, p. 10).

Com base nesses princípios e reforçando ideia da Interação Verbal, o autor divide o livro em 16 capítulos, sendo cada um deles mais instigante que o outro, levando professores a refletirem a respeito de suas práticas em sala de aula. O leitor passará por reflexões acerca do letramento e suas implicações, da linguagem e a constituição da subjetividade, linguagem e escola, políticas de inclusão, fazeres científicos e pedagógicos, os objetos de ensino em língua materna, a aula como acontecimento, a leitura, o texto, as culturas orais, mediações pedagógicas, gramática e liberdade ao direito à expressão.

Ao falar a respeito da constituição da subjetividade, Geraldí (2010) nos coloca, entre tantos outros aspectos, a questão da leitura como uma forma de interação entre os homens. “A leitura do mundo e a leitura da palavra são processos concomitantes na constituição dos sujeitos” (p. 32). É por isso que no capítulo “A aula como acontecimento” o autor chama a atenção para a importância do

“aprender a aprender” mais do que aprender o já sabido e definido, pois “o conhecimento sistematizado deve fazer parte do percurso e não ser o fim do percurso” (p. 101).

Enfim, *A cor da língua e outras crônicas de Linguística* (POSSENTI, 2001) é leitura obrigatória para os professores que já repensaram suas concepções de linguagem e necessitam colocar em prática todo o processo de interação verbal, na leitura, na escrita e na análise linguística. Esse livro é, também, uma proposta de popularização da Linguística, visto que na maioria das pessoas parece ignorar as transformações ocorridas no campo das ciências da linguagem. O que se vê, segundo o autor, é que os discursos correntes sobre a língua pode ser resumido em duas palavras: “é normativo ou é preconceituoso. Às vezes, é ambas as coisas. Muito frequentemente, é uma por causa da outra” (p. 8).

Os textos publicados e analisados no livro são geralmente oriundos de publicações em jornais, revistas ou algum comentário na televisão que “revoltaram” o autor pelo desconhecimento e preconceito, este, fruto da ignorância. A proposta, portanto, é combater o discurso único sobre a língua. Fato este que por si só já é suficiente para recomendar sua leitura. Porém, o livro aborda questões que se relacionam sobremaneira com o tema abordado neste capítulo, ou seja, a interação verbal.

Ao tratar, por exemplo, do acordo ortográfico, Possenti (2001) esclarece que uma reforma ortográfica, quando ocorre, é muito pequena e o que sofre poucas alterações “é apenas a ortografia oficial do português. A língua fica como é falada como é, escrita como é, exceto em pouquíssimos lugares, embora não grafada como é” (p. 11).

O falso patriotismo que faz alguns pensarem que a derrubada de um trema é mais importante do que defender a dignidade, a lealdade e a seriedade. Há uma questão comercial muito grande por trás de tudo. Melhor pensar em uma outra reforma. A educacional, por exemplo.

Na parte do livro cujo título é “O que é pior?”, Possenti (2001) comenta um “erro” gramatical cometido por um cidadão comum e

criticado por um apresentador de jornal na televisão. A frase dita foi: “Acho que o pessoal gostaram”. O comentarista, além de se divertir com o “erro”, repetindo-o em tom sarcástico. Por que será que o erro gramatical provoca risos nas pessoas? Será que elas se sentem poderosas por conhecerem um pouco mais das normas? Essas mesmas pessoas são capazes de se aborrecer quando alguém ri de um defeito físico seu, mas não se incomodam em rir da falta de escolaridade de certas pessoas. As pessoas não erram porque querem errar e muito mesmo onde querem errar. Elas cometem inadequações na língua, simplesmente porque não tiveram acesso às informações, ou seja, à escola. Os erros de ortografia não devem ser considerados faltas graves, principalmente se levarmos em conta a arbitrariedade da língua e sua conseqüente convencional. Sim, a língua é arbitrária e convencional e um erro de ortografia é só um erro de ortografia. Pior são outros tipos de erros que discriminam o cidadão, ou como dia o autor: “Se os jornais e outras instâncias que lidam com a linguagem só pudessem ser acusados de erros de ortografia, estaríamos próximos de viver no melhor dos mundos” (p. 23).

Continuando, no texto “Sentido Transparente” Possenti (2001) retoma o livro infantil de Ruth Rocha “Marcelo, martelo, marmelo” para falar da arbitrariedade da língua. O menino Marcelo decide mudar o nome das coisas porque não via sentido nelas. Assim passou a chamar colher de “mexedor”, travesseiro de “cabeceiro” e cachorro de “Latildo”. Claro que não deu certo.

O autor fala, então que o povo de modo geral age sobre a língua de várias formas a fim de fazer com que ela faça sentido. A etimologias populares são exemplos deste fato. Possenti cita vários exemplos como “aviso breve” para “aviso prévio”. Para o trabalhador, “breve” faz mais sentido, pois quando o recebe “em breve” será despedido.

Com pequenas crônicas, o autor vai atualizando o leitor a respeito dos fatos linguísticos. O livro é de fácil leitura, principalmente por constituir-se de partes curtas, irônicas e lúdicas, além de muitas críticas.

Outra obra relevante para o tema é:

XAVIER, Antônio Carlos & CORTEZ, Suzana. **Conversas com linguistas**: virtudes e controvérsias da linguística. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2003.

A ideia do livro é trazer uma série de conversações entre os autores e alguns estudiosos da linguagem a fim de contribuir para uma visão heterogênea da linguística no Brasil.

Foram conversas informais com os mais diferentes estudiosos da linguagem que se posicionaram a respeito de 10 questões: Que é língua? Qual a relação entre língua, linguagem e sociedade? Há vínculos necessários entre língua, pensamento e cultura? A linguagem tem sujeito? Que é Linguística? A Linguística é Ciência? Para que serve a Linguística? A Linguística teria algum compromisso necessário com a Educação? Como a Linguística se insere na Pós-Modernidade? Quais os desafios para a Linguística no século XXI? Os estudiosos entrevistados foram 18: Maria Bernadete Abaurre, Eleonora Albano, Borges Neto, Ataliba de Castilho, Carlos Alberto Faraco, José Luiz Fiorin, João Wanderley Geraldi, Francisco C. Gomes de Matos, Rodolfo Ilari, Mary Kato, Ingedore Koch, Luiz Antônio Marcusschi, Maria Cecília Molica, Diana Luz Pessoa de Barros, Sírio Possenti, Kanavillil Rajagopalan, Margarida Salomão e Carlos Vogt.

Para a pergunta “Que é língua?”, escolhemos as respostas de Maria Bernadete Abaurre (investigação na área de fonética, fonologia e aquisição da linguagem) e Eleonora Albano (investigação na área de psicolinguística).

“Vejo a língua, portanto, como um sistema estruturado que, por situar-se no âmbito da linguagem, apresenta constante instabilidade e mutabilidade, características de quaisquer atividades do homem, tomado enquanto sujeito historicamente situado” (p. 14).

“Eu diria que uma língua é um jeito de você fazer gestos aqui, dentro da boca, e com isso já serem audíveis, mesmo que não visíveis, um jeito de os gestos à distância poderem ser captados,

produzidos, imitados. Digo que isso tem um papel constitutivo na linguagem” (p. 26).

Respondendo “Qual a relação entre língua, linguagem e sociedade”, temos Borges Neto (investigação na área de pragmática) e Ataliba de Castilho (investigação na área do português falado). Vejamos o que disseram os estudiosos:

“[...] é o conjunto das relações sociais mantidas pelo indivíduo no decorrer de sua existência desde o nascimento, conjunto de relações sociais absolutamente único, na medida em que duas pessoas jamais podem ter exatamente as mesmas experiências” (p. 41).

“... linguagem encerra um entendimento mais amplo do que língua. A língua é só de natureza verbal e a linguagem não, é o conjunto de todos os sinais que o ser humano foi criando” (p. 53).

A próxima pergunta “Há vínculos necessários entre língua, pensamento e cultura?” será respondida por José Luiz Fiorin (atuação na área de análise do discurso) e João Wanderley Geraldi (atuação nas áreas de análise do discurso e ensino de língua materna).

“Não existe cultura sem língua. [...] A língua seria, digamos, um modelo de estruturalidade para linguagens da cultura de maneira geral. [...] não existe pensamento, especificamente humano, sem linguagem” (p. 72-3).

“... os estudos da linguagem, da língua, pensamento e da cultura não podem distanciar-se sob pena de excluir elementos que lhes são próprios e constitutivos. [...] se há trabalho, há história, se há história, há cultura, se há cultura, há memória” (p. 80).

Francisco Gomes de Matos (área de atuação em linguística aplicada) e Sírio Possenti (área de atuação em análise do discurso) respondem à questão: “A linguagem tem sujeito?” com muita propriedade. Vejamos:

“Habitamos a linguagem e ela, em nós...”, parafraseando Martin Heidegger (1947) “a linguagem é a casa do ser” (p. 92-3).

“A linguagem, não. Mas os discursos têm. [...] os sujeitos estão inseridos num universo cultural organizado e que, portanto, só

falam a partir desses lugares relativamente organizados. [...] eu diria que há sujeitos na linguagem, e eles não têm sempre a mesma cara. Dizer que o sujeito ou é livre ou é assujeitado, ou é isso ou aquilo, é sempre uma simplificação” (p. 164-166).

Possenti adota a tese de Michel De Certeau: “os sujeitos evidentemente não estão na origem da sociedade, eles são efeitos da sociedade, mas nessa sociedade na qual eles são efeitos (genericamente, podemos ver aí o viés estruturalista), esses sujeitos não são meros consumidores dos produtos que lhes são oferecidos”. Porém esses sujeitos manipulam, mudam o modo de operar com os produtos. E é aí, segundo Possenti, que “está um sujeito que se aproxima um pouco da singularidade” (p. 166).

Carlos Alberto Faraco (atuação na área de linguística histórica) e Rodolfo Ilari (atuação na área de semântica) respondera à pergunta: “Que é Linguística?”.

Para Faraco, “[...] no sentido amplo, poderíamos dizer que a linguística congrega as diferentes atividades de estudo sistemático da linguagem verbal e das línguas naturais que são desenvolvidas nos departamentos de linguística e nos programas de pós-graduação em linguística, seja no Brasil, seja no mundo. No sentido estrito, o termo linguística estaria abrangendo com certeza as teorias fonológicas e sintáticas, e talvez também (isso a discutir com quem faz) as teorias semânticas e aquelas que nós chamamos de semântico-pragmáticas” (p. 66).

Ilari diz que “Linguística é essa prática pela qual nós tentamos dar o manual de uma prática que funciona sem manual”. Achou estranho? Tentaremos explicar com as palavras do autor. “Uma criança com 5 anos opera com todos os recursos linguísticos (não com todos os recursos estilísticos e culturais, porque muito disso ainda virá depois). Mas a criança não fala disso, não explica isso, não tem porque explicar. [...] A linguística seria, digamos, essa ciência intrometida que pretende dizer como é que se faz aquilo que todo mundo sabe fazer” (p. 102).

Prosseguindo, temos a pergunta: “Linguística é Ciência?” que será respondida por Mary Kato (área de atuação em Sintaxe) e Ingedore Koch (área de atuação em linguística textual).

“É uma ciência empírica. Ela teve uma influência muito grande nas outras ciências humanas ao se tornar uma ciência descritiva a partir do estruturalismo. A partir do estruturalismo, o estudo da língua começou a se configurar como um trabalho que envolve observação, indução, generalização, fugindo da visão meramente normativa” (p. 116-7).

“[...] acabou se tornando ciência-piloto das ciências humanas e ninguém mais discute se ela é uma ciência. [...] cada vez mais se confirma que este estudo é tão científico quanto o estudo do núcleo duro...” (p. 126).

Vamos agora verificar quais foram as respostas dadas à pergunta “Para que serve a Linguística?” pelos estudiosos Luiz Antônio Marcuschi (área de atuação em linguística textual e análise da conversação) e Maria Cecília Mollica (área de atuação em oralidade e alfabetização).

Marcuschi responde que a linguística serve para conseguirmos entender “como nós interagimos, como chegamos a nos entender, como conseguimos construir e dar a entender este mundo que nós construímos, como a realidade é sentida e reproduzida para as pessoas” (p. 137).

Mollica responde que “[...] num nível aplicado, é clara a vocação da linguística para a educação em muitos desdobramentos, desde a importância para a qualificação profissional até os aspectos de natureza pedagógica propriamente dita, ligados à construção de métodos e ações no processo de ensino e aprendizagem de L1 e L2, quer dizer, língua materna e língua estrangeira” (p. 147).

Diana Luz Pessoa de Barros (área de atuação em semiótica e análise do discurso) e Carlos Vogt (área de atuação em semântica) responderão a pergunta: “A Linguística tem algum compromisso necessário com a Educação?”.

Diana diz que “a linguística tem um compromisso marcado com a educação. Em primeiro lugar, com o ensino de língua materna e de língua estrangeira, com as teorias de aquisição, por exemplo. Mas todos os campos da linguística têm um compromisso nessa direção” (p. 155).

Carlos Vogt é sucinto, porém contundente: “[...] por causa do domínio da expressão, do domínio verbal, da organização estruturada do pensamento, da expressão estruturada, das inter-relações. [...] é claro que a linguística tem um papel fundamental na questão do processo de aprendizagem” (p. 198).

“Como a Linguística se insere na Pós-Modernidade?” é a pergunta que será respondida por Kanavilill Rajagopalan (área de atuação em pragmática e semântica).

“A linguística não está ocupando seu devido lugar [...] está, muito timidamente, entrando na era da interdisciplinaridade. Há preocupação crescente em áreas ditas conexas sobre a necessidade de um diálogo maior [...] refletir junto, sair da umbigofilia [...] A linguagem é muito maior que qualquer disciplina”.

Por fim, respondendo “Quais os desafios para a Linguística no Século XXI?”, temos Margarida Salomão:

O grande desafio teórico é obter uma teoria de campus, quer dizer, é você ter princípios unificadores, que guiem realmente a análise do micro/macro e acho que isso só será possível no interior das ciências cognitivas como um todo, quer dizer, no diálogo da linguística com a neurobiologia, com psicologia, com a filosofia da linguagem, com a inteligência artificial. [...] o outro grande ponto pragmático e político é fazer com que essa reflexão possa transbordar para áreas interventivas na sociedade brasileira [...] para que consigamos conceber políticas diminuidoras de desigualdades” (p. 191-2).

Merece nossa atenção as contribuições propostas neste livro, pois fala das contribuições da linguística a vários campos vinculados com a educação. O livro *Conversas com Linguistas* permite uma visão de conjunto da linguística e revela o amadurecimento das concepções e das aplicações da ciência da linguagem.

MARTINS, Lusinilda Carla Pinto; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; VEGINI, Valdir (Orgs.). **Palavras matizadas**: polifonias e intertextualidades. Porto Velho/RO: Temática Editora, 2015.

O livro reúne estudos que envolvem a leitura e a produção de textos, marcados pelo dialogismo, polifonia e intertextualidade, sendo um material de grande valor para professores de modo geral, alunos de graduação e pós-graduação em Letras e para todos os que se interessam por entender o processo de interlocução da linguagem, ou seja, a Interação Verbal.

São onze capítulos, cuja finalidade maior é dar visibilidade a diferentes realidades presentes no dia a dia das pessoas, porém, quase sempre, ignoradas na academia, lugar onde tiveram origem e de onde deveriam emergir para alcanças os objetivos maiores, quais sejam, chegar à sociedade como forma de interação e socialização de conhecimentos.

A base teórica que norteia os trabalhos varia entre a Análise do Discurso, a Sociolinguística e a Linguística Textual. Os sujeitos são professores, alunos, moradores de comunidades ribeirinhas que buscam analisar as muitas vozes constituídas no discurso, as condições de produção, o sujeito, a enunciação e a interação verbal.

Recursos como a intertextualidade são trazidos à tona nas análises de textos literários como “Chapeuzinho adormecida no país das maravilhas” de Flávio de Souza e “Uma viagem de trem” de Nair F. Gurgel do Amaral. Já a análise de “Obra Completa” de Cruz e Souza passa por considerações acerca do discurso simbolista no Brasil, tendo como referencial teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa.

As diferentes ideologias são mostradas na análise de textos publicitários, o papel do discurso midiático e suas implicações enquanto produtor de identidades forjadas é mostrado na análise de blog acerca dos imigrantes haitianos, o livro didático passa por análise que considera o preconceito linguístico, as charges servem para demonstrar que além de um bom recurso didático, elas

mostram que a leitura e a escrita na escola passam também pela questão dos gêneros textuais e ajudam a formar leitores críticos.

Finalmente, o livro traz um estudo sobre expressões lexicais e metáforas em construções linguísticas que propiciam pluralidade de sentidos em um dado paradigma cultural.

Os estudos a respeito da Interação Verbal possibilitam um trabalho em sala de aula, mostrando aos alunos que a língua é uma forma de interação verbal e isso facilita a relação com a leitura e a produção de textos. Saber quem são os interlocutores, sua condição social e qual o contexto comunicativo, auxilia na hora de atribuir sentidos.

Sendo assim, espero ter contribuído para um melhor entendimento sobre “interação verbal” – interagir verbalmente é se comunicar oralmente e por escrito, sabendo sempre o que temos a dizer, para quem vamos dizer e de que modo vamos organizar o texto.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: Nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Tradução de Maria Laura V. de Castro. Introdução crítica de José Augusto Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. Clichês em Redação do Vestibular: Uma Estratégia Discursiva. In: GABLER, Iracema, AMARAL, N. F. G. do, PARMIGIANI, Tânia Rocha. **Análise do Discurso**: uma leitura e três enfoques. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2001.

ANSCOMBRE, Jean Claude & DUCROT, Oswald. **L'argumentation dans la langue**. *Langages*. Paris, 42: 5-37, jun. 1976.

AUSTIN, John L. **How to do things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.

BARROS, Diana Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP, Pontes, 1974.
- BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**. Paris, Gallimard, 1966.
- CHAROLLES, Michel. *Donnés empiriques et modélisation em grammaire de texte. Réfléxions à partir du probléme de la coherence discursive*. **Langue et discours**, cahier 34. Besaçon, mar., p. 75-97.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP, Pontes, 1987.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de Pessoa, Espaço e Tempo. São Paulo: Ática, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. Ijuí: FIDENE, 1973.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- MARTINS, Lusinilda Carla Pinto; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; VEGINI, Valdir (Orgs.). **Palavras matizadas**: polifonias e intertextualidades. Porto Velho/RO: Temática Editora, 2015.
- OSAKABE, Haquira. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Kayrós, 1979.
- PERINI, Mário. *Níveis de detalhamento na descrição gramatical: uma perspectiva pedagógica*. **Trabalhos em linguística aplicada**, nº 12. Campinas: IEL/UNICAMP, jul.-dez., pp. 23-32.
- PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1969.

POSSENTI, Sírio. **A cor da língua e outras croniquinhas de linguística**. Campinas-SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática da interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1998.

VOLÓCHINOV, Valentin; BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

XAVIER, Antônio Carlos; CORTEZ, Suzana. **Conversas com linguistas**: virtudes e controvérsias da linguística. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

O DISCURSO: CONCEITO GERAL EM VOLÓCHINOV

Sebastião Josué Votre

Algumas palavras introdutórias ...

Caro leitor, escrevo este pequeno capítulo sobre o discurso, para você. E para quem mais me for ler, por interesse no tema ou por curiosidade. Portanto, volta e meia, direi, com Machado de Assis: Veja leitor, que estou em diálogo com você. Escrevo esperando suas réplicas, seus comentários, sua avaliação, que certamente levarei em conta no meu processo de contínuo amadurecer.

Ao contrário do que fiz até hoje, não vou abordar sistemas e estruturas abstratas da língua. Coerente com a posição de Volóchinov, que procuro incorporar, vou tentar me manter equidistante do objetivismo abstrato e do subjetivismo idealista. Com isso, redireciono minha atividade investigativa, afastando-me da sintaxe pura, monológica, em que não há espaço para a visão dialogal, tanto a interna quanto a externa.

Portanto, não vou me deter em texto, intertexto, intertextualidade, nem período, sentença, vocábulo, morfema, fonema. Considero essas entidades como pertencentes a língua morta, irrelevantes para o estudo da língua viva, real. Pertencentes ao mundo monológico, elas são sem reflexo nem refração das ações sociais dos humanos. Mesmo intertexto e intertextualidade são conceitos abstratos, associados a semelhanças ou coincidências textuais, que se pode compreender, mas não faz sentido analisar em termos dialogais, isto é, em termos das respostas potenciais que possam desencadear.

Discurso e consciência em feição dialogal

Eu, ser humano consciente, filho do discurso e pai de meus meios de expressão, em especial de minha voz interior, passo a registrar, no meio visual, os enunciados que sintetizam minha expressão potencial, sobre o discurso e seu contexto ideológico. Apesar de minha formação como sociolinguista, aventurei-me na seara da filosofia da linguagem, e fui autorizado, pelos editores, a replicar e comentar a concepção de discurso, em *Marxismo e filosofia da linguagem*. Ao me expressar, realizo uma síntese dialética entre as características do meu psiquismo e as ideologias em que me movo, as ideologias do meu cotidiano e as dos sistemas organizados, em especial a das ciências da linguagem.

Tenho consciência de que as demais ideologias dominantes, ao lado das que se encarnam nas ciências, exercem poderosa influência no meu modo de ver, conviver e de ser. Por outro lado, tenho claro que não sou um sujeito completamente assujeitado, nem dividido. Parte do meu âmago o movimento de resistência, rejeição e denúncia contra tudo que se me afigura injusto, cruel, mesquinho ou interesseiro.

Este movimento está, de alguma forma e em alguma proporção, associado às ideologias éticas e religiosas em que me criei. Entretanto, também aqui, meu espírito é parcialmente livre, e é com prazer que sigo Valentin Volóchinov, no esforço para avaliar criticamente as ideologias que me rodeiam, e que se expressam nos enunciados que estou redigindo.

Interação sociodiscursiva e ideologia

É neste tom que pretendo prosseguir, fiel ao espírito da filosofia da vida, antipositivista, de Valentin Volóchinov, doravante VV. Em decorrência do conceito de síntese dialética entre psiquismo e ideologia, os conceitos acima se relacionam com seta dupla. Expressão e conteúdo se interinfluenciam. Expressão chama expressão e aviva a memória, que busca novos conteúdos, ou os

produz, no ato vivencial. Ideologias do cotidiano e ideologias dos sistemas elaborados se interinfluenciam. As ideologias do cotidiano alimentam, continuamente, as dos sistemas elaborados, e são por essas influenciadas. O psiquismo é marcado pela expressão, ideológica, e por sua vez exerce efeito sobre, ou mesmo altera a ideologia, que interpela e que tenta controlar a pulsão interior. Estamos, pois, na seara do interdiscurso.

Os enunciados são as ferramentas com que construímos a interação sociodiscursiva, e que estão diretamente relacionadas com as ideologias. Cada enunciado pode corresponder a um discurso ou a uma parte orgânica do discurso. Todo enunciado, interior ou exterior, é um convite para a interação, aberto para réplica e comentário, ou feito de propósito para provocar tal réplica. Como o enunciado configura um discurso, ou parte de um discurso, podemos dizer que as margens de ambos são móveis e, não raro, eles se recobrem: o discurso é um enunciado, e o enunciado é um discurso.

Portanto, caro leitor, cada parágrafo deste capítulo pode ser considerado um enunciado, para o qual peço e aguardo sua réplica, seu comentário, bem como a sua avaliação, interna ou externa, sua concordância, total ou parcial, ou sua rejeição, também total ou parcial. Mas cada enunciado/parágrafo pode ser considerado um discurso, marcado por suas potencialidades dialogais, porque está sendo enunciado especificamente para provocar sua reflexão, acarretar sua réplica e, portanto, à espera de sua reação.

Em síntese, o que escrevo é provisório, é a primeira parte de um par enunciativo, que se completa e se complementa com sua avaliação crítica. Espero contribuir para que da próxima vez que você for ler *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)*, novas expectativas povoem sua mente, e novas inferências você fará a partir da leitura da obra de VV, que vem provocando respostas e reações cada vez mais frequentes e mais veementes, desde 1929.

Conceitos-chave relacionados a discurso

MFL abre nova vertente de abordagem da linguagem humana, no quadro da filosofia da vida. Afasta-se das abordagens objetivistas, de cunho positivista. Faz opção explícita pela postulação do discurso interior, e das suas manifestações em pequenos gêneros e nos gêneros silenciosos. Entretanto, nem sempre consegue se libertar das terminologias abstratas que supõem que a língua é um sistema no qual tudo se contém, especialmente, para os membros da minha geração, formados e formadores nas tradições da sociolinguística correlacional, e da linguística estrutural e gerativa.

Neste breve ensaio, faço um esforço consciente para evitar designações de fenômenos da esfera do enunciado e do discurso, que possam trazer à tona traços da abordagem objetivista. Abro exceção para um desses termos, o parágrafo, que considero a meio caminho entre as abordagens da linguística objetiva abstrata e da linguística de cunho marxista, na visão de Valentin Volóchinov e seus colegas do círculo bakhtiniano.

Seguem caracterizações sumárias de cada conceito-chave em MFL, relacionado a discurso, discurso interior, interdiscurso, enunciado, signo e palavra. Para afastar-me do gênero resenha, e descolar-me tanto quanto me for possível das citações diretas, vou procurar buscar, na memória, o que considero digno de registro, para facilitar a leitura de MFL.

É para entendermos a proposta de Volóchinov sobre discurso, que vamos nos concentrar sobre seus ingredientes fundadores, e sobre as condições de sua produção e recepção.

Num certo sentido, o presente capítulo, centrado no discurso, versa também sobre palavras, signos, expressões dinâmicas, expressões estabilizadoras, e pequenos gêneros discursivos. Fatos sociais por excelência, e, portanto, controlados por forças estabilizadoras, os signos, as palavras, os discursos da língua sofrem pressão contínua das ideologias ancoradas nos serviços institucionais, dos grupos dominantes, para se manterem estáveis,

contribuindo assim para garantir a estabilidade sociopolítica. Daí experimentarem diferentes processos de controle, a exemplos dos concursos públicos, e longos anos de atividade linguageira, sob estratégias de ensino-aprendizagem, para “não se corromperem”, e para incorporar e inculcarem as ideologias constituintes da cultura de cada comunidade discursiva.

Por outro lado, as ideologias do cotidiano, em interação com os pequenos gêneros do discurso, como pequenos negócios, interações espontâneas, inesperadas, conversas em academias, estádios e instituto de beleza, favorecem o surgimento e a estabilização de novos modos de dizer e significar, de produzir e interpretar enunciados.

Nesse embate entre consciência e existência, a força, a resiliência e a proatividade do psiquismo interior dos interactantes se faz sentir, avaliando, rejeitando e alterando comportamentos, atitudes e representações, modificando formas de dizer e de ouvir, sempre socialmente comprometidas, tanto dos valores do subgrupo cotidiano, quanto dos valores dos subgrupos institucionais, da filosofia, da arte, da literatura, do direito, da religião, do trabalho, do esporte, da política.

No quadro desses valores, no âmbito institucional, corporificam-se os discursos “silenciosos”, no sentido de que se produzem discursos mais ou menos longos, em que a interação dialogal está implícita, pois cada enunciado, cada ensaio, cada artigo científico, cada partitura, cada sermão, cada poema, cada novela, cada romance, é construído para convencer, angariar simpatia, concordância ou, ao menos, para provocar reflexão.

Os vários gêneros do discurso acadêmico, que refletem e refratam a ideologia das ciências, corporificam uma espécie de discurso interior, cuja resposta pode aparecer na forma de réplica, tréplica, resenha, ou outras modalidades discursivas de interação, normalmente silenciosas, feitas para serem lidas, fruídas, interpretadas.

Diálogo e dialogismo

É lugar-comum associar diálogo e dialogismo com os estudos do círculo bakhtiniano. É relativamente pacífico, também, que as abordagens do diálogo se firmaram com pesquisadores associados a Valentin Volóchinov. Diálogo, em acepção específica, que se afasta do sentido trivial do termo, perpassa todas as categorias analíticas de MFL. A seguir, abordarei, de forma sumária, a caracterização oferecida para diálogo. No bojo deste conceito, vou apresentar discurso, enunciado, signo/palavra, pequenos gêneros e gêneros silenciosos. O caráter redundante do capítulo reflete a redundância, traço marcante de Marxismo e filosofia da linguagem.

Diálogo é caracterizado como atividade potencial, possível, provável, verossímil, mas não necessariamente enunciada, portanto, podemos dizer, é atividade do discurso interior, no sentido de que tudo o que se enuncia está enunciado com vistas à reação do interlocutor, que pode ser o próprio enunciadador.

Discurso

MFL é obra fundamental sobre discurso dialogal, tanto o exterior como o discurso interior; é manifestação da língua em sua integridade concreta e viva. Pode ser compreendido como formado por mais de um enunciado, ou por apenas um enunciado. Em ambas as situações, só se cumpre quando há resposta, réplica, explícita ou potencial. É nesse sentido que o conceito de discurso/enunciado de MFL é dialogal, por definição.

Gêneros discursivos

Gêneros discursivos perpassam a obra do círculo bakhtiniano, e têm presença discreta, mas clara, no MFL. Fato social por excelência, e, portanto, controlado pelas ideologias estabilizadoras, a língua sofre pressão contínua das ideologias dominantes, para se

manterem estáveis, garantindo assim a estabilidade ideológica. Daí o fato de os gêneros experimentarem diferentes processos e estratégias de ensino-aprendizagem, para “não se corromperem”. Entretanto, as ideologias do cotidiano, em interação com os pequenos gêneros do discurso, como conversas espontâneas, pequenos negócios, conversas em barbearia, instituto de beleza, favorecem o surgimento e a estabilização de novos modos de dizer e significar. A força do psiquismo interior dos interactantes se faz sentir, avaliando e alterando sentidos, modificando formas de dizer e de ouvir, sempre socialmente comprometidas.

No espaço ideológico da filosofia, do direito, da religião e da ciência, corporificam-se os discursos “silenciosos”, no sentido de que se produzem discursos mais ou menos longos, em que a interação dialogal está implícita, pois cada enunciado é construído para convencer, angariar simpatia, concordância ou ao menos para provocar reflexão. O texto acadêmico corporifica uma espécie de discurso interior, cuja resposta pode aparecer na forma de réplica, tréplica, resenha, ou outras modalidades discursivas de interação, normalmente sem voz exterior.

A língua viva, em cada detalhe de sua manifestação, e em cada circunstância, é condicionada pelas relações produtivas, tanto nas condições de produção quanto nas de recepção. Essas relações condicionam, em primeiro lugar, o regime sociopolítico de cada nação. Desse conjunto de processos opressivos decorrem os contatos verbais, as formas de comunicação e mesmo os meios de comunicação:

As relações produtivas e o regime sociopolítico condicionado diretamente por elas determinam todos os possíveis contatos verbais entre as pessoas, todas as formas e os meios da comunicação verbal entre elas: no trabalho, na vida política, na criação ideológica (VOLÓCHINOV, 2017, p. 107).

As práticas linguageiras resultam em regularidades nos modos relativamente estáveis de comunicação, e nos temas, identificados no círculo bakhtiniano por modos regulares de uso da língua que, em última instância, são os gêneros: “Já as condições, as formas e os tipos

de comunicação discursiva, por sua vez, determinam tanto as formas como os temas dos discursos verbais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 107).

O peso da organização hierárquica da sociedade favorece a adaptação da língua a interesses específicos dos interactantes, e acaba cunhando gêneros específicos para cada modo de comunicação: “A etiqueta verbal, o tato discursivo e as demais formas de adaptação do enunciado à organização hierárquica da sociedade possuem um significado importantíssimo no processo de elaboração dos principais gêneros cotidianos” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109).

Enunciado

O enunciado é uma variante do discurso que, na proposta marxista da filosofia da linguagem, é concebido no uso, longe portanto das formulações abstratas da linguística contemporânea convencional, de motivação saussureana ou chomskyana. Veja a atenção que o autor dá para apoio e determinação, com condicionadores do enunciado. É um chamado para não perdermos de vista a força das ideologias dos cotidianos e dos sistemas organizados: “(...) a classificação das formas do enunciado deve apoiar-se na classificação das formas de comunicação discursiva. Já essas formas são inteiramente determinadas pelas relações de trabalho e pelo regime sociopolítico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109).

O enunciado é um indicador da opção pela abordagem da língua viva. Gostaria de transcrever um posicionamento forte de Volóchinov que reforça sua rejeição às propostas do objetivismo abstrato, preocupado com a compreensão da natureza estrutural dos fenômenos, o que o autor chama de estudos da língua morta. A citação direta registrada a seguir reforça e detalha sua abordagem, da língua viva. A passagem reforça também o caráter dialogal da proposta de MFL. Por um lado, está registrado que a língua é real apenas no diálogo. Por outro lado, destaca-se o caráter da interação discursiva:

(...) a vida real da língua está longe de ser um enunciado compreendido (ou compreensível), mas é a união social da interação discursiva de pelo menos dois enunciados. A língua é real apenas no diálogo. O enunciado é somente um elemento da interação discursiva orientado para uma orientação responsiva, e pouco importa se esta é atualizada ou não” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 347).

Signo e palavra

Por que reúno numa mesma rubrica signo e palavra? Porque se recobrem parcialmente. Toda palavra é um signo. Como a significação sónica é característica da palavra, toda palavra é ideológica: “Tudo o que é ideológico possui significação sónica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93).

O destaque ao caráter sónico, como traço comum dos fenômenos ideológicos é apresentado de forma categórica: “O caráter sónico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94).

A afirmação mais importante, a meu ver, neste tópico da relação entre os signos é o fato de signo chamar signo e de a consciência só se constituir através da atividade linguageira: “Um signo se opõe a outro signo, A própria consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material sónico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95).

Ideologia e consciência individual

É impactante a concepção da consciência individual que, em decorrência dos fatos que estamos detalhando, é definida como um fato social. E, em consequência, como um fato ideológico: “A consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97).

A caracterização do signo como entidade ideológica representa ruptura definitiva com a corrente objetivista da linguística, que concebe o signo em termos puramente mecânicos, como articulação entre significante e significado, sem levar em conta as condições

concretas de uso dos signos: “O signo ideológico é o território comum, tanto do psiquismo quanto da ideologia; é um território material, sociológico e signifiante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 127).

A caracterização de palavra ganha um papel relevante no estudo do discurso, por ela ser considerada a unidade sgnica ideológica fundamental: “A palavra é o fenômeno ideológico *par excellence*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98).

O tornar-se pessoa, o exercício da vida interior, que resulta no desabrochar da consciência, destaca o papel da palavra como fundamental por ser o material do discurso interior: “A palavra se tornou o material sgnico da vida interior: a consciência (discurso interior)” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100).

Na afirmação seguinte, pode-se ver que o próprio conceito de discurso pode ser abrangido pelo conceito de palavra, como ponto de partida: “A palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100).

A palavra é o ingrediente básico da formação da experiência interior e exterior. O conceito de refração está associado ao de reflexão. O primeiro diz da variação resultante do contato da palavra com o psiquismo interior. O segundo, da atividade interior discursiva. Em MFL, a formação da consciência, dependente da refração ideológica da existência, segue a refração ideológica na palavra: “Qualquer refração ideológica da existência em formação, em qualquer material signifiante que seja, é acompanhada pela refração ideológica na palavra como um fenômeno obrigatório concomitante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 101).

O efeito da atuação dos processos de refração e reflexão se pode verificar no papel que é atribuído à palavra, tanto em tempos de normalidade sociopolítica, quanto, sobretudo, nos tempos de transtorno, crise ou mudança social. É no discurso, mas sobretudo na palavra, que brota espontânea do contexto em ebulição, que ao mesmo tempo provoca e reflete as mudanças sociais: “(...) a palavra será o indicador mais sensível das mudanças sociais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106).

Na palavra verificamos o lado concreto das relações entre a experiência interior, o psiquismo, e a experiência exterior: “(...) A própria experiência interior é somente uma interpretação ideológica específica de alguns aspectos da experiência exterior como um todo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 336).

O universo das ideologias é altamente complexo e interage com outros universos. O universo das ideologias convive, interage, se cruza com valores, crenças, estereótipos, imaginários, representações sociais, representações coletivas. Para os efeitos deste capítulo, todas essas expressões se traduzem em movimentos ideológicos, socialmente justificados, associados ao contexto cultural, controlados pelos sistemas de produção e recepção, sob o domínio do fator econômico. As condições sócio-históricas mediatas e imediatas em que se movem os interactantes exercem influência maior ou menor em seu modo de pensar e comportar-se. O grau de influência está diretamente relacionado ao potencial de proatividade e de resiliência de cada pessoa.

A tradição da linguística brasileira estabelece uma hierarquia, com o lugar mais alto e mais amplo ocupado por texto/*discurso*, que é formado por *enunciados*, por sua vez formados por *signos* ou *palavras*. Entretanto, tal tradição está comprometida com o objetivismo abstrato, em que as quatro entidades são concebidas pelo monismo, como entidades que o linguista consegue compreender, mas não estão, de modo algum, concebidas em termos dialogais. Ora, o que marca e distingue a proposta de Volóchinov é a natureza dialogal do discurso interior, em que cada movimento se faz em busca de réplica ou comentário. Portanto, aqui tratamos de entidades da atividade linguageira concreta, porque interacional, sem relação com as entidades abstratas da linguística convencional, marcada por forte influência positivista.

O embate das ideologias e a luta de classes em tempo de crise

Na revolução francesa, temos um fato digno de nota, sobre o uso da palavra para identificar membros de correntes em conflito. O caso que me interessa, é a pronúncia. As classes sociais se distinguíam, entre outras marcas verbais, pela pronúncia da lateral palatal. Se fossem pegos pronunciando palavras com marca de nobreza, sofriam punição exemplar.

Temos um caso semelhante no Brasil, no tempo da expulsão dos jesuítas e da proibição de uso da língua tupinambá. Quem fosse pego falando a língua indígena passava pela mesma punição. Pagava com a vida.

Vemos novamente em curso um movimento de judicialização e perseguição, no Brasil, em relação a um conjunto de palavras, entre as quais se contam *genocida*, *fascista*:

A existência não apenas é refletida no signo, mas também é refratada nele. O que determina a refração da existência no signo ideológico? – o cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sígnica, isto é, a luta de classes” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112).

As ideologias, quer nos grupos dominantes, quer no cotidiano, estão longe do consenso. Os subgrupos, as tribos, as tendências políticas, religiosas, filosóficas, artísticas, judiciais, marcam no discurso as suas diferenças. Os partidos políticos, os movimentos sindicais, as associações de classe, em qualquer setor das atividades humanas se manifestam os dissensos ideológicos. Em tempos de crise institucional, de qualquer natureza, emergem os discursos ideológicos identificadores das diferentes tendências. Parte das manifestações desses dissensos se corporifica nas lutas de classe, com expressão marcante no discurso.

A seguir, faço pequeno exercício de análise do discurso do dissenso, no contexto da pandemia. A primeira observação é que cada subgrupo produz discurso para seus membros, dos quais espera réplicas favoráveis e suporte, enquanto desautoriza os grupos de seus oponentes. A segunda observação é que cada

corrente ideológica estabelece bacias semânticas privativas, em que as palavras, os enunciados, os discursos soam coerentes. Por fim, cada segmento constrói por dentro suas verdades, de modo que para quem olha de fora, a impressão é de círculos concêntricos, cada círculo com seu discurso, os membros de cada círculo produzindo discursos para os quais esperam réplicas, comentários, de suporte e de reconhecimento.

O caso que trago para análise é dos discursos relativos à pandemia do Covid-19. Vou me limitar a poucas palavras e enunciados, que refletem e refratam a luta de versões dos fatos e de pressupostos ideológicos. Na busca de solução para a pandemia, recorrem enunciados com *distanciamento social, higienização das mãos, máscaras, vacinação, tratamento precoce, imunidade coletiva, imunidade de rebanho, imunização*. No processo de infecção, convivem *perda de olfato, perda de paladar, intubação, desentubação*. Há produção discursiva para sequelas, comportamentos e atitudes, como *restrições, lockdown e novo normal*.

As diferentes áreas do conhecimento experimentam o surgimento de novos descritores e palavras-chave, relacionadas a cuidados, medos, virtudes, atestando que a área ideológica da ciência está também marcada pelo dissenso e pela luta de classes. Assim se passa com as ciências médicas, a filosofia da linguagem, a educação, a antropologia e a sociologia.

O fenômeno que acabo de nomear permite constatar que discurso, enunciado e palavra contêm elementos semânticos em comum, e em determinados contextos podem ser intercambiados. Com efeito, quando dizemos que a palavra, o signo, o enunciado e o discurso são entidades psicossociais, estamos salientando o caráter ideológico dessas três entidades, e o fato de palavra ter reverberações discursivas mais ou menos claras, para os integrantes dos diferentes grupos ideológicos.

Punições contra o discurso e seus usuários em tempo de crise

Volóchinov afirmou que a língua é neutra, mas os discursos são ideologicamente comprometidos. A ideia da neutralidade da língua é uma constante no marxismo. Stalin, nos debates linguísticos dos anos 1950, também afirmava que a língua é neutra, mas se presta para veicular quaisquer ideologias, tanto burguesas, nazistas, fascistas, burguesas, capitalistas, quanto as ideologias socialistas. A linguística jurídica é parte dos estudos de judicialização e punição por crimes relacionados ao uso de termos considerados ofensivos, como genocida, corrupto, mentiroso.

Ilustração da proposta de MFL com dados contemporâneos

Parto da premissa de MFL, que vê todo signo como ideológico; signos como manifestações discursivas, em várias manifestações. Ilustro algumas dessas manifestações com palavras-chave, que evocam valores, representações, ideologias do contexto imediato da pandemia, em que são usados na filosofia e na ciência. Também recorro a títulos de trabalhos acadêmicos, que evocam ideologias consolidadas e do cotidiano, em que são cunhados.

Entendo que as ideias de MFL sugerem um esforço para incorporar, ao debate provocado pela obra, algumas ilustrações do uso da linguagem nesta década de 2020 no Brasil, portanto com um século de distanciamento do texto-referência.

Para o primado da expressão, penso que vale a pena procurar e citar passagens que registram o movimento de estabelecimento de versões discursivas dos grupos ideológicos em confronto no Brasil, em 2021.

Também merece análise o registro do primado da expressão com o uso recente de *narrativa*, *pós-verdade*, *fake news*, em associação com discurso da pandemia. Entendo que esses usos podem ser referidos como manifestações da ideologia do cotidiano.

Merecem destaque, outrossim, os termos que ilustram a ideologia institucional, na política, na religião, na cultura, na arte, no meio acadêmico.

Segue um pequeno acervo de temas resultantes de busca assistemática nas mídias do cotidiano. Na listagem inicial, flagramos *narrativa, gratidão, pós-verdade, ativismo, fascismo, nazismo, petismo, lulismo, democracia, nacionalismo*.

Na temática da saúde física e proteção à saúde: *pandemia, vírus, covid-19, endemia, máscara, lavar as mãos, álcool em gel, vacina, cloroquina, ivermectina, soroprevalência, aglomeração*. Na saúde mental despontam *sofrimento emocional e transtornos mentais, ansiedade, depressão, desânimo*. No posicionamento político-ideológico, destacam-se *negacionismo, conspiração, logística, comunavírus, spray milagroso*. Na busca de soluções ocorrem *segurança e desinfecção, potencial de contágio, isolamento social, quarentena, lockdown, restrição*.

No canal ciência, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), as palavras-chave atestam a força do embate das ideologias num campo supostamente neutro: *vacina, Covid-19, Brasil, ANVISA, novo coronavírus, imunidade, imunização, imunizante, isolamento social, solidão, desconexão social, quarentena, saúde mental, estresse, depressão, ansiedade, transmissão assintomática, pré-sintomática, máscaras cirúrgicas, contágio, hidroxicloroquina, azitromicina, teste clínico, SUS, reinfeção, endemia, imunidade coletiva, imunidade de rebanho, soro, anticorpos, testagem em massa*.

Na filosofia publicam-se estudos com referência às virtudes que ocupam o front dos debates sobre saúde: *prudência, planejamento, solidariedade/empatia, resiliência, moderação/não ganância*.

A lista de problemas está em crescendo, com ênfase para os medos: *medo de novas pandemias oriundas dos animais não humanos, medo do controle da tecnologia, medo de abuso do estado de emergência, medo da concorrência com os regimes autocráticos, medo do papel dos especialistas, medo dos efeitos assimétricos da crise em relação às desigualdades sociais; medo das interrogações sobre a vida, a morte, o nosso destino individual e coletivo*.

Na linguística, títulos de artigos e palavras-chave indiciam forte contexto ideológico: língua(gens) em tempos de pandemia: o fazer-se ouvir “apesar de”; linguagem e sociedade: aproximações e distanciamentos em tempos de pandemia; ensino de línguas em tempos de pandemia: experiências com tecnologias em ambientes virtuais; a linguagem em tempos pandêmicos: a expansão do vocabulário dos brasileiros; depois da pandemia e do pandemônio: linguística aplicada e antirracismo; ensino de língua em tempos de pandemia: aprendizagens e perspectivas; palestras online “linguagem e imagem da pandemia do coronavírus: olhares ecolinguísticos e simbólicos”.

Reabilitação da reflexão, como discurso interior

Na reflexão, típico exemplo de discurso interior, verifica-se o jogo das réplicas, tréplicas, recuos, avanços e protelação das decisões. Refletir é, portanto, trabalhar, dialogalmente. Na reflexão, palavra provoca palavra, signo chama signo, e o discurso se desenrola, ora entrecortado, ora fluente. O discurso interior, aqui, reflete e refrata o embate entre o psiquismo e as ideologias, quer a do cotidiano, quer a do meio acadêmico, como é o caso do que estou redigindo neste momento.

O caso da Coreia do Norte

O governo da Coreia do Norte tenta blindar sua população contra ideologias externas veiculadas por diferentes meios: ‘Ele quer impedir gírias e palavras estrangeiras, penteados e roupas que ele descreve como “venenos perigosos”’.

Segundo o Daily North Korean, publicado na Coreia do Sul, a punição será exemplar: “Qualquer pessoa capturada com grande quantidade de mídia da Coreia do Sul, dos EUA ou do Japão enfrentará a partir de agora a pena de morte. Quem for flagrado

assistindo a esse tipo de material pode passar 15 anos em um campo de prisioneiros”.

Recentemente, Kim escreveu uma carta na imprensa estatal pedindo à Liga da Kim combate o "comportamento antissocialista e individualista desagradável" entre os jovens. Ele quer impedir gírias e palavras estrangeiras, penteados e roupas que ele descreve como "venenos perigosos".

Propostas de análise do discurso associadas Volóchinov

Vou me concentrar nas correntes de análise do discurso que, de alguma forma, dialogam com as ideias de Valentin Volóchinov, sobre o caráter dialógico do discurso. Inicialmente vou caracterizar, em traços gerais, a abordagem dialógica. Também vou abordar a análise de discurso crítica, de Norman Fairclough, a análise de discurso textualmente orientada, a abordagem arqueológica, de Foucault, a análise de discurso com base em Pêcheux e a análise interacionista sociodiscursiva.

Há correntes que privilegiam temas relacionados às reconfigurações político-ideológicas dos últimos decênios, em que se verificam avanços, conflitos, recuos e reformulações na cena política, com reflexos na teoria, nos objetivos e nos métodos de análise.

As abordagens, qualitativas, selecionam determinados enunciados ou grupos de enunciados, sobre os quais se concentram, com vistas a inferir generalizações ou a oferecer interpretações em que levam em conta o implícito, a memória, a ideologia etc., de acordo com cada orientação.

As correntes atuais se distribuem num *continuum* de engajamento, com propostas de análise crítica e de encaminhamento de ações de combate à injustiça, à opressão e à desigualdade social.

Análise dialógica do discurso

Esta corrente é marcada pela contribuição essencial de Valérim Volóchinov na análise do enunciado verbal. Para o autor, a linguagem é dialógica, gerada na interação:

efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

A primeira impressão é que sua visão do dialogismo favorece o receptor: "A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204). Entretanto, a proposta estabelece um equilíbrio de força entre emissor e receptor: a palavra é "território comum do entre o falante e o interlocutor" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

O dialogismo está estreitamente associado com os gêneros discursivos, em uso na comunicação efetiva, quer oral, quer escrita, ou multimodal. Em sua formulação original, os gêneros discursivos se caracterizam por alguns aspectos composicionais previsíveis, normalmente associados a contextos sociais e constitutivos; em termos figurados, podemos falar numa espécie de gramática dos gêneros, não como a prisão da sintaxe, e sim como a pressão do discurso, pressão que é possível transgredir.

Podemos afirmar, com Volóchinov, que os gêneros do discurso resultam das regularidades que se criam no uso, de modo que a gramática dos gêneros cria regularidades mais estáveis nos contextos de comunicação mais utilizados. Gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, a meio caminho entre padronização e maleabilidade, como polos de um continuum. A lista é longa, mas, saindo do mais estável e indo para o mais maleável, podemos pensar em diploma, passaporte, boletim de ocorrência policial, requerimento, memorando, cheque, bilhete de passagem, receita culinária, bula, nota fiscal, resumo acadêmico, relatório, crônica, poema, conversa informal, carta pessoal, *e-mail*, *chat*, etc.

Em cada cena enunciativa, o enunciado se articula com a ideologia em torno de um objeto de enunciação; em princípio, é através dos gêneros discursivos que os interlocutores entram em interação. No contexto político e sócio-histórico em que Volóchinov elabora suas teses, assim como no contexto político de hoje, os enunciados da língua são ideologicamente saturados, o que garante a compreensão mútua entre os interlocutores.

O enunciado é a unidade de análise da Análise Dialógica do Discurso (ADD); no discurso, como entidade composta por enunciados, é que se cria sentido, sempre em contexto específico: um dado lugar e um dado momento, assim como um dado locutor, que se dirige a um ou mais interlocutores.

Admitimos que não há o informante adâmico, que nomeia pela primeira vez os animais, que produz a primeira versão de cada ideia. A maior parte do léxico de que dispõe foi adquirido em interação real, em situação concreta de comunicação. A memória retém e reelabora sentidos com que os enunciados foram produzidos e interpretados. Portanto, o papel da memória é crucial, na organização dos saberes enciclopédicos dos interlocutores.

O conceito de interdiscurso decorre das experiências enunciativas, o que permite afirmar que todo enunciado é réplica a outros enunciados e, por sua vez, provoca novas réplicas.

As ideias de Volóchinov e as de Pêcheux têm alguns pontos distintos na concepção de ideologia. e de formação social. Volóchinov publica *Marxismo e filosofia da linguagem* em 1920, e lida com o conceito de ideologia do marxismo clássico de Lenin, segundo o qual a consciência vem da linguagem em uso real. Rejeita a ideia de que a língua seja uma superestrutura, concebe-a neutra, ideologicamente marcada para cada grupo de usuários, resultante e resultando da interação social. Admite que o signo é ideológico, num sentido mais específico do que Pêcheux, para quem o sujeito é interpelado pela ideologia. Pêcheux escreve no final dos anos 1970 e trabalha as premissas marxistas sobre discurso na ótica de Louis Althusser. Nesse contexto, elabora seu conceito de formação discursiva.

Em Volóchinov, há lugar especial para o psiquismo individual, que reage e se posiciona face às ideologias que o cercam. Em Pêcheux, destaca-se a defesa da tese do assujeitamento do sujeito, que teria papel muito diminuto, face ao cerco ideológico.

Também há pontos convergentes. Em sentido amplo, ambos trabalham com realizações concretas da linguagem humana verbal articulada, com atenção especial para o contexto econômico, ideológico e sociopolítico, mais do que pano de fundo, e sim como condicionador discursivo.

Verificam-se novas tendências de análise dialógica, em praticamente todas as revistas que lidam com análise do discurso. Quero destacar os registros da revista Bakhtiniana e Linguagem em (dis)curso. A primeira é produção do LAEL, da PUCSP, e Linguagem em (dis)curso procede da UNISUL. Na primeira, destaco v. 9 (2014), Revistas Eletrônicas da PUC-SP, toda sobre o círculo bakhtiniano. Também o número 1, de 2021 é todo de orientação dialógica.

Análise de discurso crítica

A análise de discurso crítica é uma das vertentes que privilegiam o quadro sociocultural e político, em relação ao componente composicional dos textos. Em vista desta orientação, investiga a desigualdade social e as formas culturais de opressão, e procura oferecer instrumentos para equacioná-las e, eventualmente, superá-las. Parte da hipótese de que todo pensamento é mediado por relações de poder, e de que os fatos estão sob o domínio dos valores ideológicos; logo, a tarefa do analista crítico é desmistificar os discursos dominantes e contribuir para a construção da consciência crítica.

Há mais de uma versão desta corrente. É também conhecida como análise crítica do discurso. A origem inglesa do termo é *critical discourse analysis*. O primeiro termo traduz de forma mais fiel uma análise de discurso que é crítica. O que apresento aqui resulta da convergência de dois movimentos parcialmente diferentes, de

origem distinta, mas com propostas de análise assemelhadas, um associado ao pesquisador Norman Fairclough e seus colegas, outro a Michael Halliday e seu grupo. Ambas lidam com práticas discursivas e problemas políticos relacionados à emancipação de minorias. Em ambas as propostas, mas sobretudo na de Fairclough, o foco é o contexto social injusto, em que há necessidade de reflexão para desvelar a desigualdade de oportunidades e propor metas no processo emancipador.

A análise de discurso crítica admite que o novo capitalismo globalizado se adaptou e vem se readaptando para perpetuar as práticas capitalistas que, por sua vez, perpetuam a distribuição desigual de poder. Parte dessa readaptação se verifica na tecnologização das práticas discursivas e dos comportamentos da vida social, com a conseqüente especialização dos discursos.

A primeira ação consiste em descrever as práticas discursivas associadas a programas hegemônicos, em que as relações de dominação estão estabilizadas. A análise das práticas discursivas se faz pensando na avaliação externa, no resgate dos direitos das minorias e, em casos específicos, na compensação e na reparação histórica.

Os proponentes da análise de discurso crítica estão atentos para a interdiscursividade. Cresce também entre eles a atenção para textos multimodais, que se compõem de diferentes modalidades de linguagem, como a verbal escrita, a verbal oral, a imagética estática, a imagética dinâmica, a musical etc. No que concerne ao lado propriamente crítico da análise, optam por temas polêmicos, em que é flagrante a desigualdade de oportunidades e a injustiça. Predomina o esforço para compreender e equacionar os fenômenos de exploração e naturalização da injustiça. Merece comentário o fato de as propostas de emancipação dos subalternos serem endereçadas sobretudo ao mundo acadêmico, e não propriamente aos subalternos. Pode-se dizer mesmo que são poucas as propostas de análise crítica em que se dá voz aos subalternos.

Cabe observar que as práticas discursivas sintetizam, mantêm e reforçam as representações sociais; as formas legais e jurídicas

legitimam, justificam e conferem credibilidade ao quadro injusto, que passa a ser interpretado e percebido como normal, e mesmo como natural. O que é mais cruel, as práticas discursivas memorizam as construções “verdadeiras” dos dominadores, enquanto as crenças, opiniões, valores, representações e os imaginários dos subalternos são rotulados como portadores de “viés ideológico”. As práticas discursivas passam a incorporar um conjunto de frases feitas, ditados, anexins, anedotas, piadas, que se repetem mesmo pelos subalternos excluídos (negros, homoafetivos, estrangeiros, pobres etc.).

As práticas discursivas discriminatórias viram moeda corrente, em contexto de leve brincadeira, ou de chacota, armazenando na memória os valores controlados pelas ideologias. A pergunta que não quer calar é formulada por Spivac: é possível quebrar a hegemonia? Pode o subalterno sublevar-se? Pode o subalterno falar? Até que ponto os intelectuais, analistas das práticas discursivas e sociais que evidenciam opressão e desigualdade, podem contribuir para ação contra-hegemônica?

A proposta da Análise de discurso crítica pode ser considerada parte das teorias da ação reflexiva, com sujeitos conscientes e agentes, apesar do cerceamento cotidiano. O sujeito da Análise de discurso crítica é molestado, cerceado, por múltiplas forças, em múltiplas instâncias, e corre o risco de ser assujeitado, ou de ter seu caráter radicalizado, dependendo de como reage às pressões conjunturais. Se radicalizado, pode vir a compor com grupos opressores, terroristas, ou de outro matiz autoritário. Se assujeitado, pode servir aos interesses dos dominadores, O mais comum é o equilíbrio instável, em que o sujeito convive com forças opostas, contrárias e contraditórias, e faz seu próprio trajeto como sujeito reflexivo.

Análise de discurso crítica propõe estratégias de emancipação, exatamente no trabalho com as práticas discursivas, que concebe estreitamente vinculada com as práticas sociais.

Análise de discurso textualmente orientada

A análise de discurso textualmente orientada (ADTO), busca inspiração em dois grupos de estudiosos; o primeiro é de orientação pós-marxista, liderado por Ruth Wodak, Lilie Chouliaraki e Norman Fairclough, que a apresentam como ferramenta para a pesquisa social crítica de práticas sociais. O segundo grupo, com ideias da linguística sistêmico-funcional, busca apoio nas ideias de Michael Halliday. A expressão inglesa que a identifica é *text oriented discourse analysis*.

Na linha de Ruth Wodak, entende o texto como unidade do discurso e da comunicação, que representa relações de luta de classe e de conflito; procura dar conta dos efeitos de textos sobre comportamentos e atitudes sociais.

A ADTO conceitua texto como equivalente a discurso no sentido contável: qualquer acontecimento linguageiro no interior de alguma prática social; concebe a linguagem verbal como cadeia escrita ou sonora, ou associada a outros recursos semióticos, em especial as imagens.

Seus seguidores assumem ideologia na visão de Fairclough: “ideologia são os significados gerados em relações de poder, como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94). A primeira parte da definição é mais inteligível: *significados gerados em relações de poder*; a segunda nos obriga a manter significados na base: *significados gerados nas dimensões do exercício do poder*; a última fica difícil de se relacionar com a penúltima. Se os significados são uma dimensão do exercício do poder, como podem ser uma dimensão da luta pelo poder? Entendo que o conceito de ideologia representa um voto na capacidade reflexiva e reativa dos sujeitos, na sua “capacidade de agir como agentes e mesmo de transformar as bases da sujeição” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 56).

A ADTO configura a realidade social em *estruturas, práticas e eventos*. As estruturas compreendem *linguagem, discurso e texto*. As práticas discursivas englobam gênero e estilo, em processos de

significação *representacional, acional e identificacional*. Em outras palavras, através delas dizemos o mundo, propomos ações sobre esse mundo e produzimos enunciados que nos identificam e nos ajudam a construirmos nossa própria imagem.

A ADTO estabelece que a hegemonia é construída no discurso pelas práticas sociais e nessas mesmas práticas, pelo discurso. Não há clareza suficiente de que a abordagem contém uma proposta realista de emancipação das classes dominadas. Na minha interpretação, a ausência de tal proposta não constitui uma limitação da ADTO, e sim de todas as abordagens de orientação marxista ou pós-marxista. Comungo a percepção de Spivac, sobre a dura realidade das classes subalternas, utilizadas como referência para os estudos de cunho social, em que os pesquisadores escrevem para pesquisadores, sem espaço para a voz das pessoas dominadas e oprimidas.

Concordo em que é necessário descrever os mecanismos de barbárie e exploração humana, mostrar os processos de assujeitamento pelas ideologias opressoras e pelos mecanismos de naturalização da selvageria do novo capitalismo. Mas entendo também que não podemos parar aí. Além de constatar o silenciamento, devemos refletir, honestamente, com os silenciados, em busca de meios de mostrar a voz e (quando possível) o voto.

Análise arqueológica do discurso

Esta corrente está construída sobre uma metáfora das camadas arqueológicas. Michel Foucault propõe escavar os discursos, e interpretá-los de forma histórica, prestando atenção para os usos desses discursos no curso da história. Para o autor, o discurso constitui o mundo social. Mas ao mesmo tempo o discurso é constituído por esse mundo social. Foucault concebe o discurso e o próprio homem como inacabados, em estado contínuo de reformular-se, completar-se, num eterno recomeço.

Foucault quer “restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento” (FOUCAULT, 1995, p. 32). Pelo que acabamos de

falar, a arqueologia do saber permite compreender que diferentes épocas produziram diferentes saberes a partir de pontos móveis. O arqueólogo descreve e analisa as práticas discursivas que produzem verdade. Parte do pressuposto de que a verdade não é descoberta, mas produzida.

Ele inventou o termo *formações discursivas*, como modos de organizar as experiências sociais na linguagem e, portanto, como modos de conhecimentos, representações sociais, imaginário social, sistemas de crenças, valores, estereótipos. Como produto das formações discursivas, a prática discursiva indicia tensões entre indivíduos, o contexto tempo-espacial, histórico e social, as relações de poder e de resistência nas inter-relações humanas.

As formações discursivas motivam relações entre saber e o biopoder, que fazem o biopoder gerir a vida das pessoas, sua saúde, de disciplinar os corpos dos indivíduos, docilizá-los. Os corpos dóceis de Foucault não fazem história, mas são constituídos pela história.

Para Foucault “[...] a análise arqueológica é a análise da maneira [...] pela qual os objetos são constituídos, os sujeitos se colocam, e os objetos se formam”. Ele define discurso como “[...] prática regulamentada dando conta de certo número de enunciados [...]” (1997, p. 90).

A corrente trabalha com discursos situados em determinado tempo e lugar, e contribui para identificar as construções sociais que orientam as práticas dos sujeitos e seus modos de convivência. Segundo Foucault o discurso serve para dar curso à intencionalidade do sujeito e atender à sua vontade de verdade e de saber e poder, pois para Foucault “o discurso veicula e produz poder” (FOUCAULT, 2007, p. 112).

O sujeito foucaultiano é protagonista de ações em seu espaço social, e produz seu discurso em enunciados. A arqueologia permite ver o que se pode dizer, dos modos de dizer, de quem pode dizer, e de quando e onde dizer algo sobre alguma coisa.

Análise interacionista sociodiscursiva

Estamos diante de mais uma corrente de análise de discurso voltada para a análise de fatos discursivos situacionalmente dados e datados. Esta corrente de análise deve sua existência às atividades de pesquisa de Jean-Paul Bronckart (1999, 2006, 2008). Esses fatos são considerados como sendo de natureza sócio-histórica e cultural.

À semelhança da análise modular do discurso, a análise interacionista sociodiscursiva se singulariza como corrente multidisciplinar prototípica, que opera com conceitos e princípios da Linguística, da Sociologia, da Psicologia, da Filosofia e da Pedagogia. Convive com ideias do linguista franco-suíço Ferdinand de Saussure, e com os russos Volóchinov e Vygotsky.

Em vista de sua orientação atual, quase pós-disciplinar, o interacionismo não segue um padrão metodológico dogmático; antes, busca alternativas de análise em diferentes áreas do conhecimento. Mantém um tom levemente estruturalista, concebe a língua como produto da interação social. Aprofunda-se na análise das condições de produção e recepção, propondo que a língua precisa ser abordada em sua situacionalidade contextual.

Propõe um modelo de análise textual “descendente” (BRONCKART, 2009), que se adapta ao dinamismo das interações. Trabalha com *corpus* de qualquer natureza, mas privilegia entrevista, o estudo de caso, a observação participante, a etnografia e a pesquisa-ação.

O interacionismo sociodiscursivo oferece recursos para os analistas intervirem nas condutas humanas num aspecto que considero relevante, que é contribuir para a formação de sujeitos reflexivos, com capacidade na arte de redigir textos técnicos relevantes, situacionalmente dados.

O modelo interacionista considera o pesquisador como agente, criador de saberes, e protagonista da transformação acadêmica. Estabelece que o pesquisador deve estar comprometido com o avanço do bem-estar social. Tenho apreço às causas defendidas pela

corrente, mas por ora não tenho evidência suficiente, ao examinar a produção da área, sobre os aspectos humanos, sociais, éticos e político-comerciais do trabalho científico.

Considerações sobre as correntes

As correntes associadas ao dialogismo mantêm a primazia sobre o funcionamento do discurso, com atenção redobrada para a Vejo alguns gestos de militância na análise de discurso crítica e na análise de discurso textualmente orientada, com atenção suficiente para as características do pensamento interdisciplinar.

As correntes de base dialógica contribuem de forma genuína para lidar com a dominação e a desigualdade, na cena contemporânea. Crescem os grupos que analisam assimetria de poder, grupos explorados, sem vez nem voz, e mesmo grupo subalternos.

Considerações

Li MFL com gosto, e as passagens que tive mais dificuldade em compreender se referem ao contexto da obra, uma vez que não convivo com o contexto russo dos anos 1920. Li em busca de pistas para depreender a conceituação de discurso, nas linhas e nas entrelinhas. Espero que o presente capítulo mostre que vi discurso nos enunciados e nas palavras-chave, nos títulos de obras, na apreciação e na negação de valores e representações.

Espero ter compreendido o sutil conceito de dialogismo enclausurado em algumas passagens sobre o discurso interior, em que no aparente monólogo, se sucedem réplicas e comentários. Em busca de comentários, depois de tanta busca de luz para os estudos da linguagem em contexto desfavorável, segue uma réstia de esperança e utopia:

O Sol há de brilhar mais uma vez
A luz há de chegar aos corações
Do mal será queimada a semente
O amor será eterno novamente
 É o juízo final
A história do bem e do mal
 Quero ter olhos pra ver
 A maldade desaparecer
O Sol há de brilhar mais uma vez
A luz há de chegar aos corações
Do mal será queimada a semente
O amor será eterno novamente [...]
(Élcio Soares, Nelson Cavaquinho e Fernando Brant).

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz; LOPES-DUGNANI, Bruna; MELO JUNIOR, Orison Marden Bandeira. O pesquisador do discurso aqui e agora. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, vol. 14, nº. 2, São Paulo, Apr./Jun. 2019, Apr. 15, 2019.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- CAVALCANTE FILHO, Urbano; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). **I Congresso nacional de estudos linguísticos**, Vitória-ES, 18 a 21 de outubro de 2011.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse in analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

- COSTA, Nelson Barros da. Dialogismo e análise do discurso – alguns efeitos do pensamento bakhtiniano nos estudos do discurso. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 15, nº. 2, p. 321-335, mai./ago. 2015.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis**. London: Longman, 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: EDUNB, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. São Paulo: Forense Universitária, 1995.
- HALLIDAY, Michael A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- HIRSCHKOP, Ken. Bakhtin contra darwinianos e cognitivistas. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, 11 (1), Jan.-Apr. 2016.
- MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso – história e práticas**. São Paulo: Parábola, 2007.
- PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**. Vol. 21, n. 1, 2013.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. *In: Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 19, 1-179, jul./dez. 1990.
- SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. MFL em contexto: algumas questões. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso** 11 (3), Sep.-Dec. 2016.
- SPIVAC, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: EDUFMG, 2018.
- VOLÓCHINOV, Valentim. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- WODAK, Ruth; FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis**. London: Sage, 2013.

DISCURSO DIRETO, INDIRETO E INDIRETO LIVRE: O DISCURSO ALHEIO COMO EXEMPLO DE DIALOGISMO DISCURSIVO

Luciano Novaes Vidon
Vivian Pinto Riolo

O "discurso alheio" é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249, grifo do autor)

Introdução

O discurso alheio, discurso reportado, discurso citado, ou discurso de outrem são nomenclaturas comumente atribuídas a um fenômeno muito característico de todas as línguas, apresentando uma variedade de formas, mesmo em uma única língua.

Volóchinov, do Círculo de Bakhtin¹, se interessou particularmente por esse tema e dele se valeu como exemplo para argumentar, ainda que indiretamente, a favor da tese da interação discursiva, do diálogo como princípio fundador e fundante da língua(gem), da enunciação, do discurso. Desse modo, recorreu a um conteúdo de gramática tradicional - presente tanto no ensino da língua russa, quanto no ensino da língua portuguesa - para compreender, responsiva e ativamente, como os sujeitos discursivos lidam com os discursos outros, de outros sujeitos.

¹ Não nos deteremos na questão polêmica da autoria dos textos do Círculo. Trata-se de uma questão bastante complexa, em grande parte ainda indefinida, mas a tendência atual é de se considerar independentes as autorias de Volóchinov e Medviédev, por exemplo, ainda que a voz de Bakhtin e de outros componentes do Círculo reverberem nos textos desses autores.

O autor parte da afirmação inicial, epígrafe do presente capítulo, de que “O ‘discurso alheio’ é o *discurso dentro do discurso*, o *enunciado dentro do enunciado*, mas ao mesmo tempo é também o *discurso sobre o discurso*, o *enunciado sobre o enunciado*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249), o que inscreve o tema do ‘discurso alheio’, com essa formulação, no campo denominado por Bakhtin, em “Problemas da poética de Dostoievski” (1998), como Metalinguística, ou seja, um campo próximo do que hoje conhecemos como Análise do Discurso, e não exatamente no campo dos estudos gramaticais. A bem da verdade, nos estudos tradicionais de gramática, esse tema, em geral, é situado no sub-campo da Estilística, uma “edícula”, vamos dizer assim, na “casa grande” das gramáticas tradicionais normativas. Em Volóchinov, e no Círculo de Bakhtin, o campo da estilística é ressignificado, reinterpretado com os tons emotivo-volitivos dos estudos metalinguísticos do discurso.

É importante contextualizarmos que essa discussão surge em um momento em que a linguística se fortalecia epistemologicamente na Europa Ocidental, na América do Norte, mas também no Leste Europeu, como apontam Brandist e Lähteenmaki (2019). No contexto soviético, a linguística é herdeira do trabalho de pesquisadores notáveis, como Baudouin de Courtenay, Aleksandr Potebnia, Viktor Vinográdov e Rozália Chor. Entretanto, Volochínov e o Círculo de Bakhtin vão se alinhar às pesquisas sociológicas nessa área, desenvolvidas, principalmente, por Nikolay Marr e Lev Iakubínski, com base no materialismo histórico-dialético. É no interior dessa perspectiva que o diálogo, não em seu sentido corrente, será visto como a mola propulsora da linguagem e da língua.

Volóchinov, dessa maneira, como um jano bifronte, ao mesmo tempo em que ataca a tradição secular da escolástica, e, em particular, a cisão entre gramática e estilística - como Bakhtin também o faz em “Estilística e ensino da língua” (2013) -, mira na linguística estruturalista-formalista, herdeira do comparativismo

histórico, apontando a sua pouca atenção aos enunciados concretos, aos diálogos, aos discursos e às ideologias.

A eleição do discurso alheio, ou discurso de outrem, como exemplo, no sentido retórico do termo, visa, portanto, favorecer a defesa do papel do outro no discurso e, por consequência, na língua.

Gramática e estilística sob o viés do dialogismo discursivo

A discussão de Volóchinov sobre o “discurso alheio” se encontra na Parte III do livro “Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”, e se intitula “Para uma história das formas do enunciado nas construções da língua (experiência de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos)”, sendo dividido em quatro (4) capítulos: 1- “A teoria do enunciado e os problemas de sintaxe”; 2- “Exposição do problema do ‘discurso alheio’”; 3- “Discurso indireto, discurso direto e suas modificações”; e 4- “Discurso indireto livre nas línguas francesa, alemã e russa”.

Para o autor, a linguística de sua época, herdeira do comparativismo histórico (mas também da escolástica), elegeu como *corpus* privilegiado a fonética e a morfologia, deixando a sintaxe e a semântica² de lado, e isso teria sido um grande equívoco em razão da morfologização da sintaxe e da compreensão passiva dos processos de significação. Desse modo, Volóchinov (2017, p. 242 – grifos do autor) ressalta a importância da sintaxe e de sua relação com o discurso:

Com efeito, de todas as formas da língua, as sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas do enunciado, isto é, daquelas dos discursos verbais concretos. Todos os desmembramentos sintáticos do discurso desintegram o corpo vivo do enunciado, e por isso são os que geram mais dificuldade ao serem relacionados ao sistema abstrato da língua. As formas sintáticas são mais concretas do que as morfológicas e as fonéticas, e estão

² Na parte II do livro (Marxismo e filosofia da linguagem), no capítulo 4, “Tema e significação na língua”, Volóchinov chama a atenção do leitor para o fato de que a significação é um dos problemas mais difíceis para a linguística e demonstrava o monologismo unilateral do campo, naquele início do século XX.

ligadas de modo mais estreito às condições reais da fala. Por isso, na nossa compreensão dos fenômenos vivos da língua, justamente as formas sintáticas devem ter primazia sobre as morfológicas e as fonéticas. No entanto, do que foi dito, também se torna claro que o estudo produtivo das formas sintáticas só é possível no terreno de uma teoria bem elaborada do enunciado. Enquanto o enunciado como um todo permanecer *terra incógnita* para o linguista, não se pode falar de uma compreensão real, concreta e não escolástica das formas sintáticas.

Segundo Volóchinov (p. 253), o pensamento linguístico predominante em seu contexto dialógico, ou seja, um pensamento de base objetivista-abstrata, não consegue estabelecer diferenças entre categorias como frase e enunciado, não distingue o interior do enunciado de seu exterior, por isso desconhece a “percepção do todo discursivo”, o enunciado em sua concretude discursivo-ideológica. Vale lembrar que essa é uma discussão também realizada por Bakhtin em “Questões de literatura e estética: a teoria do romance” (1993) e “Os gêneros do discurso” (2016), refletindo e refratando as reflexões filosóficas iniciais de “Para uma filosofia do ato responsável” (2010), em que a noção de “palavra viva” se fazia presente.

Uma forma linguística como ‘silêncio’ pode ser vista como uma frase perfeitamente acabada, em que se pode pressupor uma forma verbal na qual ela se ancore, constituindo, ainda que abstratamente, uma proposição, um sintagma verbal, uma oração (“Faça silêncio!”; “Pede-se silêncio!”). Como sabemos, nas gramáticas tradicionais a forma linguística “silêncio”, do ponto de vista sintático, constituiria a chamada frase nominal. A morfologização sintática a que Volóchinov se refere é exatamente a transmutação da palavra morfológica ‘silêncio’ em uma frase, “Silêncio!”, em que se pressupõe a presença, *in absentia*, como diria Saussure, de um núcleo verbal (fazer, exigir, pedir, etc.).

Outra coisa, no entanto, é essa mesma forma linguística materializada em uma enunciação concreta. O que isso significaria?

A significação dessa forma linguística dependeria, inexoravelmente, de suas condições de produção, de seu contexto dialógico, isto é, da relação dialógica entre um eu e um outro, um eu

que enuncia “Silêncio!”, por alguma razão concreta, a um outro sujeito que compartilha dos mesmos horizontes espaciais, temporais e avaliativos, como o próprio Volóchinov analisa em “A palavra na vida e a palavra na poesia” (2013). Seria plenamente possível, também, que um eu tenha enunciado algo, a uma determinada altura de voz, e um outro enunciara “Silêncio!”, retrucando-o. A forma linguística “Silêncio!” poderia aparecer, também, em um poema, em um conto ou romance e o leitor a responderia ativamente, atribuindo uma valoração a ela. É especialmente essa valoração, essa entoação avaliativa que interessa a Volóchinov e ao Círculo de Bakhtin.

A relação dialógica entre um eu e um outro vem acompanhada, sempre, de uma relação axio-ideológica entre esses interlocutores (sujeitos do discurso) e uma historicidade, o tempo-espaço em que se encontram, os elos enunciativos em que se entrelaçam e dão um inacabamento ao processo, os tons avaliativos que assumem responsiva e responsabilmente. Neste sentido, estabelece-se uma diferença entre o enunciado como um todo, o enunciado concreto, e o enunciado monológico, a frase.

Nas análises tradicionais de gramática, os discursos direto, indireto e indireto livre são discutidos, em geral, na parte destinada à estilística. A análise, no entanto, trata essas formas de transmissão do discurso de outrem da perspectiva do enunciado monológico, da frase, e não do enunciado concreto, dialógico. Os tipos de discurso, direto, indireto e indireto livre, são caracterizados formalmente, pela presença ou não de verbos *dicendi* (disse, perguntou, respondeu, ponderou etc.), pela marcação ou não de tempo dos verbos (presente, para os discursos diretos; passado para os discursos indiretos, etc.), emprego de 1ª ou 3ª pessoa, inserção de conjunção, entre outros procedimentos. Do ponto de vista do conteúdo, as gramáticas em questão diferenciam o discurso direto do indireto, afirmando que, naquele, tanto a forma quanto o conteúdo são preservados, enquanto neste, apenas o conteúdo se manteria “intacto” (LIMA, 2010, p. 592). Quanto ao discurso indireto livre,

Rocha Lima, por exemplo, o considera “sutil”, percebendo, ao atribuir a tal forma esse adjetivo, a sua complexidade e dificuldade de interpretação.

A crítica de Volóchinov à morfologização da sintaxe, e, paralelamente, à incompreensão responsivo-ativa do enunciado, pode ser observada na ênfase dada ao mecanismo de transposição de uma forma discursiva para outra. O discurso direto é tomado como modelo de base das “transformações morfossintáticas” para as formas indiretas, a “clássica” e a livre. O motor dessas transformações se encontra nas formas linguísticas (morfológicas) e suas alterações, como a passagem do tempo presente para o tempo passado, ou inclusões, como de verbos *dicendi* e conjunções. Nesse ponto, é justamente o discurso indireto livre que “desobedece” a essas regras, ao ocultar a presença de verbos *dicendi*, de elos conjuntivos ou mesmo de aspas, no caso de textos escritos.

Volóchinov, assim como o Círculo de Bakhtin, faz questão de analisar esses fenômenos também no âmbito da estilística, mas não de uma estilística escolástica, formalista e normativista, e sim de uma estilística discursiva, dialógica, na qual essas formas de transmissão do discurso alheio são percebidas em seus movimentos, seus inacabamentos, em suas fronteiras relativas, em sistemas axiológicos e suas condições de produção histórica e social. Propõe, então, uma interpretação discursiva do processo de transmissão do discurso alheio, fundamental para o processo de comunicação linguístico-verbal em uma perspectiva de *orientação sociológica*. É com essa orientação que o autor se voltará para o problema do “discurso alheio”, direcionando seu olhar para alguns dos processos históricos desse fenômeno e, em particular, para as *sutilezas* de suas fronteiras. É o que discutimos a seguir.

O discurso alheio e suas fronteiras sutis

O discurso alheio é, ao mesmo tempo, tema e enunciado/discurso, ou seja, ocupa um lugar de limiaridade, de

fronteira, um umbral, nos termos de Anthony Wall (2013). O contexto autoral x se encontra com o contexto autoral y :

[...] as formas de transmissão do discurso alheio expressam *a relação ativa* de um enunciado com outro, não no plano temático, mas nas formas construtivas estáveis da própria língua. Estamos diante do fenômeno da *reação da palavra à palavra*, que, no entanto, difere clara e essencialmente do diálogo. No diálogo, as réplicas são separadas gramaticalmente e não são incorporadas em um único contexto. Pois não há formas sintáticas que constroem a unidade do diálogo. Já se o diálogo estiver incluído no contexto autoral, temos diante de nós um caso de discurso direto, isto é, de uma das formas do fenômeno em questão (VOLÓCHINOV, 2017, p. 251).

O autor defende, nesse ponto, uma “percepção ativa do discurso alheio”, o que, novamente, remete ao ensaio inacabado “Para uma filosofia do ato responsável” (BAKHTIN, 2010). Essa percepção ativa atua nas formas de transmissão do discurso alheio, através de i) tendências sociais estáveis da percepção ativa do discurso alheio que se estratificam nas formas da língua e ii) influência das forças sociais organizadas ideologicamente. Desse modo, “a língua não reflete oscilações subjetivo-psicológicas, mas inter-relações sociais estáveis dos falantes”.

O discurso interior do sujeito *percebe* e avalia o discurso alheio de outro sujeito: “Entre o discurso alheio e o contexto da sua transmissão existem relações complexas, tensas e dinâmicas, sem as quais é impossível compreender a forma de transmissão do discurso alheio” (p. 254-5).

Sobre as tendências de transmissão do discurso alheio, Volóchinov irá se deter no que ele denomina de *estilo linear* e *estilo pictórico*. O primeiro, materializado enunciativamente, por exemplo, pelo discurso direto e pelo discurso indireto analítico-objetual, apresenta uma configuração mais racionalista, objetiva, e se caracteriza por uma maior demarcação de fronteiras e por um viés mais dogmático: “a sua tendência principal é a criação de contornos claros e exteriores do discurso alheio diante da fraqueza da sua individualização interior” (p. 257).

Já o estilo pictórico apresenta uma configuração mais ‘colorida’, ‘pitoresca’, termos do próprio autor, e, por isso mesmo, com menor grau de objetividade e racionalidade. Os enunciados que, geralmente, o materializam são o discurso direto difuso, o discurso indireto analítico-verbal, o discurso quase indireto e, claro, o discurso indireto livre.

Na segunda tendência da dinâmica da mútua orientação entre o discurso autoral e o alheio, percebemos processos de caráter diametralmente opostos. A língua elabora um meio de introdução mais sutil e flexível da resposta e do comentário autoral ao discurso alheio. O contexto autoral tende à decomposição da integridade e do fechamento do discurso alheio, à sua dissolução e ao apagamento das suas fronteiras. Podemos chamar esse estilo de transmissão do discurso alheio de pictórico. Ele tende a apagar os contornos nítidos e exteriores da palavra alheia. Nesse caso, o próprio discurso é muito mais individualizado e a percepção dos diferentes aspectos do enunciado alheio pode ser extremamente aguçada. Percebe-se não apenas o seu sentido objetual, a afirmação nele contida, mas também todas as particularidades linguísticas da sua encarnação verbal (VOLÓCHINOV, 2017, p. 258).

Como exemplos gerais das duas tendências, Volóchinov compara o discurso artístico ao retórico, associando este ao linear e aquele ao pictórico.

Diferentemente do artístico, o discurso retórico não tem tanta liberdade no manuseio da palavra alheia, em razão da finalidade da sua orientação. A retórica exige uma percepção nítida das fronteiras do discurso alheio. Ela possui um sentido aguçado de propriedade sobre a palavra e é meticulosa quanto à autenticidade. A linguagem retórico-jurídica se caracteriza pela percepção nítida da subjetividade discursiva das "partes" do processo em relação à objetividade do tribunal, da decisão judicial e de todo o discurso investigativo que acompanha o processo de julgamento. A retórica política é análoga. É importante definir qual é o peso específico do discurso retórico, judicial e político, na consciência linguística de um dado grupo social em uma dada época. Além disso, é necessário considerar sempre a hierarquia social da palavra alheia que está sendo transmitida. Quanto mais intensa for a sensação de superioridade hierárquica da palavra alheia, tanto mais nítidas serão suas fronteiras e menos penetrável ela será pelas tendências comentadoras e responsivas. Assim, nos gêneros inferiores do neoclassicismo existem desvios substanciais do estilo linear, racional e dogmático de transmissão do discurso

alheio. É emblemático que o discurso indireto livre tenha alcançado um desenvolvimento importante pela primeira vez justamente nas fábulas e contos de La Fontaine (p. 261-2).

Ainda que, na citação acima, o autor procure caracterizar o discurso retórico, seja no campo jurídico, seja no campo político, como um discurso em que as fronteiras autorais estão devidamente delimitadas, demarcadas, ao contrário de discursos artísticos, como o das fábulas de La Fontaine, mais adiante no texto, Volóchinov (p. 285) recorre a alguns fenômenos da Retórica, a saber, a *pergunta* e a *exclamação retóricas*. O autor busca essas possibilidades de construções de enunciado para mostrar como, nos casos exemplificados, as fronteiras entre o discurso do eu (autoral) e o discurso do outro (alheio) se encontram fragilizadas. Isso porque tais discursos “podem ser interpretados simultaneamente como uma pergunta ou exclamação do autor e como uma pergunta ou exclamação do personagem direcionadas a si próprio (p. 286).

Esses fenômenos, exemplificados por Volóchinov com o poema “O prisioneiro do Cáucaso”, de Púchkin, são de discursos diretos que fazem fronteira com o discurso indireto livre. São falas de um eu (o autor ou o narrador) no lugar de um outro eu (o herói), mas, nesses casos, segundo ele, na mesma *direção entonativa*. Por sua vez, no discurso indireto livre há uma interferência discursiva segundo a qual as entonações valorativas do eu (autor) e do outro (herói/personagem) não coincidem, isto é, estão orientadas discursivamente para direções diferentes, ou seja, o discurso alheio resiste à transmissão autoral. Assim, a convergência entre o discurso alheio e o discurso autoral não fica claramente perceptível.

Essa incursão do pesquisador russo pelo campo da retórica, mais do que visar demarcar esse campo como um lugar prototípico do estilo linear, dado que o discurso direto e o indireto analítico-objetual lhe são os mais comuns, tem a intenção de mostrar que, mesmo nesse campo, mais afeito às racionalidades, às análises objetivas, etc. também encontra, em algumas de suas formas, como

a pergunta e a exclamação retóricas, espaços de subjetividade, ou melhor, de intersubjetividade, próprias do discurso indireto livre.

Isso nos leva a pensar em gêneros publicísticos, como as propagandas comerciais, que parecem se encontrar na fronteira entre o discurso retórico e o artístico, sendo muito difícil considerar o estilo desses enunciados como totalmente ou predominantemente linear, dado que características como a delimitação de fronteiras, o discurso dogmático, autoritário e a objetividade não são encontrados facilmente.

Dentro desta perspectiva, Volóchinov se recusa a compreender o discurso indireto livre como fusão do discurso direto com o discurso indireto (posição do filólogo alemão Tobler, o primeiro, segundo ele, a analisar esses discursos, em meados do século XIX) ou como um jogo de adivinhação de quem é o discurso enunciado, se do autor ou do personagem (posição de Kalepky, filólogo alemão do final do século XIX). Para o estudioso soviético, a “novidade” ou a “criatividade” do discurso indireto livre está mesmo nessa dubiedade, nessa ambivalência entre o discurso do eu e o do outro, recorrendo, pois, mais uma vez, à figura do Jano bifronte, Janus, o deus romano de duas faces que se amalgamam num todo.

Os traços de historicidade, ideologicidade e limiaridade são fundamentais para Volóchinov caracterizar o discurso indireto livre, contrapondo-o aos discursos lineares, que reforçam limites, fronteiras, lugares, vozes.

De alguma forma, o discurso indireto livre se aproxima do processo de polifonia, identificado por Bakhtin na poética de Dostoiévski, em que o discurso do personagem parece tomar conta da narrativa do autor, a sua voz interfere nesse discurso e o conduz, o orienta dialógica e ideologicamente. Nos exemplos extraídos do romance “Os Buddenbrook”, de Thomas Mann, personagens como o Cônsul, o sr. Gosch, Hanno Buddenbrook tomam as rédeas da narrativa, mas suas falas se “confundem” com a fala do autor-narrador, vivem na fronteira do eu e do outro, em condição de limiaridade.

Não se trata, para Volóchinov, nem de um processo estritamente linguístico, em que as formas da língua trabalham no interior de um sistema autônomo, posição da linguística objetivista-abstrata, nem um processo psíquico-individual, oriundo da subjetividade do falante, uma questão, portanto, expressiva, estilística (individual, na concepção vossleriana): “A língua em todas as suas manifestações se torna uma expressão das forças psíquico-individuais e das intenções semânticas individuais. A formação da língua se revela como uma formação do pensamento e da alma dos indivíduos falantes.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 310) – posição dos idealistas-subjetivistas

Para o autor, “a personalidade falante, os seus sentimentos, as suas intenções subjetivas, os propósitos, os planos estilísticos conscientes não existem fora da sua objetivação material na língua” (p. 310-1).

A língua não existe por si só, mas somente combinada com o organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real. As condições da comunicação discursiva, as suas formas e os meios de diferenciação são determinados pelas premissas socioeconômicas da época. São essas condições mutáveis da comunicação sociodiscursiva que determinam as alterações das formas de transmissão do discurso alheio analisadas por nós. Além disso, parece-nos que, nessas formas em que a própria língua percebe a palavra alheia e a individualidade falante, expressam-se de modo mais proeminente e saliente os tipos de comunicação socioideológica que se alternam na história.

Relações dialógicas e ideológicas entre o discurso alheio e o discurso próprio

O discurso indireto é a transmissão analítica do discurso alheio, daí que, para o autor, “a análise é a alma do discurso indireto” (p. 270), análise entendida como interpretação, intermediação.

O tempo todo, o interesse de Volóchinov, assim como do Círculo de Bakhtin, é pelas bordas, pelas margens, pelas fronteiras limiares dos discursos do eu e do outro, ou do autor e do(s)

personagem(ns), como ele analisa, dado que se atém ao discurso literário no âmbito da Rússia.

A preparação do discurso alheio e a antecipação do seu tema, das suas avaliações e ênfases pela narrativa do autor podem tornar o contexto autoral tão fortemente subjetivizado e marcado com os tons do personagem que esse mesmo contexto passa a soar como um "discurso alheio", dotado, no entanto, de entonações autorais. A narrativa somente nos limites do horizonte do próprio personagem (razão pela qual Bally acusava Zola) - não somente nos limites do horizonte espacial e temporal, mas ainda valorativo e entonacional - cria um fundo aperceptivo extremamente peculiar para o enunciado alheio. Tudo isso nos permite falar sobre uma modificação específica do discurso alheio antecipado, disperso e oculto no contexto autoral que parece irromper no enunciado real e direto do personagem.

O discurso indireto livre, por sua vez, tendo seus limites tão opacos, coloca em contato o discurso próprio e o discurso alheio, de modo que a palavra do eu e a palavra do outro se interpenetram. As zonas limítrofes entre esses discursos não ficam estabelecidas de forma evidente e, nesse sentido, ocorre a interferência entre tais dizeres. É sobre esses processos de "interferência discursiva" que o autor se detém.

Trataremos aqui, de forma prática, sobre a dissolução da palavra alheia em contexto autoral. Mas, para além do discurso verbal, vamos explorar tal procedimento estilístico-discursivo, considerando os aspectos verbais e não verbais presentes em enunciados publicitários televisivos. Abordaremos especificamente, um enunciado de cunho testemunhal, em que a palavra daquele que enuncia configura certa autoridade ao que está sendo dito, porque é resultado de uma experiência vivida. Portanto, carrega um valor discursivo que agrega legitimidade ao discurso.

Nesse sentido, devem ser levados em consideração, no aproveitamento da análise, o dispositivo e suas configurações, em face às possibilidades de uso da imagem, do som e da palavra. Além disso, vale destacar que a apropriação da palavra alheia no discurso publicitário estabelece um destino social ao enunciado e que as condições socioeconômicas vigentes refratam o valor da palavra do

outro em sua apreensão. Assim, a palavra publicitária, ao evocar a voz de um outro sujeito em sua composição, estabelece um valor de mercado sobre essa palavra.

Diante disso, a relação de apreensão ativa da palavra do outro é orientada pelas premissas socioeconômicas de uma dada época (p. 262). Nesse aspecto, o discurso alheio incorporado ao enunciado de dada marca, ainda que seja autônomo em sua constituição, tem um aproveitamento linguístico, social e mercadológico que se vislumbra conforme o auditório social ao qual está vinculado. Isso porque a publicidade busca cativar, reforçar valores e/ou estabelecer crenças, a depender do seu propósito discursivo.

Volóchinov (p. 262) pontua que a hierarquia social da palavra alheia tem um peso na organização discursiva e, nesse aspecto, destacamos a publicidade testemunhal como uma forma de enunciado em que a ocorrência do discurso indireto livre retrata bem essa relação e que pode ser notada comumente nas publicidades televisivas brasileiras. Conforme o Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária – CONAR (1980), as publicidades testemunhais devem ser resultantes de experiências reais vividas pelas testemunhas ali apresentadas, podendo essas serem profissionais de área, pessoas famosas ou pessoas comuns. A partir do propósito discursivo, cada uma dessas palavras alheias pode servir a uma finalidade, mas Riolo (2014, 2016, 2019) destaca que, na sociedade contemporânea, a palavra da pessoa comum garante um efeito de verdade e carrega uma força discursiva maior, visto que ela não vislumbra uma autopromoção de sua imagem ou de seus serviços ao contar suas experiências com a marca ou produto.

A recorrência de emprego dessa palavra de pessoa comum em publicidades brasileiras evidencia os rastros de um aparente discurso direto, como um enunciado independente de toda a proposta discursiva que o abarca. Nesse ponto, aproxima-se das forças que operam sobre o discurso retórico que busca, de forma linear, estabelecer um ponto de vista sobre uma marca ou um produto. Importante notar que a incorporação da palavra outra é sustentada por um projeto discursivo com fins mercadológicos que

buscar dizer algo com esse sujeito que enuncia. Ainda que as orientações avaliativas sejam diferentes na sua organização, elas convergem para uma mesma proposta.

A voz do publicitário, que organiza a narrativa pela palavra do outro, está tão presente quanto às vozes dos heróis da narrativa. Ela trabalha de forma indiretamente livre recrutando elementos verbais e não verbais para dar acabamento ao projeto discursivo. Nesse sentido, tendo a voz do outro uma força discursiva mais produtiva para os fins mercadológicos na constituição da campanha, o enfraquecimento da voz do autor (publicitário) se constitui como uma estratégia. O discurso indireto livre quer ser apagado.

Disso resulta que a fala testemunhal evidencia, em seus argumentos avaliativos, o conteúdo temático tratado. Essa, por sua vez, se constitui como o tema do tema no contexto autoral (p. 250). Tanto os recortes verbais que serão veiculados quanto a organização do audiovisual que envolve essas falas das testemunhas, ambos, dialogicamente, fazem ressoar essa voz publicitária. Contudo, a palavra alheia evocada nesse discurso, que se configura de forma verbal e não verbal, resiste a essa transmissão autoral tornando as fronteiras relativamente apagadas.

Trataremos aqui de uma publicidade sobre o iogurte Activia, da empresa Danone, veiculada em 2012, na televisão (versão adaptada) e no *YouTube* (versão integral). O vídeo já não está mais armazenado no canal da empresa, mas faremos a contextualização dos aspectos que o constituíram e que serviram de base para a análise desenvolvida. A Danone, empresa de origem europeia, disponibiliza no mercado alimentício produtos de teor nutritivo e também alimentos funcionais, como o iogurte Activia. A instituição busca, no relato de pessoas comuns, experiências com o produto que favoreçam a sua divulgação. Dentre essas pessoas, o público feminino tem grande relevância e constitui a maioria de suas publicidades. Mas é necessário destacar que Activia não é destinado a qualquer mulher e sim àquelas que têm condições de manter a dieta para a regulação do intestino. A publicidade sinaliza que apenas o consumo regular do

iogurte, associado a atividades físicas e boa alimentação, poderá contribuir para o efeito esperado e, na sociedade brasileira, esses aspectos limitam bastante o público consumidor.

Esse aspecto socioeconômico fica evidente na escolha das heroínas da publicidade que, embora demonstrem a diversidade étnico-racial existente no país, fazem o recorte da classe social a que elas pertencem, diante do cenário em que elas aparecem bem como pelos cuidados pessoais, traduzidos pelas vestimentas e maquiagem. A atriz Dira Paes aparece ao final dos testemunhos estabelecendo uma voz de autoridade que acompanha os demais relatos, sinalizando, por meio da locução pronominal “a gente”, que compartilha da experiência positiva com o produto. A publicidade faz parte de uma campanha intitulada “Elas já descobriram. E você?”, em que se propõe a abertura de um diálogo com o consumidor. Vejamos o enunciado verbal:

Mulher 1 – Quando eu descobri? Foi na minha primeira viagem com meu namorado...

Mulher 2 – Aí eu pensava: será que comigo é diferente? Porque eu me sentia...

Mulher 1 – Na hora “H” eu fiquei paranoica, porque eu me sentia...

Mulher 2 – Inchada... (risos)

Mulher 1 – Inchada.

Mulher 2 – Quando eu me olhava no espelho...

Mulher 1 – Quando eu vi que eu quase estraguei a viagem... a ficha caiu!

Dira Paes - A gente já descobriu que se sentir inchada não é normal. Normal é se sentir bem! E você?

Danone – Quer descobrir também?

– www.eujadescobri.com.br.

– Pratique exercícios físicos e mantenha uma dieta equilibrada.

Vale dizer que o diálogo é estabelecido com o consumidor de forma proeminente por meio do questionamento que encerra a publicidade, mas ela é organizada tanto em seu aspecto verbal quanto em seu aspecto não verbal de forma dialógica, na construção do enunciado, com o público consumidor esperado. Nesse sentido, consideramos o publicitário (ou a equipe publicitária) como o autor que

organiza o discurso partindo de questões inusitadas e complexas que fazem parte do universo feminino, dando um tom mais leve a um problema de saúde que afeta o físico e a autoestima das mulheres. O diálogo já se inicia nessa seleção da temática e no tom que a ela será dado, visto que entre o público feminino há uma preocupação com a imagem pessoal, derivada, em boa parcela, da ideologia capitalista.

A construção dialógica da publicidade evidencia o efeito de uma relação dialogal entre as mulheres que entram em cena para contar suas histórias. As histórias contadas são independentes entre si e isso fica evidente pela repetição do cenário que mantém, em cada narrativa, os mesmos apetrechos e mobiliários, apenas sendo modificada a testemunha. Apesar disso, no enunciado concreto, o enredo é organizado em forma de diálogo, de modo que o efeito que se obtém é de que elas estão conversando sobre seus problemas e de que uma mulher complementa a ideia iniciada pela outra.

O discurso direto de cada mulher que conta sua história sobre se sentir inchada responde a suposta pergunta que aparece, igualmente, para as possíveis consumidoras ao serem inseridas no diálogo por meio da pergunta de Dira Paes “E você?” e da interação de Danone que participa assinando e dando o acabamento ao diálogo proposto na publicidade com o questionamento ao consumidor “Quer descobrir também?”. Nesse sentido, a fala de cada uma das participantes, em sua construção linear, traz argumentos que demonstram não apenas sua experiência com o produto, mas que são carregadas de crenças e valores que destoam das ideologias dominantes, a saber: relações sexuais antes do casamento ou padrão de beleza inadequado àquele ditado pelo capitalismo.

A construção publicitária organizada por meio do discurso direto remete à ideia de que, na transmissão do discurso alheio, as fronteiras das falas das participantes são nítidas. Tal como ocorre nos procedimentos retóricos, insinua que as partes, ao dialogarem, trazem em seus próprios enunciados contornos específicos que delimitam o seu turno de fala. Essa estratégia discursiva coloca a palavra da pessoa comum em uma hierarquia com peso tão

relevante quanto a fala de Danone que só aparece no final do enunciado e apenas convida o potencial consumidor para a interação. A palavra de força discursiva não é a da empresa dizendo que o produto é bom, mas é a palavra de um outro consumidor.

Ocorre que toda essa elaboração discursiva se trata da voz do publicitário que organiza, de forma indiretamente livre, esses elementos que compõem o discurso. Desde o uso do discurso direto à escolha do tom dado ao tema do enunciado, bem como a seleção das ideologias mobilizadas na construção dos argumentos e, ainda, a organização dialógica do verbal e do não verbal, em tudo, ecoa a voz do publicitário, autor-criador da campanha. Essa voz está presente em toda a construção discursiva, mas de forma esmaecida. A sutileza da sua voz só é perceptível nas nuances que evidenciam o foco da câmera na gestualidade das personagens, bem como na escolha da música de fundo que orienta a cadência para algo grandioso que está no devir, como a descoberta que o possível consumidor também poderá fazer.

As relações de sentido que são organizadas no enunciado pelo publicitário respondem não apenas a necessidade de compreensão ativa sobre o público-alvo, mas é também uma resposta às ideologias circundantes na sociedade. Essa resposta precisa ser ajustada aos limites do veículo de comunicação ao qual o enunciado está incorporado. Nesse sentido, destacamos que, por meio da pesquisa sobre essa campanha no canal da empresa no *YouTube*, identificamos que o enunciado primeiro sofreu alguns recortes, no qual se estabeleceu para a publicidade televisiva a seleção das heroínas que nomeamos como mulher 1 e mulher 2.

A publicidade televisiva deve obedecer a uma temporalidade estimada em função de valores de mercado. Normalmente, elas são constituídas por enunciados que duram em torno de 30 segundos. Assim, a presença da mulher 3, que configurava o primeiro enunciado, foi desarticulada do enunciado que foi apresentado na televisão, tal como é possível observar na transcrição abaixo:

Mulher 1 – Quando eu descobri? Nossa! Essa é uma história engraçada... Foi na minha primeira viagem com o Paulo.

Mulher 2 – Ih, menina! Não era questão de descobrir, mas de admitir. E eu admiti pra mim mesma, faz pouco tempo!

Mulher 3 – Ah, eu descobri faz muito tempo! Mas eu pensava que toda a mulher era assim...

Mulher 2 – Minha avó tinha, minha mãe tinha, eu tinha... Elas diziam que era normal... e eu acreditava.

Mulher 1 – Quase que a gente brigou, acredita?

Mulher 3 – A correria da vida, filhos, trabalho... Eu achava besteira perder tempo pensando nisso.

Mulher 2 – Quando eu me olhava no espelho... eu não curti!

Mulher 3 – Ah! Eu ia convivendo... Tinha dias que eu sentia que incomodava mais; em outros eu nem lembrava.

Mulher 2 – Aí eu pensava: Gente! Será que eu sou diferente? É muito mais fácil você colocar a culpa na natureza do que tomar uma atitude. Mas uma hora a ficha caiu!

Mulher 3 – Acho que a virada foi quando eu resolvi arrumar um tempo pra mim, pra me cuidar. E parte disso foi procurar ajuda para aquele desconforto. Me alimentar melhor, fazer exercícios.

Mulher 2 – Porque não pode ser normal você passar a vida se sentindo...

Mulher 1 – Inchada.

Mulher 3 – Eu não queria mais me sentir inchada.

Mulher 2 – *aparece gesticulando inchaço*

Mulher 3 – *aparece gargalhando.*

Mulher 1 – Aí acabou que eu contei... e aí a viagem foi outra, né?

Mulher 3 – Filhos, trabalho a correria da vida... não tenho mais desculpa. Agora é hora de cuidar de mim... E descobri que nada é motivo pra gente não ficar de bem com a vida.

Mulher 1 – E agora que eu descobri, já até comprei as passagens da próxima viagem.

Dira Paes – A gente já descobriu que se sentir inchada não é normal. Normal é se sentir bem! E você?

Danone – Já descobriu?

– Acesse e descubra também em www.eujadescobri.com.br.

– Pratique exercícios físicos e mantenha uma dieta equilibrada.

– Ajuda a equilibrar a flora intestinal. Seu consumo deve ser associado a uma alimentação equilibrada e hábitos de vida saudáveis.

Depoentes – *aparecem gargalhando e tomando Activia.*

A mulher 3 é uma pessoa mais velha em relação às que permaneceram no recorte que seria veiculado na televisão. Mas é possível notar que ela obedece, no aspecto visual, a todos os

elementos já mencionados anteriormente no que concerne ao vestuário e à aparência física e, também, ao emocional. Nela se resgatam as mesmas relações de sentido que acompanham a proposta de Danone. A mulher 3 também se descobriu e sua breve história se configura igualmente produtiva como a das demais. Mas por que ela não apareceu no enunciado veiculado na televisão? Qual foi o critério de seleção? Quem estabeleceu a validade dessa mulher madura em detrimento das mulheres mais jovens?

Esse olhar avaliativo do publicitário que traz a sua entonação para o discurso e congrega as pessoas mais novas na narrativa que vai adentrar as casas brasileiras por meio da televisão é mais um olhar atento para o público consumidor. Embora o público feminino seja aquele que mobiliza a campanha, a preocupação com a aparência incide de forma muito maior entre as mulheres jovens. E esse é mais um indício da voz do publicitário presente na campanha, embora a dissolução da sua voz só seja perceptível em uma análise que extrapole os limites da apropriação da palavra alheia a partir do tratamento tradicional recebido nos estudos da linguagem.

O pensamento de Volóchinov (p. 258, grifo do autor) sobre o estilo “pictórico” no discurso indireto livre, portanto, pode ser traduzido claramente pela publicidade testemunhal. Nela se manifestam diferentes vozes discursivas e há uma tentativa de apagamento dessa voz autoral. A força da voz do discurso citado representada pelo depoimento das heroínas de Danone mascara o tom avaliativo da voz do publicitário. Assim, embora os testemunhos tenham uma orientação discursiva diferente da apresentada por Danone, porque contam histórias de vivências pessoais, em todas elas, é possível notar a orientação discursiva que o publicitário faz convergir: para se sentir bem e normal é preciso consumir Activia.

Considerações

“O discurso alheio pode ser entendido em sua configuração como reação da palavra à palavra, isto é, traz um tom avaliativo sobre o tema

do discurso do outro” (p. 251). Na constituição de apropriação da palavra de outrem, os contornos dessa interrelação dinâmica podem ser evidentes, velados ou praticamente imperceptíveis. É nesse último caso que o discurso indireto livre se situa, visto que a palavra autoral e o discurso alheio se entrecruzam na fronteira sintática (gramatical) e estilística (discursiva) dos dois discursos. Mas não apenas como a fusão dos tipos de discurso alheio direto e indireto, e sim em um processo de interferência, em que o discurso autoral penetra o discurso do outro e o discurso alheio, ao mesmo tempo em que é autônomo, pode refletir e refratar os interesses da palavra autoral.

Nessa esteira, tentamos mostrar como funciona a relação ativa da palavra publicitária à palavra de outrem no gênero testemunhal publicitário, pois, apesar de apresentarem tons distintos, confluem para o fim mercadológico. Em *Activia*, a palavra alheia integrada ao projeto discursivo do contexto autoral, embora configure relações de réplicas que remontam à noção de diálogo pela perspectiva tradicional, não pode ser estudada apenas dessa forma. As formas sintáticas que constituem o diálogo entre as heroínas e Danone estão na fronteira com o discurso autoral do publicitário, sendo que ele mantém o conteúdo objetivo do dizer das testemunhas e da instituição, mas dá um acabamento a esse dizer, incluindo tais enunciados na composição que elabora com fins mercadológicos.

O diálogo publicitário proposto vai além da concepção de transmissão da palavra do outro em que com ele se estabelece limites de fala. Mas vai na orientação do valor que essa palavra tem na sociedade, isto é, de uma percepção ativa do discurso alheio diante das demandas do mercado. Além disso, deve ser percebido pelo viés dialógico que opera nas interações sociais com os valores, crenças e ideologias estabilizados em dada cultura, considerando as oscilações sócio-históricas que estas podem sofrer.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. (trad. Paulo Bezerra) São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino de língua**. (trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo). São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. (trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco). São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. (trad. Paulo Bezerra) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BRANDIST, C.; LÄHTEENMÄKI, M. **Os primórdios da linguística soviética e os ensaios de Mikhail Bakhtin sobre o romance dos anos 1930**. (trad. Rodrigo Garcia Garay e Francine Barreto, com revisão de Ana Zandwais e Camila Reisler Cavalcanti). *In*: Ana Zandwais; Luciano Novaes Vidon (Orgs.). *A pesquisa sob enfoque dos estudos do Círculo de Bakhtin*. Vitória: Edufes, 2019.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929-30]**. (Trad. Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo). 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. *In*: VOLÓCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. (trad. João Wanderley Geraldi). São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

WALL, A. **Alterity and culture: the here-and-now chronotopes of cultural alterity**. (trad. Adail Sobral). Conferência de abertura do II Encontro de Estudos Bakhtinianos (II EEBA), realizado em Vitória (ES), em 12 de novembro de 2013.

BASES PARA A NOÇÃO DE INTERDISCURSO: O DIALOGISMO E AS FORMULAÇÕES DO INTERDISCURSO NOS ESTUDOS ENUNCIATIVO-DISCURSIVOS

*Geane Valesca da Cunha Klein
Lucas Martins Gama Khalil*

Introdução: para entender a temática ...

Ao fazer as primeiras considerações sobre a temática deste capítulo consideramos pertinente pontuar o porquê de se tomar a perspectiva bakhtiniana para então, a partir dela, discutir algumas acepções contemporâneas de dialogismo e interdiscurso. Nesse ponto de partida, compartilhamos de alguns pressupostos assumidos por Renfrew (2015), quando ele se propõe a responder a pergunta-título “Why Bakhtin?” (Por que Bakhtin?). Segundo o autor, apesar de os estudos bakhtinianos terem se difundido no ocidente entre as décadas de 1970 e 1990 – período em que a teoria literária e os estudos culturais viveram seu ápice –, verificam-se divergências e até contraposições entre a perspectiva assumida por Bakhtin e aquela expressa pelos principais paradigmas teóricos da época, como o Estruturalismo, o Marxismo, a Psicanálise e a Desconstrução (Pós-estruturalismo); os quais pautavam-se pela busca hermenêutica de “um outro texto” nos interstícios do texto em interpretação.

Renfrew (2015) reforça que, na perspectiva bakhtiniana, o significado está presente no texto, mas não é redutível a ele. Destarte, evidencia que a oposição entre teorias imanentes (como as abordagens formalistas) e teorias da determinação pelo ambiente externo (abordagens contextuais, sociológicas, históricas) é aparente e, por isso, propõe-se a trabalhar na fronteira delas: considerando que o significado está presente na imanência do texto, ao mesmo tempo em

que é condicionado pelo contexto/ambiente de produção – apagando as distinções estanques entre o que é intrínseco ou extrínseco, seja numa obra literária ou em qualquer outro enunciado.

Segundo Renfrew (2015, p. 4), um dos motivos pelo interesse por Bakhtin reside na abordagem que ele faz sobre “a construção do sujeito humano, do significado e da ética não através da lente formal da filosofia ou da linguística, mas através da lente infinitamente difusa da literatura [tradução nossa]”. Desta feita, o pensamento bakhtiniano permite problematizar as articulações e fronteiras entre a literatura e o mundo além dela, partindo e dando primazia ao texto, mas considerando o “universal” do dialógico. Por isso, Renfrew (2015) compreende que o elemento central do conjunto de obras bakhtinianas é a linguagem, mais do que a literatura. “Seja no contexto da vida quotidiana, na boca de pessoas reais ou nas páginas de obras literárias, na boca dos não menos reais 'autores e heróis' de Bakhtin, a linguagem encarna e dá acesso às várias fases da experiência humana” (RENFREW, 2015, p. 4).

Diante desta constatação, Renfrew (2015) argumenta que Bakhtin e seus colaboradores constituem uma versão particular de teoria da linguagem, “construída em torno da 'enunciação' como emblema de uma 'língua viva', em oposição às regras e convenções da linguagem como um sistema abstrato” (RENFREW, 2015, p. 4). Assim, as reflexões advindas da perspectiva bakhtiniana deram abertura para que o plural, o multivocal, o heterogêneo pudessem ser pensados como parte constitutiva da linguagem, sobretudo, a partir da construção da noção de dialogismo, que, juntamente com a de polissemia, operou uma cisão na ideia de um discurso monológico.

Essas reflexões iniciais pautaram a escrita deste texto tal como o apresentaremos a seguir, primeiramente destacando aspectos que nos pareceram pertinentes acerca do círculo de Bakhtin e da noção de dialogismo; em um segundo momento, evocando discussões que atravessam os conceitos de linguagem, enunciação e interdiscurso e, posteriormente, destacando e discutindo o conceito de interdiscurso

em Dominique Maingueneau. Encerrando o diálogo, apresentamos algumas palavras finais e sugestões de leitura.

O Círculo de Bakhtin e a noção de dialogismo

Para que, nas duas seções seguintes, possamos apresentar alguns dos desdobramentos relativos à noção de interdiscurso na Análise do Discurso, a presente seção se debruçará sobre algumas formulações do Círculo de Bakhtin concernentes ao dialogismo, pois elas abrem espaço para possíveis aproximações com as teorizações do “interdiscurso”, conceito mobilizado nos trabalhos de Michel Pêcheux e Dominique Maingueneau, dentre outros analistas de discurso.

Não é nosso propósito esquadrihar todas as menções ao conceito de dialogismo (e relações afins) na obra de Bakhtin e dos pesquisadores do Círculo, pois isso escaparia aos limites espaciais deste texto. Por isso, pautaremos a exposição a partir de três fontes principais: o livro *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2014), especialmente no sexto capítulo, “A interação verbal”; o texto “Os gêneros do discurso” ([1952-1953] 2011a); e o manuscrito “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas” ([1959-1961] 2011b), estando os dois últimos presentes na edição brasileira de *Estética da Criação Verbal*.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov, ao realizar um panorama sobre o estado da linguística àquela época, afirma que esse campo de estudos privilegiava o “estudo da enunciação monológica isolada” (2014, p. 108). Os dizeres a seguir são bastante taxativos quanto a isso: “A enunciação como um todo não existe para a linguística. Consequentemente, apenas subsistem os elementos do sistema, isto é, as formas linguísticas isoladas” (*ibidem*, p. 109). Faz-se referência, principalmente, à Linguística estruturalista, que se centraria nas formas, nas relações sistemáticas – em resumo, na *langue* saussureana – e não na língua posta em uso, na dinâmica da interação verbal. É no bojo desse questionamento que Volóchinov postula: “Toda palavra comporta duas faces. Ela é

determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém” (2014, p. 117). A enunciação, como sabemos, não se sustenta a partir de uma “mensagem” autossuficiente; ela se dá sempre em referência a um “eu” que, em dada situação de interação verbal, produz diante de si um “tu”, seja ele presente, ausente, individual, coletivo, definido, “universal” etc.

É no capítulo “A interação verbal”, sobretudo, que se discorre de modo mais explícito sobre a noção de diálogo, tanto em seu mais recorrente sentido, associado à conversação face a face, quanto no âmbito da reflexão teórica acerca do que se começa a conceber como “dialogismo”. Porém, no capítulo anterior, tal discussão já havia sido, em parte, adiantada: “toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa” (VOLÓCHINOV, 2014, p. 110-1). Sustenta-se, nesse pressuposto, a afirmação de uma acentuação valorativa que se constitui como indissociável do “conteúdo”, por assim dizer, da enunciação. Em outras palavras, não se usa a língua de forma neutra; mesmo que o enunciador tente se “apagar” (como pode ocorrer em certos gêneros do discurso), aquilo que ele diz sobre determinado tema sempre ressoa uma cadeia de outros dizeres que se confrontam, se reafirmam, se tensionam.

Vejamos, a seguir, um trecho de *Marxismo e filosofia da linguagem* em que as acepções de “diálogo”, acima mencionadas, são relacionadas e distinguidas:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (*ibidem*, p. 127).

Esse sentido amplo de diálogo aplica-se, inclusive, a textos da modalidade escrita. O teórico cita, por exemplo, “o ato de fala sob a forma de livro”, que sempre se orienta “em função das intervenções anteriores da mesma esfera de atividade” (*ibidem*, p. 128). Por

exemplo, uma obra literária, concebida a partir desta perspectiva, está longe de ser um objeto autônomo, dotado de uma “coerência” estritamente interna. Ao inscrever-se na instituição literária e em todo o seu funcionamento social, a obra relaciona-se, diretamente ou não, com o conjunto de textos que a antecede, bem como antecipa possíveis respostas, objeções. Ela, de fato, “dialoga” com outras enunciações. De acordo com Volóchinov (2014, p. 129),

enquanto um todo, a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extra verbal e verbal (isto é, as outras enunciações).

O clássico texto “Os gêneros do discurso”, do início da década de 1950, possibilita o aprofundamento de algumas questões relacionadas ao dialogismo, especialmente, no que concerne ao modo como se constituem “elos” na cadeia de comunicação discursiva, em associação com formas relativamente estáveis de enunciados que circulam em uma sociedade. É sob a perspectiva dos gêneros discursivos que se torna possível compreender a inscrição da linguagem na historicidade e nas práticas sociais. Nas palavras de Bakhtin (2011a, p. 268):

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

Sendo cada enunciado um “elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (*ibidem*, p. 272), a apreensão teórica do funcionamento da linguagem em uso demanda a consideração da natureza responsiva dos enunciados. Diferentemente da oração, que é uma unidade da língua que “tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade” (*ibidem*, p. 278), o enunciado, enquanto unidade da

comunicação discursiva, caracteriza-se justamente pelo não fechamento, na medida em que “responde” a outros enunciados:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (BAKHTIN, 2011a, p. 275).

Vale ressaltar que “por mais monológico que seja o enunciado (por exemplo, uma obra científica ou filosófica), por mais concentrado que esteja no seu objeto, não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo que já foi dito sobre dado objeto” (*ibidem*, p. 298). Essa relação na cadeia enunciativa não se resume a uma questão meramente temática. Os próprios gêneros discursivos – caracterizados não apenas pelo conteúdo temático, mas também por uma forma composicional e por um estilo – não são alheios ao caráter dialógico dos enunciados. Bakhtin lembra que, se não o falante tivesse a necessidade de “criar” um gênero do discurso a cada vez que usasse a linguagem, a comunicação seria praticamente impossível. A “estabilização” relativa dos enunciados também se realiza, portanto, a partir do elo que se constitui entre eles.

Na produção de um enunciado, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, o falante não “retira”, simplesmente, as palavras do sistema da língua em sua “forma neutra”; em vez disso, “costumamos tirá-las de outros enunciados e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso” (*ibidem*, p. 292). Isso faz com que o enunciado seja pleno do que o autor denomina “tonalidades dialógicas”. As palavras, nesse sentido, existem para os falantes em três aspectos: “como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra” (*ibidem*, p. 294). Para ser a “minha palavra” (ilusoriamente, em certa medida), ela já

é carregada, portanto, das ressonâncias dialógicas que se constituem nas práticas sociais de uso da linguagem.

Em qualquer enunciado, quando estudado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, descobrimos toda uma série de palavras do outro semilattes e latentes, de diferentes graus de alteridade. Por isso o enunciado é representado por ecos como que distantes e mal percebidos das alternâncias dos sujeitos do discurso e pelas tonalidades dialógicas (BAKHTIN, 2011a, p. 299).

No manuscrito “O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras ciências humanas”, Bakhtin (2011b, p. 323) alerta que não se pode reduzir as relações dialógicas a “[...] relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso”. Isso tem como consequência, na abordagem do discurso, a compreensão de que a mera emergência de uma mesma palavra em diferentes enunciados não significa, necessariamente, a convergência quanto à acentuação valorativa com a qual os sujeitos a empregam. Daí a pertinência de ressaltar a “integralidade” do enunciado, pois, como vimos, a sua referência não é a um sistema “neutro” de onde as palavras são retiradas; as palavras já circulam nos diferentes discursos e a sua emergência em dado enunciado não deixa de se vincular às tonalidades dialógicas constituídas nesses discursos, bem como na contraposição a outros discursos possíveis.

Linguagem, enunciação e interdiscurso

Em uma perspectiva linguística mais tradicional, a noção de enunciado pode implicar o estabelecimento de um sujeito de consciência idêntico àquele que o coloca em circulação. Tal acepção pressupõe como evidente a existência de um ser que é o único autor do enunciado e, portanto, o responsável por aquilo que nele é dito. Nesse cenário, a complexidade da interação e do dialogismo interdiscursivo e interlocutivo é ignorada. Com vistas a

problematizar essa relação, a noção de dialogia foi proposta por Bakhtin (1997), que entendia o diálogo como uma entidade constitutiva do sujeito. O autor dedicou-se a compreender como diferentes vozes encontram-se em um discurso e coexistem em relação de interação, sem que a presença de uma anule a outra. Nos moldes da perspectiva intersubjetiva, são levados em consideração os modos pelos quais a atividade ideológica e a interação entre o eu e o outro constroem a subjetividade. Deste modo, conforme Bakhtin:

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações de outros ou despovoada das vozes de outros. Absolutamente. A palavra, ele a recebe da voz do outro e repleta de voz do outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros (2008, p. 232).

Nessa dinâmica, é importante lembrar que o enunciado, embora delimitado espacialmente por um início e um fim demarcáveis, sempre mantém relações com outros que lhe precederam ou a ele se sucederão. De acordo com Bakhtin, um enunciado “nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia” (1997, p. 375).

Bakhtin (1997) pondera que a composição de um enunciado se desencadeia a partir de um movimento de compreensão responsiva ativa, decorrente do aceite ou da refutação das ideias apresentadas pelo locutor. É a partir dessa avaliação que as respostas ao discurso do outro são emitidas. As atitudes responsivas levam à constituição de novos enunciados, emanados como reações-resposta ativas dos interlocutores. Conforme o autor,

[...] toda compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo, é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Cabe destacar que o dialogismo das vozes no discurso ocorre de maneiras diversas, por vezes assimilando-se ao discurso do

enunciatário e fazendo-se (im)perceptível em modos e nuances que podem diferir conforme os olhares dos interlocutores e, por isso, a ideia de dialogia coaduna com o conceito de interdiscurso. Destarte, Fiorin (2016, p. 165) destaca que “Em Bakhtin, a questão do interdiscurso aparece sob o nome de dialogismo”. E foi justamente a partir das reflexões suscitadas pela elaboração da noção de dialogismo por Bakhtin e seus seguidores que a linguística se desdobrou em subáreas que romperam com a visão estruturalista e homogênea do sujeito e da língua. Primeiramente surgiram as perspectivas enunciativas de estudo da linguagem, em seguida desenvolveram-se estudos sobre a heterogeneidade enunciativa, ampliaram-se as discussões nas áreas da semântica discursiva e da linguística textual e, mais recentemente, os estudos em análise do discurso potencializaram o conceito de interdiscurso.

Destes desdobramentos dos estudos advindos da perspectiva bakhtiniana, destacaremos nesta seção aqueles produzidos por Jaqueline Authier-Revuz, que toma a noção de dialogia e a entrecruza com a teoria da enunciação de Benveniste e a psicanálise, além de evocar o conceito de interdiscurso desenvolvido por Pêcheux. A propósito do sujeito com que trabalha e de sua relação com o dizer, a autora baliza o quadro teórico no qual se inscreve:

[...] apoiamo-nos em exteriores teóricos que destituem o sujeito do domínio de seu dizer [...], consideramos que o dizer não poderia ser transparente ao enunciador, ao qual ele escapa, irrepresentável, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 17).

Quando Authier-Revuz trata de dialogia, concebe-a em duas instâncias: uma que corresponde ao diálogo que se tece no ato da interlocução e outra que considera a dialogia de um discurso com vários outros. A autora entende a intertextualidade como imanente ao discurso, considera as dimensões da heterogeneidade e da reflexividade metalinguística e assevera que em um enunciado estão sempre presentes discursos-outros. Para ela, as palavras são sempre “as palavras dos outros [...] nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’

pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

A partir desta perspectiva, pode-se conjecturar o enunciador não como correspondente ao ser que fala, mas como um lugar do qual se fala. Vale destacar que quando diferentes lugares de fala e posições de sujeito agrupam-se em um todo coeso, institui-se uma unidade textual construída pela função–autor. Guimarães argumenta que “não é um locutor que coloca a língua em funcionamento (...) A língua funciona na medida em que um indivíduo ocupa uma posição sujeito no acontecimento, e isto, por si só, põe a língua em funcionamento por afetá-la pelo interdiscurso, produzindo sentidos” (1995, p. 69).

Em uma situação discursiva, as relações instituídas entre enunciador e co-enunciador definem os papéis que o indivíduo pode assumir e o sentido resulta da multiplicidade de discursos (efeitos da memória) que convivem no acontecimento. Entender que a parafraseagem discursiva ocorre pela associação entre valores semelhantes e antagônicos implica na percepção de que: 1. a contradição é constitutiva do significado; 2. a unidade de sentido é um efeito da dispersão do sujeito; 3. a enunciação é o lugar de posições de sujeito que ligam acontecimento e interdiscursividade.

Aqui cabe esclarecer que a noção de interdiscurso corresponde às relações estabelecidas intra e interdiscursivamente que conferem aos discursos sua particularidade constitutiva. Posto assim, o interdiscurso define-se histórica e linguisticamente como memória do dizer que permite estabelecer o sentido, ou melhor, os efeitos de sentido – decorrentes do cruzamento de diferentes discursos. Entretanto, um discurso, constituído pelo interdiscurso, não tem aparência heterogênea, porquanto os enunciados interdiscursivos orientam-se unidirecionalmente, garantindo ao discurso um efeito de homogeneidade que oculta a heterogeneidade fundante.

Dedicando-se ao estudo das dimensões da heterogeneidade enunciativa, Authier-Revuz (1990, 1998, 2004) indica que ela pode se manifestar de forma mais evidente ou mais implícita, sendo

mostrada (marcada ou não marcada) ou constitutiva. A heterogeneidade mostrada marcada é identificável no fio discursivo, muitas vezes destaca-se pelo uso de aspas, mobilização do discurso direto ou indireto, dentre outras formas. A heterogeneidade não marcada evidencia-se em situações nas quais é perceptível a presença de um discurso-outro, mas suas “margens” não são precisas. É o que ocorre quando se faz uso da ironia, do discurso indireto livre ou outras formas de aludir a diferentes vozes.

Por sua vez, a heterogeneidade constitutiva foi pensada a partir do conceito bakhtiniano de dialogismo e estabelece que todos os enunciados estão entrelaçados, mantendo relações tanto com os que já foram produzidos, como com os que ainda estão por vir. Cabe lembrar que, seguindo a perspectiva bakhtiniana, são interdiscursivas as relações dialógicas que os enunciados acerca de um mesmo objeto mantêm entre si e são interlocutivas as relações que os enunciados de compreensão-resposta evocam. Ampliando essa discussão, Authier-Revuz (1982, 1999) aponta a existência de um duplo dialogismo:

Este duplo dialogismo – que participa do que chamo heterogeneidade constitutiva de todo discurso – escapa larga e inevitavelmente ao enunciador e não se manifesta no fio do discurso por marcas linguísticas. É por uma abordagem discursiva que coloca em relação um texto e um ambiente discursivo que se pode tentar esclarecer certos aspectos do trabalho do dialogismo (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 10).

Conforme Authier-Revuz (1998), o sujeito se inscreve no discurso através da relação que articula um imaginário de coincidência a um real de não-coincidência. Para a autora, o discurso relatado (DR) é uma das formas que permitem examinar a heterogeneidade discursiva e costuma ser associado ao relato que se faz do discurso de um outro. Tradicionalmente, apresenta-se por meio das modalidades do discurso direto (DD), indireto (DI) e indireto-livre (DIL). No entanto, lembra a autora, frequentemente são negligenciadas nessa classificação tradicional outras formas de (DR) realizadas por meio do discurso direto livre (DDL),

modalização em discurso segundo ou relatos de outros atos de enunciação de si.

Acerca das condições em que se mobiliza um discurso relatado, a autora destaca que a reprodução de um enunciado não restitui o ato de enunciação. Ao atualizar um enunciado em um novo ato de enunciação, inevitavelmente abre-se o espaço de interpretação e ocorre um estremecimento do que se conjectura como próprio da objetividade e fidelidade textual (características normalmente atribuídas ao DD). Segundo Authier-Revuz “Há em DD uma ficção de apagamento, uma ostentação de objetividade no ‘eu cito’ (com valor de eu não intervenho) no momento mesmo em que o enunciador L ‘puxa a linha’ da interpretação de m pela descrição que ele dá de e; esta será sempre, inevitavelmente, parcial e subjetiva” (1998, p. 149). Isso ocorre, pois a característica do DD não é a textualidade, mas a autonomia enquanto uma “possibilidade de usar os signos para remeter a eles próprios” (AUTHIER-REVUZ, 1988, p. 137).

Ou seja, um signo autônomo tem por referente a palavra (por oposição ao signo padrão que tem por referente um elemento no mundo) e, portanto, é um signo sem sinônimos (porque os significados não são equivalentes). Essa possibilidade de suspensão da sinonímia deve-se ao fato de que o DD representa uma cadeia significante e não um conteúdo. A autonomia enquanto “fato-menção” é vazia de sentido. Dessa forma, o modo semiótico do DD configura-se heterogeneamente, pois o sintagma introdutor do DD é padrão e a parte citada é autônoma. Ao contrário, o DI homogeneamente usa o modo padrão – o enunciador reformula as palavras do outro usando suas próprias palavras. O que se enuncia pelo DI é o conteúdo (fala-se da coisa), ao contrário do DD que mostra uma cadeia significante vazia de sentido (fala-se da palavra que designa a coisa). Quando o enunciador fala simultaneamente da coisa e da palavra com que se designa a coisa, tem-se o que Authier-Revuz (1998) chama de modalização autonímica. Essa configuração pode vir por meio de comentário explícito, uso de aspas, itálico ou pela entonação. A modalização autonímica equivale à

reflexividade metaenunciativa, ou seja, é uma forma de autorrepresentação do dizer.

Independentemente da modalidade do discurso relatado que se usar, as condições de produção iniciais serão apagadas. As marcas de heterogeneidade revelam um duplo efeito: delimitam o discurso do outro, ao mesmo tempo em que mascaram sua presença constitutiva e o fato de que todo discurso é essencialmente heterogêneo. Só é possível perder tal heterogeneidade quando o sujeito delimita o interior e o exterior discursivo, produzindo, com isto, a ilusão de um discurso homogêneo, monolítico, fechado sobre si mesmo. Segundo Authier-Revuz (1998), são quatro os campos de heterogeneidade (não-coincidências) em que o dizer é afetado: não-coincidência interlocutiva, do discurso consigo mesmo, entre as palavras e as coisas, das palavras consigo mesmas.

Tomando por base a concepção de sujeito pós-freudiana, Authier-Revuz (1998) aponta para a existência de uma “não coincidência interlocutiva” entre enunciador e destinatário. Sobre esta questão, duas posições são identificadas: uma diz respeito ao posicionamento dos que percebem que os sentidos não são partilhados de todo pelos interlocutores e diante deste fato procuram restaurar o UM co-enunciativo; outra refere-se aqueles que percebem o não-um e marcam que “as palavras que eu digo não são as suas” ou que “são as suas, não as minhas” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 22). A segunda não coincidência detalhada pela autora remete a teoria do interdiscurso e ao dialogismo bakhtiniano: trata-se da “não-coincidência do discurso consigo mesmo”. Considera-se essa não-coincidência como constitutiva do próprio discurso, produzido entre já-ditos e eivado do discurso-outro. Quando se observa essa não-coincidência, percebem-se discursos que apresentam o traçado interior/exterior, dos quais emanam palavras pertencentes a outros lugares discursivos – exemplares da interdiscursividade representada.

Authier-Revuz (1998) também considera a existência de uma “não-coincidência entre as palavras e as coisas”. Essa não-

coincidência é observável linguisticamente pela oposição que se traça entre o sistema fechado da língua e a infinidade de coisas a serem nomeadas. Podemos observá-la também discursivamente a partir da compreensão do “real como radicalmente heterogêneo à ordem simbólica, isto é, da falta (constitutiva do sujeito como falho) de ‘captura do objeto pela letra’, que desemboca na ‘perda’ inerente à linguagem” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23). Diante dessa não-coincidência o enunciador pode se posicionar de maneiras diversas, tais como: procurar a coincidência entre si e o discurso (busca do UM) ou entre a coisa e o discurso; adequar a enunciação “entre o dizer e o não dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 24); dar-se conta da falta ou da imperfeição da nomeação. A quarta não-coincidência é “das palavras consigo mesmas” e reflete o estatuto de equívocidade da língua, muitas vezes tido como exclusivo da escrita poética. Diante do equívoco a que o dizer se encontra exposto, os enunciadores reagem de maneiras distintas: procuram fixar um sentido, alteram o dizer, estendem o sentido, reafirmam o dizer, dentre outras reações. Apesar dessas não-coincidências, a unidade de sentido é um efeito da dispersão do sujeito e a enunciação é o lugar de posições de sujeito que ligam acontecimento e interdiscursividade. Conforme Guimarães (1995, p. 70):

A enunciação é, deste modo, um acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. É, portanto, quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento [...]. Tal como se coloca a questão da linguagem nessa perspectiva, o sentido se constitui pelo fato de a língua funcionar por ser afetada pelo interdiscurso.

Tendo em vista demonstrar como esse acontecimento de linguagem se realiza e pontuar o outro como constitutivo do discurso, apresentaremos um conjunto de recortes que demonstram como o posicionamento de um enunciador se define em correlação a outros posicionamentos de outros enunciadores. Com isso, espera-se demonstrar que a análise dos modos pelos quais o discurso

relatado (DR) engendra-se no discurso é uma das possibilidades de observar o funcionamento do interdiscurso. Isso porque o DR apresenta um caráter essencialmente dialógico-polifônico e a interpretação das diferentes tonalidades que ele assume permite compreender o processo enunciativo-discursivo de um acontecimento. Para este movimento, alguns questionamentos/reflexões levantados por Volóchinov (2014, p. 152) parecem-nos pertinentes:

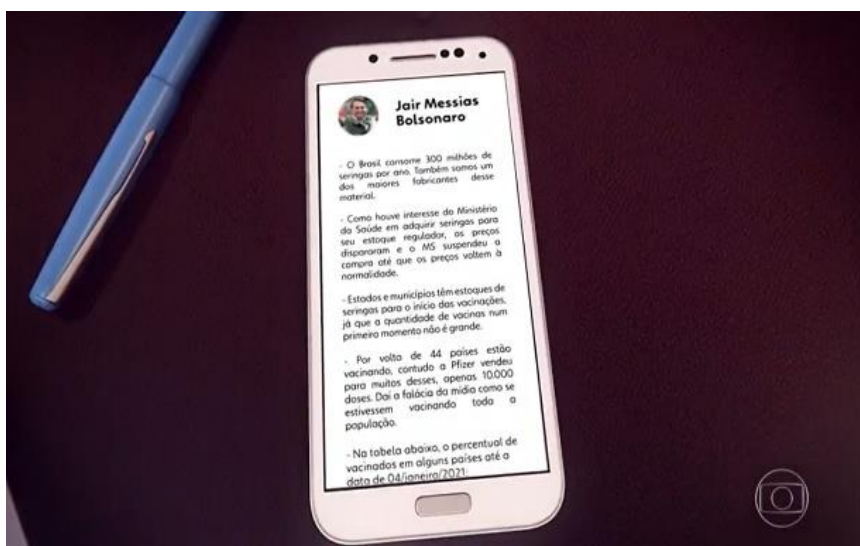
Como na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida? Encontramos justamente nas formas do discurso citado um documento objetivo que esclarece esse problema. Esse documento, quando sabemos lê-lo, dá-nos indicações, não sobre os processos subjetivo-psicológicos passageiros e fortuitos que se passam na "alma" do receptor, mas sobre as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua.

Em 6 de janeiro de 2021, William Bonner, âncora do telejornal *Jornal Nacional*, exibido pela rede Globo de televisão, apresentou em nota-pé (nota com informações complementares veiculada após uma matéria) para uma matéria sobre problemas na compra de vacinas para vacinação contra a Covid-19 uma declaração do presidente Jair Bolsonaro. A enunciação repercutiu nas redes sociais, não tanto pelo teor da declaração em si, mas pelo modo como ela foi apresentada e articulada pelos jornalistas, em especial William Bonner.

Como cabeça da matéria (parte cuja função é informar ao telespectador qual será a reportagem exibida a seguir), William Bonner enuncia: [1] “O presidente Bolsonaro anunciou hoje numa rede social que o governo ‘sus-pen-deu’ [dito pausado e enfaticamente] a compra de seringas e agulhas”. Em seguida, a matéria transcorre dando ideia de uma ação contínua, por meio do enquadramento da imagem do Palácio do Planalto em um grande plano geral, especificando a localização da cena. Simultaneamente ouviu-se a voz da jornalista que apresenta o que seria o lead da

notícia: [2] “Sem estoque de seringas e agulhas para garantir a vacinação contra a Covid-19, o presidente Jair Bolsonaro jogou a culpa nos fabricantes”.

Logo em seguida, a jornalista apresenta o enunciado [3] “Disse em rede social” e a imagem que aparece é a de um celular simulando a rede social do presidente. O celular estaria sobre uma mesa de vidro, ao lado de uma caneta esferográfica azul e o ambiente corresponderia a um escritório. No interior do celular apresenta-se a foto e o nome de Jair Bolsonaro e a fala a ele atribuída:



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/9157942/programa/> (15' 01").

O movimento em zoom-in direciona o olhar do espectador para uma parte específica da imagem, primeiro destacando que [4] “o Brasil consome 300 milhões de seringas por ano. Também somos um dos maiores fabricantes desse material” e em seguida que [5] “como houve interesse do Ministério da Saúde em adquirir seringas para seu estoque regulador, os preços dispararam e o MS suspendeu a compra até que os preços voltem à normalidade”. Os demais trechos não fazem parte da enunciação neste momento, voltando-se a eles posteriormente na sequência da reportagem.

Nesta primeira parte da matéria, evidencia-se uma voz citante que joga dupla e alternadamente com os discursos direto e indireto, mobilizando o último com vistas a confrontar as enunciações. Em [4] e [5], a voz citante mobiliza o discurso direto, entendido como “as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples porta-voz” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

O DR que entra no ato enunciativo em forma de DD em [4] e [5], aliado à composição da cena de fundo, sedimenta a ilusão de imparcialidade e objetividade pautada na crença de que se trata de uma cópia literal. Essa crença é reforçada pelo movimento de realce dado a certas sequências do texto que é mobilizado. A aparente homogeneidade de apresentação do DI em [1] e [2] ajuda a promover o efeito de fala uníssona, ao mesmo tempo em que a forma heterogênea de [4] e [5] faz com que a voz citada em DI seja atenuada, pois a ela se sobrepõe os enunciados em DD que favorecem a adesão do interlocutor a este dito, colocado como monumento. Em [3] observa-se o modo padrão de introdução do discurso de outrem: a atualização dos enunciados acontece a partir da mobilização do verbo dicendi. Essa configuração corresponde ao que Authier-Revuz (1998, p. 146) designa como modo autonômico, pelo qual o enunciador (L) profere palavras de outros enunciadores (l).

[6] Até ontem, o ministério da saúde dizia que estava preparando um novo processo de licitação. Na semana passada, o governo fez um pregão, mas conseguiu menos de 3% dos mais de 300 milhões de seringas que precisava. O governo alegou que o preço estava caro demais, as empresas disseram que apresentaram preços praticados no mercado. Hoje, depois da declaração do presidente Bolsonaro, a associação dos fabricantes reforçou que os preços aumentaram porque a demanda na pandemia aumentou.

Em [6] observa-se uma mescla de discursos que se cruzam, emaranhando-se em uma polifonia de vozes que fundam posições sujeito distintas, mas manifestas na mesma sequência discursiva. Em vez de soar destoante, esse emaranhado produz um efeito de unidade do discurso, pois as vozes são integradas ao fio discursivo

pela voz citante que, ao mesmo tempo em que toma um outro dizer, também o reformula, reorganizando-o em sua imanência e colocando-o em relação a outros dizeres. Aqui podemos também lembrar de Volóchinov, para quem o discurso indireto “integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado” (2014, p. 165). Nesse sentido, o DI corresponde a um dizer de reformulação (AUTHIER-REVUZ), não sendo mera derivação do DD, mas um processo enunciativo-discursivo pelo qual o enunciador textualiza o discurso-outro, fazendo trabalhar “o acontecimento em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar” (PÊCHEUX, 2002, p. 19).

A reportagem segue mobilizando outros enunciadores para compor o fio discursivo, seguem-se as falas de Paulo Henrique Fraccaro, Superintendente ABIMO; Paulo Almeida, diretor executivo Instituto Questão de Ciência; jornalista Délis Ortiz e Sérgio Cimerman – por questão de espaço não nos ocuparemos delas aqui. Cabe destacar, entretanto, que, ao longo da reportagem, a voz citante (da jornalista Délis Ortiz) deixa à mostra o que é do outro – inserindo discursos diretos e indiretos, concedendo a palavra diretamente aos enunciadores ou citando suas falas – ao mesmo tempo em que, em um certo momento, ela própria aparece e demarca o que seria o “seu” discurso. Após a fala de Délis Ortiz, são referidos posicionamentos de “estados e municípios”, dados da agência Bloomberg, fechando com a declaração de Sérgio Cimerman, médico infectologista. Como se observa, a reportagem é uma seleção de narrativas e testemunhos que são articulados tendo em vista construir legitimidade para a voz que enuncia. Ao término da reportagem, a jornalista Renata Vasconcelos, que divide a bancada com William Bonner, atualizou um enunciado proferido pouco tempo antes da data de exibição do jornal:

[7] "Um dia depois de afirmar que o Brasil está quebrado e que não pode fazer nada, o presidente Bolsonaro voltou hoje ao assunto. Diante de um grupo de apoiadores, entre risos e tom de ironia, disse o seguinte, abre aspas, 'Confusão

ontem, você viu? Que eu falei? Que eu falei que o Brasil tava quebrado. Não, o Brasil tá bem. Tá uma maravilha”.

Em [7] Renata Vasconcelos sublinha pela enunciação da expressão “abre aspas” a distinção entre as posições sujeito Jornalista e Presidente da República e, conseqüentemente, as formações discursivas das quais emanam esses discursos. O mesmo ocorre em [8] quando William Bonner continua a citar a fala do presidente.

[8] “Na mesma conversa, Bolsonaro voltou a criticar a imprensa, abre aspas: “A imprensa sem vergonha. Essa imprensa co...ca... [gaguejo] sem vergonha. A imprensa fez uma onda terrível aí. Pra imprensa, bom tava Lula, Dilma... Gastando três bilhões por ano pra eles”. (a leitura reproduz gaguejo, entonação e trejeitos típicos da fala de Bolsonaro)”.

Em [7] e [8] evidencia-se a ilusão de que o sujeito tem domínio do discurso e, por este motivo, dotado de intenções, produz escolhas e toma decisões. Conforme proposto por Authier-Revuz, a heterogeneidade mostrada divide-se em marcada e não marcada. A marcada ocorre por meio do uso de aspas, da mobilização do discurso direto ou indireto e da utilização de glosas como modalização autonímica. Em (7) e (8), a conotação ou modalização autonímica constitui-se em glosas que apontam o contraditório. As formas não marcadas instituem-se por meio do discurso indireto livre, alusões, ironia, imitação, antífrase, reminiscência, pastiche, estereótipo.

Nos dois recortes, observa-se a presença da heterogeneidade mostrada marcada quando os enunciadores (L) fazem questão de evidenciar o uso de aspas através da fórmula “abre aspas” – com vistas a deixar explícito que as palavras que dizem não são suas, mas foram proferidas pelo enunciador (l). É no choque dessas consciências valorativas que se evidencia a polifonia, porém, nos recortes em análise, a heterogeneidade mostrada não se resume à reprodução do enunciado de (l) por (L) em DD e apontado verbalmente pela abertura de aspas. No modo como os enunciados de (l) são postos em funcionamento por (L), opera uma heterogeneidade não marcada, recuperável a partir de índices no

discurso. Como se pode observar, o enunciador (L) em [8] imita o modo de fala de (l), reproduzindo inclusive os gaguejos e alguns trejeitos típicos.

Conforme Charaudeau e Maingueneau, o coenunciador pode identificar a heterogeneidade mostrada “combinando em proporções variáveis a seleção de índices textuais ou paratextuais diversos e a ativação de sua cultura pessoal” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 261). Na heterogeneidade mostrada são observáveis as relações de intertextualidade, enquanto na heterogeneidade constitutiva, cuja relação com o dialogismo bakhtiniano é intrínseca, opera a interdiscursividade, enquanto condição da linguagem – qualquer discurso resulta do interdiscurso.

Como vemos ao longo de toda a reportagem veiculada no Jornal Nacional e, sobretudo, nos recortes (7) e (8), a circunscrição do espaço do outro leva à delimitação do espaço ilusório de si. Ao esforçar-se por demarcar a heterogeneidade e abrir aspas para explicitar a presença do outro no discurso, o sujeito age por um desejo de dominância e instaura uma ilusão de univocidade. Vivendo a ilusão de ser o centro, a fonte e origem do discurso, o sujeito localiza e delimita o lugar do outro a partir de uma espécie de negociação entre a heterogeneidade mostrada e a constitutiva. Essa ilusão decorre do desconhecimento da determinação do inconsciente e do interdiscurso e faz com que o sujeito acredite ter controle sobre o dizer e os sentidos nele constituídos.

A heterogeneidade mostrada **na** linguagem difere da heterogeneidade constitutiva **da** linguagem, uma vez que a primeira se revela na materialidade textual, enquanto a segunda pertence à ordem do inconsciente e, por isso, não é detectável por marcas linguísticas. A heterogeneidade constitutiva atravessa as enunciações dos sujeitos, cujas vozes só podem ser localizadas via implícitos. É o que ocorre quando nos deparamos com os signos ‘Lula’, ‘Dilma’ e até ‘imprensa’ quando estes são mobilizados em [8] por Bolsonaro e atualizados pela leitura que Bonner fez da

postagem. São signos que ativam todo um conjunto de saberes (pré-construídos) que fazem parte de uma formação discursiva.

O conceito de interdiscurso em Dominique Maingueneau

A produtividade da noção de dialogismo nos estudos discursivos também pode ser observada na obra do teórico francês Dominique Maingueneau. No primeiro capítulo de seu livro de cunho teórico-metodológico, *Gênese dos Discursos*, de 1984, o autor propõe a hipótese do “primado do interdiscurso”: a unidade pertinente para o analista não seria o discurso em seu fechamento, mas o espaço de trocas no qual uma formação discursiva se relaciona com outras, em uma delimitação recíproca. A ruptura em relação à homogeneidade das formações discursivas já se tratava de algo em processo no interior da Análise do Discurso, mais amplamente; no entanto, a noção de interdiscurso em Maingueneau se distingue, sobretudo, pelo tratamento metodológico que ele confere ao seu funcionamento.

Em se tratando de um pesquisador francês, poder-se-ia supor que, ao se referir a “interdiscurso”, Maingueneau buscaria fundamento em Michel Pêcheux (1997, p. 162), que, em 1975, define o conceito como o “todo complexo com dominante das formações discursivas [...] submetido à lei da desigualdade-contradição-subordinação que [...] caracteriza o complexo das formações ideológicas”. Apesar de se valer do mesmo termo, Maingueneau, ao apresentar seu conceito de interdiscurso, não recorre a Michel Pêcheux, ao menos explicitamente, e sim ao Círculo de Bakhtin, por meio da noção de dialogismo. Ressalta-se que há referências a Pêcheux em outras partes do livro, mas parece haver certo movimento de desvinculação, sobretudo, quando Maingueneau (2008, p. 36) sugere que, em estudos anteriores, “o interdiscurso aparecia como um conjunto de relações entre ‘intradiscursos’ compactos”. Nessa argumentação, o teórico defende a necessidade de se conceber o interdiscurso no “próprio coração do

intradiscurso”, isto é, o Outro enquanto já presente no “Mesmo”, e não como um elemento de seu exterior.

Referindo-se aos estudos do Círculo de Bakhtin e, especificamente, ao princípio dialógico, Maingueneau (2008, p. 33) afirma: “essa visão da atividade linguageira converge amplamente com nossas preocupações sobre a interdiscursividade”. Antes, no entanto, de questionar em que medida essa relação de convergência é possível, o teórico francês recorre às duas formas de heterogeneidade em um discurso, conforme Jacqueline Authier-Revuz, já mencionadas neste artigo. Maingueneau (2008, p. 31), então, postula que sua noção de interdiscurso se inscreve na perspectiva da heterogeneidade constitutiva, “que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro”. Tal forma de heterogeneidade relaciona-se, na própria teorização de Authier-Revuz, ao dialogismo constitutivo do uso da linguagem.

É no último parágrafo da primeira seção do capítulo “Primado do interdiscurso” que Maingueneau (2008, p. 33) posiciona-se mais explicitamente quanto à sua filiação, ou não, à perspectiva bakhtiniana:

Se, em algum sentido, nosso percurso se inscreve na mesma perspectiva que a de Bakhtin, a de uma “heterogeneidade constitutiva”, operamos, no entanto, em um quadro restrito, atribuindo a essa orientação geral um quadro metodológico e um domínio de validade muito mais precisos.

É natural que, ao apresentar uma “nova versão” de um conceito já estabelecido em uma disciplina – como o de interdiscurso na Análise do Discurso –, o teórico afirme sua especificidade e, por consequência, aponte o que faria de sua proposta algo diferente em relação a seus antecessores. Assim, Maingueneau aposta em uma maior “precisão” vinculada ao que ele propõe, em termos de metodologia, na sequência do capítulo. O “todo complexo” do interdiscurso pêcheuxtiano e os “ecos de outros enunciados” do dialogismo bakhtiniano ganhariam, conforme a argumentação do autor, contornos mais delimitados. Faz-se a ressalva de que não é propósito deste artigo “comprovar” essa tese de Maingueneau – o

que equivale a dizer, de certo modo, que não enxergamos “falta de precisão” nas teorizações de Pêcheux ou de Bakhtin. Por outro lado, é válido considerar o que o autor de *Gênese dos Discursos* propõe acerca do funcionamento interdiscursivo, haja vista a produtividade de seus conceitos para uma grande diversidade de pesquisas no âmbito da Análise do Discurso.

Uma questão metodológica fundamental da abordagem de Maingueneau sobre o interdiscurso é a explicação do conceito a partir de uma tríade, posição que gera efeitos, inclusive, para a delimitação dos *corpora*, tendo em vista o que o autor propõe acerca das relações possíveis entre formações discursivas. Primeiramente, há o *universo discursivo*, que engloba formações discursivas que interagem em dada conjuntura sócio-histórica; por ser de escopo muito amplo, não oferece ao analista tanta viabilidade para se pesquisar uma questão discursiva específica. Em segundo lugar, há o *campo discursivo*, que, por sua vez, se refere a um conjunto de formações discursivas que concorrem para preencher uma dada função social; nesse sentido, fala-se, por exemplo, em campo religioso, campo político, campo jornalístico etc. Por fim, há o *espaço discursivo*, que se configura a partir de dado recorte da pesquisa, sendo, por isso, dependente das hipóteses estabelecidas pelo analista. Como se observa, na perspectiva de Maingueneau, não bastaria atestar as “relações entre FD” para designar o interdiscurso; tais relações são reguladas, localizadas, e não se referem sempre da mesma forma a um “todo” que abarcaria todos os dizeres passados, presentes e futuros.

Também no que se refere à sua proposta metodológica, Maingueneau não postula que o analista obrigatoriamente focalize dois (ou mais) posicionamentos de um campo para que possa “atingir” o funcionamento interdiscursivo. Se há um “primado do interdiscurso”, a análise de uma formação discursiva é inseparável dos movimentos de delimitação que ela realiza em relação a outras formações discursivas, sobretudo, aquelas que disputam o espaço num mesmo campo:

Reconhecer este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro. No nível das condições de possibilidades semânticas, haveria, pois, apenas um espaço de trocas e jamais de identidade fechada (MAINGUENEAU, 2008, p. 35-6).

O teórico, ao propor tal inextricabilidade, novamente faz referência ao Círculo de Bakhtin, por meio da noção de dialogismo, afirmando “[...] o caráter essencialmente **dialógico** de todo enunciado do discurso, a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo [grifo nosso]” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37). Assim como nas reflexões bakhtinianas, em que o dialogismo não se reduz ao que se concebe estritamente como “diálogo” – como na conversação face a face –, na teorização de Maingueneau (2008, p. 37), “o Outro do espaço discursivo não é em nada redutível a uma figura de interlocutor” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37). Deve-se ressaltar que esse Outro, com inicial maiúscula, é apreendido pelo autor como aquele que “concorre” com dada formação discursiva analisada em um espaço discursivo, sendo que a representação desse posicionamento em concorrência sempre se dá sob a forma de simulacro (não se trata, portanto, do Outro enquanto tal).

De acordo com Maingueneau (2008, p. 37), “a formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo, atribuiria por isso mesmo ao Outro a zona do interdito, isto é, do dizível faltoso” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37). Se, em Bakhtin (2011a, p. 300), “o enunciado está voltado não só para seu objeto, mas também para os discursos do outro sobre ele”, o que prevalece na abordagem do teórico francês são relações identificáveis em um espaço delimitado – o espaço discursivo – e, um pouco mais amplamente, relações estabelecidas em um campo (o religioso, por exemplo) em determinada conjuntura sócio-histórica. Embora Maingueneau não veja os campos discursivos como “zonas insulares”, sem comunicação entre si, os pressupostos metodológicos estabelecidos em *Gênese dos Discursos* apontam para uma especificação mais

“local”, por assim dizer, dos “discursos do outro”; talvez, este seja o domínio de validade “mais preciso” que o teórico persegue.

No trecho a seguir, tem-se justamente a especificação desse Outro, materializado pelo sintagma preposicional “do espaço discursivo”. Mesmo com tal diferenciação, não se deixa de assumir o princípio dialógico, do qual as formações discursivas não podem escapar:

Com efeito, a partir do momento em que as articulações fundamentais de uma formação discursiva encontram-se **presas nesse dialogismo**, a totalidade dos enunciados que se desenvolvem através delas estará, *ipso facto*, inscrita nessa relação, e todo enunciado do discurso rejeita um enunciado, atestado ou virtual, de seu Outro **do espaço discursivo** [grifos nossos] (MAINGUENEAU, 2008, p. 38).

O funcionamento interdiscursivo é demonstrado por Maingueneau (2008) a partir de exemplos vinculados ao objeto de sua pesquisa de doutorado: a polêmica instaurada no século XVII, na França, entre duas FD cristãs, o jansenismo e o humanismo devoto. O autor, considerando as formações discursivas como sistemas de restrições de boa – isto é, regular – formação semântica, explica a diferença entre os dois posicionamentos a partir do que ele denomina semas reivindicados e rejeitados. No entanto, as restrições de cada FD só funcionam efetivamente na relação com seu respectivo Outro do espaço discursivo em dada conjuntura. Por exemplo, o discurso humanista devoto reivindica uma /Comunicação/, entendida como integração entre os planos terreno e divino. Para o jansenista, no entanto, isso é traduzido pejorativamente como /Mistura/, pois o que se reivindica é a /Alteridade/ entre os planos, sema que, por sua vez, é “lido” pelo humanista devoto, por um viés negativo, como /Ruptura/. Tal funcionamento de interincompreensão gera aquilo que o autor denomina como “simulacros”, não concebidos em sua teorização como mal-entendidos acidentais, e sim como constitutivos das relações entre FD.

Como finalização desta seção, propõe-se uma breve análise que possa contribuir para a compreensão da especificidade teórica e,

sobretudo, metodológica, da proposta de Dominique Maingueneau. Ressalta-se a impossibilidade de abranger a complexidade de uma formação discursiva a partir de um único texto; no entanto, com a peça publicitária abaixo transcrita, espera-se possibilitar algumas reflexões que se relacionem à questão do interdiscurso:

iFood: Viver é uma entrega

Somos uma plataforma que conecta clientes, restaurantes e entregadores e nos orgulhamos do impacto que promovemos na vida das pessoas.

Por isso, convidamos nossos parceiros para contar, pessoalmente, suas histórias reais na nova campanha do iFood.

Primeiramente, cabe informar que esse pequeno texto se integra a uma campanha publicitária mais ampla, que conta, inclusive, com comerciais televisivos, nos quais são encenados (não no sentido de “fingimento”, mas em referência à cena de fala instaurada) depoimentos de motoboys, donos de restaurantes e clientes. A partir da segunda metade de 2020, diversos vídeos da empresa circularam com a utilização do *slogan* “Viver é uma entrega”. Deve-se salientar que, com a pandemia do Covid-19, houve um crescimento do uso de aplicativos de entrega e, em julho de 2020, as precárias condições de trabalho dos entregadores foram expostas em âmbito nacional com paralisações que reivindicavam, dentre outras coisas, suporte dos aplicativos quanto a equipamentos de proteção, licença remunerada em caso de acidentes e aumento do valor mínimo por entrega. Junto ao que tem se denominado “uberização do trabalho”, ocorreram as últimas reformas trabalhistas, que “flexibilizam” – nos próprios dizeres de seus defensores – o mercado e as relações entre empregador e empregado.

As informações trazidas no parágrafo anterior não se configuram como mero pano de fundo histórico. O que está em jogo não é a “explicação” do discurso via história, mas o modo como dada conjuntura se constitui pela contradição entre posicionamentos, que deixa marcas nas produções discursivas. Um espaço discursivo, que pode ser delimitado aqui como a polêmica entre uma FD neoliberal e uma FD pró-garantias trabalhistas, tem sempre sua base sob as

especificidades históricas que o caracterizam. O que se observa na peça publicitária do *ifood*, dessa forma, não é um dizer que emerge fortuitamente, uma simples “ideia de marketing”; pelo contrário, responde-se a outros posicionamentos, mas não a quaisquer posicionamentos. Conforme Maingueneau (2008, p. 109), “no conjunto de enunciados que lhe são dirigidos, o discurso responde àqueles que lhe parecem os mais ameaçadores”.

A propaganda acima transcrita não responde “diretamente” aos entregadores que aderiram às paralisações, nem aos críticos às últimas reformas trabalhistas; no entanto, aquilo que se diz não apenas reproduz a semântica de uma FD neoliberal, como também, por um movimento constitutivo, rechaça as possibilidades de enunciar que se filiariam ao seu Outro, a FD que congrega os enunciados de reivindicação de direitos trabalhistas. É o que ocorre, por exemplo, quando o aplicativo se autodesigna como uma “plataforma que conecta clientes, restaurantes e entregadores”; trata-se, ao mesmo tempo, de repelir a designação “empresa” e, por consequência, de afastar o sentido de uma instituição que teria vínculos trabalhistas com os entregadores. A expressão “nossos parceiros” também é significativa para a identidade desse posicionamento, pois, além de não instaurar uma relação enunciator-enunciatário nos papéis de empregador-empregado, sustenta-se pela legitimação da “iniciativa individual”, que, em uma economia de livre mercado, seria o caminho para a prosperidade de qualquer um que “se esforce”. Em outras palavras, ao oferecer “parceria”, em uma concepção positiva, reivindicada neste posicionamento, veta-se, por um viés negativo, a relação hierárquica, pois o que se projeta é a imagem de uma sociedade (em referência a sócios) igualitária, dissimulando-se quaisquer contrastes relativos aos ganhos financeiros de cada parte.

O *slogan* “Viver é uma entrega” é bastante representativo do posicionamento em questão, remetendo a discursos do âmbito do empreendedorismo, sobretudo, aqueles que se vinculam à “autorregulação do mercado”. Ao trabalhador, resta “entregar-se”,

pois os méritos de cada um ditariam, para esse discurso, os caminhos do sucesso financeiro. Isso se reforça em outras peças da campanha publicitária; em uma delas, a descrição inicial do vídeo é: “Alex perdeu o emprego no começo da pandemia. Mas não perdeu a vontade de se formar”. A empresa (ou plataforma) não estaria, em sua leitura, “contratando” os entregadores, mas dando-lhes uma “oportunidade” de se tornarem bem-sucedidos por meio de seus próprios esforços.

A identificação desse discurso a uma FD neoliberal pode ser compreendida, na linha do que propõe Maingueneau (2008, p. 113), a partir de um constante “ritual de admissão-expulsão do Outro”. Os enunciados vinculam-se a essa FD na medida em que reivindicam semas como /Esforço/ ou /Vontade/, mas não apenas: também os opõem, em seu registro negativo, à /Acomodação/, simulacro que se projeta em relação ao seu Outro. Como se trata de um simulacro, a /Acomodação/ não consiste em um sema positivo de um posicionamento que se coloque a favor de direitos trabalhistas; em seu lugar, estaria a /Garantia/ de condições de trabalho, a /Proteção/ do empregado. Na direção inversa – ou seja, a segunda FD produzindo simulacros sobre a primeira –, pode-se exemplificar tal funcionamento a partir da já citada “flexibilização” das relações empregador-empregado, que é traduzida, por assim dizer, pelo discurso contrário às reformas neoliberais, como “perda de direitos”, “desamparo ao trabalhador”. Trava-se, portanto, uma disputa pelo dizer legítimo, regulada, na teorização de Maingueneau, a partir do interdiscurso, que precede constitutivamente a delimitação de cada formação discursiva.

Palavras finais e sugestões de leitura

Nas duas seções anteriores, buscou-se explorar a produtividade da noção de dialogismo nos estudos que se debruçam sobre a enunciação e sobre o discurso. Como o presente capítulo não tem a pretensão de esgotar as várias relações teóricas possíveis,

encerramos o texto com algumas sugestões de leitura que possibilitem o aprofundamento das discussões aqui realizadas. Dentre as obras sugeridas, três já foram, inclusive, mencionadas no decorrer do capítulo.

Acerca do conceito de interdiscurso na Análise do Discurso, considera-se fundamental a leitura de **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio, obra em que Michel Pêcheux teoriza sobre o interdiscurso, relacionando-o a dois tipos de funcionamento: os pré-construídos e a articulação. Recomenda-se também a obra **Gênese dos Discursos**, de Dominique Maingueneau; nela, como explanado na seção anterior, o autor opera com o conceito de interdiscurso, propondo uma outra entrada metodológica, vinculada à noção da organização social em campos. Também já referenciada no decorrer do capítulo, a obra **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido, de Jacqueline Authier-Revuz, é uma leitura crucial para a compreensão do complexo funcionamento da heterogeneidade discursiva. Mais recentemente, Marie-Anne Paveau tem investigado – em obras como **Os pré-discursos**: sentido, memória, cognição – o que ela denomina como “anterioridades discursivas” a partir de uma interface entre a análise do discurso e os estudos cognitivos (especificamente, alinhados à cognição distribuída); não se trata de alguma espécie de “prolongamento” do princípio dialógico, mas certamente é uma perspectiva que abre novas possibilidades para a compreensão das (inevitáveis) relações entre os discursos. Por fim, não se pode obliterar as relevantes produções de pesquisadores brasileiros sobre as ideias do Círculo e, especialmente, sobre a noção de dialogismo. Pode-se, por exemplo, mencionar a obra **Círculo de Bakhtin**: pensamento interacional, organizada pelas professoras Luciane de Paula e Grenissa Stafuzza, terceiro volume de uma série intitulada Bakhtin – Inclassificável.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Heterogeneité montrée et heterogeneité constitutive**: elements pour une approche de l'autre dans le discours. In: *DRLAV – Revue de Linguistique*, 26, 1982.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Dialogismo e divulgação científica**. *RUA*, Campinas (SP), Vol. 5, n. 1. 1999 (p. 9-15).

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Apresentação Marlene Teixeira; revisão da tradução Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Heterogeneidade enunciativa**. Tradução de Celane M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Cadernos de estudos linguísticos*, 19. Campinas: IEL, 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Palavras incertas** – As não coincidências do dizer. Tradução: Claudia R. Castellanos Pfeiffer, Gileade Pereira de Godoi, Luiz Francisco Dias, Maria Onice Payer, Mônica Zoppi-Fontana, Pedro de Souza, Rosângela Morello, Suzy Lagazzi-Rodrigues. Revisão Técnica da Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail (VOLÓCHINOV, Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec (Trabalho original publicado em 1929), 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed., P. Bezerra, trad. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho

original publicado em 1929 [primeira edição] e 1963 [segunda edição reformulada], 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. (p. 161-193).

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas, SP: Pontes, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin**: pensamento interacional. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos**: sentido, memória, cognição. Tradução de Greciely Costa e Débora Massmann. Campinas: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. New York: Routledge, 2015.

O SUJEITO, A CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL E A CONSCIÊNCIA COLETIVA: NOÇÃO DE CONSCIÊNCIA EM MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Luciane de Paula
José Antonio Rodrigues Luciano

Palavras iniciais

Conforme apontamos em trabalho anterior (PAULA; LUCIANO, 2022, p. 209-234), a expressão “filosofia da linguagem” é central para compreendermos não apenas a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017 [1929]), de Volóchinov, mas a produção do Círculo “B.M.V.” (VAUTHIER, 2010) de modo geral, em especial os textos entre os anos de 1927-1929, voltados à formulação de uma linha de pesquisa dedicada à filosofia da linguagem e da significação em geral, com particular referência ao material literário (BRANDIST, 2002). Isso converge também à afirmação de Petrilli (2013) de que a ciência dos signos é, das humanidades, a disciplina mais privilegiada no interior do pensamento bakhtiniano e a que é investigada pelo viés literário, mas não de forma exclusiva, o que se torna perceptível ao observarmos a produção dialogada do Círculo (Sollertínskij, na música; as referências de Bakhtin à pintura; Medviédev e o Teatro Itinerante; os estudos sobre música de Volóchinov; entre outros trabalhos dos demais membros do grupo). Contudo, para o Círculo de pensadores russos se distanciar de uma perspectiva da semiótica estrutural é que parte da filosofia da linguagem, como ocorre com o desenvolvimento deste estudo.

A importância do termo “filosofia da linguagem” é também reiterada por Grillo (2017), em seu ensaio introdutório ao livro do autor, em que a pesquisadora ressalta o destaque da expressão,

sobretudo no caso do *Marxismo e filosofia da linguagem* (doravante, MFL), uma vez que é fundamental para a abordagem das questões teóricas, principalmente a partir do forte diálogo com autores russos e alemães do século XIX e início do século XX (e acrescentamos, com a tradição filosófica Ocidental), o que pode ser localizado, com ênfase, na segunda parte do livro, em que o autor entra em embate com as duas tendências do pensamento filosófico-linguístico, a saber, o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista, para a delimitação de caminhos para a filosofia da linguagem.

A abordagem filosófica do Círculo propõe a abertura ao outro, a alteridade e a contraposição ao monologismo, pois consiste na instauração do caráter dialético-dialógico (PAULA L; FIGUEIREDO, PAULA S, 2011), do método bakhtiniano. Assim é compreendida a filosofia pelos pensadores russos, como um lugar de fronteiras, um campo limítrofe¹. Com essa proposta, o Círculo estabelece uma superação dos limites internos da filologia, da linguística, da literatura e das Ciências Humanas em geral. É dessa perspectiva que Bakhtin, segundo Petrilli (2013), mas também o Círculo, do nosso ponto de vista,

recria a filosofia da linguagem e desenvolve uma nova abordagem à linguagem que, olhando através do binóculo da linguagem literária, consiste tanto no deslocamento do eixo da arquitetônica da comunicação no mundo humano da lógica da identidade em direção a lógica da alteridade quanto na reconsideração de conceitos como signo (verbal e não verbal), linguagem, enunciados, texto, gênero, gênero discursal, criatividade linguística, mas também ideologia, consciência, corpo, etc., nessa nova perspectiva (p. 129).

Para refletir sobre essa multiplicidade e sem reduzir a heterogeneidade que envolve o problema da linguagem, juntamente com essa nova abordagem, o Círculo realiza um deslocamento em direção à questão do enunciado, como parte da virada linguística na

¹ Em realidade, esse era o estatuto da filosofia à época na União Soviética. Conforme indica Bakhtin (2008 [1973], p. 44), o departamento de filosofia não era independente, de modo que, para se dedicar à disciplina, era preciso uma especialização junto ao departamento de estudos russos ou alemães, por exemplo. No caso de Bakhtin, esse vínculo ocorreu com os estudos clássicos.

filosofia (MARCHEZAN, 2019). Com o *MFL*, Volóchinov apresenta sua contribuição para o desenvolvimento da abordagem da filosofia da linguagem a partir da não restrição à linguagem verbal e do confronto com as linguísticas, de maneira a considerar a problemática do signo e da significação em geral e, conseqüentemente, o embate com a própria semiótica. Para isso, o autor parte da relação consciência e realidade material objetiva via linguagem e enunciado. Sob esse viés é que adentramos a filosofia bakhtiniana da linguagem e tratamos a questão da consciência na obra *MFL*.

Consciência, linguagem e enunciado: a questão do sujeito

A pergunta central ligada ao problema da consciência na obra de Volóchinov pode ser posta sob os seguintes termos: qual é o lugar do sujeito, isto é, da consciência na relação com a realidade material objetiva, ou seja, com o mundo exterior? Essa pergunta se liga à questão capital da filosofia (“o que é o ser?”), que fundamenta e atravessa a tradição filosófico-científica ocidental.

Para responder a essa pergunta, o Círculo, em especial aqui Volóchinov, adentra o debate acerca da relação sujeito-objeto, que se volta ao conhecimento de mundo e da realidade, mas o faz a partir da virada linguística ocorrida na filosofia, a qual advém da crise do idealismo e do positivismo nas ciências humanas no final do século XIX e começo do XX, por, de um lado, afastar-se da realidade concreta e, de outro, pela falta de sentido. Esse momento consiste na instauração da língua(gem) como entremeio da superação do dualismo calcado ora na consciência ora no fenômeno concreto da investigação sujeito-objeto (ou cognoscente e cognoscível). Dessa maneira, entre o sujeito cognoscente que obtém o conhecimento por meio da sua mente e o objeto cognoscível, há a linguagem, compreendida não mais como simples instrumento límpido para o conhecimento e expressão do pensamento, mas como condição *sine qua non* para o acesso ao mundo. Fazem parte desse novo paradigma filosófico, autores como Cassirer e a Escola de Marburgo, bem como Husserl, Wittgenstein, Heidegger e

Humboldt, conforme aponta Marchezan (2019), no esteio dos teóricos Rorty, Hacking e Harbermas.

Eis a importância em situar o pensamento bakhtiniano na filosofia da linguagem. Em seu plano de trabalho, inclusive, Volóchinov (2017 [1929], p. 337-341) faz referência a esse movimento recente na filosofia. Nas palavras do autor,

Atualmente, na Europa Ocidental (e até mesmo na URSS), os problemas da filosofia da linguagem receberam uma atenção e adquiriram uma importância inabituais. Pode-se dizer que a filosofia burguesa moderna passa a se desenvolver sob o signo da palavra, sendo que essa nova tendência do pensamento filosófico ocidental ainda se encontra no início do seu caminho (p. 337). (grifos do autor)

Nesse contexto e com esse pensamento é que o deslocamento para o enunciado na filosofia da linguagem bakhtiniana surge como fundamental, uma vez que se apresenta como nova proposição diante do embate entre as oposições que caracterizam as perspectivas idealista e materialista na concepção de Volóchinov/Círculo, sobretudo a partir das vertentes do neokantismo e do materialismo histórico de Marx, respectivamente².

Ao partir da sociologia marxista formulada por Bukhárin, que retomou à sociologia clássica, com sua base filosófica nas premissas neokantianas; e articulou com o materialismo histórico (BRANDIST, 2002), o Círculo deparou-se com fundamentos necessários para combinar o conceito de cultura do neokantismo com a concepção de materialismo histórico do marxismo, de modo que a linguagem constitui a consciência do homem e a objetiva em sistemas ideológicos específicos da comunicação discursiva e a consciência é também parte determinante da realidade social.

A mudança para o enunciado como unidade de análise do método sociológico proposto pelo Círculo contribui para superação das oposições entre interior e exterior, consciência e fenômeno concreto,

² Aqui, podemos perceber não apenas uma proposta axiológica do Círculo, mas uma ontologia-axiológica (LUCIANO, 2021), que, como veremos, adiante, discute a fundação do ser na e pela linguagem.

individual e social, porquanto os signos atuam tanto no contínuo processo histórico de criação ideológica quanto na materialização dos produtos da atividade consciente individual e coletiva. Assim, o material sígnico concretizado no enunciado torna-se “terreno comum entre psiquismo e ideologia” (GRILLO, 2017, p. 58).

Pela citação de Volóchinov, vemos que a proposta de unir o idealismo e o marxismo é essencial nas discussões socio filosóficas no Ocidente e na Rússia, desde o final do século XIX, com a virada linguística na filosofia ocidental e encontrou ressonâncias nos trabalhos dos membros do Círculo.

Em *MFL*, essas duas tendências do pensamento aparecem pelo embate travado por Volóchinov ao subjetivismo individualista e ao objetivismo abstrato. As duas posições estão vinculadas a duas correntes distintas do pensamento ocidental, respectivamente, dualista-idealista e empirista-cientificista, as quais possuem sua gênese na prevalência do racional sobre o mundo. Não é arbitrário, por exemplo, os cronotopos em que cada uma delas se desenvolveu: o subjetivismo individualista, com Wilhelm von Humboldt como representante máximo, na Alemanha, sob a influência das ideias kantianas e neokantianas (do idealismo dualista); e o objetivismo abstrato, com sua formulação teórica mais consolidada na tradição saussuriana³, fértil na França, sob a presença do racionalismo cartesiano, com suas últimas consequências no pensamento positivista científicista.

Para cada uma das vertentes, a consciência (o sujeito) ocupa um lugar diferente em relação ao mundo: de um lado, para o objetivismo abstrato, ela não existe, o sistema da linguagem é autônomo e se impõe para o sujeito passivo, pois a consciência tem apenas a função de apreender a realidade e descrevê-la de maneira

³ Falamos em “tradição saussuriana”, pois as ideias desenvolvidas e postuladas não foram feitas pelo próprio Saussure, mas por seus alunos e seguidores (entre eles, Bally e Sechehaye) a partir de anotações e cursos dados pelo autor franco-suíço, que faleceu precocemente. O próprio *Curso de Linguística Geral (CLG)*, publicado postumamente em 1916, nasce dos apontamentos feitos e organizados por seus alunos.

mimética (ARISTÓTELES, 2011), tal como ela é – para essa corrente epistemológica, prevalece o exterior sobre o interior (trata-se da perspectiva materialista); de outro, para o subjetivismo personalista, o indivíduo é o centro organizador e criativo de tudo, a consciência é a fonte da linguagem e do mundo – logo, com primazia do interior sobre o exterior (idealista ou psiquismo, como denomina Volóchinov). De acordo com o pensador russo,

As leis objetivas sociais da criação ideológica, compreendidas erroneamente como leis da consciência individual, foram obrigadas forçosamente a perder seu lugar real na existência, ora passando às alturas supraexistenciais do transcendentalismo, ora às profundezas pré-sociais do sujeito biológico e psicofísico (2017 [1929], p. 96).

Em oposição a essas correntes (o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista), que apartam a consciência da existência, que Volóchinov se coloca ao mobilizar o embate entre elas na segunda parte de *MFL*. Recuperemos, então, brevemente alguns princípios postulados por essas correntes do pensamento filosófico-linguístico, a fim de elucidarmos como o pensador russo se posiciona diante do problema.

No primeiro capítulo, “As duas tendências do pensamento filosófico-linguístico”, Volóchinov dedica-se à exposição objetiva dos princípios de cada uma das duas perspectivas, para, nos dois capítulos seguintes da segunda parte de *MFL*, “Língua, linguagem e enunciado” e “A interação discursiva”, examinar criticamente as duas correntes em questão (naquele, o objetivismo abstrato e neste, o subjetivismo individualista). O autor sintetiza os quatro fundamentos da primeira tendência como:

- 1) *A língua é um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela.*
- 2) *As leis da língua são leis linguísticas específicas de conexão entre os sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico fechado. Essas leis são objetivas em relação a qualquer consciência subjetiva.*
- 3) *As leis linguísticas específicas não possuem nada em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros). Nenhum motivo ideológico é capaz*

de fundamentar o fenômeno da língua. Entre a palavra e a sua significação não existe uma conexão, seja ela natural e compreensível para a consciência, seja artística.

4) *Os atos individuais da fala são, do ponto de vista da língua, apenas refrações e variações ocasionais ou simplesmente distorções das formas normativas idênticas; mas justamente esses atos de fala individual explicam a mutabilidade histórica das formas linguísticas, que, como tal, do ponto de vista do sistema da língua, é irracional e sem sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem conexão nem motivos em comum. Eles são alheios entre si* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 162, grifos do autor).

De acordo com os princípios do objetivismo abstrato, o núcleo dos fenômenos linguísticos se situa no sistema da língua, com suas formas fonético-fonológicas, morfossintáticas, semântico-pragmáticas e lexicais, as quais garantem a unicidade da língua e a possibilidade de comunicação entre os falantes de um dado coletivo linguístico. Em decorrência desse olhar ocorre uma oposição entre língua, sujeito e história, uma vez que o sistema da língua é independente do indivíduo para a sua formação e organização. As leis linguísticas são imanentes, ou seja, se estabelecem na relação negativa entre uma forma e outra (afinal, a identidade de uma forma se dá por não ser outra), específicas e arbitrárias (elas não têm motivação natural ou socioideológica). Ao contrário, para essa corrente, o falante se submete às normas linguísticas, que são invioláveis e indiscutíveis, o que faz com que as aceite passivamente. A língua é tomada como pronta e dada ao indivíduo em uma determinada comunidade linguística e esta a reproduz em atos individuais. Trata-se da língua pela língua, fora dos limites da consciência individual.

O caráter objetivo e exterior dessa tendência reside no sistema da língua para a e independente de cada consciência particular. Para a consciência, a realidade da língua aparece na configuração de norma social, expressa em signos materiais por cada indivíduo. O objetivismo abstrato se apoia nas formas linguísticas comuns, as quais evidenciam um sistema exterior ao falante. Segundo nos explica Volóchinov (2017 [1929], p. 176), “a maioria dos

representantes do objetivismo abstrato tende a afirmar a realidade e a objetividade imediatas das línguas como sistema de formas normativas idênticas”.

O método sincrônico proposto pelo objetivismo abstrato conduz os teóricos dessa vertente a compreender a língua de forma sistêmica e a impossibilitar uma relação entre ela e seu processo histórico de formação, pois, para esse viés, não é possível apreender o curso de mudança ininterrupta da língua, que se estabiliza, relativamente, no decorrer do tempo.

A abordagem sincrônica apenas consegue perceber as formas linguísticas de um determinado período histórico e as diferenças entre as formas – que sinalizam as primeiras transformações na língua – são vistas como variações de ordem individual ou, sob o viés dos gramáticos, como “erros” linguísticos. O indivíduo que usa as formas linguísticas em seu grupo não observa a mudança ocorrida a cada ato discursivo com “naturalidade”, uma vez que, para ele, a língua se apresenta tal como é: aparentemente constituída por normas imutáveis. Essa posição subjetiva, tomada de maneira objetiva pelos teóricos do objetivismo abstrato, induz à retirada do indivíduo e, conseqüentemente, da historicidade da língua. Assim, a participação ativa da consciência é apagada do processo de formação histórica da língua ou, como mencionamos anteriormente, o papel da consciência e, conseqüentemente, do sujeito, no objetivismo abstrato, é reduzido à passividade diante do sistema da língua, pronta e acabada. Contra essa postura é que Volóchinov e os demais integrantes do Círculo se posicionam e propõem outra concepção de língua(gem).

Segundo expõe Volóchinov (2017 [1929]), a existência da língua como sistema só pode ser concebida do ponto de vista subjetivo do falante de dada comunidade linguística, de modo algum ela pode ser concebida como um fato exterior e objetivo. Ademais, um indivíduo não lida diretamente com a língua, enquanto conjunto de formas linguísticas puras, mas está orientado para o enunciado, ou seja, para dada realidade sócio-histórica, apreendida por meio da e

na linguagem. Esse olhar sistêmico consiste em abstração, fruto de uma reflexão sobre a língua, com finalidades teóricas.

As próprias formas da língua são dadas ao falante a partir de outros enunciados, por meio de interações entre os sujeitos, em contextos históricos específicos. Para Volóchinov, o foco está na articulação da língua com a sua realidade imediata ou, em outros termos, em como as formas linguísticas em um contexto histórico apreende (confere significação) (a)os aspectos de uma realidade específica (o que o Círculo chama de tema) e o sentido adquirido nesse contexto. Desse ponto de vista, o sistema linguístico puro deixa de ser o núcleo da formação objetiva da realidade. Ainda de acordo com o linguista e musicista russo, *“para um falante, a forma linguística é importante não como sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível”* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 177, grifos do autor), capaz de processar a apreensão da experiência ser/estar no mundo.

Em síntese, podemos considerar que a cisão realizada pelo objetivismo abstrato entre língua e sujeito (e, conseqüentemente, historicidade) é uma das principais críticas feitas pelo Círculo B.M.V., uma vez que serviu de base para as formulações mais importantes a respeito do material semiótico e definiu os parâmetros para a abordagem teórico-metodológica dessa tendência do pensamento filosófico-linguístico.

Em sua realização concreta, a linguagem não pode e nem deve ser separada do seu conteúdo temático, que reside precisamente no elemento histórico que a constitui. De acordo com Volóchinov (2017 [1929], p. 188 e 198), o signo é tomado pelos sujeitos como uma *“atmosfera costumeira na qual vivemos e respiramos”*: o mundo dos signos, em que as pessoas *“despertam pela primeira vez”*. Nesse processo, as consciências, da sua posição na existência e no meio ideológico, ocupam papel importante na formação da realidade concreta objetiva ao refletirem e refratarem aspectos específicos do mundo físico-natural.

A noção do fundamento do sujeito e da existência por meio da e na linguagem também consiste em uma posição central para o Círculo e é um dos elementos que fundamentam a argumentação de Volóchinov sobre sua posição de oposição ao subjetivismo individualista que, por sua vez, é influenciado pelo idealismo, no polo oposto do objetivismo abstrato. A segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico eleva a consciência ao posto supra existencial, como centro criador da realidade material. Para essa perspectiva, a origem da realidade está na psiquê do sujeito. Os seus fundamentos são:

- 1) *A língua é atividade, um processo ininterrupto de criação, realizado por meio de atos discursivos individuais;*
- 2) *As leis da criação linguística são, em sua essência, leis individuais e psicológicas;*
- 3) *A criação da língua é uma criação consciente, análoga à criação artística;*
- 4) *A língua como um produto pronto, como um sistema linguístico estável (dotado de vocabulário, gramática, fonética), representa uma espécie de sedimentação imóvel, de lava petrificada da criação linguística, construída de modo abstrato pela linguística com o objetivo prático de ensinar a língua como um instrumento pronto (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 148-149). (grifos do autor).*

Se, para o objetivismo abstrato, a língua é um sistema de formas idênticas estável e imutável, segundo os postulados do subjetivismo individualista, o que importa é o entendimento da língua como um fluxo contínuo de atos discursivos individuais, de modo que nada permanece estável e idêntico, pois, relembremos, a consciência passa a ser a fonte da língua e os atos discursivos individuais condicionados às leis do psiquismo. Com isso, o ato se torna a unidade de análise dessa perspectiva.

O enunciado, de acordo com a tendência subjetivista, é compreendido como “uma expressão da consciência individual, dos seus propósitos, intenções, impulsos criativos, gostos e assim por diante” (p. 202). Em outras palavras, os signos são portadores externos de determinado conteúdo que se manifestou, se desenvolveu e se formou na consciência.

Ainda de acordo com Volóchinov (2017 [1929]), a expressão do indivíduo, de acordo com o ponto de vista subjetivista, é entendida em dois momentos, do interno em direção ao externo: 1) aquilo que é expresso no interior; e 2) a objetivação externa com auxílio de signos, tanto para *outro* quanto para si mesmo.

Essa concepção revela a influência dualista dessa segunda tendência, assim como o predomínio do interior sobre exterior, seguindo a tradição platônica-kantiana-neokantiana. Em função disso, há certa recusa do aspecto exterior da expressão, posto que, ao ser objetivado, o interior sofre uma “deformação” necessária para se integrar ao material exterior, ou seja, ao signo, que possui suas regras próprias.

Pelo viés do subjetivismo, a alteração no conteúdo interior é entendida como distorção de sua integridade. Em outros termos, o signo, sendo materialidade, corrompe o conteúdo interior, transcendental ao terreno concreto. Se recuperarmos a concepção de Platão, de oposição entre mundo das ideias e mundo sensível, em que aquele é perfeito e incorruptível, e este é imperfeito e defeituoso, essa noção fica mais clara.

Embora essa segunda tendência considere o enunciado como a unidade de análise, o que aproxima mais das formulações do Círculo do que a primeira tendência, ela não é a mesma do Círculo, uma vez que o toma como individual, a partir do ato discursivo individual em direção à fonte interior da consciência, em que se encontra todo o processo de compreensão, interpretação, explicação, criação e organização dos fenômenos da existência material. Contra essa teoria da expressão, base do pensamento filosófico-linguístico do subjetivismo individualista, é que o Círculo B.M.V. se contrapõe.

Para Volóchinov (2017 [1929], p. 204), “não há vivência fora da encarnação sígnica”, o conteúdo interior (a vivência) e a objetivação acontecem apenas pelo material semiótico. Por esse viés, o subjetivismo individualista realiza uma inversão em sua abordagem da linguagem, uma vez que é justamente o material expresso, o ato enunciativo, que organiza tanto a vivência (o interior) quanto a vida

exterior, não o contrário, como consideram os representantes dessa tendência. Isso nos leva a um segundo aspecto: o ato discursivo é um ato social e não apenas individual.

Para sintetizar o equívoco teórico-metodológico de cada uma das duas tendências do pensamento filosófico-linguístico, o pensador russo afirma:

O objetivismo abstrato, ao considerar o sistema da língua como único e essencial para os fenômenos linguísticos, negava o ato discursivo - o enunciado - como individual. Nisso, como havíamos dito certa vez, está o *proton pseudos* do objetivismo abstrato. O subjetivismo individualista considera justamente o ato discursivo - o enunciado - como único e essencial. No entanto, ele também define esse ato como individual e por isso tenta explicá-lo a partir das condições da vida psicoindividual do indivíduo falante. Nisso está o seu *proton pseudos* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 200).

O embate com as duas correntes e a identificação dos seus *proton pseudos* evidenciam, para o Círculo, o lugar da consciência na relação com a realidade material objetiva, bem como a função efetiva dos signos nessa problemática. O sujeito e o mundo se fundam somente em ato enunciativo de linguagem, na interação social. Esse conhecimento da natureza social do enunciado é, para o grupo russo, primordial para a abordagem da filosofia da linguagem e dos estudos da linguagem, pois

Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao "um" em relação ao "outro". Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é um ponto que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (*idem*, p. 205). (grifos do autor)

A realização do ato enunciativo, para o Círculo, só pode ser entendida e abordada como fruto da interação entre sujeitos socialmente organizados. O próprio desenvolvimento da

consciência está vinculado ao processo de desenvolvimento da linguagem, ou seja, à inserção social do indivíduo. A existência de uma simples sensação fisiológica para o sujeito, de forma consciente, só pode se manifestar por meio da linguagem. Sem a presença dos signos, nada sobra da consciência, ela “apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 98). No texto *O que é linguagem?*, Volóchinov (2013 [1930]) ilustra, a partir da comparação com a cebola, a relação entre linguagem e consciência:

Para começar, esqueçamos da língua usada, depois da entonação da voz, do gesto, etc. e finalmente... nos encontraremos na situação ridícula da criança que queria encontrar o núcleo da cebola tirando, uma depois da outra, as camadas que a compõem. Da expressão, assim como da cebola, não resta nada (p. 148).

A consciência se efetiva enquanto realidade objetiva concreta no meio sociológico. Ela é tão social quanto a linguagem, pois dela nasce e por meio dela se desenvolve. Fora do convívio de dada coletividade ou quanto mais afastado, a vivência interior tende à sua extinção e animalização, sendo integrada apenas por reações fisiológicas. Ao perder a socialização, toda potencialidade sónica de expressão é esvaziada.

Diante do impasse colocado pelo objetivismo abstrato e pelo subjetivismo individualista, se a consciência não pode ser excluída do processo de formação da realidade, conforme propõe a primeira corrente, tampouco ela pode estar acima da existência concreta como força criadora, como formula a segunda tendência. Sob essa compreensão, Volóchinov propõe uma solução para o problema, colocada no início da seção, a partir da filosofia da linguagem.

A passagem que segue representa um tratado ontológico-axiológico sobre a fundação da existência da consciência/sujeito:

*A consciência é uma ficção fora da objetivação, fora da encarnação em um material determinado (o material do gesto, da palavra interior, do grito). Trata-se de uma construção ideológica ruim, criada por meio de uma abstração dos fatos concretos da expressão social. **Todavia, a consciência como uma expressão material organizada (no material ideológico da palavra, do signo, do***

desenho, das tintas, do som musical etc.) é um fato objetivo e uma enorme força social. Entretanto, essa consciência não se encontra acima da existência nem pode determiná-la de modo constitutivo, pois a consciência é uma parte da existência, uma das suas forças e, portanto, possui a capacidade de agir, de desempenhar um papel no palco da existência. [...] quando ela passa todos os estágios da objetivação social e entra no campo da força da ciência, da arte, da moral, do direito, ela se torna uma força verdadeira, capaz até de exercer uma influência inversa nas bases econômicas da vida social. É claro, a força da consciência está na sua encarnação em determinadas organizações sociais e na sua fixação em expressões ideológicas estáveis (ciência, arte e assim por diante, porém ela já era um pequeno acontecimento social, e não um ato individual e interior, na forma primária vaga de um pensamento e uma vivência instantâneos (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 211-212). (grifos do autor e destaques nossos)

O exato lugar da consciência na relação com a realidade concreta passa pela linguagem, visto que a consciência é constituída por signos verbais, visuais e sonoros e objetivada em esferas de atividade humana, de modo que se torna parte da realidade material e, ao mesmo tempo, uma força constitutiva da realidade social. Podemos compreender, então, que o sujeito só pode se constituir enquanto ser de linguagem e de forma tridimensional, como destacamos à frente.

Ao situar a linguagem nesse entremeio, o Círculo, a partir de Volóchinov (2017 [1929]), realiza uma síntese dialético-dialógica (PAULA, L; FIGUEIREDO; PAULA, S., 2011) entre as duas tendências do pensamento filosófico-linguístico, pois coloca as duas perspectivas sobre as quais abordamos em movimento de embate para, a partir delas, propor uma outra/nova concepção, que também entra nesse jogo, num outro nível, sem finalizar o debate, mas somando a ele uma terceira possibilidade epistemológico-filosófica.

O objetivismo abstrato, ao tomar o sistema da língua como fundamento exclusivo dos fenômenos linguísticos, recusa o ato discursivo, uma vez que retira o sujeito e a historicidade da participação ativa da realização desses fenômenos. Esse é o equívoco central dessa primeira corrente, do ponto de vista do pensador russo. Por sua vez, o subjetivismo individualista considera

precisamente o ato enunciativo, mas o toma como individual e suas condições de existência têm como origem a própria consciência. Esse é, de acordo com Volóchinov, o equívoco teórico dessa tendência. Tanto a consciência (interior) quanto a realidade objetiva concreta (exterior) interagem no ato enunciativo e este “enunciado é de natureza social” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 200).

Para Volóchinov, o eixo organizador do ato enunciativo está localizado no meio socioideológico que circunda os agentes da interação. Nessa perspectiva, o enunciado é uma criação ideológica da interação social, entendida do ponto de vista mais imediato, da situação na qual os sujeitos se expressam, bem como de forma mais ampla, ou seja, a partir das condições sociais de cada grupo no contexto histórico da época a qual pertencem os integrantes da interação. A realidade efetiva da linguagem e, por conseguinte, dos sujeitos e da existência é o acontecimento da relação social, de modo que esta se torna “a realidade fundamental da língua” (*idem*, p. 219). Nesse processo de realização efetiva da linguagem há a participação ativa da consciência, como uma força constitutiva da realidade social. Assim, no jogo entre exterior e interior, relação e consciência, expressão e compreensão é que o ato enunciativo se concretiza, uma vez que

O enunciado exterior atualizado é uma ilha que se ergue do oceano infinito do discurso interior; o tamanho e as formas dessa ilha são determinadas pela situação do enunciado e pelo seu auditório. A situação e o auditório forçam o discurso interior a atualizar-se em uma expressão exterior determinada e diretamente inserida no contexto cotidiano não enunciado, que é completado pela ação, ato ou resposta verbal dos outros participantes do enunciado (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 221). (grifos do autor)

O intermédio entre consciência e realidade concreta é realizado pelo enunciado sob duas formas: 1) signo exterior (como signo ideológico expresso) e; 2) signo interior (como realização psíquica, compreensão ativa e vivência na e pela consciência). E um não pode ser considerado sem o outro. Com o foco na relação entre o exterior e o interior é que Volóchinov (e o Círculo) afirma, ao mesmo tempo, o papel ativo da consciência na determinação da existência

(idealismo) e a sua determinação pelas condições materiais da existência (materialismo histórico). Imerso nesse processo, o sujeito, o enunciado e o sujeito-enunciado se constituem. De um lado, para ser impregnada de significação (sempre ideológica), a existência, incluído o próprio homem, precisa ser vivenciada interiormente (por meio da compreensão ativa), ou seja, precisa passar pela consciência, do contrário, é apenas uma parte física do mundo natural, inacessível ao ser humano sem a mediação da linguagem (da significação). De outro, para que se realize, seja vivenciada efetivamente na consciência, precisa estar encarnada em signos, pois é parte da existência, construída e objetivada pela força social exterior a ela. Por conseguinte, a consciência é encarnada em material semiótico da voz, do gesto, do grito, do som etc., e objetivada em sistemas ideológicos específicos (por exemplo, ciência, arte, vida), sendo uma parte da existência, uma de suas forças e também capaz de determinar, de (trans)formar (isto é, refletir e refratar) a existência material. Em outras palavras, para Volóchinov, a unidade efetiva da existência acontece no ato enunciativo, constituído na relação entre signo interior e exterior, de maneira que, segundo o estudioso,

Não há o signo exterior sem o signo interior. Um signo exterior, incapaz de entrar no contexto dos signos interiores, ou seja, de ser compreendido e vivido, deixa de ser um signo e torna-se um objeto físico.

O signo ideológico vive por meio da sua realização psíquica, assim como a realização psíquica vive por meio do seu conteúdo ideológico. A vivência psíquica é o interior que se torna exterior; o signo ideológico é o exterior que se torna interior (2017 [1929], p. 137-138). (grifos do autor)

Essa interdependência entre a vida social (exterior/ideológica) e a vida individual (interior/psíquica) é a condição da e para a existência do signo, do sujeito e do mundo, e acontece no enunciado e suas formas. Assim, se por um lado, a linguagem é objetivada concretamente e determina a existência; por outro, a consciência também possui papel ativo na concretização da vivência/existência. Trata-se de uma dupla orientação, dialógica e indissociável. Essa

relação aparece ao pensarmos o ato enunciativo e a compreensão ativa, realizados na interação entre o eu e o outro (ainda que esse outro seja outro de mim, um “eu-para-mim”, conforme Bakhtin, 2010b).

O entendimento desse processo constitutivo do sujeito e do mundo por meio do enunciado nos autoriza afirmar que todo e qualquer enunciado é constituído, ao mesmo tempo, pelo ato discursivo e pela compreensão ativa que, como temos insistido, é condição determinante para outros atos responsivos, conforme afirma o autor de *MFL* em sua obra:

Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja. Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 140).

Na construção do enunciado, os signos exteriores aparecem de forma mais explícita, uma vez que consistem na expressão. Os signos interiores são menos evidentes, pois se realizam na compreensão ativa (às vezes, silenciosamente, como na leitura de um livro ou no ato de escuta). Nesse processo interno reside o papel ativo da consciência, pois ela determina a realidade imediata, ao dar sentido ao ato daquele que se expressa e, com isso, organizar o ato responsivo. Sem essa ação da consciência, as relações dialógicas desvanecem, não há interação, porque o papel do outro desaparece.

Considerações

Ao situar a discussão feita por Volóchinov, em *MFL*, sobre consciência e realidade, um dos temas centrais de composição do projeto filosófico de linguagem do Círculo emerge: o problema da consciência e sua relação com a realidade exterior⁴, que estabelece as

⁴ Tema que aparece em outros textos menos discutidos na recepção brasileira, como *Freudismo* (2003 [1927]), atribuído a Bakhtin, mas de autoria de Volóchinov, e, do mesmo autor, “Para além do social. Um ensaio sobre a teoria freudiana” (2013

condições de constituição do sujeito e do mundo por, da e na linguagem.

O entendimento dessa temática discutida por Volóchinov nos auxilia na compreensão tanto da concepção de sujeito quanto de linguagem da filosofia bakhtiniana. Esta, denominada por nós de tridimensionalidade verbivocovisual (PAULA, 2017; PAULA e LUCIANO, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e, 2021a, 2021b, 2022; LUCIANO, 2021), em estudo pelo GED, sob a coordenação de Paula.

Sendo a consciência constituída, simultaneamente, por signos verbais, sonoros e visuais, conforme afirma Volóchinov (2017 [1929]), e participante ativa da construção enunciativa; e o enunciado, a efetivação de dada realidade da existência a partir do jogo interior e exterior, todo e qualquer ato enunciativo, independente de sua materialidade expressa, manifesta a articulação e a organização tridimensional da linguagem em determinado tempo-espço histórico, visto que o homem e o mundo não são “arquivos” isolados ou fragmentados. Ao contrário, a totalidade do sujeito e da existência se realiza na linguagem de modo verbivocovisual. Ao mesmo tempo, esta se encarna na unidade do indivíduo, que a *in-corpora* (a torna corpo), materialmente de variadas formas.

Compreender essa construção do enunciado, situada na fronteira do eu e do outro, da consciência e do social, é fulcral para entendermos a noção de tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem no pensamento filosófico do Círculo B.M.V., pois, segundo discorreremos, ela pressupõe a participação ativa da consciência, composta verbivocovisualmente, tanto na elaboração e enunciação quanto na compreensão do ato discursivo, que se realiza nesse processo dialógico. Em outras palavras, a percepção desse fato coloca o sujeito – ou os sujeitos – organizado socialmente como o

[1925]). Essa temática aparece, ainda, em Bakhtin (2010 [1929]; 2011 [1975]), em Medviédév (2012 [1928]) e em Sollertínski (1956). Em função da delimitação espacial, não trouxemos referidos escritos para diálogo, mas está em nosso escopo uma reflexão em torno da consciência na relação do MFL com esses outros textos.

centro do problema da relação, existente como linguagem, com realidade objetiva concreta, o que revela o ser no mundo da concepção filosófica de linguagem do Círculo B.M.V.: é na interação entre sujeitos que a linguagem pode se concretizar e, simultaneamente, é pela linguagem que os sujeitos e o mundo podem se efetivar enquanto realidade objetiva concreta.

Nesse sentido, segundo afirmamos anteriormente, “compreendemos que a linguagem é verbivocovisual porque o sujeito se constitui tridimensionalmente, ao passo que a consciência se constitui de maneira verbivocovisual, pois a linguagem se caracteriza e se comporta dessa maneira” (PAULA; LUCIANO, 2020a, p. 112): exterior e interior, no jogo dialético-dialógico.

Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Edipro, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1975].
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemi dell'opera di Dostoevskij*. Trad. Margherita de Michiel. Bari: Edizioni dal Sud, 2010a [1929].
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João, 2010b.
- BRANDIST, Craig. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. London: Pluto Press, 2002.
- GRILLO, Sheila. **Marxismo e filosofia da linguagem**: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e do início século XX. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].
- LUCIANO, José Antonio Rodrigues. **Filosofia da linguagem bakhtiniana**: concepções verbivocovisuais. 2021. 278f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista - UNESP, Faculdade de Ciências e Letras (Campus

Araraquara), Araraquara, SP, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204473>

MARCHEZAN, Renata Maria Facuri Coelho. Bakhtin e a virada linguística na filosofia. In: BRAIT, B.; PISTORI, M.H.C.; FRANCELINO, P. F. (Org.). **Linguagem e conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)**. Campinas: Pontes, 2019. p. 261-291.

MEDVIÉDEV, Pavel. **O Método Formal nos estudos literários**. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

PAULA, Luciane de. **Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem**. Projeto de Pesquisa em andamento. UNESP, 2017 (Mimeo).

PAULA, Luciane de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. **O marxismo no/do Círculo de Bakhtin**. In: STAFUZZA, G. B. (Org.). *Slovo*. Curitiba: Appris, 2011, p. 79-98.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. **A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana**. Revista Linha D'Água, São Paulo (SP), v. 33, n. 3 (2020a), p. 105-134. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v33i3p.105-134>. Acesso em: 17 dez. 2020.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 49, n. 2 (2020b), p. 706-722. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691>. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2691>.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Filosofia da linguagem bakhtiniana: concepção verbivocovisual. **Revista Diálogos – RevDia**. Cuiabá (MT), v. 8, n. 3 (2020c), p. 132-151. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. **Polifonia**. Cuiabá (MT), v.

27 n. 49 (2020d), p. 15-46. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Recepções do pensamento bakhtiniano no Ocidente: a verbivocovisualidade no Brasil. *In*: BUTURI Jr, A.; BRAGA, S.; SOARES, T. B. **No campo discursivo: teoria e análise**. Campinas: Pontes, 2020e, p. 133-166.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. The Verbivocovisual Architectonic of the Stage La Conversione Di Un Cavallo. **Global Journal of Human Social Sciences-A - GJHSS-A**, V. 21, 13, 2021a, p. 01-13. Disponível em: [https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/E-Journal_GJHSS_\(A\)_Vol_21_Issue_13.pdf](https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/E-Journal_GJHSS_(A)_Vol_21_Issue_13.pdf)

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. As noções bakhtinianas de linguagem e enunciado. **Letras de Hoje**, 56(3), 2021b, p. 453-464. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42207>. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.42207>

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Língua(gem) e enunciado: uma proposta verbivocovisual da/na filosofia bakhtiniana. *In*: REZENDE, Patrick; BRAMBILA, Guilherme (Orgs.). **Percursos em linguística: teorias, abordagens e propostas**. São Carlos: Pedro e João, 2022, p. 209-234.

PETRILLI, Susan. **Em outro lugar e de outro modo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

SOLLERTÍNSKI, Ivan. *Musykal'no-istoričeskie etjudy* [Estudos histórico-musicais]. Leningrad: Gosudarstvennoe muzykal'noe izdatel'stvo, 1956.

VAUTHIER, Bénédicte. “Auctoridade” e tornar-se-autor: origens da obra do “Círculo B.M.V.” (Bakhtin, Medvedev, Voloshinov). *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, G. B. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Série Bakhtin Inclassificável, v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 69-114.

VOLÓCHINOV, Valentin. “O que é linguagem?” (1930). *In*: **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. “Para além do social. Um ensaio sobre a teoria freudiana” (1925). *In: A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

A REPRESENTATIVIDADE DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL E COLETIVA PARA VOLÓCHINOV: APONTAMENTOS ¹

Sérgio Nunes de Jesus
Elizângela Ataíde de Souza

O princípio: questões preliminares ...

Este capítulo apresenta uma possibilidade de interpretação da teoria de Volóchinov sobre a questão do sujeito dialógico individual e do sujeito dialógico coletivo. Trata-se de uma conversação com o leitor que tem o propósito de levantar questionamentos, reflexões e posicionamentos sobre o ser “eu” e o ser “outro”. Tudo muda a partir de si, você absorve, reformula e (re)implanta na sociedade divulgando uma forma aprimorada, a seu ver, do que pensa sobre tudo. Nessa lógica, o sujeito sente a realidade, mas a percebe de forma diferente daquela que a sente. Isso porque nosso sistema sensorial atua de forma diferente de nosso sistema perceptual.

Na realidade, ao lermos o capítulo que se apresenta como referência para nosso diálogo de desenvolvimento sobre a questão, intitulado *o sujeito, a consciência individual e a consciência coletiva*, contido no livro “Marxismo e filosofia da linguagem”, de Valentin Volóchinov, estamos colocando em prática sua teoria, pois o eu escritor discute e debate com seu eu social interior para chegar a um consenso do direcionamento interpretativo ao outro social exterior.

¹ Optamos aqui no presente texto alterar a nomenclatura autoral de BAKHTIN para VOLÓCHINOV, mesmo permanecendo nas referências bibliográficas (publicação editorial), pois inúmeros escritos, especialmente, a partir dos anos 2015, atestam que os textos pertencem ao segundo e não ao primeiro. Não entraremos aqui nos méritos dessa controvérsia, que é longa - e inconclusiva para alguns - mas optaremos por manter o nome de Volóchinov.

Complexo? Talvez inicialmente, mas pretendemos ao longo de nossa conversa expor de forma clara o que representa o sujeito dialógico para Bakhtin e as relações da consciência individual e coletiva. Neste sentido, pretendemos oferecer uma forma de enxergar conceitos sobre o tema conectados a um prisma de sua visão de mundo e conhecimento em contato com o mundo exterior.

Com o intuito de iniciarmos as abordagens sobre a questão do sujeito e o dialogismo, daremos um breve exemplo como tais conceitos são importantes a partir do texto “Obsessão”, de Luís Fernando Veríssimo, que traz com seu bom humor e ironia os vários sujeitos que habitam em um mesmo ser, no caso, a mulher, e como “elas” se relacionam com o outro e como este outro as “veem”, como também o próprio personagem masculino revela haver nele outros “eus”:

•••

Mas a culpa mesmo, delegado, não é do nariz, não é dela e não é minha. A culpa é da inconstância humana. Ninguém é uma coisa só, nós todos somos muitos. E o pior é que de um lado da gente não se deduz o outro, não é mesmo? Você, o senhor, acreditaria que um homem sensível como eu, um homem que chora quando o Brasil ganha bronze, delegado, bronze? Que se emocionava com a penugem nas coxas dela? Que agora mesmo não pode pensar na ponta do nariz dela se mexendo que fica arrepiado? Que eu seria capaz de atirar um dicionário na cabeça dela? E um Aurelião completo, capa dura, não a edição condensada ou o CD? Mas atirei. Porque ela também se revelou. *Ela era ela e era outras* (grifo nosso).

•••

A multiplicidade humana é isso. A tragédia é essa. Dois nunca são só dois, são dezessete de cada lado. E quando você pensa que conhece todos, aparece o décimo oitavo (grifo nosso). Como eu podia adivinhar, vendo a ponta do narizinho dela subindo e descendo, que um dia ela me faria atirar o Aurelião completo na cabeça dela? Capa dura e tudo? Eu, um homem sensível? Porque ela não era uma, delegado. Tinha outra, outras, por dentro. Tudo bem, eu também tenho outros por dentro. Por exemplo: nós já estávamos juntos havia um tempão quando ela descobriu que eu sabia imitar o Silvio Santos. Sou um bom imitador, o meu Romário também é bom, faço um Lima Duarte passável, mas ninguém sabe, é um lado meu que ninguém conhece. Ela ficou boba, disse “Eu não sabia que você era artista”. E eu também sou um obsessivo. Reconheço. E a obsessão foi a causa da nossa briga final. *Tenho outros por dentro que nem eu entendo, minha teoria é que a gente nasce com várias*

possibilidades e quando uma predomina as outras ficam lá dentro, como alternativas descartadas, definindo em segredo, ressentidas (grifo nosso).. E, vez que outra, querendo aparecer. Tudo bem, viver juntos é ir descobrindo o que cada um tem por dentro, os dezessete outros de cada um, e aprendendo a viver com eles. A gente se adapta. Um dos meus dezessete pode não combinar com um dos dezessete dela, então a gente cuida para eles nunca se encontrarem. A felicidade é sempre uma acomodação.

•••

Eu estava disposto a conviver com ela e suas dezessete outras, a desculpar tudo, delegado, porque a ponta do seu nariz mexe quando ela fala. Mas aí surgiu a décima oitava ela. Nós estávamos discutindo as minhas obsessões. Ela estava se queixando das minhas obsessões. Não sei como, a discussão derivou para a semântica, eu disse que “obsedante” e “obcecante” eram a mesma coisa, ela disse que não, eu disse que as duas palavras eram quase iguais e ela disse “Rará”, depois disse que “obcecante” era com “c” depois do “b”, eu disse que não, que também era com “s”, fomos consultar o dicionário e ela estava certa, e aí ela deu outra risada ainda mais debochada e eu não me aguentei e o Aurelião voou. Sim, atirei o Aurelião de capa dura na cabeça dela. **A gente aguenta tudo, não é delegado, menos elas quererem saber mais do que a gente** (grifo nosso).

Arrogância intelectual, não.

(Luís Fernando Verissimo, no livro “Os últimos quartetos de Beethoven e outros contos”. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. Disponível em <https://www.revistaprosaversoarte.com/obsessao-luis-fernando-verissimo/>)

A presente crônica expressa de forma leve e divertida uma situação que, em alguns trechos, nos interessam para discussão. As frases destacadas nele são gatilhos para reflexões sobre o que Volóchinov fala em sujeito, consciência individual e coletiva e a questão do dialogismo. Em cada parágrafo destacamos um trecho para o princípio de nossos apontamentos referentes ao tema.

“*Ela era ela e era outras*”: esta colocação é um reconhecimento de que existem vários “eus” em um único sujeito e que eles podem ser antagônicos e tudo bem, pois podem indicar uma forma de seleção de ideias e princípios para compartilhar com o outro social. Se os indivíduos reconhecem dentro de si estas outras vozes que querem e gostam de se manifestar é uma constatação de que a comunicação subjetiva ocorre e é muito ativa dentro do sujeito, porque se torna seletivo nas palavras que comporão sua mensagem para o outro. A

inter-relação entre pensamento e linguagem fica evidente nas diferentes formas de discursos que adotamos para nos comunicarmos. É interessante expor que esta consciência de outros “eus” dentro de um sujeito é importante porque demonstra o grau de conhecimento do ser sobre diversas questões, principalmente relacionadas ao autoconhecimento. Mas o que é o sujeito e o que o dialogismo representa na linguagem marxista?

Segundo Volóchinov (1997, p. 72), "As leis da criação linguística são essencialmente às leis da psicologia individual". Por meio dessa visão, podemos observar que nela há a base da criação linguística de um indivíduo onde as relações expressas pela linguagem são as estabelecidas no interior de seu ser, o que significa que o indivíduo fica isolado daquilo que lhe é exterior.

A consciência constitui um fato sócioideológico não acessível a métodos tomados de empréstimo à psicologia, ou às ciências naturais. É impossível reduzir o funcionamento da consciência a alguns processos que se desenvolvem no interior do campo fechado de um organismo vivo (VOLÓCHINOV, 1997, p. 48).

Neste sentido, Volóchinov mostra que os signos são constitutivos do próprio pensamento que ganham existência através da expressão simbólica, porém opõe-se a eles ao reivindicar que o psiquismo é uma realidade semiótica e que devido a isso não se deve “delimitar a fronteira entre o psiquismo subjetivo individual e a ideologia em sentido estrito” (p. 57). Desta forma, o que Volóchinov chama de consciência individual, se confunde em certo grau, com o que podemos chamar de “subjetividade”.

A consciência tem voz e quer ser ouvida e o signo dá materialidade para o pensamento interior do sujeito ideológico refletindo a realidade perpassada pelas relações sociais.

Ainda para Volóchinov (1997, p. 36) a língua é a palavra mais conhecida “um fenômeno ideológico por excelência”, complementando, ainda diz que: “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”, o que significa que as palavras existem como objetos nas relações de troca de informação e de

comercialização entre os indivíduos, considerando o fato de que elas são portadoras do conhecimento e nelas o pensamento dá forma ao conhecimento. Apresentam uma característica geral: são ideologicamente neutras. Entretanto, são ideologicamente específicas quando são atualizadas no discurso, podendo preencher qualquer função ideológica. Isso significa que dependem do uso do falante para se atualizarem como unidade da língua e da ideologia.

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou prendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (p. 32). [...] esse espaço semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (1997, p. 36).

Por meio dessa abordagem acerca do dialogismo, podemos falar sobre o sujeito, pois, quando se fala em sujeito, nos estudos da linguagem, podemos ver que existem várias maneiras em que este objeto de estudo e seu conceito possam ser utilizados. Ele é titular de direitos e também pratica ações. Portanto, o termo transmite a ideia de que o sujeito é aquele que está obrigado, e depende da vontade do outro, ou aquele que se submete ao outro.

A língua exprime uma complexidade trazida pelo conceito adquirido após um processo histórico longo, que foi mudando conforme o avanço da modernidade.

É válido considerar que o dialogismo é resultante de toda interação linguística ideológica. Mesmo que as pessoas não

estabeleçam um diálogo amistoso entre si e, em certas circunstâncias, que haja *silêncio* entre elas, há uma troca ideológica intersubjetiva e, portanto, dialógica. O dialogismo é potencializado quando as pessoas assumem um caráter colaborativo na interação linguística, é claro.

Assim, podemos observar na crônica “Obsessão”, a complexidade do uso da língua nos diálogos, a interação entre o locutor e o interlocutor e a ideologia contida na mensagem traduzida e interpretada por ambos conforme suas visões de mundo. Logo, o exterior da ideia está na matéria linguística. Seu interior é discursivo e demanda compreensão ideológica e trabalho dialético.

Dando continuidade à análise, há um excerto que chama a atenção para falar sobre nosso assunto: “*A multiplicidade humana é isso. A tragédia é essa. Dois nunca são só dois, são dezessete de cada lado. E quando você pensa que conhece todos, aparece o décimo oitavo*”. Sendo assim, se o outro é múltiplo, ele não tem um só discurso, mas muitos, um para cada eu. Conquanto, cada ethos discursivo se adequa (ou tenta se adequar) a cada situação dialógica e, assim, é o discurso de cada ethos discursivo que afeta o *alterethos* do outro no processo dialógico. A exemplo, podemos perceber quando duas pessoas conversam, cada uma escolhe para si um *ethos* discursivo entre os muito que possui. Quando uma delas fala, não é “ela” (*stricto sensu*) quem fala, mas seu ethos discursivo. Esse ethos discursivo tem uma contraparte no ethos da outra pessoa (o *alterethos*). O *alterethos* da outra é ideológico e formalmente afetado pelo ethos da primeira (e vice-versa), pois os ethos se adaptam no decorrer do discurso para ver quem prevalece no diálogo, uma vez que todo diálogo é uma forma de negociação (seja bem-sucedida ou não).

Tenho outros por dentro que nem eu entendo, minha teoria é que a gente nasce com várias possibilidades e quando uma predomina as outras ficam lá dentro, como alternativas descartadas, definhando em segredo, ressentidas. Com efeito, estes períodos reproduzidos nos resgatam a ideia que afirma Fiorin (2008, p. 25), no qual o pensamento bakhtiniano leva ao entendimento de que “[...] os enunciados são sempre o espaço de luta

entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição”.

A gente aguenta tudo, não é delegado, menos elas quererem saber mais do que a gente – esta última frase destacada no conto é muito interessante porque ela é dúbia, no sentido de que você pode interpretá-la como ele se referindo à companheira ou a todas as mulheres, como também indica uma certa discriminação em que o homem pode ter um “eu” ou “vários” dentro de si, mas que não pode ou aceita verbalizar uma fraqueza sua para o outro, como no caso a personagem feminina fez ao constatar que estava certa semanticamente. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. [...] A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (VOLÓCHINOV, 2006, p. 107).

Entremeio ... O sujeito dialógico ...

*Tenho mais almas do que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos.
Faço-os calar: eu falo.*

*Os impulsos cruzados
Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam
A quem me sei: eu'screvo.*

(Fernando Pessoa; In: *Odes*. Ricardo Reis)

Com este excerto do poema de Pessoa, iniciamos nosso assunto dizendo que a autoconsciência da personagem, enquanto discurso confessional, é a ideia do ideal, reflexo de sua visão de mundo. Sua autoafirmação indica seu dinamismo e dramaturgia no mundo em que está condicionado, explicitando uma tentativa de distanciamento de

uma ideia impessoal e abstrata, entretanto, expõe seu mundo como autoproblematizado e entrecruzado, isto é, entende-se a intrigante relação entre seus “eus” e com o outro, no qual o ser “não é dado, mas construído e sustentado na comunicação entre falantes-ouvintes e ouvintes-falantes” (VOLÓCHINOV, 2006, p. 112).

Os heterônimos de Fernando Pessoa são formas de expressão e comunicação utilizadas pelo poeta para expor a grandiosidade de seus pensamentos e seus vários “eus”, que, por vezes, eram tão distantes dentro de um mesmo ser. O texto de abertura deste subtítulo nos faz captar a complexidade do sujeito, do ser eu e o outro num mesmo ser, como também a relação destes “eus” com o outro social/coletivo. Sobre esta dialogia, podemos citar Volóchinov (2006) quando diz que

[...] a comunicação dialógica só se efetiva na medida que é autônoma em relação às classes e aos contextos. Essa autonomia, porém, não é abstrata e neutra, pois guarda todavia as vozes das quais se libertou pelo diálogo. Seja qual for, portanto, o contexto, a palavra sempre estará impregnada das palavras dos outros (p. 112).

Assim, observa-se nos versos: *Existo todavia / Indiferente a todos. / Faço-os calar: eu falo.*, que há uma necessidade de autoafirmação do sujeito elegendo um ser dominante de ideais para lidar com os outros sociais, obviamente um conflito entre o sujeito individual e o sujeito coletivo. Neste sentido, podemos caracterizar o dialogismo por suas relações através de índices sociais de valores que formam o enunciado, o qual entende-se como uma unidade de interação social, em que o sujeito social ao se deparar com outros tipos de enunciados, interage com os discursos em um ato avaliativo responsivo que pode discordar ou concordar, completando e construindo a si mesmo através de uma interação.

Sendo nossa língua dialógica e os enunciados exprimidos através de “vozes”, temos o discurso de alguém que se encontra e soma com o discurso de outrem, havendo assim a interação, pois, até em um monólogo, existe o dialogismo, pois essas vozes dialogam mesmo sendo em um ato aparentemente individual.

Faraco destaca que:

Como a realidade linguístico-social é heterogênea, nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques. O mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonância e dissonância; e em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir (2009, p. 84).

Assim, na segunda estrofe do poema de abertura deste tema *“Os impulsos cruzados / Do que sinto ou não sinto / Disputam em quem sou. / Ignoro-os. Nada ditam / A quem me sei: eu’screvo.”*, vê-se que a interseção das chamadas vozes sociais perpassam os discursos tentando influenciar a personagem e notando sua relutância em aceitar que há outros “eus” individuais e coletivos formando seu ser. Em razão da heterogeneidade o sujeito dialógico nem se situa numa perspectiva totalmente passiva, nem é autônomo o suficiente para ser o único responsável por sua constituição.

Volóchinov (2012) foi um dos autores que tiveram maior contribuição para estudos acerca do diálogo e de sua importância para a vida humana. O autor nos traz a proposta como um marco na história, afirmando que “pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (VOLÓCHINOV, 2012, p. 117).

Essa noção, que foi trazida por Volóchinov, mostra o movimento dialógico da enunciação que constitui território comum do interlocutor e do locutor, podendo resumir esse esforço feito pelo interlocutor para colocar esta enunciação frente ao outro.

Além desse tipo de dialogismo, Fiorin (2008) defende que há mais dois: o dialogismo constitutivo e o dialogismo composicional. No que se refere ao dialogismo constitutivo, o autor diz que um enunciado só adquire sentido em relação com outros enunciados, por isso a relação de diálogo é inerente ao enunciado, é constitutiva dele; já o dialogismo composicional, para Fiorin (2008), relaciona-se

à apropriação do discurso de outrem (nas suas diferentes formas, marcadas ou não) na constituição de enunciados. Assim, percebemos que o dialogismo é constitutivo não só da comunicação concreta, mas, também, da própria consciência, que se dá por meio da linguagem de acordo com Volóchinov (2006 [1929]), ou “semioticamente”.

Na interação, verbal são construídas relações de diálogo com diversas instâncias da enunciação, sem as quais a comunicação seria inviabilizada, pois a língua por si só não dá conta da interação.

Volóchinov (1998 p. 81-2) reconhece que “a língua é da ordem do imanente do repetível, não esquecendo que a língua também é construída socialmente, e por isso, menos suscetível a mudanças”, constituindo as chamadas “forças centrípetas”.

Nesse caso, afirma Volóchinov (2011a [1952/53], p. 296), ao diferenciar a oração do enunciado, na língua se estabelecem relações lógicas; já na linguagem, o que operam são as relações dialógicas que se materializam em unidades da interação verbal, em enunciados.

Mesmo que, na língua, apenas as relações lógicas se estabeleceram, ela é imprescindível às relações dialógicas, pois, como lembra Bakhtin (2011 [1959/60], p. 323), “as relações dialógicas pressupõem uma língua, embora não existam nela”.

Nesse ponto, acreditamos que seja pertinente trazer a afirmação de Volóchinov (2013, p. 169) sobre a relação da orientação social e a escolha do material linguístico. Para o filósofo, “a orientação social é uma das forças vivas organizadoras que, junto com a situação da enunciação, constituem não só a forma estilística mas também a estrutura puramente gramatical da enunciação”. Ou seja, até mesmo a parte linguística do enunciado, que é da ordem das relações lógicas, é determinada em vista do social, das relações dialógicas estabelecidas na instância de enunciação.

A reafirmação do dialogismo como suporte para a consciência individual...

Volóchinov (2017), contribui com sua reflexão sobre a construção do signo ideológico no processo de representação dos objetos pela via da interação verbal e o desenvolvimento da consciência individual. Para que o processo seja melhor compreendido, Volóchinov apresenta reflexões sobre o modo como os signos são formulados na sociedade e na consciência individual.

Para compreender o processo de construção ideológica, é preciso considerar os objetos da vida material sob duas formas: uma do ponto de vista de um referente na vida material, tendo uma significação imutável; e a segunda que aponta para a construção de signos que assumem valor simbólico carregados de acento apreciativo. Isso posto, todo objeto, representado por um signo, é avaliado e apreciado por um grupo que promove juízos de valor carregados de vivência e história. É nesse momento que se vincula o processo de criação ideológica a uma dinâmica axiológica-volitiva-emotiva que se manifesta por meio da linguagem.

Volóchinov (2017, p. 93) analisa como os signos em uma realidade enunciativa construída de forma ideológica, considerando o lugar da consciência individual no ato de sua realização. Retomaremos aqui um trecho já anteriormente citado:

Qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte dos limites de sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. Tudo o que é ideológico possui significação sgnica (2017, p. 93).

Volóchinov (2017) afirma que os símbolos não-verbais podem ser concebidos na forma de músicas, de rituais religiosos e quadros de artistas com a função de expressar sentimentos e impressões da vida social e cultural, entre tantas outras formas. Toda forma artística, embora não se construa por formas linguísticas em sua camada superficial, pode ser concebida como signos não verbais responsáveis por formulações ideológicas. Os símbolos, enquanto elementos visuais e sonoros, são organizados dentro de um sistema de representação que não podem ser substituídos por signos verbais, todavia as palavras apoiam o seu processo de significação.

A consciência não pode ser deduzida diretamente da natureza, como tentava e ainda tenta fazer o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia objetiva atual (biológica, behaviorista e reflexológica). A ideologia não pode ser deduzida a partir da consciência, como fazem o idealismo e o positivismo psicológico. A consciência se forma e se realiza no material sógnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade. Se privarmos a consciência do seu conteúdo sógnico ideológico, não sobrarão absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc. Fora desse material resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97-8).

Conforme Durkheim (1995) a consciência individual é o lado peculiar dos indivíduos que marca a sua subjetividade de maneira específica, no sentido de sua singularidade. Neste conjunto de sentimentos e crenças comuns aos membros de uma mesma sociedade, estão presentes e inseridas representações políticas, que podemos denominar como inerentes aos sistemas sociais modernos, aos quais a representação em Hobbes e o estabelecimento da legitimidade em Maquiavel estão presentes.

Partindo desses princípios, pode-se observar que os seres humanos produzem sua existência por meio de sua atividade social, ou seja, a partir das relações que estabelecem entre si e com a

natureza e simultaneamente produzem certa '**consciência social**' que, desse modo, é ao mesmo tempo determinada pelo seu ser social e determinante desse próprio ser.

Entende-se que a consciência social é, antes de qualquer coisa, uma abstração, mas também um produto social, e desenvolve-se baseada na complexidade da produção material humana, no grau de desenvolvimento das forças produtivas e nas relações sociais de uma dada sociedade.

Como afirma Mészáros (2008, p. 58), "a consciência pode ser colocada a serviço da vida alienada, assim como pode visualizar a suplantação da alienação". De acordo com essa ideia podemos dizer que a atividade ideativa/intelectiva da consciência individual integrada à perspectiva classista, em sua expressão prática rigorosa e revolucionária, esta mesma elevada à percepção aproximada histórico-total dos nexos causais do real (ou, "elevar a consciência à clareza completa"), é a atividade potencial e necessária para a superação dos saltos quantitativos (luta reativa e defensiva, presa aos limites da sociabilidade vigente), ou das intervenções circunscritas ao relevo tático, reformista e atenuante da desumanização posta pela lógica do capital.

De acordo com a teoria marxiana a essência antagônica da sociedade de classes e o antagonismo social só permite afirmar uma "atividade conciliatória de classes", por meio de uma mistificação ideológica da essência do real.

No trabalhador existe, pois, subjetivamente, o fato de que o capital é o homem totalmente perdido de si, assim como existe no capital objetivamente, o fato de que o trabalho é o homem totalmente perdido de si. Mas o trabalhador tem a infelicidade de ser um capital vivo e, portanto, carente, que a cada momento que não trabalha, perde seus juro e, com isso, sua existência (MARX, 2004, p. 91).

O autor reflete a ideia de que a realidade nos remete a uma situação totalmente diferente do que a ideologia nos apresenta buscando atingir a maturação ideativa sobre as condições objetivas da configuração concreta da sociabilidade, que realizada, apresenta

-se como “real pensado”, representação categórica de categorias concretamente existente.

A consciência coletiva

Nesse ínterim, a ideia de existência de uma consciência coletiva é definida como um conjunto de características e conhecimentos comuns de uma sociedade, que levam os indivíduos a pensar e agir de forma semelhante, esta corresponde às normas e às práticas, aos códigos culturais, como a etiqueta, a moral e as representações coletivas.

Segundo Durkheim, (2010, p. 50) ainda nessa linha de pensamento defende a ideia de que o indivíduo, na maioria de seus atos praticados, é influenciado pela sociedade ao qual está inserido, ou seja, pela consciência coletiva e individual.

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único; ela é, por definição, difusa em toda a extensão da sociedade, mas tem, ainda assim, características específicas que fazem dela uma realidade distinta. De fato ela é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram: eles passam, ela permanece. [...] Ela é, pois, bem diferente das consciências particulares, conquanto só seja realizada nos indivíduos. Ela é o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, do mesmo modo que os tipos individuais, muito embora de outra maneira (DURKHEIM, 2010, p. 50).

Assim, conforme Durkheim (1995), a divisão social do trabalho na solidariedade orgânica gera um aumento da interdependência entre os indivíduos, permitindo que a consciência individual passe a ganhar um maior espaço que outrora.

O autor afirma que podemos separar consciência individual e coletiva somente em termos teóricos, pois, na prática, estão juntas. Contrapondo a Durkheim, Volóchinov aborda a consciência coletiva a partir da abstração teórica, pois ela não é a soma das consciências individuais – algo que, portanto, não pode ser estudado. Ainda

nesta mesma linha de raciocínio, a consciência coletiva seria o conjunto de sentimentos e crenças comuns aos membros de uma mesma sociedade, segundo Durkheim (1995), mas enquanto a consciência individual, de igual maneira, também seria o lado peculiar dos indivíduos que marca a sua subjetividade, no sentido da singularidade que marca.

Neste conjunto de sentimentos e crenças comuns aos membros de uma mesma sociedade, estão presentes e inseridas representações políticas, que podemos denominar como inerentes aos sistemas sociais modernos, aos quais a representação em Hobbes e o estabelecimento da legitimidade em Maquiavel estão presentes.

Enfim ... não se deve confundir dialogismo e polifonia ...

Não se pode confundir o dialogismo com a polifonia, visto que, aquele é o princípio dialógico constitutivo da linguagem, é o que se caracteriza por vozes díspares em um discurso - assim, os considerados gêneros dialógicos podem se constituir de outras vozes a partir das ideologias constituídas nos discursos de cada falante.

Em um texto atribuído tradicionalmente a Bakhtin (2002, p. 4), se diz que “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski”. Hoje, muitos biógrafos creem que, embora o crédito tenha sido conferido a este autor, tenha sido Medvedev que o escreveu à época nas discussões do Círculo nos anos 1920-.

A consciência do herói é dada como a outra, a consciência do outro, mas não se objetifica, não se torna simples objeto da consciência do autor porque não perde sua condição de ser autônomo e equipolente do discurso dialogado. A consciência, tanto do autor quanto das personagens, é infinita e inconclusa, pois, afirma Brait (2000), conquanto, é possível pensar nessa inconclusão que reside nela.

O sujeito de Bakhtin se constitui na e através da interação e reproduz na sua fala e na sua prática o seu contexto imediato e social. Para Bakhtin (1992, p. 35): “A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. A consciência individual é um fato socioideológico.” Ela é um inquilino do edifício social dos signos ideológicos. O signo ideológico por excelência é a palavra. Segundo Brait (2000), signo não é só o sinal que identificamos para produzir sentido, deve ser compreendido na situação, no dentro (texto) e no fora (história).

Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (1995) propôs o signo como semiótico e como produto ideológico de uma realidade. Ele alega que para que o signo seja considerado semiótico, eles precisam ter uma significação, e um corpo físico/material, para que a semiose possa ocorrer exatamente no encontro dessas duas partes do signo: a significação e a representação material.

Segundo Volóchinov (1997) tudo que for ideologia tem um referente fora de si mesmo, então, têm-se sempre duas realidades: uma material (social ou natural) e uma ideológica, nos dando a ideia de que tudo que é ideológico é signo, porque sem signos não existiria ideologia, e se todo signo é semiótico, porque remete às duas realidades, então, “*tudo que é ideológico é semiótico e possui uma realidade fora da ideologia*”. Logo, a representação em signos de uma coisa é sempre uma materialização em outra substância, ou infraestrutura de linguagem, de uma realidade física, social ou natural, em uma forma, ou superestrutura.

Para Volóchinov (1997, p. 32), “todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica”, ele traz essa ideia partindo do princípio de que existem dois mundos, o que chamamos de real e o outro que ele intitulou mundo dos signos, chamados também de universo da ideologia.

Pode-se dizer que, o signo pertence ao mundo exterior como qualquer objeto, por mais que ele exista apenas na interação entre os

indivíduos. Sendo assim, todo e qualquer signo é pertencente ao social que é determinado pelo ideológico que é a matéria social dos signos.

Considerações

O presente texto visou apresentar as características do sujeito e seu comportamento a partir da consciência coletiva e individual partindo da teoria Marxista e sua aplicação na filosofia da linguagem por Volóchinov, apontando-se as maneiras em que este sujeito se expressa e comporta-se perante a sociedade, de acordo com a consciência adotada.

Ainda que, na maioria das vezes, o sujeito queira seguir a consciência individual, está rodeado pela consciência coletiva, pois esta traz grande influência em seu temperamento comportamental

Logo, um aporte teórico-metodológico que garante ao pesquisador investigar as inúmeras influências impostas pela realidade em que está inserido e que o objeto de estudo determinado carrega em si as inúmeras transformações sociopolítico-ideológico na língua(gem).

Referências

BAKHTIN, Mikhail (VOLÓCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: _____. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a [1952/53], p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto. *In*: _____. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b [1959/60], p. 307-336.

- BAKHTIN, Mikhail. (VOLÓCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, [1929], 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.
- DURKHEIM, Emile. **Da divisão social do trabalho**. Martins Fontes: São Paulo, 1995.
- DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. WMF Martins Fontes: São Paulo, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MESZÁROS, Istvan. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Palavra na vida e palavra na arte**: introdução ao problema da poética sociológica. *In*: _____. A construção da enunciação e outros ensaios. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013a [1926], p. 71-100.
- VOLÓCHINOV, Valentin. Que é a linguagem?. *In*: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013b [1930], p. 131-156.
- VOLÓCHINOV, Valentin. A construção da enunciação. *In*: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João

Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013c [1930], p. 157-188.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

ESSES LOPES – TUDO O QUE É BOM FAZ MAL E BEM: PERSPECTIVAS SOBRE O SUJEITO, A CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL E COLETIVA

Sandra Mara Moraes Lima

Introdução: primeiros olhares ...

A fortuna crítica da obra de João Guimarães Rosa, em geral, é grandiosa e, no que diz respeito ao conto *Esses Lopes*, não é diferente. Entretanto, consideramos pertinente e enriquecedor trazer aqui mais uma leitura acerca dessa obra por dois motivos: primeiro por sua temática, a discussão sobre o feminismo e o patriarcalismo, que, embora largamente apresentada em diversas análises, longe está de ser esgotada, resolvida, e cujos desdobramentos continuam urgentes e necessários. Segundo, por trazer, aqui, um enfoque teórico que, acreditamos, encontra-se inédito nos trabalhos publicados sobre esse texto rosiano e, ainda, por trazer contribuições no que diz respeito aos processos de produção de sentido e análise do texto literário e dos discursos de modo geral.

A proposta desse estudo é situar o discurso da narradora como uma ação responsiva que revela um sujeito que se vale das armas da submissão, agindo de modo contraventor, para responder a uma condição em que a mulher figura como um ser desumanizado, uma vez que dela é subtraída a condição que nos alça à esfera humana, a liberdade. No conto, a narradora cumpre o papel de parceira sexual de vários homens do clã dos Lopes sem ao menos cogitar a possibilidade de ser diferente, de usufruir de um casamento oficial, ou declinar dessa condição, ou seja, é apanhada como um ser sem vontade, sem desejo, sem voz, sem liberdade.

Nesse sentido, a narradora promove uma resposta, ao mesmo tempo, feminina, pois vale-se de sua condição de mulher num

contexto patriarcal, e feminista, uma vez que arregimenta energia, inteligência, cálculo, premeditação, em função de construir sua autonomia e liberdade, o que será devidamente demonstrado mais adiante no conto de Rosa.

Para nesse campo adentrar nos amparamos em algumas teorias, mais especificamente, a análise dialógica do discurso (BRAIT, 2006)¹, fundamentada, sobretudo, na teoria bakhtiniana, tomando alguns conceitos-chave, tais como responsividade, tom emocional-volitivo, etc., no intuito de demonstrar o discurso da narradora como uma resposta que revela, em seu tom apreciativo, uma visão de mundo que se contrapõe aos princípios da sociedade patriarcal.

Flausina, narradora do conto, inicia o enredo afirmando querer distância dos Lopes: “Má gente, de má paz; deles, quero distantes léguas.” (ROSA, 1976, p. 45). Já nas primeiras linhas é possível adivinhar a conduta voraz e dominadora dos Lopes² e também perceber o posicionamento dessa mulher que

Livre, por velha nem revogada não me dou, idade é a qualidade. Amo um homem, ele vive de admirar meus bons préstimos, boca cheia d’água. Meu gosto agora é ser feliz, em uso, no sofrer e no regalo. Quero falar alto. Lopes nenhum me venha, que às dentadas escorraço. Para trás, o que passei, foi arremedando e esquecendo. Ainda achei o fundo do meu coração (ROSA, 1976, p. 45).³

Denuncia, nas primeiras palavras de sua narrativa, a trajetória de quem fez prevalecer sua vontade, seu interesse, a despeito do caminho percorrido - “Mas, primeiro, os outros obram a história da gente.” (p. 45), - revelando a violência sofrida em função do modo de operar de uma sociedade patriarcal e capitalista, onde a mulher era, quase sempre, reificada, coisificada, tomada como propriedade pelo homem, sobretudo o homem rico:

¹ Para maiores esclarecimentos acerca do termo Análise dialógica do discurso, ver: *Análise e teoria do discurso In: BRAIT, Beth. (Org.) Bakhtin – Outros conceitos-chave.* São Paulo: Contexto, 2006.

² Lopes – derivado do latim *lupus*, que significa lobo.

³ A partir desse ponto nas demais citação do conto constará apenas o número da página.

E veio aquele Lopes, chapéu grandão, aba desabada. [...] Me olhava: aí eu espiada e enxergada, no ter de me estremecer. A cavalo ele passava, por frente de casa, [...] Esses Lopes, raça vieram de outro de outra ribeira, tudo adquiriam ou tomavam; [...] (p. 45).

É de notar a flexão verbal no particípio, utilizada pela narradora (espiada e enxergada), reforçando a posição de objeto, de passividade e, conseqüentemente, de medo em que se situava.

À mulher abastada, que pudesse oferecer dotes ou outros benefícios, era dado o casamento oficial, mas a mulher pobre, esta poderia ser tomada como propriedade do homem que via, queria e, por fim, possuía.

Eu era menina, me via vestida de flores. Só que o que mais reponta é a pobreza. Me valia ter pai e mãe, sendo órfã de dinheiro? [...] Mal com dilato para chorar, eu queria enxoval, feito as outras, ilusão de noivado. Tive algum? Cortesias nem igreja. O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dele (p. 45).

O conto de Rosa revela o espaço rural brasileiro do século passado e evidencia o modo como o homem podia dispor de uma mulher sem recurso, mesmo que ela tivesse família: “A cavalo ele passava, por frente de casa, meu pai e minha mãe saudavam sorturnos de outro jeito. [...] Mãe e pai não deram para punir por mim” (p. 45). O processo de colonização brasileira foi fundado sob a égide da cultura patriarcal portuguesa que instituiu uma sociedade cujo domínio e supremacia eram dados ao senhor de terras e escravos⁴. “A mulher, no criativo Brasil patriarcal, foi evidentemente, uma vítima do quase absoluto domínio sobre ela, da vontade, a princípio do pai, em seguida do esposo: sobre ela e os filhos” (FREYRE, 1987, p. 42). Essa realidade se perpetuou por quase toda a história brasileira e apenas muito recentemente iniciou o processo de desconstrução patriarcal e emancipação feminina. Cumpre esclarecer que no meio rural, o movimento de mudança ocorre mais lentamente

⁴ Ressaltamos aqui, acerca dessa questão, a obra “O povo brasileiro: evoluções e o sentido do Brasil”, de Darcy Ribeiro.

que nas zonas urbanas, de modo que, no século passado, em ambientes rurais, a condição da mulher permanecia quase idêntica a dos primórdios da colonização, quando o homem branco, detentor do poder econômico tomava terras, pessoas: “Esses Lopes, raça, vieram de outra ribeira, tudo adquiriam ou tomavam; não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui, donos” (p. 45).

Cultura do estupro

Só muito recentemente e ainda assim, em alguns países, começou-se a considerar esse tipo de conduta como estupro e como violência contra a mulher. E mais recentemente ainda se começou a ponderar como violência essa conduta nos ambientes domésticos.

Segundo pesquisa de Barbara M. Soares (1999), a violência doméstica foi encarada, por muito tempo, no Brasil, como fenômeno de ordem privada, individual, sem alcançar o status de fenômeno social. Revela ainda a pesquisa, o número escasso de trabalhos científicos acerca da violência doméstica e violência contra a mulher, nas décadas de 60, 70 e 80, denunciando o silêncio em torno dessa temática, em função do conservadorismo, sexismo, patriarcalismo e sacralização da família.

O fato de que o homem poderia usufruir, ser dono do corpo da mulher, parece ser uma ideia que atravessa os tempos da história humana. Basta um pequeno correr de olhos em toda a literatura, nas artes de modo geral, nos textos religiosos, nos relatos históricos, nos anúncios publicitários veiculados ainda hoje, para que não reste dúvida de que a o corpo feminino, ao que parece, é mais uma propriedade de usufruto do homem, juntamente com todos os recursos que a natureza oferece. Não é novidade de que a aparência física da mulher até muito recentemente importava mais do que seus atributos intelectuais ou profissionais, uma vez que sua principal função era a parceria sexual com o homem. Muitos estudos e pesquisas tem demonstrado a coisificação do corpo da mulher, situando-o como objeto de consumo, dando ao homem a

prerrogativa de dele usufruir. Tal pressuposto orientou grande parte da civilização, criando o que hoje denominamos cultura do estupro, contra a qual ainda há muito o que se discutir e lutar⁵.

Nesse aspecto o relato de Flausina não deixa dúvidas acerca do funcionamento da sociedade patriarcal a que está submetida e de como o corpo feminino é tomado como propriedade, como objeto a ser possuído: “O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dele”. (p. 45).

Nos interessa aqui, nesse momento, a despeito da necessidade ainda de dissecar acontecimentos que subjagam a mulher, o discurso dessa narradora que se configura como resposta à realidade que ela atravessa, demonstrando os recursos utilizados para adquirir sua autonomia, sua voz, seu lugar. Consideramos, amparados na teoria bakhtiniana, que essa resposta é marcada pelo tom apreciativo da narradora, situando-a numa posição diversa da que comumente se colocavam (se colocam) as mulheres submetidas ao jugo masculino numa sociedade patriarcal.

Importante, nesse momento, esclarecer a perspectiva teórica que orienta a leitura do conto, enfocando o discurso da protagonista como resposta a uma dada realidade, evidenciando um determinado tom apreciativo que caracteriza o seu lugar no mundo.

Tom apreciativo e a resposta dada

Na perspectiva bakhtiniana, estar na linguagem implica necessariamente dar respostas, assumir um lugar, uma autoria, uma assinatura, o que inclui, fatalmente, uma responsabilidade. Segundo Bakhtin (1997), esse processo é uma contingência da linguagem, é inerente ao ato discursivo, não há *álibi*. Ainda que o ser de

⁵ Nessa questão há obras importantes e relevantes e aqui apontamos algumas que estão diretamente ligadas à escrita desse artigo e que alvejam a questão do feminino, a obra de Guimarães Rosa, bem como os desdobramentos na temática do gênero. Ressaltamos aqui os trabalhos de Valnice N. Galvão (1972), Cleusa Rios P. Passos (2000), Barbara Musumeci Soares (1999), Ruth Silviano Brandão (2006), Adélia Bezerra (2010).

linguagem não tenha consciência dos lugares assumidos nas respostas dadas, haverá sempre uma tomada de posição ao atravessar o real, processo possível apenas na linguagem. Essa resposta é, desse modo, caracterizada por um tom apreciativo ou tom-emocional-volitivo que revela os valores ético-estéticos do sujeito, revelando o lugar ocupado, assumido.

Em outras palavras, Bakhtin, ao tomar a tonalidade-volitiva como um dos componentes constituintes inalienáveis do ato discursivo, aponta para o caráter da valoração, da entonação apreciativa que é inerente à linguagem, a atitude responsiva do ato, uma vez que o simples fato de dizer algo a respeito de um objeto já implica uma posição, uma certa atitude perante ele. “Tudo que é o efetivamente experienciável (vivenciável) como algo dado e como algo a ser ainda determinado tem entonação, possui um tom emocional-volitivo, estabelece comigo uma relação ativa na unidade do evento que nos abarca.” (BAJTIN, 1997, p. 40)⁶. Assim, toda palavra pronunciada já expressa uma atitude valorativa e revela uma visão de mundo.

Bakhtin afirma, ainda, que somente o tom emocional-volitivo permite a realização de qualquer conteúdo, de qualquer pensamento, ou seja, somente o tom emocional-volitivo – o que podemos considerar sinônimo de intencionalidade – é que possibilita o experimentar ativo e propicia o ato responsivo/responsável, uma vez que é a não indiferença, a atitude participativa, valorativa, que afirma o pensamento, realiza o ato.

Um verdadeiro pensar concebido como ato é o pensamento emocional e volitivo (participativo, interessado), o pensamento entonado (apreciativo), e esta entonação penetra substancialmente em todos os momentos do conteúdo do pensamento. Um tom emocional e volitivo abarca todo o conteúdo

⁶ “Todo lo efectivamente vivenciable se vive como dación-planteamiento, se entona, posee un tono emocional y volitivo, entabla conmigo una relación activa en la unidad del acontecer que nos abarca” (BAJTIN, 1997, p. 40).

semântico do pensamento no ato e o relaciona com o evento singular do ser (BAJTIN, 1997, p. 41e 42).⁷

Isso significa dizer que o ato discursivo é marcado substancialmente pelo tom apreciativo, pela assunção de um lugar. E, ainda que, em alguns casos, esse tom apreciativo não esteja conscientemente agindo de acordo com as intenções do sujeito, a interconexão entre o tom apreciativo e o conteúdo sentido não é fortuita. O tom emocional-volitivo não é uma reação psíquica passiva, mas envolve uma atitude ativa e moralmente válida. É um passo, um movimento responsivo e responsabilmente consciente da consciência, que transforma a potencialidade na atualidade de uma ação realizada (*pensar, sentir, desejar etc.*).

Flausina afirma, logo no início do conto que os Lopes são gente de má paz, aí já é possível reconhecer o tom no qual a narradora descreverá a família Lopes e a visão de mundo que ela encerra.

Esse tom caracteriza o dar sentido, uma vez que, quando um sentido se constrói, quando a realidade se instaura, já traz em si um valor e uma posição do sujeito. Segundo Bakhtin, o tom emocional-volitivo:

[...] se refere justamente a toda a unidade concreta e singular, expressa toda a plenitude de um estado de ser como evento em um momento dado e na qualidade do dado e do estabelecido [...] a partir de mim como seu participante necessário, obrigatório. Por isso o tom emocional e volitivo não pode ser isolado, separado do contexto unitário singular de uma consciência viva enquanto a que se refere a um objeto isolado como tal; aqui não se trata de uma avaliação universal do objeto independentemente daquele contexto singular no qual se apresenta em um momento dado, mas expressa toda a

⁷ “Un verdadero pensar concebido como acto es el pensamiento emocional y volitivo, el pensamiento entonado, y esta entonación penetra sustancialmente en todos los momentos del contenido del pensamiento. Un tono emocional y volitivo abarca todo el contenido semántico del pensamiento en el acto y lo realaciona con el acontecimiento singular del ser” (BAJTIN, 1997, p. 41-2).

verdade da situação em sua totalidade como a do momento único e irrepitível do evento (BAJTIN, 1997, p. 44).⁸

Esse posicionar-se é a realização do ato como possibilidade de ser/estar/fazer o mundo. Então o sujeito se faz no ato que é a realização na linguagem (única possibilidade) de dizer/acontecer/ser. A narradora do conto rosiano, tal como ocorre no processo de todos os seres, é forjada na resposta dada, na travessia de uma realidade experienciada por uma mulher brasileira submetida aos padrões patriarcais. Entretanto, como veremos mais adiante, sua resposta surpreende por apresentar um comportamento que subverte o comportamento convencional feminino e passa a ser uma resposta, por assim dizer, emancipadora de sua condição.

Afirma Bakhtin, ainda, que esse tom emocional-volitivo que abarca e atravessa o Ser-evento único não é uma reação psíquica passiva, mas incorpora uma atitude de dever da consciência. Isso torna a filosofia bakhtiniana uma filosofia moral, uma vez que atesta que esse tom emocional-volitivo implica uma atitude ativa, consciente, responsável e moralmente válida. O tom emocional-volitivo para Bakhtin é exatamente o colocar-se, o posicionar-se do sujeito, é o que caracteriza a autoatividade, a experimentação sendo realizada, constituindo o sujeito nessa realização. O ato, com todos os seus momentos constituintes, é a junção, a integração do mundo sensível com o mundo apreendido numa realização única, irrepitível.

Essa arquitetônica do ato, proposta por Bakhtin – enquanto uma realidade que engloba seu conteúdo, seu processo e a

⁸ [...] se refiere justamente a toda la unidad concreta y singular, expresa toda la plenitud de un estado del acontecer en un momento dado y en calidad de lo dado y de lo planteado [...] a partir de mí como su participante necesario. Por eso no puede ser aislado, separado del contexto unitario singular de una conciencia viva en cuanto a que se refiere a un objeto aislado como tal; aquí no se trata de una valoración general del objeto independientemente de aquel contexto singular en el cual se me presenta en un momento dado, sino que expresa toda la verdad de la situación en su totalidad como la del momento único e irrepitible del acontecer (BAJTIN, 1997, p. 44).

entonação apreciativa/avaliativa –, traz em si a perspectiva de que o valor, a verdade do ato, faz-se na interação, isto é, sempre que o sujeito realiza um ato - o que significa não apenas dizer, mas compreender, entender, aceitar, conhecer, enfim, o processo cognitivo/criativo – ele o faz de uma determinada posição, imprimindo aí um certo valor que não é universal, anterior, mas se faz exatamente nesse processo, e é nesse processo de realização do ato que o sujeito também se realiza. Para Bakhtin, é a inclusão da responsabilidade nesse processo que constitui a verdade da situação. Em outras palavras, a experiência é sempre executada por um sujeito em uma determinada posição que lhe imprime valor e confere sentido a partir da interação com o mundo dado, num processo único e irrepitível.

Dessa maneira, há uma verdade e um sentido instituído de um único lugar. A verdade do evento é determinada pelo sujeito, do seu lugar único, insubstituível. Para cada eu, institui-se uma verdade de um lugar único. No entanto não é uma verdade subjetiva, mas uma verdade responsável que se faz na obrigatoriedade do sujeito enquanto realizador do ato, enquanto um *eu* único que está inexoravelmente convocado a pensar o mundo através de uma singularidade necessária. O ato realizado, tanto quanto o sentimento a ele inerente, orienta-se precisamente com referência àquilo que é condicionado pela unicidade e irrepitibilidade do próprio lugar do ser. A condição de responsabilidade se dá pela condição de que o homem vê, sabe que vê e o ponto de onde vê é único, não partilhado; o outro tem lugar diverso do *eu*. No entanto, não pode haver contradição entre a totalidade de valores que são válidos historicamente para a humanidade. O sujeito assume uma atitude emocional-volitiva particular em relação a toda a cultura. Como veremos posteriormente, a narradora do conto assume uma posição única, atenta aos seus interesses, mas inteiramente imersa nos valores sociais do patriarcalismo: “A gente tem é de ser miúda, mansa, feito botão de flor” (p. 45).

Nessa perspectiva, o sujeito constrói sentido para si e para o mundo através de sua inserção na história, num processo de interação ativo e responsável, a partir do ponto em que se situa, único, irrepetível, insubstituível.

Assim, a inserção do ser no mundo ocorre de modo participativo e responsável, uma vez que atravessar o mundo, a vida, se dá experimentando e preenchendo com valores dos tons emocionais-volitivos do que é válido na cultura humana. A realidade desse mundo é garantida através do reconhecimento da participação única do sujeito, por sua resposta responsável de estar na vida, pensar o mundo.

Tendo em vista o modo de inserção da protagonista no real e a resposta dada no contexto histórico em que narra, é pertinente trazer algumas considerações, sobre o nome dela, Flausina, que em alguns dicionários consta, além do significado de nome feminino, o de rapariga, mulher presumida, vaidosa, sirigaita⁹, rapariga que se vestia de acordo com a moda¹⁰ e, ainda, mulher que se prostitui, permitindo com isso levar vida extravagante¹¹.

Todos esses significados parecem se coadunar com o ato responsivo da narradora, o modo de agir, corroborando o perfil de mulher que, antes de se colocar no papel de vítima, recusa o papel de presa, age como predadora, estudando aos poucos sua condição, vai abrindo e medindo o espaço por onde caminhar, atacar, vencer. Age como a onça silenciosa, observando, esgueirando-se, para no fim dar o bote. Obviamente suas armas são escolhidas a partir de uma leitura lúcida e fina da realidade em que se insere: “A gente tem é de ser miúda, mansa, feito botão de flor. Mãe e pai não deram para punir por mim” (p. 45). Percebe a supremacia do homem e do dinheiro, ainda que em suas fantasias de menina, vestida de flores, quisesse ser diferente: “Mocinha fiquei, sem da inocência me destruir, tirava junto cantigas de roda e modinhas de sentimento. Eu

⁹ Disponível em: <https://www.priberam.pt/DLPO/flausina>

¹⁰ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>

¹¹ Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/flausina/>

queria me chamar Maria Miss, reprovo meu nome, de Flausina” (p. 45). Aqui a narradora evidencia o desejo de ser miss, admirada pela beleza, como construiu a história humana acerca da mulher. No entanto, seu nome lhe traz outro destino, ainda que seja um desdobramento da subjugação feminina, o de mulher que se ajeita de acordo com a moda, se prostitui para ter a vida desejada. E é exatamente assim que Flausina irá agir. Calou os prantos, aguentou o caso corporal e fingiu querer, sacou, como afirma, malinas lábias e com discurso doce, agradou o parceiro para, por fim, tirar dele o dinheiro e afirma que era isso que ele queria: “Por sopro do demo, se vê, uns homens caçam é mesmo isso, que inventam. Esses Lopes!” (p. 46). O tom é de ironia, sagacidade e superioridade de quem olha por um ângulo privilegiado, sorrateiro, vendo aquilo que o inimigo não vê: “Contentado ele ficou, não sabia que eu estava abrindo e medindo” (p. 46).

A saga de Flausina demandava estratégia inteligente e paciência. No cerceamento e opressão aprendeu a ler, instruiu-se, amealhando recursos, escrituras, enriquecendo-se, ganhando confiança do homem: “Mais, enfim que o filho dele nasceu, agora já tinha em mim a confiança toda, quase” (p. 46).

A partir desse ponto Flausina inicia o ataque sub-reptício, do réptil que se movimenta no solo, no silêncio. Levantou falso testemunho sobre Si-Ana que a vigiava, alegando que a negra a incentivou a aceitar a corte de outro Lopes, o que provocou o desaparecimento deste: “[...] Lopes igual – que da vida logo desapareceu, em sistema de não-se-sabe” (p. 46).

Flausina assume a peçonha: “Virei cria de cobra” (p. 46) e depois de se desvencilhar de um Lopes, inicia o envenenamento do marido, adicionando em sua bebida (café, cachaça) e comida, ervas venenosas. Ervas que além de arrefecer, abrandar, o desejo sexual do homem, foram aos poucos tirando-lhe a vida. “Sem muito custo morreu” (p. 47). Após o enterro, varreu a casa, jogou o cisco pra rua, mas ainda havia Lopes para entrar. “Dois deles, tesos me requerendo, o primo e o irmão do falecido” (p. 47). Novamente a

impossibilidade de não aceitar, novamente a sujeição: “ – ‘*Depois da missa de mês, me espera [...]*’ Mas o Sertório, senhor, o outro, ouro e punhal em mão, inda antes do sétimo dia já entrava por mim a dentro de casa” (p. 47). A narradora revela o poder do homem em armas e riqueza (punhal e ouro) e novamente a tomada de seu corpo como propriedade dele (entrava por mim adentro). Mais uma vez a protagonista se sujeita gentilmente (“padecei com jeito”), tramando a vitória que se fazia custosa como “guardar chuva em cabaça” e “picar fininho a couve”.

Os dois, primo e irmão do falecido, a desejavam e Flausina, então passou a se relacionar com os dois, o que se apossou dela e da casa (Sertório) e o outro que a rodeava (Nicão), autorizando os ciúmes. Ao Sertório legitimou dois filhos, mas a interrogação deixa dúvidas se eram mesmo dele: “Ao Sertório dei mesmo dois filhos?” (p. 47). Com os filhos passou a exigir as posses, obviamente azeitada no ciúme que provocava: “Experimentei finuras novas – somente em jardim de mim, sozinha. Tomei ar de mais donzela. Sorria debruçada em janela, no bico do beijo, negociável, justa.” Usava o desejo dos dois e crescia em luxúria, armando o golpe final: “Até que aquela ideia endurecesse. [...] Ri muito útil ultimamente” (p. 47). A protagonista percebe a utilidade de sua diversão e maldade, que estas estão a serviço de torná-la livre. Sabia que os Lopes eram feras e aos ouvidos de um encheu de calúnias, aos de outro de doçuras. Os dois se enfrentaram, Nicão morreu sem demora e Sertório, ferido, durou uns dias. Ela cumpriu o protocolo, chorando para angariar piedade do povo: “Inconsolável chorei, conforme os costumes certos, por a piedade de todos: pobre, duas e meio três vezes viúva” (p. 47).

Mas o que parecia terminado ainda tardava, um outro Lopes, Sorocabano, o mais velho deles e também o mais rico: “Me viu e me botou na cabeça” (p. 47). Ao homem bastava ver e querer. Flausina aceitou de boa graça e agora, mais fortalecida, impôs condições: “ – *De hoje por diante, só muito casada!*” (p. 47). Esse último Lopes, Flausina despachou com muito agrado, muita comida, temperada e gorda e sem descanso pro sexo: “[...] o sujeito chupado de amores,

de chuchurro¹²” (p. 47), declarando que “Tudo que é bom faz mal e bem.” Essa fala parece fazer alusão os princípios filosóficos das religiões orientais que preconizam pautar a vida no caminho do meio, ou seja, sem excessos de toda ordem. E, talvez por isso, afirme a narradora que esse Lopes foi o que mais morreu. Possivelmente porque ao se entregar passivamente aos prazeres do mundo perdeu o desejo e a gã que empurra o sujeito para a vida, mas o leva silenciosamente para a morte. Depois do falecimento de Sorocabano, finalmente Flausina tem sua alforria, herda todos os bens e diz que o povo ruim, os Lopes, haviam terminado. Os filhos, também Lopes, proveu de dinheiro e afastou-os de si. Amancebrou-se com rapaz jovem: “Que podia ser mãe dele, menos me falem, sou de me constar em folhinhas e datas?” (p. 48). Agora, assumidamente senhora de si, a narradora demonstra publicamente sua irreverência, não aceita a convenção de que a mulher deve se relacionar com homem mais velho, fato construído historicamente e que, obviamente atende aos interesses de uma sociedade patriarcal que vê na mulher apenas a utilidade de um corpo jovem. À mulher com certa idade não cabe mais o erotismo, a paixão, deve se recolher aos afazeres de mãe e avó. Mas ela não se deixa constar nesses registros.

Nesse novo relacionamento, agora pautado no amor, no respeito: “Que em meu corpo ele não mexa fácil” (p. 48), a nova família será formada em outros princípios, os filhos serão desejados: “Mas que, por bem de mim, me venham filhos, outros, modernos e acomodados. Quero o bom-bocado que não fiz, quero gente sensível” (p. 48). A ela não interessava apenas a riqueza, quer também relações significativas: “De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta de questão das saudades?” (p. 48). A narradora finaliza a história dizendo: “Eu, um dia, fui já muito menininha [...]. Todo mundo vive para ter alguma serventia. Lopes, não! – desses me arrenego” (p. 48). Demonstra claramente o abuso dos Lopes à menininha e que a essa serventia ela, certamente, não atenderia.

¹² Chuchurro – gole ou beijo ruidoso.

A perspectiva de Flausina – uma resposta feminista

Considerando a concepção bakhtiniana que apresentamos no início desse trabalho acerca do que vem a ser o ato responsivo e que este é caracterizado pelo tom-emocional-volitivo, podemos constatar o tom apreciativo do discurso dessa narradora contendo valores, visão de mundo, que a situam numa posição diversa da mulher que se deixa subjugar passivamente aos padrões de uma sociedade patriarcal, como demonstramos a seguir.

Na perspectiva feminista, a violência que afeta a mulher é considerada uma violência de gênero, segundo Barbara Soares:

Segundo o modelo feminista, a violência que afeta a mulher é, necessariamente, como vimos, uma violência de gênero, isto é, uma violência masculina que se exerce contra as mulheres pela necessidade dos homens de controlá-las e de exercer sobre elas seu poder. Trata-se de um padrão de comportamento aprendido e, de várias formas, endossado pela sociedade. Não é, de forma alguma, uma patologia individual, mas uma licença social [...] (1999, p. 125).

Nesse contexto afirma a autora que as mulheres estão vulneráveis aos abusos masculinos em função da estrutura patriarcal da sociedade onde o papel designado à mulher promovia e ainda promove em muitas sociedades a dependência financeira.

No que diz respeito à violência doméstica exercida pela mulher, no pensamento feminista, o que se constata é que a violência quando perpetrada pelo homem em relação à mulher, é derivada da necessidade de controle e domínio das mulheres, ao passo que a violência cometida pelas mulheres contra seus cônjuges masculinos são entendidas, na grande maioria das vezes, como gestos de autodefesa. Na verdade, o movimento feminista mais radical nem aceita o termo violência doméstica, afirmando ser o termo um eufemismo que desvia o foco do problema central que é a violência de gênero.

Considerando o contexto histórico que forjou discursivamente os papéis femininos e masculinos na sociedade patriarcal, observa-se que o fato de ser mulher já faz dela uma vítima.

Segundo um manual de treinamento para escapar de relação violenta, feito para abrigar mulheres em estado de emergência - apresentado por Soares (1999) em seu estudo - foi feito um inventário de características acerca da mulher vítima de violência. Comumente a mulher que ostensivamente sofre abusos tende a desenvolver: uma baixa autoestima, colocando os interesses dos outros acima dos seus; se tornam defensivas, com pouca capacidade de ouvir críticas; perdem a confiança em pessoas próximas ou tendem a confiar demasiadamente no outro, esperando que o outro assuma o controle de suas vidas, sem atribuir valor a si próprias; entram em pânico por motivos irrelevantes¹³; tornam-se dependentes. Aprendem, com o abuso, a se sentirem culpadas e aumentar exageradamente sua responsabilidade, não manifestando seus desejos ou, no mais extremo, negando os desejos. Tornam-se manipuláveis e, paradoxalmente, impulsivas, buscando prazer ou conforto temporários. Acrescentamos a este último fato uma interpretação, acreditamos que o comportamento impulsivo para o prazer imediato e temporário pode ser explicado como uma tentativa de compensar o sofrimento derivado do abuso. Elas acreditam fortemente nos valores familiares e costumam viver no isolamento imposto pelos parceiros.

Observa-se que a narradora do conto de Rosa não assume essa postura de vítima e considerando o tempo/espaço do enredo do conto rosiano pode se inferir que Flausina não tinha muitas opções para libertar-se da condição de abuso imposta às mulheres de modo geral. Suas armas, como bem aponta seu nome, estão relacionadas à sedução sexual e à dissimulação que usa para obter seu intento. Das características listadas acima, veremos que nenhuma delas Flausina abriga:

1-Baixa autoestima. Em nenhum momento ela perde o senso de valor por si mesma: “[...] por velha nem revogada não me dou, idade

¹³ Talvez seja esse um dos motivos pelo grande número de casos psiquiátricos da síndrome do pânico que atingem as mulheres. Esse dado é apenas uma inferência e não constitui um estudo científico comprobatório.

é qualidade” (p. 45). “A gente, eu, delicada moça, cativa assim, com o abafo daquele, sempre rente no escuro” (p. 46). Tem percepção de que ela era a vítima, a delicada moça e ele, o algoz, abafo daquele. “Tomei ar de mais donzela. [...] Sorria debruçada em janela, no bico do beijo, negociável; justa” (p. 47). “Que podia ser mãe dele, menos me falem, sou de me constar em folhinhas e datas?” (p. 48).

2-Colocar o interesse dos outros acima dos seus. Ela não perde o fio dos seus interesses: “Fiz que quis: saquei malinas lábias. [...] ‘*Eu tinha três vinténs, agora tenho quatro...*’ Contentado ele ficou, não sabia que eu estava abrindo e medindo (p. 46).

3-Tornam-se defensivas, com pouca capacidade de ouvir críticas. Ela suporta com paciência a presença de Si-Ana, sem se afetar explicitando defesas: “Para me vigiar, botou uma preta magra em casa, Si-Ana. Entendi: a que eu tinha de engambelar, por artes de contas; e à qual chamei de madrinha e comadre. Regi de alisar por fora a vida” (p. 46). Demonstra controle de suas emoções, separa os fatos exteriores de si mesma, estabelece fronteira entre o que acontece e o que deseja que aconteça.

4-Perdem a confiança em pessoas próximas ou tendem a confiar demasiadamente no outro, esperando que o outro assuma o controle de suas vidas, sem atribuir valor a si próprias. Nem uma nem outra coisa demonstra a narradora. Assume a responsabilidade de si mesma e toma as rédeas de sua vida: aprendeu a ler e escrever no intuito de bem entender de escrituras e leis. “Mealhava. Fazia portar escrituras. Sem acautelar, ele me enriquecia” (p. 46).

5-Entram em pânico por motivos irrelevantes. Em momento nenhum Flausina demonstra medo, ao contrário, apresenta-se intrépida, ousada, obstinada. “Varri casa, joguei o cisco para a rua, depois do enterro” (p. 47).

6-Tornam-se dependentes. Aprendem, com o abuso, a se sentirem culpadas e aumentar exageradamente sua responsabilidade, não manifestando seus desejos ou, no mais extremo, negando os desejos. A protagonista rosiana não se sente culpada nem aumenta sua responsabilidade em relação aos

relacionamentos abusivos. Deixa claro que suas atitudes eram uma resposta às ações dos homens sobre ela: “Por sopro do demo, se vê, uns homens caçam é isso mesmo, que inventam” (p. 46). E por compreender a relação de causa e efeito entre o que recebia e fazia, não sentia culpa: “[...] nem confirmo que seja crime” (p. 46). Embora suas atitudes sejam de criminosa, ela não assume isso, não avalia como crime, o que revela o sentimento de não culpa. No que diz respeito aos desejos, não os perde de vista: “Meu gosto agora é ser feliz, em uso, no sofrer e no regalo. Quero falar alto” (p. 45). A felicidade, ela quer na prática, na experiência, não idealizada nem romanceada. Quer a sua voz sendo ouvida e situada. Não há anulação de si mesma, ao contrário, há uma afirmação de si, de quem sabe o lugar que merece no mundo. Recusa o papel de silêncio imposto e aceito pela maioria das mulheres na sociedade patriarcal.

7-Tornam-se manipuláveis e, paradoxalmente, impulsivas, buscando prazer ou conforto temporários. Nada dessas características acometem a narradora. Ela não se torna manipulável, diversamente, é ela quem manipula e não busca o conforto e o prazer imediatos, tem paciência, disciplina: “Padei com jeito. E o governo da vida? Anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso que nem guardar chuva em cabaça, picar fininho a couve” (p. 47). Aqui sugere que os afazeres domésticos, tipicamente femininos (picar couve fininha), eram inspiração para atividades mais arrojadas, com perspectivas ampliadas, *outras larguras*.

Considerações

Rosa, magnificamente, presentia o leitor com um conto cuja narradora genialmente contorna, tal como a serpente, os limites deflagrados pela condição de ter nascido num mundo onde a mulher é reduzida, quase sempre, a um corpo servil para as prerrogativas patriarcais. A narradora do conto *Esses Lopes* concretiza esse lugar, submetida aos padrões de uma sociedade patriarcal, padece de todas as violências imposta às mulheres nesse regime, mas, subvertendo a

ordem do que normalmente se espera de uma heroína feminina, na literatura, de modo geral, Flausina assume outro tom, dá uma resposta ao mesmo tempo feminina e feminista.

Feminina por que usa de armas próprias no que diz respeito às forças femininas da alma, tais como a passividade, a paciência, a receptividade, a docilidade, ainda que toda essa feminilidade funcionasse de máscara para sua ação que ao final e ao cabo se tornam como uma resposta feminista por conter a consciência de seu valor, de seu direito a ocupar lugar no mundo, seu direito de voz e de comando da própria vida, ainda que o caminho encontrado fosse o da contravenção, da marginalidade, da ilegalidade.

Entretanto, a condição da narradora não oferecia outra opção, seu lugar era marginal, excluído, alijado da ordem do que se considera ser humano. Flausina não aceita, usa essa condição marginal para alçar-se à posição que só aos homens de sua época era possível, a autonomia, a riqueza, o amor escolhido, afinal, tudo que é bom faz mal e bem.

Referências

- BAJTIN, Mijail. **Hacia una filosofía del acto ético**. De los borradores: y otros escritos. Traducción del ruso de Tatiana Bubnova. Universidad de Puerto Rico, 1997.
- BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin**: Outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra**: a personagem feminina na Literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GALVÃO, Valnice Nogueira. **As formas do falso**: um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas. São Paulo: Perspectiva S.A, 1972.
- MARTINS, Nilce Sant' Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

MENEZES, Adélia Bezerra. **Cores de Rosa**: ensaios sobre Guimarães Rosa. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

PASSOS, Cleusa Rios P. **Guimarães Rosa**: do feminino e suas estórias. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia (Terceiras estórias)**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

SOARES, Barbara Musumeci. **Mulheres invisíveis**: violência conjugal e as novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

A CONCEPÇÃO DE LÍNGUA(GEM) E ENUNCIADO NOS ESTUDOS DE VALENTIN VOLÓCHINOV

Manoel Klebson de Andrade Oliveira
Nádia Barros Araújo

Introdução: entendendo os pormenores ...

O tema da *linguagem* inquieta o homem desde os primórdios da história da humanidade e já se fazia presente nas discussões filosóficas na Grécia Antiga. Estiveram no centro desses debates questões como: o que vem a ser a linguagem, como se dava seu relacionamento com a essência das coisas e sua relação com o ser. Observamos, assim, que as reflexões em torno dessa temática sempre tiveram uma estreita relação com a própria história do homem, uma vez que buscavam relacionar as coisas do mundo com as formas de linguagem. Sob essa perspectiva, ela é usada para falar do mundo como uma representação do mesmo.

Segundo Foucault (2002), até o século XIX, na chamada episteme clássica:

Havia uma reflexão clássica sobre a linguagem, uma teoria da derivação: ela mostrava como a linguagem, desde o início de sua história e talvez no instante de sua origem, no ponto mesmo em que ela se punha a falar, deslizava em seu próprio espaço, girava sobre si mesma, e só estabelecia suas palavras, mesmo as mais antigas, quando já desenroladas ao longo das figuras da retórica; a essa análise corresponde o esforço para pensar uma origem que já está sempre esquivada, para avançar nessa direção a si mesmo num afastamento e numa distância que o constituem (FOUCAULT, 2002, p. 465).

Nessa perspectiva, percebemos que durante muito tempo a linguagem foi estudada por si mesma. Sob a égide meramente da forma, da estrutura, da representação e só a partir da modernidade que ela passa a ser vista dentro da sua amplitude, a linguagem em

uso, forma e conteúdo. Temos a partir de então, uma nova concepção de sentido da linguagem.

Desse modo a linguagem começa a nos aparecer efetivamente como ela é. Ela não é – está longe disso – um espelho em que se reflete a realidade: é uma transposição da realidade através dos signos particulares dos quais a maior parte não corresponde a nada de real. Nós estamos de tal modo habituados a essa transposição que as ideias e os sentimentos que atravessam a consciência tomam de imediato essa forma. Se examinarmos um a um os elementos da mais simples frase, não de um livro de metafísica ou de direito, mas de uma conversa familiar, nos surpreenderemos ao ver que quase tudo pertence a esta álgebra particular que nos serve para comunicar nossos pensamentos (BRÉAL, 1992, p. 204-5).

Estamos assim, diante de uma virada paradigmática na qual passamos a conceber a língua como um organismo vivo, possuidor de regras próprias, independentemente da ação humana sobre ela, visto que, está intrinsecamente ligada ao homem, pois é constituída a partir de um todo social e, por esta razão, defendemos a ideia de que a linguagem não é puro reflexo da realidade, mas apresenta a visão que tem o homem do mundo. Inclusive, essa nova perspectiva se alinha à Teoria Dialógica do Discurso (TDD) proposta por Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, os quais compreendem a linguagem como múltipla, heterogênea e multivocal, já que, para esses teóricos a linguagem é axiologicamente estratificada em inúmeras vozes sociais em constante dialogização.

Segundo David (2018), um dos aspectos mais inovadores da produção da TDD,

Foi enxergar a linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo - e não apenas como um sistema autônomo. "A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam", escreveu o filósofo [Bakhtin]. Segundo essa concepção, a língua só existe em função do uso que locutores (quem fala ou escreve) e interlocutores (quem lê ou escuta) fazem dela em situações (prosaicas ou formais) de comunicação. O ensinar, o aprender e o empregar a linguagem passam necessariamente pelo sujeito, o agente das relações sociais e o responsável

pela composição e pelo estilo dos discursos. Esse sujeito se vale do conhecimento de enunciados anteriores para formular suas falas e redigir seus textos. Além disso, um enunciado sempre é modulado pelo falante para o contexto social, histórico, cultural e ideológico (DAVID, 2018, p. 45).

A linguagem é vista como atividade que se estratifica em camadas sociais e axiológicas, um fenômeno de duas faces, já que presume sempre a existência de um falante e de um ouvinte – ainda que este não seja real, assim, situada nos eventos da vida, por isso, é povoada por múltiplas vozes, pois a interação entre os interlocutores é o princípio fundador da linguagem e se cumpre por intermédio do diálogo entre ouvinte e falante, mediado pela palavra, “modo mais puro e sensível de relação social” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 34). Dessa forma, Volóchinov compreende que:

a língua em sua integridade concreta e viva, uma vez que, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, de utilizar as formas normativas [...] num dado contexto concreto (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 93-4).

É preciso que a língua, de fato, seja analisada como elemento de aplicação do sujeito e das suas impressões de mundo dentro da realidade vivenciada, dessa forma, os propósitos comunicativos farão jus a sua existência. Não há enunciação sem as concepções ideológicas e, por isso, é impossível que seja separada do sujeito, ela também é empírica, pois se materializa na boca dos falantes nas diversas situações comunicativas. A língua é viva, sendo mutável e totalmente ligada à evolução. Ela está em sincronia com as transformações vivenciadas pelo indivíduo.

Desta forma, a TDD nos proporciona reflexões de modo a compreendermos que a linguagem além da sua estrutura gramatical, é composta pelas condições extraverbais, as intencionalidades dos interlocutores, os valores e acentuações que são estabelecidos nas mais diversas esferas sociais de uso. Até porque é fato que, nas interações cotidianas, o falante não articula

gramaticalmente os enunciados que serão usados naquela situação, pelo menos, calculando meticulosamente o que vai dizer.

Saber uma língua não é necessariamente somente dominar a sua gramática, mas compreender os sentidos dos enunciados quando utilizados nas diversas situações comunicativas, tanto do outro quanto de si. Então, saber uma língua é conhecer a sua realidade.

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 218-19).

Neste sentido, diante da relevância dos estudos da TDD para compreensão da linguagem/língua e do enunciado regidas pelo princípio dialógico, nas esteiras sociais da construção do “eu pelo tu”, e sabendo, pois, que comumente encontramos nos meios acadêmicos produções que dão visibilidade apenas as discussões de Bakhtin, por vezes deixamos em segundo plano as contribuições de Volóchinov para esta perspectiva teórica.

Nos colocaremos na próxima seção a apresentar as principais concepções de Valentin Nikoláievitch Volóchinov (1895-1936), um dos precursores dessa teoria, e, buscaremos apresentar as contribuições deste teórico em torno da linguagem/língua e do enunciado, fazendo um percurso pela obra: *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929) e nos ensaios *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926), *O que é a linguagem/língua?* (1930), *A construção do enunciado* (1930) e *A palavra e sua função social* (1930), além de alguns textos de estudiosos contemporâneos da TDD.

A concepção de língua(gem) nos estudos de Volóchinov

No início do século XX, na Rússia Soviética, Volóchinov junto com Bakhtin e Medviédev combateram o formalismo russo nas

discussões sobre a linguagem. “O formalismo russo foi uma corrente da teoria literária de um grupo bastante heterogêneo de estudiosos, poetas e escritores que defendiam um método formal de pesquisa literária” (TEZZA, 2003, p. 57). Naquele período, “os discursos filosóficos eram monopolizados oficialmente na União Soviética” (TEZZA, 2003, p. 18), então, os posicionamentos filosóficos desses formalistas se sobressaíam dos demais.

Podemos citar o exemplo das ideias de Saussure, o pai da linguística, que também foram combatidas por Volóchinov e seus pares, Medviédev e Bakhtin, por ele defender o estudo da língua considerando somente a estrutura gramatical. Essa discordância acontecia porque “o elemento puramente abstrato da língua, o signo saussuriano, reiterável e sempre igual a ele mesmo, só pode dar conta de uma língua morta, de uma criação abstrata, é um mero código” (TEZZA, 2003, p. 19). Com isso, Volóchinov transpõe o abismo da ideia de língua como representação abstrata do mundo, desprovida de sujeito, para uma língua inseparável do sujeito.

No ensaio *O que é a linguagem?* (1930), Volóchinov traz a discussão sobre “o processo de surgimento e desenvolvimento da língua”, que é muito complexo nos seus primórdios, pois “alguns estudiosos tentaram compensar seu conhecimento a respeito disso com lendas religiosas, ou seja, substituíram o estudo científico por referências pouco produtivas à intervenção da força divina” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 238-9).

Foi por não concordar com essa falta de cientificidade nos estudos da linguagem, que ele discute como são inconsistentes essas teorias de alguns de seus predecessores. Ele busca nas contribuições de Friedrich Engels, Ludwing Noiré e Nicolai Marr, a base para a afirmação de que a linguagem se formou no decorrer dos milênios por meio do instinto social, a partir das necessidades econômicas e organização da economia humana. Visto isso, a linguagem surgiu a partir das necessidades econômicas e sociais do homem e passou a ser estudada sob uma perspectiva interacionista social.

Na perspectiva Volóchinov, a língua possui uma índole em constante movimento nas interações sociais, de abertura, de inacabamento que a todo instante se mostra nos fatos sociais e históricos, expressando valores ideológicos. Por meio dela, os sujeitos apreendem os sentidos das coisas, pois é na circulação das expressões verbais e não verbais que se dá a diversidade de interpretações dos fatos do mundo.

Segundo Volóchinov (2019 [1930], p. 268) “a essência real da língua é o acontecimento social da interação discursiva”, por isso, não podemos ter a ideia de que ela se resume a estruturas linguísticas, nem regras gramaticais a definem, nem tão pouco podemos fazer com que ela se restrinja às palavras do dicionário.

A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado, da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social. Este movimento progressivo da língua se realiza no processo de relação entre homem e homem, uma relação não só produtiva, mas também verbal (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p. 157).

Desta forma, o ponto central é o diálogo, a interação social, a compreensão de que a linguagem é transpassada pelo social, para além da mera virtualidade, uma vez que entendem que é justamente nas interações sociais que a língua nasce e se desenvolve, numa relação contínua entre os falantes. Com a afirmação de que é a interação social que organiza a vida da linguagem, podemos dizer que ela é produzida a partir do outro e para o outro.

Nessa perspectiva, a essência da língua é dialógica e para entendê-la, não se pode separá-la da vida social. Para Volóchinov (2017 [1929], p. 204) “as palavras de uma língua são sempre orientadas para um interlocutor e ele acrescenta que devemos considerar quem é esse interlocutor”. Além dessa orientação para o outro, é importante considerar a quem estamos nos dirigindo, pois, isso deixa claro que a hierarquia, os laços sociais estreitos ou não, irão sempre orientar o que falamos.

Essa visão de língua coaduna com a afirmação de Cunha (2017, p. 95) para quem “o uso das unidades da língua vai significar de

acordo com as situações, os contextos, os *backgrounds* e os modos de recepção dos sujeitos”. Para a autora, “a linguagem produz sentidos na relação com o não verbal, com outras semiologias e nos diversos modos de circulação e recepção, não havendo correspondência entre os sentidos das formas da língua e os sentidos do contexto”.

Sob esta obliquidade, orientado pela visão dialógica da língua que surge e se desenvolve a partir das interações verbais, é que Volóchinov rompe com a ideia de língua fechada em si e passa a defender a ideia de “língua como acontecimento único, não repetível, “na sua vida concreta”, ou seja, no cotidiano dos falantes”. Nesse prisma, Volóchinov nos apresenta uma dimensão do dialogismo, quando afirma que “toda palavra é dirigida, ou seja, toda palavra serve de expressão ao ‘um’ em relação ao ‘outro’” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 205). Ao mesmo tempo que nos expressamos nas diversas situações comunicativas, procuramos alcançar o nosso objetivo comunicativo.

É válido pontuarmos que Volóchinov concebe o diálogo como uma das suas formas de interação discursiva.

Obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas de interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 219).

Outro ponto que merece atenção é que o diálogo aqui posto não se trata do diálogo face-a-face, mas sim, um fenômeno da linguagem, justamente por esta teoria considerar o *outro* indispensável para a orientação dos discursos. Sendo assim, Volóchinov (2017 [1929], p. 219) assinala que “o discurso debatido em um diálogo concreto e vivo, é orientado para uma percepção ativa, uma reação”. E essa reação, segundo ele, pode ser uma reação organizada e impressa, como é o caso de resenhas e trabalhos críticos. “Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta

ou confirma algo, antecipo as respostas e críticas possíveis buscar apoio e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 219).

A concepção de língua, que se forma na interação discursiva, nos leva a considerar que os discursos verbais surgem e tem acabamento “determinado pelo atrito da palavra com o meio extraverbal e pelo atrito da palavra com a palavra alheia (das outras pessoas)” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 221). Essa constituição da linguagem a partir das palavras alheias, das intenções comunicativas e do outro, faz com que os nossos discursos sejam impregnados de valores, já que falamos a partir do nosso lugar no mundo.

Outrossim, a linguagem é ideológica, não no sentido pejorativo, mas como sendo “todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma forma *sígnica*” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 243). Tudo que falamos está impregnado de valores, das nossas vivências e povoado de diversas vozes da nossa esfera social. É impossível neutralidade na linguagem, que alguém profira um discurso no qual se isenta de posicionamentos.

Para a TDD, o homem é um centro de valores que ao materializar o seu discurso, materializa suas vivências. Se a linguagem surge das interações sociais e da organização do trabalho, acreditamos que ela é reflexo e refração dessas relações, por isso o seu caráter ideológico. Para Volóchinov (2017 [1929], p. 109), é fato que “cada época e cada grupo social possui o seu repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana”. Ele continua afirmando que, uma vez que “a língua é ideológica, não é algo esdrúxulo, mas real, pois falamos a partir do nosso lugar no mundo” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 109).

Dessa maneira, o juízo de valor e as posições ideológicas do sujeito, é que vão de uma entonação expressiva, a acentuação, a uma atitude responsiva frente a uma realidade. Tanto que, por exemplo, a forma que nos comunicamos é diferente dependendo de cada situação comunicativa. A maneira que me falo com alguém próximo

a mim, um familiar, um amigo, é diferente da maneira que me dirijo ao chefe do trabalho, um juiz ou uma autoridade política.

Com essa visão de língua viva, nos deparamos com a contribuição sobre *enunciado*, que iremos discutir no próximo tópico. É por meio dele, que a língua, junto com os valores de cada sociedade se materializam. A partir do estudo do enunciado, podemos constatar os vários elementos que o constitui e faz com que ele seja compreendido pelos envolvidos na situação de fala, pois para Volóchinov (2019, [1930]) “não há enunciado neutro, indiferente a valores, visto que todo enunciado expressa uma posição avaliativa que remete a outras vozes sociais, sendo, pois, posições semântico-axiológicas, impregnadas de relações dialógicas”.

O enunciado concreto vivo

Inicialmente cabe sinalizarmos que nesta seção tomaremos como ponto de partida, para discutirmos a concepção de enunciado, de como ele se constrói, bem como os elementos essenciais para sua compreensão, na perspectiva de Volóchinov, o capítulo *Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado*, presente na Obra *A palavra na vida e a palavra na poesia*, na nova tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Américo, pela editora 34 (2019). Estas considerações são tecidas com a intenção de situar os leitores e evitar possíveis dúvidas ou mal-entendidos, caso desejem ler a obra referendada, uma vez que existem publicações anteriores, com outras traduções.

Volóchinov, alicerçado nos princípios dialógicos da linguagem, pauta a definição do enunciado na seguinte tese: “[...] o enunciado é a unidade real do discurso [...] a existência de todo enunciado pressupõe não só a presença de um falante como também de um ouvinte.” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 267). De modo, a nos assegurar que o enunciado é real, concreto, assim como nos alerta para a base dialógica e social que o caracteriza, pois, para o autor o enunciado é um fenômeno bilateral, que exige sempre a presença do falante - o enunciadador, e do auditório - os ouvintes, que

participam ativamente da comunicação, ora concordando, ora refutando, ora refletindo, ora negociando, etc.

Desta forma, na perspectiva Volóchinoviana o ato enunciativo é construído substancialmente de forma dialógica, uma vez que envolve sujeitos ativos, responsivos e sócio-historicamente situados. Sobre esse aspecto, Volóchinov (2019 [1930]) destaca que mesmo em situações monológicas, quer seja de enunciados longos de um falante, “discurso do orador, a palestra do professor, o monólogo do ator” e até mesmo no “discurso interior, nos enunciados ocultos” estes são atravessados e constituídos pelo caráter dialógicos, uma vez que são penetrados pelas avaliações do seus ouvintes, são orientados a outros sujeitos e permeados por diferentes vozes sociais, vozes alheias, ou seja, “são monológicos apenas em sua forma exterior. Já em sua essência e no todo da sua construção estilística e semântica, eles são dialógicos” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 267).

Assim, toda enunciação, até mesmo os monólogos interiores, a escrita individual de um texto, são diálogos, resposta a algo ou a alguém, visto que todo enunciado de uma forma ou de outra, reflete aqueles que foram ditos ou ouvidos anteriormente. Como afirma Volóchinov (2019 [1930], p. 275) “assim que começamos a pensar em alguma questão, assim que começamos a refletir atentamente sobre ela, de imediato nosso discurso interior toma a forma de pergunta e respostas, de afirmações e negações posteriores (...) nosso discurso fragmenta-se em réplicas isoladas, toma uma forma dialógica”.

Seguindo essa linha, Volóchinov concebe que a construção que a construção do enunciado se dá na comunicação discursiva, na vida real, na interação social, nas diferentes esferas e campos sociais da atividade humana, atravessado por camadas e fios axiológicos que os sujeitos enunciativos traçam nas relações cotidianas, conforme as condições e contextos sociais que se situam os interlocutores, num fluxo ininterrupto como um rio, sendo assim “nunca podemos compreender a construção de um enunciado sem considerar que ele é só um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva,

tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 267)

Percebemos dessa forma, que o fenômeno da dialogicidade também é decisivo para a compreensão do enunciado, na concepção de Volóchinov (2019 [1930]) a compreensão se dá por meio da troca de enunciados, da interação discursiva, no jogo dialógico de perguntas e respostas, como podemos observar no trecho abaixo:

Não é difícil notar que a comunicação discursiva, na qual eles surgem e ganham acabamento, é composta por dois momentos: o enunciado do falante e a compreensão desse enunciado pelo ouvinte. Essa compreensão sempre contém elementos de uma resposta [...]. É possível falar que toda comunicação ou intenção discursiva ocorre na forma de uma troca de enunciados, isto é, na forma de um diálogo (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 272).

Coaduna com essa visão Bakhtin (2020 [1979]) quando afirma que “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2020 [1979], p. 271).

Não há como se interpretar ou compreender um enunciado de forma isolada, despregado do seu contexto real de uso, de forma abstrata, prendendo-se apenas aos elementos estruturais, as formas gramaticais, uma vez que o enunciado enquanto fenômeno bilateral concreto, ato discursivo que envolve falantes reais que enunciam a partir de um lugar social, histórico e ideológico, exige ser visto em sua integridade constitutiva, que além dos elementos estruturais/normativos perpassam as diversas intencionalidades e singularidades dos sujeitos enunciativos, as quais aparecem sob diferentes acabamentos, conforme as avaliações, acentuações, entonações dos interlocutores.

E é sob esse feixe argumentativo, que Volóchinov (2019 [1928]) critica a concepção de enunciado nos estudos de Saussure: “O enunciado não pode ser um objeto da linguística como Saussure a entende. No enunciado, o elemento linguístico consiste apenas nas

formas normativas e idênticas da língua presentes nele. Todo o restante é 'secundário e ocasional'" (VOLÓCHINOV, 2019 [1928], p. 160).

Além dos aspectos axiológicos, contextuais, e situacionais que são essenciais para a compreensão e conseqüentemente para que a interação verbal aconteça de forma satisfatória, o autor alude para o fato da complexidade que é a constituição do enunciado, uma vez que comumente ao se ler ou ouvir um enunciado muitas vezes, leva-se em conta apenas os elementos verbais (expressos nas falas), invisibilizando os elementos extra verbais, que se referem a situação e a própria reação do auditório (como os gestos, as expressões fisionômicas, os olhares, os movimentos das mãos, entre outros), os subentendidos do ato comunicativo.

Dessa forma, Volóchinov (2019 [1930], p. 269) atenta que: "Além da parte verbal expressa, todo enunciado cotidiano consiste de uma parte não expressa, porém subentendida e extraverbal (o espaço e o tempo do acontecimento - o onde e o quando; o tema - sobre o que se fala, e avaliação dos falantes com o ocorrido), sem a qual não é possível compreender o próprio enunciado". Mediante do exposto, "o sentido depende por inteiro tanto do ambiente mais próximo, gerador imediato do enunciado, quanto de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva" (VOLÓCHINOV (2019 [1930], p. 283).

Para ilustrar essas discussões sobre a importância da parte extraverbal (subentendida) do enunciado para a interpretação e compreensão, Volóchinov (2019 [1930]) lança mão de alguns exemplos, tais como:

O que pode significar esse enunciado, "É!", breve, mas, pelo visto, extremamente expressivo? Por mais que estudássemos de todos os pontos de vista gramaticais, por mais que procurássemos em dicionários todas as significações possíveis dessa palavra, não entenderíamos absolutamente nada dessa "conversa". (...) No entanto, suponhamos que a parte extraverbal do enunciado se tornem conhecidos: o acontecimento se dá junto à mesa de um examinador; o examinado não responde a nenhuma das questões mais simples feitas a ele; o examinador, em tom de reprovação e de uma certa lástima, pronuncia "É!"; o examinado compreende que foi reprovado, fica

com vergonha e vai embora. (...) Agora, encontraram no campo de nossa visão, no nosso horizonte, todos os aspectos do enunciado que estavam ocultos, porém subentendidos pelos falantes. A expressãozinha “É!”, totalmente vazia, e que à primeira vista não significava nada, é preenchida de sentido, adquire uma significação bastante determinada e, se for necessário, pode ser decifrada como uma frase grande, clara e acabada, como por exemplo: “Péssimo, péssimo, camarada” Por mais que seja triste, terei que colocar ‘insatisfatório’”. É justamente assim que o examinado compreende esse enunciado e concorda inteiramente com ele (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 284- 5).

Sendo assim, só há compreensão dos enunciados se considerarmos além dos elementos verbais, para o contexto, os componentes extra verbais, e os subentendidos da comunicação, ou seja, a situação (onde, quando), auditório (quem são os interlocutores da comunicação), valoração (a avaliação dos interlocutores), entonação (a expressividade comunicativa: surpresa, alegria, indignação, tristeza, etc.), pois são esses elementos que dão o acabamento à comunicação. Visto que no ato enunciativo “a situação e o auditório obrigam o discurso interior a obter uma expressão exterior determinada, diretamente incluída nas condições da vida que permanecem e não são expressas (mas subentendidas) e compensadas pela ação, pelo ato ou pela resposta verbal dos outros participantes” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 269).

Nesta perspectiva Volóchinov (2019 [1930]) retoma para os processos de construção do enunciado, centrando-se nas questões do acabamento do mesmo, nas diferentes formas que ele pode assumir, se será elaborado seguindo uma forma leve, totalmente despregado de qualquer norma, ou princípios, como numa conversa entre amigos, ou se será elaborado sob propriedades mais formais, regido por padrões rígidos, como numa audiência de instrução judicial, quem determinará o tipo de acabamento e o gênero é o auditório e a situação social. Uma vez que, o tipo de acabamento “é determinado pelo atrito da palavra com o meio extraverbal e pelo atrito da palavra com a palavra alheia (das outras pessoas), logo, o acabamento do gênero “corresponde às

particularidades ocasionais e singularidades das situações cotidianas” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 270).

Para além desses elementos que dão acabamento aos enunciados, o autor também nos reporta para a importância que o auditório exerce no ato enunciativo, uma vez que os enunciados são orientados socialmente e o enunciador *valora* o seu discurso a partir do outro, do meio social em que vive, Volóchinov nos coloca a pensar sobre “a dependência do enunciado em relação ao peso sócio hierárquico do auditório (isto é do pertencimento de classe dos interlocutores, dos seus bens, da profissão, do cargo.” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 280). De modo a percebermos o quanto a orientação social influencia na criação e desenvolvimento dos discursos que produzimos, os quais tomam distintas formas, conforme as diferentes situações que participamos e com os diversos auditórios que interagimos.

Para Volóchinov (2019):

A orientação social estará sempre presente em qualquer enunciado do homem, não somente o verbal, mas mesmo o gestual (por meio de gestos e expressões faciais), independentemente da forma da sua realização: se a pessoa fala consigo mesma (monólogo) ou se duas ou mais pessoas participam de uma conversa (diálogo). A orientação social é justamente uma daquelas forças vivas organizadoras que, junto com as condições do enunciado (a situação) constituem não somente a sua força estilística, mas até mesmo a sua estrutura puramente gramatical (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 280).

Volóchinov aponta ainda para três elementos que considera essenciais na construção da forma do enunciado, ou seja, para o acabamento dos enunciados: “primeiramente, o *som* expressivo da palavra, isto é, a entonação, em seguida, a *escolha da palavra*; e, finalmente, a *disposição* da palavra no todo do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 286).

Sendo que, a entonação é considerada por ele como elemento de maior relevância na construção do enunciado entre os três, pois “a entonação que faz o sentido e a significação gerais de qualquer enunciado”, levando-se em conta que, “a mesma palavra, a mesma

expressão, se pronunciadas com entonações diferentes, também adquirem significações diferentes” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 287).

Para ilustrar a entonação nos diálogos da vida cotidiana, podemos citar o exemplo, dado por Volóchinov, de um funcionário de uma fábrica conversando com o seu chefe, a entonação vai ser a “expressão sonora da valoração social” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 287), porque o jeito de falar com o chefe vai ser diferente da forma de falar com um colega de trabalho, em casa. Este exemplo deixa claro que a entonação é dada conforme as relações sociais estabelecidas entre os interlocutores da comunicação, e esta recebe influência direta da orientação social.

A situação e o auditório correspondente, determinam justamente a entonação e, por meio dela, realizam tanto a escolha das palavras quanto a sua ordenação, ou seja, já por meio dela concebem o todo do enunciado. A entonação é o condutor mais flexível e sensível daquelas relações sociais existentes entre os falantes em uma dada situação (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 287).

Sendo assim, diante das discussões oportunizadas na obra *A palavra na vida e a palavra na poesia*, mas especificamente no ensaio *Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado* (1930), podemos depreender que para Volóchinov, de forma geral o enunciado é fenômeno concreto e dialógico, de modo algum um uma mera formação abstrata da língua, uma vez que ele é construído e ganha sentido por meio da interação social, nas diversas esteiras da vida, por sujeitos reais situados sócio, histórico e culturalmente, num fluxo ininterrupto e intercambiante da comunicação social, nas suas múltiplas esferas, nas quais tomam diferentes formas e significados conforme a orientação, acentuação e a entonação que recebe no solo real da comunicação social.

Considerações

Neste trabalho, discutimos como Volóchinov trouxe para os estudos da linguagem uma nova abordagem de análise. Se antes da abordagem dialógica, somente era levada em consideração a estrutura gramatical para o estudo de uma língua, juntamente com Bakhtin e Medviédev, os precursores da teoria dialógica, afirmaram que as interações sociais faziam parte da estrutura da linguagem para se compreender os enunciados concretos. Uma linguagem que fazia parte do cotidiano das pessoas, que está presente nas diversas situações da comunicação cotidiana, que considera o interlocutor no momento de enunciar, ou seja, presente na história da sociedade.

A linguagem dialógica considera os discursos passados, que passam de boca em boca até chegar ao falante e também tudo que falamos é endereçado a alguém. Como falamos a partir do nosso lugar no mundo, são considerados os nossos valores, nossa história, nosso convívio social, pois tudo que falamos está impregnado de ideologia, no sentido de que não há neutralidade em nossos discursos. Sendo assim, quando se fala na vida concreta da linguagem é porque ela surge e se desenvolve no meio social.

A concepção de linguagem dialógica nos leva a afirmar que falamos através de enunciados, que são a realidade real da língua viva. Volóchinov considera alguns elementos para a estrutura do enunciado: o extraverbal, a situação, o auditório, a valoração e a entonação, todos esses elementos são considerados para a sua produção e entendimento. É impossível compreendê-los sem considerar o extraverbal, ou seja, elementos que vão além da estrutura gramatical como a valoração e a entonação. A abordagem dialógica proposta por Volóchinov e seus pares, mostra o diálogo como condição para a construção de sentido do enunciado, já que, estabelecem-se relações dialógicas com as diferentes situações comunicativas.

Como pudemos ver, a partir da discussão de cunho teórico feita neste texto, o dialogismo é um fenômeno presente na linguagem, que merece uma abordagem que vá além das análises das regras

gramaticais. Vimos que os enunciados estão imbricados com social, com a história, com os valores de determinada época, por isso, refletem e refratam questões de ordem social e individual, imprescindível à construção de sentido do enunciado.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paula Bezerra. 6. edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica: ciência das significações**. São Paulo: EDUC; Pontes, 1992.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. **Formas de presença do outro na circulação dos discursos**. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 116-132, 1º semestre 2011.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. Vozes e poder no telejornal: o funcionamento do discurso reportado no jornal nacional da rede globo. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 89-114, jun. 2017. <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/128319/133040>.

DAVID, Ricardo Santos. Ideologia e dialogismo: Mikhail Bakhtin, história, conceitos que cabem na sala de aula. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**, Vol. 1, N. 17 (2018).

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SÉRIOT, Patrick. **Volosinov e a filosofia da linguagem**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo. Parábola Editorial, 2015.

TEZZA, Cristóvão. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo Russo**. Editora Rocco, 2003. [recurso eletrônico].

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da**

linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina, Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica (1926). *In: A palavra na vida e a palavra na poesia*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua? (1930). *In: A palavra na vida e a palavra na poesia*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado (1930). *In: A palavra na vida e a palavra na poesia*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social (1930). *In: A palavra na vida e a palavra na poesia*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

A PALAVRA E O SIGNO: EMBATE IDEOLÓGICO NA PRODUÇÃO ESCRITA DE UM ALFABETIZANDO

*Fabiana Giovani
Moacir Lopes de Camargos*

Para começo de conversa...

Um trabalho envolvendo linguagem e/ou mais especificamente o ensino e aprendizagem da língua materna exige que o profissional compreenda uma complexa terminologia que, direta ou indiretamente, influencia não só as práticas de sala de aula e os processos de aprendizagem de seus alunos, mas até mesmo o modo de conceber a vida e a própria linguagem. Fazem parte dessa terminologia, entre outras, o signo, a palavra e como estes conceitos se fazem presentes na produção interacional que se dá por meio do texto, deixando indícios dos embates sociais, quer seja, envolvendo a ideologia oficial e/ou a ideologia do cotidiano (BAKHTIN, 2004). Não podemos ignorar, porém, que alguns desses termos podem ter diferentes conotações de acordo com a teoria estudada.

Hoje, podemos dizer que Bakhtin e seu círculo¹ já têm um lugar consolidado na história do pensamento linguístico ocidental. Esse autor – junto a seu Círculo - deixou uma notável e rica herança de natureza filosófica que veio contribuir com muitas outras que tentam, ao longo do tempo, apreender os mistérios da linguagem. Nosso intuito, aqui, é dialogar com algumas ideias do autor e oferecer ao leitor uma visão dos principais pontos da reflexão bakhtiniana quando se refere aos termos supracitados.

¹ Sobre o Círculo de Bakhtin, ver Brait, B. **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

No interior de nossas escolhas, é importante destacar que, para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos que a praticam no meio social em que vivem. É indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam a uma mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada e que esses dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata, quer dizer, que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido, pois é apenas sobre esse terreno preciso ou nesse contexto que a troca linguística se torna possível, permitindo a compreensão.

Desse modo, após refletirmos teoricamente sobre a compreensão do signo, da palavra e do embate social que ambas provocam, apresentaremos um texto escrito, produzido por uma criança de oito anos em fase de alfabetização, no qual buscaremos indícios do jogo interacional e seus embates ideológicos produzidos pelo signo e pela palavra que, como veremos adiante, é o signo ideológico por excelência.

Tecendo compreensões sobre o signo

O signo é um dos principais temas abordados nos trabalhos bakhtinianos, principalmente na obra publicada sob a autoria de Volóchinov, um dos integrantes de seu Círculo de estudos.

Para tentar delimitar esse conceito, começamos do princípio de que vivemos em um mundo sógnico, onde tudo o que é passível de uma leitura é um signo. Em outras palavras, todo e qualquer objeto material do mundo que recebe uma ou mais funções no conjunto da vida social, advindo de um grupo socialmente organizado, e que passa a significar além de suas próprias particularidades materiais, é um signo.

Dessa forma, um signo, ademais de fazer parte de uma dada realidade, reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior, ou seja, todo signo comporta uma dupla materialidade²: como corpo o signo é material no sentido físico e como signo é material no sentido

² Essa materialidade refere-se ao sentido físico-material e ao sentido sócio-histórico.

que é um produto histórico-social, sendo que esses dois sentidos de materialidade do signo estão unidos dialeticamente. Segundo Ponzio:

Todo signo não é um simples reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade [...]. A realidade do signo é plenamente objetiva [...]. O signo é um fenômeno do mundo exterior (PONZIO, 1998, p. 113).

Além disso, o signo também representa a realidade a partir de um lugar, comportando um ponto de vista valorativo (verdadeiro/falso, bom/mau, etc.) que o faz pertencer ao plano ou domínio do ideológico. Esse ponto de vista valorativo faz com que o signo ideológico não seja simplesmente expressão de uma ideia, mas expressão de uma tomada de posição determinada, de uma práxis concreta que não está, como já foi dito anteriormente, apenas sendo refletida, mas também refratada. A refração se dá com a inserção de interesses sociais orientados diferentemente em uma mesma comunidade sónica, ou seja, se dá em meio a uma luta de classes. Conforme nos explica Bakhtin (2004, p. 46):

[...] o signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudos dos filólogos e não será mais um instrumento vivo e racional para a sociedade.

É importante reforçar que o signo e a situação social, em que este se insere, estão, segundo Bakhtin, indissolúvelmente ligados. Assim, o signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica. Compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos, ou seja, a compreensão torna-se uma resposta a um signo por meio de outros signos. Nas palavras do autor (2004), o signo deve ser esclarecido por outros signos.

Segundo o que vimos até aqui, é possível compreender o signo apontando duas de suas características que o diferenciam de itens postos em nossa realidade como um objeto, um fenômeno natural ou um instrumento, seja de produção ou de bem de consumo: a

primeira é que o signo faz parte de um processo de interação social e a segunda é que o signo se torna o reflexo da realidade a partir de um ponto de vista ideológico. Dessa forma, a existência de um signo ideológico, bem como sua recepção e interpretação, pressupõe a existência de vínculos sociais. Em outras palavras, esse processo é socialmente determinado.

Nos estudos bakhtinianos, atribui-se aos signos e às ideologias uma função ativa em relação à práxis, ao material sógnico-ideológico, e à função constitutiva da consciência dita real e prática. Assim, constata-se que, para o Círculo de Bakhtin, a estrutura e a superestrutura relacionam-se de forma dialética, e que os signos são o elemento mediador entre ambas.

Bakhtin entende o signo como toda a “mensagem” transmitida por ele, e não somente por seus elementos morfológicos que podem ser divididos em uma palavra, por exemplo. Considerando-o verbalmente, o signo é uma enunciação completa que não pode ser isolada de seu contexto social e do terreno ideológico ao qual pertence desde o princípio. É também uma enunciação que responde a um diálogo; é parte constitutiva de uma relação de interação social; é um texto vivo e não uma expressão monológica isolada que pode ser interpretada simplesmente com base na pura relação entre as unidades linguísticas que a compõem e na língua entendida como um sistema fechado, como um código definido. Em resumo, o signo compreende como partes integrantes o eu produtor, o outro-interpretante³ e o contexto situacional em que se realiza e que já está colocado em uma cadeia ininterrupta de signos.

Assim, o processo de compreensão de um signo não é um mero processo de identificação que consiste em reconhecer apenas elementos constantes, que se repetem, que permanecem iguais a si mesmos com relação a um código estabelecido e dado. Tampouco o

³ Entendido o interpretante não simplesmente como o “outro”, mas sim como as contrapalavras com que o outro constrói sua compreensão, o que envolve mais do que uma relação “eu/tu”, já que “eu” e “tu” têm consciências significamente constituídas, o que traz para o jogo uma relação plural.

processo de formulação sígnica reduz-se ao emprego, à expressão de significados estáveis e definidos, pré-constituídos e fixos com relação a dada língua.

A palavra: o signo ideológico por excelência

De acordo com a teoria bakhtiniana, a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social, é nela que se revelam as formas básicas e ideológicas da comunicação humana. Assim, sendo um produto ideológico vivo, funcionando em qualquer situação social, acumula as entoações do diálogo vivo dos interlocutores com os valores sociais, concentrando em seu bojo as lentas modificações ocorridas na base da sociedade e, ao mesmo tempo, pressionando, fato de muita relevância, a uma mudança nas estruturas sociais estabelecidas.

Bakhtin aponta que há uma outra característica da palavra que é interessante conhecermos: ela é um signo neutro. Nas palavras do autor:

Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo neutro. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa (BAKHTIN, 2004, p. 37).

A neutralidade da palavra se estabelece no sentido de que esta pode assumir qualquer função ideológica, dependendo da maneira em que aparece em uma situação de comunicação concreta. Dessa forma, a palavra pode ser entendida como um signo neutro, não no sentido de que não tenha carga ideológica, mas no sentido de que, como signo, como conjunto de virtualidades disponíveis na língua, recebe carga significativa a cada momento de seu uso. Para ficar

mais didático, podemos afirmar que a palavra apresenta vitalidade apenas no interior de um dado contexto. Como diz o autor:

Se nós perdermos de vista a significação da palavra, perdemos a própria palavra, que fica, assim, reduzida a sua realidade física, acompanhada do processo fisiológico de sua produção. O que faz da palavra uma palavra é sua significação (BAKHTIN, 2004, p. 49).

Assim, enquanto signo, a palavra é plurissignificativa e o seu contexto é o responsável por fechar os seus sentidos possíveis. Dessa forma, quando o contexto fecha um sentido da palavra, esta não deixa de possuir os seus vários outros sentidos, pois estes estarão presentes como uma aura da palavra que não cabe em dada situação, mas que não deixa de existir. Em outras palavras, imaginemos que, de acordo com a situação, um sentido aparece enquanto os outros ficam “dormindo”, esperando a sua vez de aparecer em outra ou outras situações. Segundo o autor, *a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra* (BAKHTIN, 2004, p. 130).

Uma palavra, virtualmente “preenchível” (opta a significar no contexto) do ponto de vista semântico, como aponta Bakhtin (1976, p. 7), não pode, em nenhuma hipótese, predeterminar a significação por meio de seu próprio conteúdo e, assim, de sua utilização até a sua compreensão, tudo dependerá do contexto no qual ela ocorra. Dessa maneira, para realizarmos uma comunicação inteligível, selecionamos palavras não do dicionário, lugar em que elas significam tudo abstratamente e nada concretamente, mas do contexto da vida em que foram embebidas e se impregnaram de julgamentos de valor. Em outras palavras, o que está sendo dito aqui é que são julgamentos de valor, antes de tudo, que determinam a seleção de palavras de um autor e a recepção dessa seleção por um ouvinte.

Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais (BAKHTIN, 2004, p. 66).

É evidente que as palavras que usamos não são retiradas simplesmente de um dado vocabulário, como já foi dito anteriormente. Elas provêm de um discurso alheio (já dito) e, ao contrário de serem palavras isoladas, são peças que formam parte de dizeres completos, de textos, ou seja, não são neutras, vazias de valores, uma vez que já apontam para uma direção ideológica determinada.

Dito de outra forma, as palavras não são retiradas de uma língua entendida de uma forma abstrata, mas de determinadas linguagens, registros, que circulam a todo instante em nossa sociedade, com os quais estabelecemos interação a todo o momento. Atenta-se para o fato de que a compreensão da palavra não pode ser entendida como um ato passivo que exclui, de antemão e por princípio, qualquer réplica ativa. As palavras escolhidas pelo sujeito falante, além de considerar o contexto e os seus interlocutores, trazem, de sua história de usos, traços que permitem sua utilização de acordo com determinado gênero, em determinada situação. É importante notar que a escolha das palavras possíveis em um contexto de utilização só é possível porque elas já foram experimentadas por outros falantes em situações semelhantes. Isso significa que as palavras se mostram extremamente dinâmicas, uma vez que podem funcionar imediatamente ou possuir uma historicidade que evolui e se adapta às novas condições de utilização.

O embate provocado pela palavra enquanto signo ideológico: o oficial e o cotidiano na heterociência

Numa publicação mais atualizada de “Marxismos e Filosofia da Linguagem”, Volóchinov (2021) afirma que o *signo* pode ser qualquer objeto da natureza, único e material podendo também ultrapassar os limites de sua existência particular, refletindo e refratando uma realidade. O autor menciona ainda que o campo dos signos coincide com o campo ideológico, pois onde existe signo existe ideologia, e tudo que é ideológico possui significação *signica*. Assim, considera-se que diversas vozes ecoam nos signos, deixando

rastros e contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente (MIOTELLO, 2005).

O fato de a palavra, neutra em relação a funções ideológicas específicas, poder assumir, acolher e perceber diversos pontos de vista (VOLÓCHINOV, 2021) é fundamental, uma vez que interfere na construção de uma memória social, tecida por milhares de fios ideológicos e contraditórios entre si, constituindo-se em todos os campos de relações dos conflitos sociais (MIOTELLO, 2005).

Nas palavras de Miotello (2005) existe um *embate* dialógico entre as ideologias vinculadas aos signos que fazem com que exista uma divisão social e a existência de dominante/oprimido. Isso porque constituímos e somos constituídos por contextos ideológicos, completos e únicos, formados pela ideologia oficial e pela cotidiana. A ideologia oficial, dominante e estável, busca implantar uma concepção única de produção de mundo, enquanto a ideologia do cotidiano surge e se constitui em encontros casuais e relativamente instáveis, próximos socialmente das condições de produção e reprodução da vida.

O autor afirma também que o *signo* sempre recebe um ponto de vista, pois representa a realidade de um lugar valorativo que esbarra com o domínio ideológico, sempre determinado sócio historicamente. Se existe um alto e baixo corporal, um corpo canônico e um corpo não canônico, existe então uma ideologia oficial e uma cotidiana. Referenciando Bakhtin,

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a ideia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva. Ora, essa avaliação crítica, que é a única razão de ser de toda produção ideológica, opera-se na língua da ideologia do cotidiano (BAKHTIN, 2006, p. 113).

Ao tomarmos esta compreensão bakhtiniana como ponto de partida, obriga-nos a um deslocamento para considerar que as ciências humanas não são outra coisa senão tratar da vida humana que começa a ser pensada a partir do nascimento social do homem. Assim, o autor e Círculo de estudos fazem uma aposta na questão dialógica, uma vez que o homem, desse modo, não pode ser ou tornar-se mudo (GIOVANI, 2017). Dessa forma, esses estudiosos e nós – enquanto pesquisadores envolvidos com a linguagem e com a ciência – rejeitamos a exatidão científica que trata o homem como coisa e propomos com a teoria que nos respalda uma penetração profunda da intercompreensão por meio do que Bakhtin (2003) chama de heterociência, ou seja, uma metalinguagem de todas as ciências. Geraldi (2006) corrobora com essas questões ao dizer:

Se num passado recente acreditamos que a validade de nossos enunciados nos era dada pelo fato de ele descreverem o real, hoje perdemos a inocência e ficamos ao léu: donde extrair alguma validação de nossas compreensões? Obviamente esta pergunta somente faz sentido para aqueles que pretendem viajar para terras do além das certezas patrocinadas pelas teorias (GERALDI, 2006, p. 137).

Esse posicionamento implica considerar que quem estuda a linguagem não está interessado em recortar a língua, tampouco esmiuçá-la e classificá-la em partes cada vez menores. A heterociência proporciona que, na e pela linguagem, se faça um mergulho de compreensão profunda da atividade verbal. E nesse acontecimento, os indícios são fundamentais, uma vez que o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante e, nesta condição, o ser é inesgotável em seu sentido e significado.

Refletir a partir dos indícios que rastreamos e que direcionam o nosso olhar a alguma interpretação da palavra - signo ideológico -, não é sinônimo de exatidão. Por lidarmos com linguagem e, portanto, com produções de sujeitos reais em situações cotidianas, o ser que se auto revela nesses contextos não pode ser forçado, nem tolhido. O ser é livre e, por isso, não apresenta nenhuma garantia. Assim, o conhecimento que nos é possível construir não pode dar

nada, tampouco garantir uma certeza como fato estabelecido com precisão e dotado de importância prática e única para a nossa vida (PRIGOGINE, 2011).

Dito de outro modo, a mudança de perspectiva advinda do olhar para a palavra enquanto signo ideológico torna-se uma etapa de um movimento dialógico de interpretação no qual dialogam elementos como o ponto de partida (o texto e um movimento retrospectivo), contextos do passado (movimento prospectivo) e antecipação do futuro contexto. Em outras palavras, Bakhtin diz:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de texto eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não dos textos e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) é necessário apenas na primeira etapa da interpretação (...). Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (BAKHTIN, 2003 p. 401).

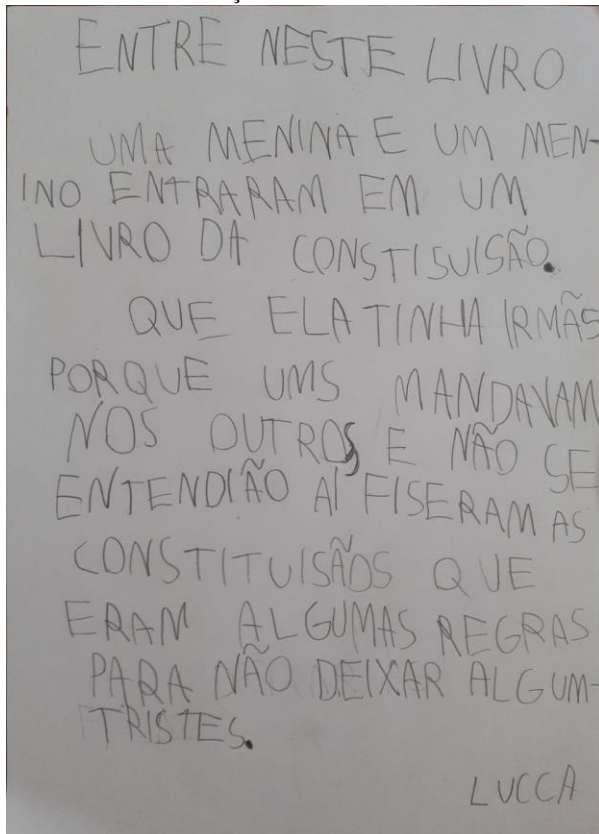
A luta de classes na produção escrita de um alfabetizando

Partimos do pressuposto bakhtiniano de que não existe a primeira nem a última palavra, assim como não há limites para o contexto dialógico. E que em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo – seja este presente, passado ou futuro – existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos que, em algum momento, serão lembrados e vivenciados em forma renovada de acordo com o novo contexto. Assim, apresentamos uma produção escrita do garoto Lucca, 8 anos, que está em fase de alfabetização e buscaremos levantar indícios⁴ a respeito da manipulação que o alfabetizando faz da palavra e como o signo ideológico expõe o embate entre ideologias inerente à luta de classes. O texto foi produzido em situação informal como

⁴ Sobre indícios, recomendamos a leitura GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

pedido para que Lucca registrasse o que compreendeu da leitura do livro infantil “Entre neste livro: a constituição para crianças” de Liliana Iacocca e Michele Iacocca. A obra infantil explica porque um país precisa de um código de leis e como funciona o Estado. Além disso, aborda temas como direito das crianças e dos adolescentes e proteção do meio ambiente⁵.

Produção escrita de Lucca.



Fonte: própria.

⁵ Gostaríamos de destacar a temática sobre a qual Lucca escreveu o seu texto, registrando as suas compreensões. As leituras e o repertório oferecido a uma criança deve ser o mais amplo possível, abarcando temas os mais diversos possíveis como, por exemplo, política, filosofia etc.

Nossa análise seguirá no intuito de compreender o signo ideológico na esfera social do sujeito escrevente a partir da escolha de sua(s) palavra(s) para construir uma rede de produção de sentidos e responder ao que lhe foi proposto. Para iniciarmos, trazemos o título original e o título atribuído por Lucca:

“ENTRE NESTE LIVRO”

É interessante observar que o texto escrito apresenta um título, ou seja, o alfabetizando já entende a importância deste como elemento focalizador do tema a ser tratado nos textos. Ao reforçar o título do livro (Entre neste livro) com o uso do pronome demonstrativo “neste”, o sujeito nos convida com mais ênfase a conhecer o seu assunto.

Outro indício importante de se observar que marca o lugar de fala de Lucca é a escolha de signos ideológicos em determinadas construções como, por exemplo:

*“... PORQUE UNS MANDAVAM NOS OUTROS,
E NÃO SE ENTENDIÃO, AÍ FISERAM AS CONSTITUIÇÕES (...)”*

A palavra “mandar”, neste contexto, indicia a luta de classes que só será compreendida se a lermos como signo ideológico pois, como afirma Bakhtin, se este for posto à margem da interação verbal, resta apenas um objeto para uma classificação filológica. Dizer que “uns mandavam nos outros” implica considerar que existia uma classe opressora representando a ideologia hegemônica e uma classe oprimida representativa da ideologia cotidiana.

Na manifestação explicitada no texto do estudante, esta relação -“uns mandavam x outros obedeciam”- não estava razoável, uma vez que “eles não se entendiam”. Este fato é justificado, pelo alfabetizando, por meio da necessidade de criação da constituição que aparece em seu texto na forma plural, ou seja, a escolha foi por um signo ideológico que possibilita a abertura de leituras: várias regras (?) para vários lugares (?) e várias pessoas (?).

Outro signo ideológico que merece destaque é a escolha da palavra “fizeram”. Qual seria a compreensão de Lucca ao escolher o plural: mais de uma pessoa criou regras? Seriam pessoas representativas das diferentes esferas sociais: oficial e cotidiana? Ou a referência seria por sujeitos pertencentes apenas ao grupo dos que “mandavam”?

Lucca escolhe ainda palavras para definir o signo ideológico “constituição”:

“ERAM ALGUMAS REGRAS PARA NÃO DEIXAR ALGUM TRISTES”.

O plural mais uma vez se faz presente na escolha da palavra “algumas” para demonstrar que se trata de mais de uma regra. E observamos nesta passagem a escolha de outro signo ideológico interessante que justifica a criação das regras: “não deixar algum tristes”. Ao eleger o signo “tristes” para referir-se às pessoas com relação a obediência às regras da constituição, podemos hipotetizar que a produção de sentido na oposição dos adjetivos “feliz –triste”, ameniza o impacto da obediência dessas regras. Isso é, posso ter regras que me fazem feliz da mesma forma que algumas regras podem me deixar triste. O quanto dessa experiência Lucca não traz de sua vivência em sociedade? O quanto o signo reflete e refrata a sua realidade social? Além disso, podemos levantar a hipótese de que o estudante compreende que a organização de um grupo social, por meio da convivência, deve contemplar a todos de modo a não causar tristeza.

Ao olhar o texto de Lucca sob o viés do signo ideológico, reconhecemos uma passagem que não faria sentido por não se adequar às regras linguísticas:

“QUE ELA TINHA IRMÃS...”

Ao iniciar o enunciado pela palavra “que” o alfabetizando está possivelmente respondendo à orientação de escrever sobre o que compreendeu da leitura. E ele compreende que a constituição tinha várias versões que, na história original, são denominadas “irmãs”.

Desse modo, uma leitura superficial, faria com que esta passagem fosse simplesmente considerada inadequada no interior da norma linguística prevalente.

A análise do texto de Lucca, que olha a palavra sob o signo ideológico coaduna com os estudos de Giovani (2006) ao expor que a alfabetização não pode tratar apenas da aprendizagem da escrita de letras, palavras ou orações. Tampouco pode tratar da relação da criança com a escrita de uma forma simplista. Dessa forma, a criança pode (e deve ser incentivada a) escrever um texto, mesmo que fragmentado, para narrar, registrar ou apenas dizer. O importante é saber que essa escrita necessita ser, incondicionalmente, permeada por um sentido, por um desejo, além de implicar ou pressupor, sempre, um interlocutor. Conforme argumenta Smolka, a alfabetização implica, desde a sua gênese a constituição de sentido (1993, p. 69) e um caminho fértil (senão o mais) para esta construção é partir da compreensão da palavra e do signo nos estudos bakhtinianos.

Um fechamento provisório

Compreender a palavra e o signo ideológico de Bakhtin e seu Círculo de estudos abre um horizonte de possibilidades de trabalho com a linguagem, especialmente no que se refere ao ensino e aprendizagem de língua materna que, como dissemos no início do texto, influencia não só as práticas escolares, mas até mesmo o modo de conceber a vida.

Olhar para as escolhas do sujeito, para além das estruturas da língua, implica dialogar diretamente com a produção de sentidos, com questões ideológicas que, muitas vezes, são levadas para baixo do tapete no espaço escolar, sobretudo quando se trata de produção escrita. O embate entre ideologia oficial e cotidiana é inerente ao signo ideológico e abrir o diálogo para diferentes vozes é respeitar os reflexos e refrações da palavra viva e respeitar que qualquer sujeito seja protagonista de sua própria história.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004/1976/2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Equipe de tradução Aurora Fornoni Bernadini, *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- GERALDI, João Wanderley. É possível investir nas enunciações, sem as garantias dos enunciados já firmados? *In: Veredas bakhtinianas – de objetos a sujeitos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.
- GIOVANI, Fabiana. **O texto na apropriação da escrita**. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- GIOVANI, Fabiana. Linguagem e heterociência: uma janela aberta para a ideologia do cotidiano. *In: Grupo de estudos bakhtinianos [GRUBAKH]. (Org.). IV Encontro de Estudos Bakhtinianos [eeba]: das resistências à escatologia política: risos, corpos e narrativas enunciando uma ciência outra*. São Carlos: Pedro & João editores, 2017, v. 1, p. 342-360.
- IACOCCA, Michele; IACOCCA, Lilina. **Entre neste livro: a constituição para crianças**. SP: Ática, 2003.
- MIOTELLO, Valdemir. "Ideologia". *In: BRAIT, Beth. Bakhtin conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- PONZIO, Augusto. *La revolución bajtiniana*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.
- PRIGOGYNE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

SMOLKA, Ana Luíza Bustamente L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021.

A SIGNIFICAÇÃO: ABORDAGENS EM MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Celso Ferrarezi Junior

Algumas palavras ...

Certamente, a primeira frase do capítulo sobre significação, do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (doravante, MFL), de Valentin N. Volóchinov, é a mais reveladora para compreendermos a dimensão que essa seção tem na obra como um todo, além de sua pouca profundidade argumentativa e teórica. O autor diz, na abertura do capítulo, que “O problema da significação é um dos mais difíceis da Linguística” (p. 227¹). Além disso, essa afirmação parece dar uma pista da pouca proximidade do autor com a questão, uma vez que discute, de forma genérica e pouco elucidativa, apenas três conceitos básicos ao longo desse pequeno trecho do livro, único que contempla o assunto na obra. Isso é pouquíssimo, se comparado ao tratamento dado a outros elementos da dialogia discursiva, embora seja bastante significativo para a época da escritura.

Neste breve capítulo, proponho fazer um levantamento desses três conceitos tratados por Volóchinov, ressaltar sua importância e compará-los aos desenvolvimentos que as ideias neles envolvidas tiveram, ao longo da história da Linguística, até chegarmos às Semânticas mais atuais.

¹ Para este texto, utilizo a tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo para MFL, publicada no Brasil pela Editora 34. Referência completa da obra é apresentada ao final deste capítulo.

Significação

O primeiro conceito de que Volóchinov trata em seu breve capítulo é o de “significação”. Para ele, a ideia, então vigente, de que haveria um emissor (elemento ativo) e um receptor (elemento passivo) no processo comunicativo não dava conta do que realmente acontece em um diálogo. Ele ressalta que “a teoria da compreensão passiva não abre a possibilidade de uma aproximação às especificidades mais fundamentais da significação linguística” (p. 227). Para o autor, a dialética própria da comunicação exige atividade de ambas as partes em um ato comunicativo. Continuando sua argumentação, Volóchinov atribui à ideia de fixidez do sentido das palavras (ideia de “sentido literal”) esse erro:

A principal tendência em que se baseia esse tipo de diferenciação – a de atribuir o maior valor ao aspecto principal, usual da significação, compreendido como realmente existente e estável – é totalmente errônea (p. 231).

mostrando, assim, que o processo de compreensão do que se diz não é nem resultado de uma “transmissão” linguística nem de qualquer projeção de sentidos prontos. Esta questão é exposta nestes termos: “[...] cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzível por nós para outro contexto ativo e responsivo. Toda compreensão é dialógica” (p. 232). Assim sendo,

[...] não se pode falar que a significação pertence à palavra como tal. Em sua essência, ela pertence à palavra localizada entre os falantes, ou seja, ela se realiza apenas no processo de uma compreensão ativa e responsiva (p. 232).

É evidente que Volóchinov rompeu com a tradição lógico-formal e composicionalista de constituição de sentidos e colocou a significação no campo das interações imediatas, tirando-a de um estágio pré-comunicativo de formação da língua como uma herança social fixa, como havia sido proposto no Curso de Linguística Geral atribuído a F. de Saussure. Ele diz: “a significação é um efeito da

interação entre o falante e o ouvinte no material de um dado conjunto sonoro” (p. 232-3) e completa afirmando que “[...] não é possível nem mostrar a significação de uma palavra isolada” (p. 229), uma vez que “apenas a corrente da comunicação discursiva atribui à palavra a luz da sua significação” (p. 233).

É interessante notar que tal posicionamento é contrário às correntes formais vigentes até os dias de hoje, o que se dá, por exemplo, com os lógico-formalistas e os gerativistas, que sustentam a necessidade teórica de que as palavras possuam um sentido definido anteriormente ao ato comunicativo. Isso “garante” a manutenção de um dos pilares dessas teorias que é a composicionalidade do significado dos enunciados, sobre o qual falarei mais adiante. Porém, tal ideia não é aceita pacificamente, por exemplo, em Semânticas cognitivas e culturais, mas é tido como ponto pacífico nas teorias formalistas que alegam, inclusive, que não seria possível construir dicionários se assim não fosse (se as palavras não tivessem sentidos literais) - como se os dicionários fossem listagens de sentidos literais das palavras, o que, obviamente não são.

Portanto, a postura do autor de MFL tem implicações teóricas interessantes nessa contraposição com as teorias formalistas e uma delas é a assunção, já naquela época, da ideia de que as palavras não podem ter significados inerentes ou fixos. Como ele diz, “a pluralidade de significações é uma propriedade constituinte da palavra” (p. 230).

Então, diante disso, como ficamos em relação ao que seria a significação de uma palavra em MFL? Como se apresenta esse conceito na obra? De fato, ele aparece de maneira insipiente, pouco elaborada e fragmentada, como se o próprio desenrolar da argumentação tivesse permitido alguns *insights* ao autor sobre como a significação poderia ser definida.

Nessa direção, a primeira afirmação conceitual sobre a significação diz que “ao contrário do tema², entendemos a

² Outro dos três conceitos fundamentais do capítulo e que discutirei adiante neste capítulo.

significação como aqueles aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos em todas as ocorrências” (p. 228). Neste trecho, parece haver uma digressão do autor. Ele recorre à ideia de que existiria sim uma estabilidade nos significados das palavras em um enunciado, que essa estabilidade se repetiria em todos os enunciados em que essas palavras ocorrem, mas que é um tipo de “estabilidade relativa”. Essa estabilidade não será aprofundada no capítulo, pois sequer será tratada novamente³. Mas, o autor diz que essa estabilidade permite decomposições da significação em significações menores: “[...] a significação se decompõe em uma série de significações em conformidade com os elementos linguísticos do enunciado” (p. 229). Bem, isso é uma forma de composicionalidade do significado ou, no mínimo, a ideia de que a significação é o resultado de uma composição de traços menores de significado, o que é aparentemente contraditório com o que havia sido anteriormente afirmado. Isso fica ainda mais claro quando vemos o que se diz no seguinte trecho:

[...] a significação do enunciado [...] é a mesma em todas as situações históricas em que é proferido, sendo composta pelas significações das palavras, das formas da sua ligação morfológica e sintática, da entonação [...] etc. (p. 229).

Podemos dizer que essa afirmação é apenas aparentemente incongruente com o que ele havia afirmado anteriormente porque, aqui, se adiciona um elemento a esse processo de construção da significação que, talvez, seja capaz de explicar o que Volóchinov entendia por significação, que é a “situação histórica” em que ela se materializa. O que podemos concluir do trecho acima é que ele imaginava que as palavras que compunham um enunciado, quando em uma certa situação histórica (falante, ouvinte, objetivos comunicativos, momento, local etc.), receberia uma atribuição se significação que, juntamente com os demais elementos gramaticais da frase (morfologia, sintaxe, prosódia etc.), acabariam por definir a significação comungada ativamente entre os falantes.

³ Vamos tratar da questão dessa estabilidade relativa adiante deste capítulo.

Tal conceito fica mais claro se levarmos em consideração o que ele diz ao introduzir a ideia de “tema”. Definindo a “a significação” como “um artefato técnico da realização do tema” (p. 229) e afirmando que “a significação é o limite inferior do significar linguístico” (p. 231), Volóchinov estabelece a significação como um fenômeno afeito mais às palavras e dependente do sentido total do enunciado. Um processo cíclico, portanto: a significação das palavras depende do momento histórico e da composição do tema do enunciado e o sentido do enunciado depende da significação das palavras, gerando uma interdependência complexa, porém, não trabalhada no capítulo em questão de MFL.

Mas, o que é mesmo o tema? Vejamos.

Tema

Volóchinov define o tema como sendo “uma significação única e determinada, isto é, um sentido único pertencente a qualquer enunciado como uma totalidade. O sentido da totalidade do enunciado” (p. 227). Aqui, fica evidente que faltava ao autor um arcabouço taxonômico mais detalhado para expressar suas ideias. Use-se a palavra “significação” para se falar de “significação” e se usa a mesma palavra para se definir o tema. Logo, significação “é o limite inferior do significar linguístico” (p. 231), mas também é o tema, que seria seu “limite superior”. Disso, podemos concluir que, na verdade, ele estava tratando de dois níveis ou dimensões da significação, mas como o mesmo rótulo e sem deixar isso muito claro no texto.

Na tentativa de deixar mais explícita a ideia de tema, o autor diz que o tema “expressa a situação concreta que gerou o enunciado” (p. 228), ou seja, aquela situação histórica de que ele havia falado ao explicar a significação das palavras e que, segundo ele, seria responsável por estabilizar os sentidos das palavras nas enunciações. Daí o dizer que “um enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta. É isso que constitui o tema do enunciado” (p. 228). Logo,

O tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem [...], mas também pelos aspectos extra verbais da situação. Sem esses aspectos situacionais, o enunciado torna-se incompreensível, assim como aconteceria se ele estivesse desprovido de suas palavras mais importantes (p. 228).

Assim sendo, a compreensão do tema do enunciado (sua significação total), segundo Volóchinov, só seria possível quando compreendemos *quando, onde, por quê, por quem*, enfim, todos os aspectos históricos e extralinguísticos relacionados a sua produção, de maneira que, agora, temos três níveis considerados no processo: 1. o nível extralinguístico, que definiria o tema; 2. o tema, que definiria a significação das palavras; e 3. as palavras, que são ligadas a questões frásicas do enunciado (morfologia, sintaxe, prosódia etc.) e que, por sua vez, também interferem na definição da significação do enunciado.

Esse dinamismo cíclico da composição da significação fica um pouco mais claro quando lemos que “o tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição à formação da existência” (p. 229). Portanto, “juntamente com o tema, ou melhor, dentro dele, o enunciado possui também a significação” (p. 228), uma vez que “não há tema sem significação, como não há significação sem tema” (p. 229). A natureza cíclica do processo imaginado por Volóchinov nos parece agora um pouco mais clara. Porém, tem uma consequência evidente que o próprio autor acabou por perceber: nesta concepção de construção de significações, “não se pode traçar um limite rígido entre tema e significação” (p. 231). É evidente que essa impossibilidade anunciada nos deixa, como leitores seus, na situação nada confortável de imaginar entidades teóricas espectrais interconectadas e ocupando o mesmo lugar no espaço. Bem, de fato, não é de se admirar tal ideia nem na Linguística (especialmente na Semântica) nem na Filosofia.

Continuando nossa tentativa de compreender o conceito de tema em MFL, vemos que, enquanto Volóchinov imaginava a significação como uma instância decomponível em unidades

menores, ele considerava que “o tema do enunciado é essencialmente indivisível” (p. 229), e que “o tema é o limite superior, real, do significar linguístico; em essência, apenas o tema designa algo determinado” (p. 230). Em outras palavras, apenas o tema seria passível de representação e de referência no campo semântico, uma vez que, segundo sua visão, seria o enunciado como um todo que designaria os elementos da existência e não suas partes.

“Significação” e “tema” compõem o cerne da teoria de significação em MFL. Porém, Volóchinov acrescenta uma terceira dimensão de significação que tem relação direta com questões de ordem valorativa, ou seja, como aquilo que é dito pode ser compreendido e valorado pelos interlocutores em um diálogo. Trata-se da “avaliação”, que passaremos a ver.

Avaliação

Para Volóchinov, “qualquer palavra realmente dita não possui apenas um tema e uma significação no sentido objetivo conteudístico dessas palavras, mas também uma avaliação” (p. 233). Trata-se, portanto de reconhecer que as coisas que dizemos são valoradas no diálogo real e que essa valoração é dependente de aspectos extralinguísticos.

Essa avaliação não seria, para ele, expressa por meio das palavras *stricto sensu*, mas por outras formas de expressão. Ele afirma que “a camada mais evidente, mas ao mesmo tempo mais superficial, da avaliação social contida na palavra é transmitida com a ajuda da entonação expressiva” (p. 233). Portanto, dependendo da entonação com que enunciamos nossas falas (mas não exclusivamente assim), acabamos por expressar nossa avaliação do valor social que atribuímos àquilo que foi dito. Logo, “na fala cotidiana, a entonação costuma ter uma significação totalmente independente da sua composição semântica” (p. 235), ou seja, a entonação acaba por expressar algo além do que as palavras expressam. E é por isso que “[...] a avaliação [...] não pode extrapolar

os limites estreitos da situação mais próxima e do pequeno mundinho social íntimo. De fato, (a) avaliação pode ser chamada apenas de um fenômeno secundário e adicional das significações linguísticas” (p. 236).

Para o autor russo, a avaliação é presente em toda forma de comunicação linguística real, já que “não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa como também avalia” (p. 236).

Além disso, a avaliação acrescentaria significações ao enunciado. Ele diz que “a avaliação possui um papel criativo nas mudanças das significações. Na verdade, a mudança da significação sempre é uma reavaliação: a transferência da palavra de um contexto valorativo para outro” (p. 237). Por isso mesmo,

A formação do sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social, e, por sua vez, essa formação, compreendida como um conjunto de tudo que possui significação ou importância para o grupo é determinada inteiramente pela ampliação da base econômica (p. 238).

Creio que, em todo o capítulo, este acima seja o trecho mais “marxista” das considerações de Volóchinov sobre a significação. É a única em que ele faz referência às questões de base econômica como sendo as de caráter social a que ele havia se referido anteriormente. Mas, rapidamente, sua argumentação retoma a dimensão dialética do processo comunicativo e ele afirma, então, que o dialogismo é elemento essencial também do processo de avaliação, quando afirma que “[...] a ampliação do horizonte valorativo se realiza de forma dialética” (p. 238), já que “na composição do sentido, não há nada que esteja acima da formação e independente da ampliação dialética do horizonte social” (p. 238).

Finalmente, concluindo sua argumentação sobre o que seria a significação, Volóchinov resume sua teoria tentando mostrar como os conceitos de significação, tema e avaliação estão inter-relacionados e o faz da seguinte forma:

[...] a significação – elemento abstrato e idêntico a si – é absorvida pelo tema e dilacerada por seus conflitos vivos, para depois voltar como uma nova significação com a mesma estabilidade e identidade transitórias (por meio da avaliação em uma situação dialógica) (p. 238). (parênteses meu).

Elementos de significação envolvidos na construção teórica de Volóchinov

Nos quase cem anos decorridos desde a publicação original de MFL (ocorrida em 1929), podemos dizer que a Semântica não é mais a mesma subárea da Linguística que Volóchinov conheceu. Depois de percebida sua importância, especialmente após o período de nascimento da teoria gerativa, o estudo da significação recebeu enorme atenção da comunidade científica e, hoje, a Semântica não é mais uma área una e não atua mais apenas com uma visão estruturalista e de compreensão passiva do fenômeno da significação. A Semântica de hoje é, na verdade, muitas Semânticas (cf. Basso; Ferrarezi Jr., 2013). Especialmente nos últimos trinta anos, essas diversas formas de estudo chamadas “Semântica” conheceram espetacular desenvolvimento e aquelas ideias tratadas, no seu breve capítulo sobre significação, por Volóchinov conheceram grande progresso conceitual e experimental.

Nesta parte deste pequeno ensaio, vamos tratar um pouco mais sobre as ideias relativas à significação em que o autor de MFL tocou, mostrando um pouco do que se sabe hoje sobre elas e como, em grande medida, Volóchinov adiantou certos desenvolvimentos que seriam pacificados nas décadas posteriores.

Podemos começar discutindo o próprio conceito de significação que, em Volóchinov é dado como “pacífico”. De fato, naquela época, nos círculos linguísticos que estudavam Semântica, pouco se falava além do “significado”, dado como constituindo toda forma de sentido existente nas línguas, presente na composição do signo linguístico juntamente com o significante (este, a dimensão da sinalidade como apresentado no *Curso de Linguística Geral*).

Bem mais tarde, com a publicação dos *Escritos de Linguística Geral*, estes sim textos genuinamente saussureanos, viemos a saber que mesmo o mestre genovês fazia uma distinção na dimensão do significado entre o significado de natureza social, compartilhado entre os falantes, e aquilo que ele descreveu como uma dimensão abstrata do significado, que pertence às idiossincrasias do falante. Nos *Escritos* apenas, é que nos damos conta de que o signo, para Saussure (o linguista real), era quaternário e não binário, como apresentado no Curso.

Da mesma forma, G. Frege, lógico-matemático alemão da virada do século XIX para o XX, deixava clara a necessidade de considerarmos a existência de um valor linguístico socializado pelos falantes, a que ele chama de “significado”, que se presta à compreensão geral das línguas naturais em uso, e de uma dimensão subjetiva imersa nas individualidades de cada falante, a que o lógico chamou de “representação”.

Na verdade, Volóchinov parece tangenciar a ideia de representação quando fala da avaliação, em que se vê uma valoração criativa do significado, embora uma aproximação desses conceitos pareça demasiadamente forçada e, até por questões de prudência em relação a aproximações indevidas, creio que deva ser evitada.

Na Semântica de Contextos e Cenários, uma teoria de viés culturalista, por sua vez, o bloco de significação da unidade de sentido é também dividido, mas de uma forma ainda mais complexa. No campo abstrato da significação, como preconizado por Saussure em seus *Escritos*, teríamos o *significado*, intangível e inexprimível em sua complexidade total, produto mental que cabe apenas ao indivíduo, fruto de todas suas experiências vivenciais, que acaba por definir sua visão de mundo e que é – sempre – apenas parcialmente expresso na forma de *sentidos*, estes, os valores de significação de natureza linguística.

Os sentidos, por sua vez, tangíveis e analisáveis, compreensíveis no campo da enunciação, se apresentam em duas dimensões distintas: os *sentidos*, propriamente ditos, aqueles que

utilizamos para nos comunicar socialmente, e os *sentidos individuais* (ou *sentidos_i*) que se constituem como valores pessoais que atribuímos aos elementos da sinalidade no processo comunicativo, eivados de nossas impressões e subjetividades (aproximando-se das *representações* de Frege).

Como se pode ver, são muitas as formas de se compreender a significação hoje em dia e, obviamente, cada uma delas aponta para caminhos específicos de pesquisa que resultam em diferentes formas de encarar a dimensão semântica das línguas.

Sinalidade

Quando falamos de “sinalidade” (dimensão linguística a que muitos estudiosos de tendências formalistas ainda chamam de “código”), temos hoje, quase consensualmente, a noção de que não apenas os sons linguísticos em si (os *fonos*), a que Volóchinov chamou de “conjunto sonoro”, são elementos que carregam sentidos, mas que há outros elementos significativos importantes. A concepção de sinalidade foi, então, significativamente amplificada nas últimas décadas.

Embora as tendências semânticas mais tradicionais (como as tendências lógico-formalistas) ainda se debrucem quase exclusivamente sobre a visão de que a palavra falada é o elemento básico da significação (embora “palavra” seja uma noção problemática e dificilmente aplicável a todos os sistemas linguísticos já descritos), muitas outras tendências de estudo percebem que, além da palavra, há mais elementos sonoros e não sonoros que compõem a materialidade sígnica do sistema.

As semânticas culturais, por exemplo, reconhecem que há elementos significativos de natureza semiótica mais ampla que integram a enunciação de maneira indissociável, mesmo alguns que, tradicionalmente, seriam tratados apenas num estudo pragmático ou, de forma ainda mais ampla, por uma abordagem semiótica. São elementos como a *politeness*, como a dimensão gestual ou outros

elementos mais aleatórios da situação discursiva, como a roupa que os interlocutores estejam usando, por exemplo, desde que relacionada ao ato comunicativo, e que acompanham a enunciação de uma mensagem linguística.

Crê-se que esses elementos devam ser considerados no campo da sinalidade porque, embora aparentemente independentes do sistema linguístico em si e embora tendo uma natureza que difere da estrutura fonético-fonológica e/ou da estrutura morfossintática da língua, ainda assim são funcionalmente associados à enunciação de maneira evidente. Por exemplo, quando um pescador diz que pegou “um peixe enorme”, mas concomitantemente, com a mão, faz um gesto que dá a entender que se tratava, de fato, de um peixe diminuto, tal gesto não pode ser dissociado da enunciação puramente linguística, uma vez que esta somente é compreensível como uma *ironia* em consonância com aquele.

Volóchinov trata da entonação linguística como elemento adicional de significação associado às palavras quando fala da valoração dos enunciados, o que também coloca, em sua visão, a entonação no campo da sinalidade. Porém, como vimos no parágrafo anterior, além da entonação, evidente elemento sinalizador de sentidos, componente integrante, mas não único, da prosódia das línguas, um complexo sistema de posturas, conformações faciais, gesticulações e até elementos circunstanciais extralinguísticos, como quem são os interlocutores, o local e a situação discursiva, como um todo, acabam concorrendo para a compreensão do sentido daquilo que se diz, ou seja, atuam como elementos de sinalidade. Esses elementos extralinguísticos somente são considerados em MFL quando Volóchinov fala da composição daquilo a que chama de *tema*.

Sobre o assunto da materialidade sígnica, portanto, hoje temos desde vertentes que ainda circunscrevem a sinalidade à palavra falada até vertentes em que a palavra é sim um elemento básico, mas não mais considerado suficiente para compreendermos a dimensão significante completa do signo.

Contexto ou cotexto

Na constituição de sua ideia de significação, o autor de MFL considera que os elementos morfossintáticos constituem parte dos elementos significativos e nega a possibilidade de atribuição consistente de significação a uma palavra isolada. Ou seja, no limite inferior da significação linguística, como ele define, ou seja, em um limite que podemos chamar de “pré-temático”, estão as relações morfossintáticas entre as palavras e seus significados potenciais.

Hoje em dia, essas relações entre palavras, que definem o segundo nível da significação (já que o primeiro é o sentido potencial da palavra isolada), são, normalmente, referidas como *contexto* (quando em contraposição a *cenário*), *contexto linguístico* (quando em contraposição a *contexto extralinguístico*) ou *cotexto* (rótulo mais adotado nas tendências formalistas). Podemos definir essa dimensão da constituição do sentido das enunciações como sendo o que vem antes e depois da palavra, o restante do texto, o texto que precede e sucede o próprio texto, o texto que se junta e que referencia o texto, num entrelaçar de palavras em enunciados que acabam formando o complexíssimo conjunto de sinais linguísticos interligados que procuramos entender quando nos comunicamos.

Assim compreendido, o contexto (termo que adotarei aqui), ainda no nível estritamente linguístico, tem a capacidade de materializar grande parte dos sentidos potenciais das palavras e de fornecer pistas de compreensão que permitem uma primeira visão do que um enunciado busca expressar.

Porém, nem sempre, o contexto é suficiente para nos fornecer as informações de que precisamos para compreender aquilo que um enunciado busca exprimir e, assim, fica evidente que dimensões extralinguísticas (como as que Volóchinov relacionou às dimensões do *tema* e da *avaliação*) são necessárias para a constituição plena dos sentidos daquilo que se enuncia. Isso, por si só, é problemático para o conceito de composicionalidade, ainda muito importante nas tendências lógico-formalistas da Semântica.

Composicionalidade

“O significado de uma sentença é resultante da soma dos significados de suas palavras (ou partes)”. Este é o conceito básico de composicionalidade, um dos pilares das semânticas lógico-formalistas ainda muito fortes em todo o mundo acadêmico. Para que esse conceito seja validado, porém, é necessário que entendamos a palavra como uma *unidade de sentido autossuficiente*, com sentido previamente estabelecido e passivo, literalmente compreensível e que se permite a operações semânticas do tipo matemático. Por exemplo, podemos tomar as palavras “a” + “casa” + “amarela” para formar o enunciado “A casa amarela”. Este seria um enunciado que apontaria literalmente para o referente “a (definida) casa (construção residencial) amarela (de cor amarela) e cuja existência no mundo tornaria verdadeiro tal enunciado. Os formalistas diriam que o enunciado “A casa amarela” é verdadeiro se e somente se existe uma casa devidamente definida e essa casa apresenta a propriedade de ser amarela.

O fato evidente em línguas naturais é que “A casa amarela” pode nem apontar para uma “residência” e, muito menos, para uma que seja amarela. Por exemplo, podemos chamar de “a casa amarela” a carapaça de um besouro ou a concha de um caracol ou, até mesmo, estabelecer que esse é o nome da Kombi vermelha em que nossa avó dormia quando ia namorar na praia com o vovô na década de 60. Na prática, os usos desse enunciado não estão circunscritos à sua pretensa natureza composicional nem mesmo ao seu pretenso valor de verdade calcado nos referentes a que ele se liga.

Como mesmo filósofos formalistas já chegaram a enunciar claramente,

Não existe uma coisa tal como o significado correto de uma palavra. É claro que quando se fala sobre “filosofia” se quer dizer o que corresponde à concepção preliminar comum. Não há nada sagrado nisso, no entanto, e cada um está livre para introduzir um outro significado, se for capaz de distingui-lo claramente do significado usual. É realmente absurdo polemizar sobre o significado correto de uma palavra (TUGENDHAT, 2006, p. 39-40).

Essa asserção de Tugendhat retoma (mesmo que não propositadamente: não podemos afirmar nada sobre isso), a ideia presente no MFL de que os sentidos das palavras são apenas potenciais e, portanto, de plano, a ideia de composicionalidade é fortemente comprometida pois, como vimos, esta é dependente da noção de *literalidade do significado* das palavras.

Como se pode ver, este é um ponto ainda muito polêmico nas Semânticas modernas pois, como vimos, desse princípio dependem muitas das vertentes de estudo ainda bastante significativas na “ciência do significado”, embora seja negado por outras tantas.

Essa questão de como o enunciado constitui seu sentido integral é tradada no MFL quando Volóchinov fala do tema. Para ele, como vimos, o tema é resultante dos significados das partes do enunciado, porém, não apenas isso. São levados em consideração outros aspectos constituintes, inclusive, extralinguísticos.

Nas Semânticas de viés cognitivo, por sua vez, a ideia de uma composicionalidade é parcialmente contemplada pela hipótese de que as palavras aludem a sentidos que se correlacionam, no nível cognitivo, em estruturas temáticas (normalmente chamadas de *frames*) que organizam e congregam certas acepções que os falantes constroem vivencialmente sobre o mundo. Por exemplo, podemos imaginar um *frame* hipotético cuja temática seja “animais quadrúpedes mamíferos domésticos”. Nesse caso, todas as palavras usadas de forma relacionada a esse *frame* hipotético serão, conseqüentemente, compreendidas dentro de seu tema/assunto, ou seja, como estando relacionadas a “animais quadrúpedes mamíferos domésticos”. Logo, ao dizermos as palavras “cavalo”, “cachorro” ou “gato”, em um ambiente enunciativo em que tal *frame* esteja ativo, não pensaremos em um *homem estúpido*, em um *de mau caráter* ou em *um muito bonito*, respectivamente, mas saberemos que essas palavras se referem, nesses casos, apenas aos quadrúpedes domésticos. A correlação entre todas as palavras do enunciado e a ativação dos necessários *frames* de compreensão permitem entender do que se está falando e, assim, nos faria compreender o sentido completo de

um enunciado (isso, é claro, explicado aqui de forma muito resumida em função do espaço disponível).

Já nas Semânticas de base cultural, a ideia de composicionalidade é ainda mais complexa, uma vez que se toma por base a hipótese de que as palavras não têm sentidos literais, mas apenas sentidos costumeiros (mais usados em determinados ambientes comunicativos). Logo, é apenas a partir da leitura do evento real, no ato de uso da linguagem, e de sua correlação com a formação cultural do indivíduo (seu nível de conhecimento, visão de mundo, vivências etc.), que se permite construir um *cenário* (a construção mental em que os enunciados fazem sentido) no qual as palavras possam ter seus sentidos a elas devidamente atribuídos. É a partir desse processo que junta informações linguísticas (da sinalidade, incluído o contexto) e extralinguísticas (do evento e da visão de mundo do falante) que se consegue criar um cenário e se saber do que se está falando e, conseqüentemente, qual é o sentido geral que cada interlocutor atribuirá ao enunciado. Daí se dizer que o sentido do sinal (palavra ou outro qualquer elemento de sinalidade) somente se especializa no contexto (estrutura linguística textual) e que o contexto somente se especializa no cenário (estrutura mental que fornece uma base interpretativa ao enunciado). Aliás, vamos entender um pouco mais o cenário e sua importância na atribuição de sentidos.

Cenário

Volóchinov, em sua descrição do tema e da avaliação, afirma, como anteriormente citado, que

A formação do sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social, e, por sua vez, essa formação, compreendida como um conjunto de tudo que possui significação ou importância para o grupo é determinada inteiramente pela ampliação da base econômica (p. 238).

Como podemos ver, ele assume que há uma dimensão histórico-social, que é própria de certos ambientes comunicativos, na qual (e segundo a qual), os falantes de uma comunidade constroem suas concepções de mundo. Para ele, é com base nessas concepções de mundo que a língua pode ser compreendida e efetivamente utilizada para fins comunicativos.

O conceito de cenário, das Semânticas de viés cultural, admite essa questão de forma parecida, recorrendo à hipótese da construção histórico-social das culturas em que os indivíduos estão imersos. Com a ideia de que todos – sem exceção – carregamos em nós uma construção cultural, pois em uma cultura estamos todos imersos, o que se propõe é que, desde antes de nosso nascimento (a partir do momento em que a formação do cérebro e dos órgãos sensitivos já o permitam) e até a morte, construímos significados para os elementos do mundo, para tudo o que nos rodeia e para tudo o que somos capazes de imaginar (os chamados *mundos possíveis*). Esses significados, construções mentais inexprimíveis em sua integralidade, seriam muito mais complexos do que os sentidos que usamos na linguagem cotidiana. Isto fica evidente, por exemplo, nas muitas vezes em que desenvolvemos sentimentos ou passamos por situações que sequer conseguimos expressar em forma linguística. Esses significados, nesta hipótese, compõem, em nossa mente, cenários com base nos quais interpretamos aquilo que nos rodeia, o que inclui a linguagem que ouvimos, lemos, vemos, tasteamos etc. Qual é a proposta de funcionamento deste processo?

No momento da enunciação (chamado de evento), muitas coisas estão concorrendo para nossa “leitura” do mundo e do que nele se diz. Há uma infinidade de elementos dinâmicos que estão no próprio enunciado (a gramática da língua, os sentidos costumeiros das palavras envolvidas, a entonação etc.) e outros que nos cercam (pessoas envolvidas, lugar, características de quem fala e de quem está ouvindo, aspectos linguísticos da enunciação, um avião que passa no céu, uma lembrança referente ao indivíduo que fala ou a outro evento anterior relacionado a este em questão, enfim,

inúmeros!). Alguns desses elementos são considerados como concernentes à enunciação que num dado momento se profere, mas outros são descartados por nós, especialmente – mas não só - a partir mesmo do que se enuncia. Por exemplo, dois interlocutores podem estar trabalhando em uma horta, cercados de verduras por todos os lados, e estar falando de futebol, sem qualquer relação com as verduras que os cercam (mas, também poderiam, de alguma forma, estar relacionando aquelas verduras ao futebol). Todos os elementos do evento que são levados em consideração são relacionados aos significados que compõem nossa *visão de mundo* e nos permitem formar um cenário mental em que o que se diz será compreendido.

Tomemos um exemplo: se alguém produz o enunciado “a batida de coco”, tal estrutura será ser encarada, já a partir dos conhecimentos linguísticos do falante da língua, como uma unidade e as relações sintáticas entre as palavras já ficarão claras (por exemplo, o que é nuclear e o que é propriedade do elemento nuclear). Mas, ainda assim, a estrutura poderá ser compreendida de diversas formas, dependendo do cenário em que os interlocutores a inserirem. Entre outros tantos passíveis de se imaginar, poderíamos assumir que se está:

a. falando de uma criança caindo e batendo a cabeça no chão – “a batida de coco” será entendida como a batida que a criança deu com a cabeça no chão;

b. falando de um bar em que se faz drinks especiais – “a batida de coco” será entendida como uma bebida;

c. falando um carro estacionado embaixo de um coqueiro com cocos maduros caindo ao chão – a batida de/do coco, será a batida que o coco deu/poderá dar sobre o carro;

d. falando de um malabarista de semáforo que faz sua arte de malabares com cocos verdes, mas que deixou um escapar e bater em um pedestre: “a batida de/do coco” será entendida como um acidente com um coco atingindo uma pessoa que caminhava desavisada.

Na verdade, são quase infinitas as possibilidades de cenários imagináveis, porque eles dependem, como vimos, da leitura do evento, dos aspectos sócio-histórico-culturais e da visão de mundo dos interlocutores. Por isso, é comum que um enunciado seja relacionado a um cenário por um dos interlocutores e a outro cenário por outro dos interlocutores, fazendo com que o diálogo ocorra com um mesmo conjunto de enunciados para ambos, mas com sentidos (ou, pelo menos, nuances de sentidos) diferentes para cada um, o que é mais comum do que parece.

Evento

Tanto em Volóchinov quanto nas tendências mais recentes da Semântica (as de viés cognitivo e as de viés cultural), portanto, vemos uma preocupação com o ato comunicativo em si. O ambiente comunicativo, considerado como o ecossistema de uso de uma língua e o ato comunicativo (o diálogo ou a enunciação propriamente ditos) estão intimamente relacionados, uma vez que este é elaborado para funcionar naquele. Além disso, cada ato comunicativo (constituído com um evento complexo do ambiente social – e dialético, como diria Volóchinov) é visto como essencial no fornecimento das pistas necessárias para a compreensão do que se enuncia. Há, assim, um emaranhado de informações linguísticas e não linguísticas que atua na compreensão que os interlocutores têm dos enunciados.

Nessas concepções mais recentes de Semântica, o ato comunicativo é mais do que um ato linguístico, mas é também um ato linguístico. O que podemos compreender dessas vertentes de estudo é que a língua, enquanto sistema, está relacionada a um sem-número de elementos de sinalidade e de pistas de compreensão que nos levam a entender a comunicação humana de um ponto de vista muito mais complexo do que apenas a materialidade sonora imaginada no Curso de Linguística Geral.

Os opositores dessas vertentes alegam que isso nos leva para fora da Linguística e das línguas naturais, que mistura Semântica, Pragmática e Semiótica e que se torna um monte de nada. Pode ser, se pensarmos apenas estruturalmente ou se pensarmos apenas nas restrições impostas pelos métodos clássicos de pesquisa linguística. Mas, também, pode ser que não, se finalmente compreendermos que as línguas naturais são a parte mais complexa e sistêmica da comunicação humana, mas não são toda a comunicação humana. E, o que seria ainda mais relevante – de meu ponto de vista - se compreendêssemos que os sistemas linguísticos não são independentes dos outros elementos constituintes desse evento tão complexo - e cada vez mais surpreendente aos olhos das ciências modernas - que é o fato de que conseguimos comunicar e de compreender o que nos é comunicado.

Considerações: continuamos com dúvidas em relação à significação ...

Como pudemos ver rapidamente, passados quase cem anos da primeira edição de MFL, algumas das incertezas que os filósofos e linguistas tinham em relação à significação, à sua constituição e realização como parte primordial do ato comunicativo ainda não foram resolvidas. Hoje, há muito mais vertentes e hipóteses que buscam explicar o que acontece quando enunciamos e quando entendemos um enunciado, mas há, ainda, poucas certezas reais.

Como tratei neste pequeno ensaio, há hipóteses muito coerentes com os fatos e que explicam convincentemente muitos aspectos interessantes dos processos comunicativos humanos. Porém, cabe perceber que nenhuma há que possa ser replicada em um sistema digital, por exemplo, simplesmente porque não temos uma visão plena do que acontece. Simples causa e efeito: se não sabemos exatamente o que acontece, não sabemos como replicar isso.

Nas modernas tentativas de criação de inteligências artificiais (peço que não se perca de vista que a palavra “inteligência”, neste

nome, é uma metáfora) e de, com elas, produzir máquinas pensantes que consigam se comunicar linguisticamente como as pessoas o fazem, já conseguimos, por exemplo, criar tradutores digitais automáticos de uma língua “x” para uma “y” que apresentam bom grau de eficiência, mas ainda não sabemos como programar os tradutores para compreender todas as nuances de significação das línguas, como as *ironias*, as *implicaturas* e as *interpretações*. Também não temos como garantir que os interlocutores aceitem as traduções feitas – e nem vou falar aqui dos aspectos valorativos (ou *avaliações*, como diria Volóchinov), embora não sejam coisa de pouca monta no diálogo. Por mais que os modelos de “aprendizado” automático dos computadores tenham avançado nos últimos anos, eles estão, ainda, muito distantes da comunicação humana cotidiana.

Como exemplo do estágio em que nos encontramos no assunto da significação, a despeito de todos os avanços das últimas décadas, se põe o fato de que ainda sequer sabemos exatamente que espécie de coisa é o significado. Será que a melhor resposta dada a isso - em 1972! - ainda é a de J. J. Katz, ao dizer que o significado não é o tipo de coisa que se permita definir, que não é o tipo de coisa da qual se diz “é isto” e “não é aquilo”, mas um tipo de objeto que demanda uma teoria inteira para sua compreensão? É bem possível que sim, embora nem J. J. Katz nem seus companheiros gerativistas tenham, ainda, conseguido propor uma teoria que desse conta de tal explicação.

A questão objetiva a que aludo aqui é que a não possibilidade de conceituar precisamente o que seja o significado tem nos impedido, até hoje, de criar uma teoria definitiva sobre o que seja a significação e sobre como ela se materializa nos atos linguísticos. O sonho de compreender exatamente a neurologia da significação e de definir com exatidão o processo pelo qual esse maquinário neurológico atua em relação aos aspectos sócio-histórico-culturais de que tratamos, permitindo, por exemplo, sua replicação, ainda é um sonho distante. Toda teoria semântica é, portanto, hipotética, embora sistemática e cientificamente construída.

O rigor metodológico e/ou científico na construção das diferentes Semânticas, desde as tradicionais lógico-formalistas até as atuais Semânticas cognitivas e culturais não deveria nos criar a ilusão de que estamos lidando com certezas, pois, na prática, ainda e tão-somente, conseguimos propor apenas algumas boas – e outras nem tão boas - hipóteses. E, quando o assunto é a significação, pilar de nosso pensamento e último reduto de nossa liberdade, creio que seria o caso de nos perguntar se, talvez, não seja melhor assim...

Referências

- ALLAN, K. *Linguistic Meaning*. 2 vols. Londres: Routledge and Kegan Paul, eds., 1986.
- BAHKIN, Mikhail. (Volóchinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BASSO, Renato; FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- BLACK, Max. **Modelos e Metáforas**. Tradução de ZAVALA, V. S. Madri: Ed. Tecnos, 1961.
- CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Campinas: Editora da Unicamp/Eduel, 2003.
- CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Brasília: Mimeo, 1997.
- CRUSE, Alan. **Meaning in language: an introduction to Semantics and Pragmatics**. Nova York: Oxford University Press, 2000.
- ECO, Umberto; SANTAMBROGIO, Marco; VIOLI, Patrizia (Eds.). **Meaning and mental representations**. Indiana: Indiana University Press, 1988.
- EIKMEYER, Hans-Jurgen; RIESER, Hannes (Eds). **Words, worlds, and contexts: new approaches in word Semantics**. Nova York: Walter de Gruyter, 1981.
- FERRAREZI Jr., Celso. **Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à la vie**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

- FERRAREZI Jr., Celso. **Metodologia de pesquisa em semântica de contextos e cenários**. Campinas: Mercado de Letras, 2018.
- FILLMORE, Charles. *An alternative to checklist theories of meaning*. *Berkeley Linguistics Society*, 1: 123-31, 1975.
- FODOR, J. *The modularity of mind*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- FRANCHI, Carlos. *Linguagem - atividade constitutiva*. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, jun.-jul. 1992. Campinas: Papyrus, 1992.
- FRAWLEY, William. *Linguistic semantics*. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Assoc. Pub, 1992.
- FREGE, Gottlob. *Translations from philosophical writings of Gottlob Frege*. Edited by Peter Geach and Max Black. Oxford: Blackwell, 1980.
- GODDARD, Cliff. *Semantic analysis: a practical introduction*. Nova York: Oxford University Press, 1998.
- HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. *Semantics in generative grammar*. Oxford: Blackwell Pub. Inc, 1998.
- HUMBOLDT, W. von. *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus*. Berlin: Darmstadt, Claasen and Roether, 1949.
- JACKENDOFF, R. *Languages of the mind: essays on mental representations*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1992.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- KATZ, J. J. **The scope of semantic**. In: *Semantic Theory*. Nova York: Harper and How, 1972.
- LAKOFF, G. e JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G. *On generative semantics*. Nova York: Cambridge University Press, 1971.
- LAPPIN, Shalom (Ed.). *The handbook of contemporary semantic theory*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997.
- LEVIN, B. & PINKER, S. (Eds.). *Lexical and conceptual semantics*. Cambridge: Blackwell, 1991.
- LUCY, J. A. *Language diversity and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

- PARKIN, David (Ed). *Semantic anthropology*. Orlando: Academic Press, 1982.
- RACCAH, Pierre-Yves. *La semántica de los puntos de vista: hacia una teoría científica y empírica de la construcción del sentido*. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUC/RS. Nº 129, p. 45-72, 2002.
- RIEMER, Nick. *Introducing semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- SAEED, John I. *Semantics*. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 2000.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1987.
- SAUSSURE, F. de. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SCHAFF, Adam. *Introduction à la Sémantique*. Trad. Georges Lisowski. Paris: Éditions Anthropos Paris, 1960.
- VIGOTSKY, L. S. *et alii*. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1986.
- VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad., notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo). São Paulo: Editora 34, 2018.
- WEINREICH, Uriel. *Explorations on semantic theory*. Haia: Mouton e Co., 1972.
- WIERZBICKA, Anna. *Semantics: primes and universals*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

A DIMENSÃO SOCIAL DA LINGUAGEM EM MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM: PRINCÍPIOS BÁSICOS

Maria Cecília de Magalhães Mollica

Claudio de Alencar Padua

Flavia Coutinho Diniz

Hadinei Batista

Vania Lisboa Guedes

Sobre a relação entre língua e sociedade

Este capítulo se volta para as questões atinentes à relação entre as línguas e sua contraparte social e objetiva mostrar até que ponto “Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)” se debruça sobre o tema. Primeiramente, tecemos algumas considerações gerais e mencionamos historicamente os principais investimentos de pesquisa que focalizam tal relação. Em seguida, apresentamos pesquisas que ilustram de que forma as manifestações culturais podem ser impactadas linguisticamente e serem então representadas. Uma pesquisa em Linguística de *Corpus* é mostrada, com o objetivo de se conhecer a área, sua metodologia, bem como sua potencialidade na utilização de tecnologia inteligente, capaz de captar os tópicos de maior relevância em sites na web. Demonstramos igualmente como é possível verificar itens e construções linguísticas em textos com vistas a descrever a densidade informacional e discursiva.

Os nossos ancestrais nos indicam a imperiosa necessidade de comunicação. Seja por gestos, seja por ruídos, inicialmente, e por registros de ilustrações nas cavernas, em fase em que se pode identificar como a origem da escrita, a interação entre os homens já se faz sentir como forma de trocar experiência, de registrar costumes

e necessidades dos grupos. Assim, a relação entre língua e sociedade refere-se ao *Nurture*, a todas as variáveis ambientais que impactam quem os indivíduos são, desde as primeiras experiências em tenra idade, como nos desenvolvemos, nossas relações sociais, a cultura em que estamos inseridos.

Volóchinov (2009 [1929]), membro do Círculo de Bakhtin, postula que a língua, como corpo social e organismo vivo, materializa-se concretamente sob a forma de interação verbal, exteriorizando-se inteiramente na palavra, no gesto e na intenção dos sujeitos nas suas dimensões histórica e ideológica, não apenas como sistema abstrato de formas linguísticas. É nesse contexto que os signos, convertidos em objetos físicos como as imagens e as palavras, constituem reflexo e refração do processo ideológico. “Sem signos”, argumenta o autor, “não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia” (*ibidem* 31). O signo ideológico, porém, é, para além do reflexo e da sombra da realidade, em seu caráter semiótico, um fragmento que materializa esta realidade, em função do conjunto da vida social e não da consciência individual.

O signo ideológico a que Volóchinov se refere transcende a imagem de um objeto, como a silhueta das mãos dos homens pintadas sobre as paredes da *Cueva de las Manos* (Argentina) ou um objeto físico propriamente dito, produto de consumo. Tanto o produto pão, por exemplo, quanto a imagem do pão operam como signos imbuídos do valor simbólico que traduzem. O pão e o vinho podem representar o fruto do trabalho e do suor do homem que os produzem, o alimento básico da humanidade ou ainda podem se transformar em símbolos religiosos no sacramento da comunhão cristã e assim, na medida em que são utilizados, produzindo a derivação dos significados. “Portanto, ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o universo dos signos” (*ibidem* 32). Esses signos, por sua vez, materializam as ideologias que deles se apropriam.

Da mesma forma, as palavras também se constituem em signos, os quais não se limitam à definição saussureana de signo linguístico, que relaciona biunivocamente significado e significante. Palavras, em função do uso que delas se faz, também materializam ideologias, seja por suas escolhas, seja pelo seu encadeamento e articulação nas estruturas sintáticas que estabelecem os discursos, refletindo e refratando a realidade que descrevem.

Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da comunicação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de descodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais. (*ibidem* 67)

O que nos interessa, portanto, é o funcionamento da língua em sua dimensão social, no qual as palavras são proferidas num embate de ideias e ideologias, por diversas vozes que se entrelaçam como distintos fios do discurso, no processo dialógico, como denominado por Bakhtin. É nesse processo que as palavras produzem derivações e deslizamentos de sentidos, metáforas e polissemia, materializando, na grande arena da língua, as contradições inerentes a todo e qualquer processo social.

Como a dimensão social vem sendo abordada no avanço da ciência: três ondas na Sociolinguística

A tradição dialetológica constitui marco histórico da preocupação dos estudos linguísticos acerca da relação língua-sociedade. É desse modo que os linguistas se voltam então para a cartografia dos dialetos regionais, sociais, diafásicos. Ressaltam a importância dos usos linguísticos reais que apresentam diferenças diatópicas e diastráticas, dando espaço para os estudos sociolinguísticos.

A Sociolinguística logo avança na direção do estudo da mudança e coloca em relevo a dinamicidade do sistema das línguas. Considera

como objetivo descrever os mecanismos relativos ao contato dialetal e os efeitos de fatores sobre a variação linguística. Com o pressuposto de que a variedade é estruturada, os sociolinguistas passam a perseguir padrões linguísticos variáveis e os indicadores que os parametrizam. Assim, a área vem lidando com os significados sociais e a construção dos sentidos e, para isso, traçando várias abordagens.

De acordo com Eckert (2012), a Sociolinguística tem se desenvolvido em três ondas, que não necessariamente se excluem, mas marcam abordagens diferentes de investigação acerca da variação e da mudança: a primeira com pesquisas urbanas; a segunda com estudos etnográficos de dinâmicas locais; e a terceira com ênfase no significado social da variação. Assim, a autora ratifica que os estudos de primeira onda se iniciam com Labov (1966) em seu trabalho sobre a estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque, replicado em uma série de comunidades urbanas, a partir de padrão regular de estratificação socioeconômica das variáveis linguísticas e categorias sociais primárias – classe socioeconômica, sexo, idade, escolaridade. São, portanto, estudos quantitativos com bancos de dados estratificados de acordo com características sociodemográficas amplas.

Os estudos de segunda onda, por sua vez, abordam questões sobre relações sociais subjacentes às categorias sociais primárias. Constituem-se, pois, estudos etnográficos de populações localmente definidas, que apresentam, da mesma forma, natureza quantitativa com categorias sociodemográficas mais abstratas, a fim de evidenciar como o vernáculo assume valor local. São analisadas comunidades menores, por períodos de tempo relativamente longos, com o objetivo de se descobrirem as categorias sociais localmente mais salientes e a consequente percepção do lugar dessas categorias na prática social local. Desse modo, os conceitos de comunidade de fala e de identidade de grupo emergem como foco dos estudos de segunda onda. Eckert (2012) exemplifica - a partir da apresentação de três trabalhos de caráter etnográfico - relevantes estudos de segunda onda: a pesquisa sobre o inglês afro-americano (*African American Vernacular English* – AAVE) realizado por Labov

(1960-1970), o estudo de Milroy (1980) sobre uma comunidade proletária em Belfast, Irlanda do Norte, e seu próprio estudo sobre as categorias *jock* e *burnout* e os respectivos papéis na indexação de classe socioeconômica, em grupos de adolescentes de uma escola secundária de Detroit, a Belten High (ECKERT, 2000).

Os estudos de terceira onda incorporam a dinamicidade linguística e a percepção de como a estrutura se moldam por força dos condicionamentos sociais impostos e das relações de poder estabelecidas atuando sobre ela. Eckert (2012) verifica o papel da estrutura no condicionamento da prática. Sob tal perspectiva, leva-se em conta o valor da prática na sua produção e reprodução, de forma a se tornar possível captar com mais detalhes a dinâmica do valor social das variáveis. Os estudos de primeira e de segunda ondas privilegiam a descrição da estrutura e tendem a tornar-se um retrato estático. A terceira onda combina os postulados dos estudos de primeira e de segunda, porém o foco deixa de ser a comunidade de fala e passa a ser a comunidade de prática. Segundo Freitag, Martins & Tavares (2012), as comunidades de fala, na definição laboviana, dizem respeito aos agrupamentos de indivíduos que compartilham não necessariamente dos mesmos traços linguísticos, mas do mesmo juízo de valor acerca desses traços, reconhecendo-os como legítimos para a identificação do grupo, enquanto a comunidade de prática

[...] é um agrupamento de indivíduos que partilham perspectivas em comum, valores e conhecimento e que interagem entre si para se aperfeiçoarem e replicarem esses valores e conhecimentos. Trata-se de uma construção social e, como tal, está sujeita às práticas diárias dos indivíduos, que interagem entre si e com outras comunidades (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 922).

Em outras palavras, conforme afirmações de Eckert e Mcconne-Ginet:

Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. Tal foco

possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p.103).

Propõe-se, assim, um novo construto analítico – *comunidade de prática* - a partir de Wender (1998) – por meio do qual se busca articular a prática social e o lugar individual na comunidade. As comunidades de prática são definidas por seus participantes e pelas práticas em que se engajam como agentes articuladores. As práticas não são definidas a priori; apresentam-se por intermédio da linguagem e de outros sistemas simbólicos. Nessa perspectiva, a dimensão social heterogênea é vista como recurso para a construção de significado social. Em seu estudo envolvendo as categorias *jock* e *burnout*, Eckert (2000) observa roupas, cabelos, movimentos, expressões faciais e estilo da fala. Esse último aspecto é considerado de maneira complexa, a partir da construção do léxico, da prosódia, de segmentos fonéticos, da morfologia, da sintaxe e do discurso. Todos eles são associados ao que os indivíduos fazem e dizem com suas atitudes e crenças e sobre o que conversam.

Na pesquisa na Belten High, escola secundária de Detroit, Eckert (2000) pretendeu definir o sentido que a população adolescente da instituição associava ao estilo linguístico. Valeu-se para isso das categorias *jock* e *burnout*, que correspondem a dois grupos distintos – poderíamos até entender como antagônicos - da comunidade escolar. Os *jocks* são alunos muito envolvidos com a escola, tanto no que diz respeito às atividades acadêmicas, quanto em relação às atividades extraclasse, incluindo o gosto pelos esportes. O grupo valoriza o uso de roupas caras de grife, seu lazer envolve idas a cinemas, teatros e a shopping centers. Os *burnout*, por sua vez, apresentam um comportamento mais rebelde em relação à escola: faltam aulas e, frequentemente, não cumprem suas tarefas acadêmicas; fumam tabaco e cigarros, inclusive na área escolar; não valorizam o uso de roupas caras e se orgulham disso; seus pontos de encontro são os parques, as ruas e as pistas de skate. Confirma-se, assim, a oposição hegemônica entre duas categorias sociais –

comunidades de prática – que incorporam a cultura de classe média - no caso, dos *jock* - ou da classe trabalhadora, no que diz respeito aos *burnouts*. Essa diferença é fundamental para a ordem social em Belten High, pois estrutura a vida de quem se afilia a uma ou outra categoria. Ainda, segundo Eckert (2000), esses grupos sociais incorporam ideologias opostas, normas, trajetórias e práticas de todo tipo. A pesquisadora enfatiza que as comunidades de prática não podem ser delineadas aprioristicamente. A manifestação linguística variável requer o que vai além das categorias para as práticas que fazem a categorização significativa. *Jocks* e *burnouts* emergem ao redor de aspectos de prática social que são suficientemente salientes na comunidade para garantir a diferenciação e a separação entre os indivíduos com base na sua participação nas comunidades de prática.

O sentido social da variação não é visto apenas como reflexo do pertencimento no grupo ou como o caminho para reivindicar a participação no grupo, mas encontra-se relacionado a práticas que criam e mantêm as categorias e que tornam significativo o pertencimento. Tem-se como objetivo tratar o falante como um agente linguístico, tratar a fala como construtora de sentido e tratar a comunidade como mutuamente engajada no empreendimento da construção de sentido. O sentido social é construído no uso e a variação é um recurso dessa construção. Surge daí a noção de que o sentido social tem a ver com locais concretos, com os indivíduos, estilos e polêmicas. Ao mesmo tempo, são justamente os elementos concretos locais que constituem categorias culturais amplas, como classe, gênero, etnia, região. Assim, a correlação de uma variante sociolinguística com o gênero feminino ou com o *status* de classe trabalhadora irá indicar que o significado dessa variante está relacionado às vidas das mulheres ou dos indivíduos das classes trabalhadoras. Eckert (2000) advoga em favor da pesquisa com adolescentes por ser uma fase de transição oficial da infância para a vida adulta, da esfera social da família para a ordem social dos pares. Desse modo, a aceleração do uso do vernáculo está relacionada ao

trabalho identitário que toma lugar nessa fase da vida, embora o desenvolvimento da ordem social de pares seja cheio de conflito, competição e volatilidade emocional. Em contrapartida, há o florescimento incomparável de atividade simbólica em todas as esferas, de modo que essa complexidade de atividade social oferece oportunidade única para examinar o significado social das variedades linguísticas. O agrupamento e confinamento da adolescência nas instituições escolares também oferecem oportunidade para presenciar a ordem social em ação.

Coutinho (2020) investigou as interseções linguísticas entre as comunidades periféricas da cidade do Rio de Janeiro e jovens de estratos mais favorecidos que delas se distanciam no âmbito econômico e cultural através de análise do funk – produto cultural das favelas cariocas. A partir da aplicação e análise de testes de atitude, constatou que os denominados “gritos de funk”, construções oriundas do gênero *Batidão*, também estão presentes nas classes dominantes como uma variedade linguística cujo uso relaciona-se à identidade por eles almejada. Os entrevistados reconhecem o signo gírio do funk e confirmam-se usuários em determinadas situações. O estudo confirma que há *portas de entrada* (cf. MOLLICA, 2005, p. 251) por meio das quais os gritos originários do funk têm chance de infiltrar-se no sistema geral do Português, a partir da incorporação de seu léxico particular ao léxico geral da nossa língua.

Segundo Coseriu (1979), os novos termos só surgem de acordo com as regras da língua e com as necessidades comunicativas de uma comunidade discursiva. A partir da análise dessas construções, pode-se, pois, aquilatar que necessidades comunicativas estariam envolvidas na constituição de um vocabulário que, de modo geral, carrega particular agressividade. Para Preti (1984, p. 66):

(...) é possível ver vocabulários como um mecanismo social de agressão e defesa, justificando plenamente sua condição de *linguagem especial*, só acessível a uma minoria.

De acordo com o linguista, o elenco lexical, inicialmente designado como signo de grupo, passa a fazer parte de um vocabulário gírio mais genérico e

[...] a partir daí, a gíria depende muito mais das condições dentro das quais a linguagem é transmitida, de dados como a personalidade, as intenções e a situação do falante que a emprega, do que do fato de pertencer a um grupo social determinado (PRETI, 1984, p. 66).

No que diz respeito aos mecanismos sociais de agressão e defesa, o *Proibidão* é pródigo. Em suas letras encontra-se uma linguagem especial e a questão principal se refere ao acesso minoritário à linguagem que a ele corresponde. A esse respeito, Mollica, *et al.* (2017) explicam que:

[...] ao longo do tempo e em função de variáveis atinentes à globalização e aos meios de circulação da informação nas grandes cidades, itens lexicais e expressões de grupos podem perder sua função marcada de *signo de grupo*. Por meio da veiculação massiva da difusão das mídias, o *signo de grupo* sofre tendência unificadora (MOLLICA, *et al.*, 2017, p. 17).

Coutinho (2020) aponta indicadores dos modos como algumas construções do *funk*, como itens de um vocabulário gírio, vão paulatinamente transbordando para o vocabulário mais genérico e se desvinculando do léxico específico do grupo envolvido com sua gênese. Entretanto, a pesquisa de Coutinho (2020) demonstra como manifestações culturais de periferia conseguem conceder uma nova identidade a um novo grupo formado a partir de sujeitos que fazem a opção por usá-las. Não é, de fato, qualquer jovem carioca das classes A e B que as utiliza; seu emprego, conforme Preti (1984), relaciona-se a uma identidade almejada, de forma que esses jovens acessarão as construções apenas em situações informais, envoltas em baixo monitoramento, sem pressões normativizadoras da família, da escola, enfim, de seu círculo socioeconômico. Mollica, *et al.* (2017) explicam:

É com a *gíria de grupo* que os falantes expressam visão própria e julgamento em relação à sociedade. Os grupos com interesses e lutas particulares criam

estruturas e significados especiais e ‘ferem’ o vocabulário convencional, de modo a deixar marcado seu conflito com a sociedade (MOLLICA, 2017, p. 17).

A pujança e a agressividade presentes nas construções oriundas do *Proibido de facção* nos transportam até aquela realidade. A construção “bota a cara”, por exemplo, originalmente, corresponde a uma convocação para o confronto armado:

“Cuzão então *bota a cara* que vocês vão ver
A tropa já avisou que a porra do Loguinha, o bonde faz descer
Aqui no Antares é assim, tem glock, tem metraca, ak e g3zão”

Trata-se de contexto de tal modo particular que, de fato, um vocabulário convencional não consegue traduzir. A expansão do léxico pode se materializar numa dinâmica de absorver alguns ou todos os itens e construções, em contextos gerais ou específicos, de modo a evidenciar a complexidade da representação linguística da dimensão social.

Determinismo linguístico e social: para além da estrutura da língua

As relações entre linguagem e práticas sociais são bastante discutidas na literatura linguística, em especial no âmbito da análise do discurso e da sociolinguística. O relativismo linguístico, proposto por Sapir & Whorf, na década de 30, levantou importantes questionamentos sobre a relação entre as diferenças linguísticas e as realidades sociais textualizadas pela linguagem. Ressaltamos que os termos *linguagem* e *língua* são aqui empregados em sentido similar, sendo a ‘linguagem’ um mecanismo que permite a comunicação materializada textualmente por um código, a língua.

Severo (2004) reconhece que a relação entre linguagem e sociedade é, em algum grau, determinística. Tal relação pode ser pensada em diferentes perspectivas: i) **determinismo linguístico**, ou seja, a língua determina a realidade social bem como a forma de experienciá-la (SAPIR, 1969). A linguagem enquanto recurso para

representação de um mundo observável espelha intenções, acordos e necessidades de uma comunidade qualquer. Desse modo, utilizar pontos cardeais para grandes ou pequenas escalas, nessa perspectiva, é uma determinação muito mais de uma cultura/sociedade do que da realidade em si. Qualquer ser humano é, do ponto de vista biológico, competente para enxergar um certo espectro de cores; o acervo lexical para representar essa competência, no entanto, não é o mesmo para todas as línguas. Nesse sentido, a realidade é determinada por processos de experienciação do mundo pelos falantes de uma dada comunidade;

ii) **determinismo social** – que, ao contrário do determinismo linguístico, visa refletir sobre a relação cultura-língua (HYMES, 2003[1994]). Nessa perspectiva, são os valores sociais, as crenças e o contexto comunicativo que determinariam as formas linguísticas. A discussão atual sobre a marcação de gênero no português brasileiro (todes, amig@s, prezadx etc.) é um reflexo do impacto de valores culturais na estrutura da língua.;

iii) **determinismo híbrido** – que, numa perspectiva laboviana (LABOV, 1972), compreende a variação linguística motivada por fatores tanto linguísticos quanto sociais. A definição de comunidade de fala na abordagem variacionista perpassa por usos heterogêneos de uma mesma língua, como as diferenças dialetais nos diversos níveis da gramática, assim como por fronteiras condicionadas por aspectos do contexto e do perfil social dos falantes.

A relação língua-sociedade destacada por Severo (2004) mostra uma correlação entre a estrutura linguística (seja no nível fonético-fonológico, morfológico, sintático, estilístico) e a realidade social representada por ela. Essa relação, porém, pode ser atestada em outros níveis. Um espectro da frequência de ocorrência de determinados itens na língua, por exemplo, é capaz de revelar estratégias de (des)focalização de informações bem como seu impacto na nossa maneira de pensar e falar sobre o mundo.

A linguagem nos permite, para além de comunicar, apreender e pensar sobre a realidade a nossa volta. À exceção de usos

metalinguísticos, a língua se refere a algo diferente de si mesma. Agostinho (*apud* SANTAELLA, 2017, p. 8), sobre a natureza do signo, afirma:

O signo é, portanto, uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência de si.

Independentemente do grau de determinismo linguístico ou social na relação língua-sociedade, a linguagem é um recurso para falarmos sobre as coisas/eventos do mundo, inclusive sobre a própria linguagem. É através dela que textualizamos a realidade social e as atividades que desempenhamos nessa realidade. O enorme fluxo de informações, em especial no meio digital, reflete a intensidade das atividades comunicativas produzidas diariamente. Essas atividades, embora rotineiras e com propósitos específicos, revelam que a língua textualiza um mundo observável, totalmente diverso de si mesma, de modo a demonstrar as formas pelas quais os falantes possam refletir e pensar sobre essa realidade e o modo como atuam sobre ela.

A tabela 1 abaixo mostra o *ranking* de sites mais acessados no Brasil de acordo com a plataforma *Semrush*:

Tabela 1 – *Ranking* dos sites mais acessados no Brasil (*Semrush*/junho de 2021).

Site	Acessos
Google.com	4.3 B
Globo.com	1.4
Facebook.com	1.3 B
Uol.com.br	979.6 M
Youtube.com	892.8 M
Instagram.com	325.3 M
Twitter.com	132.1 M

Considerando apenas os sites de notícias, temos:

Tabela 2 – *Ranking* dos sites de notícias mais acessados no Brasil (*Semrush*/junho de 2021)

Globo.com	1.4 B
Uol.com.br	979.6
Yahoo.com	90 M
R7.com	83.1 M
Terra.com.br	81.3 M
Abril.com.br	80.8 M
MSN.COM	57.3 M
lg.com.br	54.1 M
Estadao.com.br	39.2 M

A Linguística de *Corpus* é um dos ramos da linguística que nos permite analisar um conjunto de dados da língua que decorre dessa intensa atividade de textualização. Os aparatos tecnológicos, que subsidiam a exploração dos *corpura*, são capazes de fornecer inúmeras informações sobre o uso da linguagem, em especial frequência de palavras e contexto gramatical em que elas ocorrem (BENNETT, 2010). Através desses recursos, é possível diagnosticar, dentre outras coisas, valores culturais e sociais veiculados pela *práxis* comunicativa numa determinada amostra de uso da língua.

A partir de um *corpus*, compilado por meio da ferramenta *WebBootCaT* do Sketch Engine (<https://www.sketchengine.eu/guide/create-a-corpus-from-the-web/>) de sites de notícias entre os mais ranqueados do *Semrush*, considerando o contexto social da Olimpíada de Tóquio 2020, verificou-se a maneira como o uso da linguagem é atravessado por ideologias. As informações que compõem o *corpus* foram extraídas de diferentes fontes digitais de informação acessadas em 13/08/2021 (R7, Yahoo, Globo.com, Uol, Terra, Veja/abril, Msn, Ig, Estadão) em que se priorizaram notícias sobre o desempenho dos atletas brasileiros na Olimpíada. O *corpus* totalizou 3910 *tokens* e 1118 *types*.

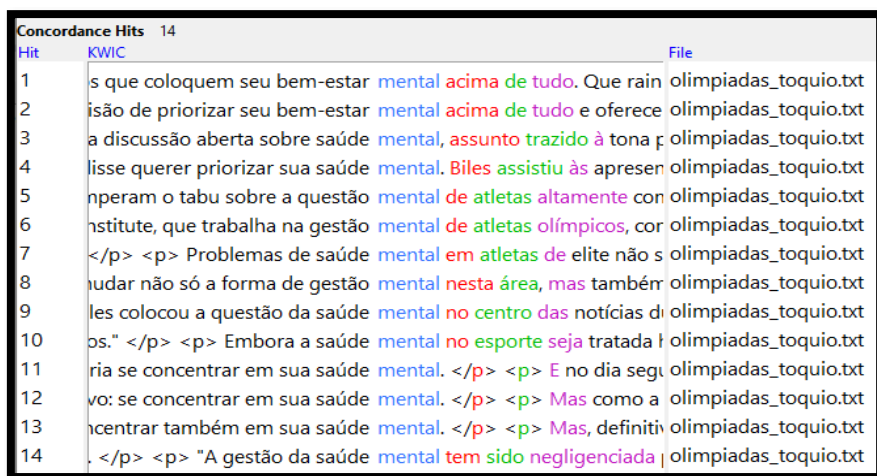
Deixando de lado os itens gramaticais, normalmente os mais frequentes em qualquer *corpus*, os substantivos que mais ocorreram

foram *Brasil, Tóquio, jogos e Biles*. Este último refere-se ao sobrenome da ginasta Simone Biles.



Rank	Freq	Word	Search Hits
11	41	no	0
12	36	com	0
13	36	uma	0
14	32	os	0
15	32	para	0
16	31	um	0
17	30	brasil	0
18	29	não	0
19	27	tóquio	0
20	26	foi	0
21	26	jogos	0
22	25	dos	0
23	25	é	0
24	24	sua	0
25	22	biles	0

Não por acaso, identificou-se frequência alta da palavra *mental* acompanhada dos termos *saúde, gestão e bem-estar*:



Hit	KWIC	File
1	s que coloquem seu bem-estar mental acima de tudo . Que rain	olimpiadas_toquio.txt
2	isão de priorizar seu bem-estar mental acima de tudo e oferece	olimpiadas_toquio.txt
3	a discussão aberta sobre saúde mental , assunto trazido à tona p	olimpiadas_toquio.txt
4	lisse querer priorizar sua saúde mental . Biles assistiu às apresen	olimpiadas_toquio.txt
5	nperam o tabu sobre a questão mental de atletas altamente con	olimpiadas_toquio.txt
6	nstituíte, que trabalha na gestão mental de atletas olímpicos , cor	olimpiadas_toquio.txt
7	</p> <p> Problemas de saúde mental em atletas de elite não s	olimpiadas_toquio.txt
8	udar não só a forma de gestão mental nesta área, mas também	olimpiadas_toquio.txt
9	les colocou a questão da saúde mental no centro das notícias d	olimpiadas_toquio.txt
10	os." </p> <p> Embora a saúde mental no esporte seja tratada l	olimpiadas_toquio.txt
11	ria se concentrar em sua saúde mental . </p> <p> E no dia segu	olimpiadas_toquio.txt
12	vo: se concentrar em sua saúde mental . </p> <p> Mas como a	olimpiadas_toquio.txt
13	ncentrar também em sua saúde mental . </p> <p> Mas , definitiv	olimpiadas_toquio.txt
14	. </p> <p> "A gestão da saúde mental tem sido negligenciada	olimpiadas_toquio.txt

Como em qualquer Olimpíada, são muitos os fatos a serem noticiados. O que explica então, nessa amostra, a alta incidência do substantivo *Biles* associado à expressão *saúde (gestão, bem-estar) mental*? Contrastando a realidade social das Olimpíadas com a repercussão do tema 'saúde mental' nesses noticiários, percebe-se

um paralelismo como destaque atribuído à ginasta em relação a outros atletas na Olimpíada de Tóquio. Biles era o nome mais esperado para essa Olimpíada, por ser considerada um fenômeno da ginástica artística mundial. A atleta, porém, cometeu erros inesperados em suas performances e desistiu de disputar a final individual geral, alegando episódios de bloqueio mental (*twisties*). O foco atribuído à atleta nos jogos Olímpicos e à sua saúde mental tornou-se também foco dos noticiários.

A análise empreendida mostra uma correspondência entre saliência de eventos sociais e saliência de conteúdo linguístico. Esse volume de informação a respeito de um evento particular tende a afetar nossas escolhas tópicas em conversas que abrangem o universo temático da Olimpíada de Tóquio. Há, nesse sentido, uma correlação entre saliência de fenômenos observáveis (eventos sociais), densidade informacional e a nossa maneira de pensar sobre o mundo.

Bibliometria e representação linguística

Na denominada área da bibliometria, a pesquisa linguística toma como fundamento a natureza funcional-psicológica e cognitiva da estrutura do texto. Aronoff (1976), por exemplo, advoga em favor da relação entre frequência de uso e produtividade do item léxico-morfológico, pressupondo que a frequência de uso (*token frequency*) de um dado emprego linguístico tem repercussões na seleção de bases e afixos. O fenômeno do bloqueio é defendido por Aronoff (1976) quando a forma lexical inovadora se depara com outra já existente na língua. Segundo Aronoff & Anshen (2001), trata-se de situação que tem por base o princípio da economia.

George K. Zipf (1935; 1949) é precursor, na década de 30 do século passado, em empreendimento com base no Princípio do Menor Esforço, cuja meta se propõe a analisar regularidades estruturais e verificar zonas de maior densidade discursiva informacional. Para Bybee & Hopper (2001), construções frequentes e funcionais em cadeias discursivo-textuais impactam

representações cognitivas, de modo que é possível verificar-se a influência da frequência de uso na produtividade (*type frequency*) e no armazenamento da linguagem.

A respeito das leis de Zipf, Rouault & Lallich-Boidin (1987) assinalam viável o delineamento de três zonas não muito claras reincidentes em todos os *corpora* para análise. Uma primeira zona é composta de construções com alta frequência de uso a depender da natureza mesma do *corpus*. Ela contém muitas palavras cuja presença deve-se a razões de sintaxe (estrutura linguística do idioma, no qual é escrito o *corpus*), tais como artigos, preposições; conjunções, verbos auxiliares etc. Essa zona também contém alguns representantes das categorias de substantivos, adjetivos e verbos. A segunda apresenta quantidade maior que a primeira zona de representantes de categorias morfológicas com grau maior de informatividade, tais como: substantivo, adjetivo, verbo, entretanto, as formas gramaticais que caracterizam a primeira zona ocorrem, ainda, sobretudo no topo dessa segunda. A terceira consiste em itens não utilizados, como palavras-chave, em geral empregados uma vez apenas, representando, em média, 50% das ocorrências. As fronteiras entre as zonas são tênues e podem ser arbitrariamente determinadas a depender da perspectiva que se adote no estudo e do próprio *corpus* a ser descrito.

Guedes (2010) demonstrou o alto grau de informatividade do texto acadêmico em cotejo com outros gêneros textuais. Tomou como foco as nominalizações de verbais de modo a verificar o caráter sistemático das estruturas com sufixo em *-cão, -mento, -ncia, -agem e -da* (no estudo, outras formas derivadas foram deixadas de lado, bem como formas regressivas), à luz de modelos quantitativos utilizados na indexação automática no âmbito da Bibliometria, segundo autores como Pao (1978), Basílio (1979a), (1979b), Zipf (1949). Indicadores semelhantes também podem ser encontrados em Swales (1990), Hyland (2009), Eggins (2004).

Metodologicamente, os artigos tomados para a análise foram processados pelo *software* contador de palavras *Rank Words 2.0*, disponível em http://download.cnet.com/Rank-Words3000-2279_4-

10909564.html, considerando-se alguns critérios. Guedes (2010) nos explica que, na Bibliometria, as Leis de Zipf associadas à frequência de ocorrência das palavras e o Ponto de Transição de Goffman estão diretamente relacionados a tentativas de representação temática da informação e objetivam a atingir-se alto grau de precisão na indexação de artigos científicos e tecnológicos.

Os resultados da pesquisa indicam padrões de produtividade relevante das nominalizações em gêneros formais. Sugerem ainda o empreendimento de outras pesquisas que busquem a prevalência de estruturas nominalizadas com outros sufixos, bem como com outros padrões linguístico-construcionais também presentes, de forma igualmente recorrente, na produção textual nos níveis fundamental, médio e superior de ensino.

Leituras para consulta e aprofundamento

Acreditamos que a leitura de alguns textos que abordam os trabalhos do Círculo de Bakhtin possa interessar àqueles que ainda não estão familiarizados com os conceitos que relacionam língua e sociedade, bem como aos mais experientes. Nesse sentido, indicamos a leitura da coletânea organizada pelo professor e pesquisador Paulo Bezerra, “Mikhail Bakhtin – Os gêneros do discurso” (2016), para a qual também contribuiu com o prefácio e o posfácio, além da tradução de dois dos artigos incluídos na obra. Neste pequeno grande livro, é possível se ter acesso a trabalhos do autor soviético desde o início da década de 1950 até 1961, publicados apenas após seu falecimento em 1975, incluindo os “Diálogos” que só foram apresentados ao público pela primeira vez em 1997. Os temas tratados pelo grupo de pesquisadores capitaneados por Bakhtin, como enunciação, discurso, texto, semiótica e sua materialização discursiva no contexto social são analisados sob a perspectiva dialógica.

Para os mais experientes, sugerimos ainda a obra do filósofo e analista do discurso Michel Pêcheux, “Semântica e Discurso”, que apresenta uma nova posição mais marcada e retrabalhada a partir

de conceitos que se interseccionam nos paradigmas bakhtinianos e na Escola Francesa da Análise do Discurso.

Para atualização e aprofundamento na área da Sociolinguística, sugerimos o texto “Questões teórico-descritivas em Sociolinguística e em Sociolinguística Aplicada e uma Proposta de Agenda de Trabalho” de Mollica & Roncarati (2001), que se encontra na Revista D.E.L.T.A., número 17: ESPECIAL, 2001 (45-55), acessível em https://pdfs.semanticscholar.org/5814/af4f7aebf68903c7f2d5aed7ea8362794470.pdf?_ga=2.158492026.1527644896.1629227181-106211777.1627939539. As autoras dão a conhecer os principais grupos de pesquisadores na área no Brasil, além de elucidar as bases teóricas da Sociolinguística e seus desdobramentos aplicados. Ao final, lançam um prognóstico importante quanto à agenda de trabalho em Sociolinguística.

Incentivamos fortemente o contato com o livro *Sociolinguística, Sociolinguísticas* organizado por Ferrarezi & Mollica (2016), editado pela Editora Contexto. Trata-se da mais completa coletânea no campo que deixa clara como se desenvolvem pesquisas voltadas para a relação entre língua e sociedade sob diversas frentes. É dessa forma que a Ciência se debruça sobre a dimensão social da linguagem e abre a possibilidade de se compreender os processos linguísticos em trajetória histórica, em uma ou em muitas sincronias, produzidos por falantes noviços e maduros, em situações de contato, interação ou isolamento. No livro, mais de vinte pesquisadores da linguagem no Brasil trazem a lume o mais abrangente e atualizado panorama da área, indo muito além dos clássicos estudos sobre variação e mudança linguística. Cada capítulo trata de uma vertente específica, apresentando teoria, com exemplos, além de propostas práticas e sugestões de leituras para aprofundamento. Assim, conceitos clássicos e posturas tradicionais, em geral, são reavaliados, do mesmo modo que se constroem novos paradigmas de pesquisa para os estudos sociolinguísticos modernos. O manual – para iniciantes e iniciados – constitui ferramenta essencial para estudantes e pesquisadores da área, além de professores de português e domínios conexos.

Recomendamos também a leitura de Bortoni-Ricardo (2020) cujo título é *Português Brasileiro - a língua que falamos*, publicado pela Editora Contexto. Este livro é uma conversa coloquial sobre a língua de maior número de falantes no Brasil, o português brasileiro (PB), com especial atenção às crenças e atitudes dos nativos em relação à língua oficial do país. A obra elucida didaticamente as relações históricas e sociais com a configuração do PB rural e urbano. Deixa clara a função de um dado sistema linguístico como símbolo de identidade pessoal e de grupos. Assinala a competência comunicativa como habilidade essencial dos usuários surdos ou ouvintes das línguas naturais humanas de expressar a dimensão social e interacional da linguagem.

Para a leitura sobre pesquisas em Linguística de *Corpus*, sugere-se o acesso ao site do UCREL da Universidade de Lancaster-UK (lancs.ac.uk). A *Home Page* reúne projetos, eventos, publicações e, inclusive, softwares utilizados para análise de corpus. Como a Linguística de *Corpus* é um ramo que visa laços multidisciplinares, as publicações são diversas, englobando pesquisas das mais diferentes áreas da Linguística.

No campo da Bibliometria, recomendamos a coletânea organizada por Gonzalez & Mollica (2012), intitulada *Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis*, editado pela Appris Editora. Esta obra conta com trabalhos que procuram refletir sobre mecanismos de constituição, fluxo da informação e construção de conhecimentos em sistemas e redes *online* e *offline*, bem como com investigações sobre a representação mental e social da linguagem, letramento e comunicação. Ressalta ainda o papel dos gêneros discursivos digitais e não-digitais na construção do conhecimento e na inovação tecnológica.

Como recomendação geral, enfim, sugerimos que os interessados sobre a relação linguagem e sociedade acessem os diversos livros introdutórios de Linguística. No campo dos estudos sobre a linguagem humana, contamos já com uma plêiade de manuais, antigos e modernos, como forma tanto de consulta e de direcionamento para fins de estudo e pesquisa.

Referências

- ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: the MIT Press, 1976.
- ARONOFF, Mark; ANSHEN, Frank. *Morphology and the lexicon: lexicalization and productivity*. 2001. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M. (Ed.) *The handbook of morphology*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução e organização: Paulo Bezerra. 1. reed. Campinas: Editora da Unicamp, 2017[2016].
- BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. Interface Linguística e Ciência da Informação: potencialidade na análise de estruturas lexicais. In: **Reunião brasileira de ciência da informação, 2, 1979**, Rio de Janeiro. Trabalhos apresentados... Rio de Janeiro: IBICT, 1979a.
- BASÍLIO, Margarida Maria de Paula; BRAGA, Lilian Maria; PIEROTTI, Maria de Lourdes Carvalho. Estrutura de textos científicos em língua portuguesa: estudo bibliométrico-linguístico. In: **Reunião brasileira de ciência da informação, 2, 1979**, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT, 1979b.
- BENNETT, Gena. *Using Corpora in the language learning classroom: corpus linguistics for teachers*. Michigan: ELT, 2010.
- BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency, and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**. Trad. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: Presença, 1979.
- COUTINHO, Flavia Diniz. **Gritos de funk e mudança linguística**. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice – the linguistic construction of identity in Belten High*. Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, Penelope. *Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation*. In: **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope; McCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde coabitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). **Linguagem, gênero, sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. 2. ed. Nova York: Continuum International Publishing Group, 2004. 365 p.

FREITAG; MARTINS; TAVARES. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. Alfa: **Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, São Paulo, vol. 56, nº. 3, 2012.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira. **Nominalizações deverbais em artigos científicos**: uma contribuição para a análise e a indexação temática da informação. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

HREBICEK, Ludek. *Zipf's law and text, Glottometrics*, Czech Republic, 3(22), p. 23-38, 2002.

HYLAND, Ken. *Academic discourse: english in a global context*. New York: Continuum International Publishing Group, 2009. 215p.

HYMES, Dell. *Models of the interaction of language and social life*. In: PAULSTON, C. B. & TUCKER G. R. (Eds.) *Sociolinguistics the essencial readings*. Oxford: Blackwell Publ., 2003.

LABOV, William. *The transformation of experience in narrative syntax language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Philadelphia University Press, 1972.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Maria Marta Pereira Scherre e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecilia de M. Aportes para uma teoria de mudança na escrita. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia

- (Org.). Anthony Julius Naro. **A linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- MOLLICA, Maria Cecília de M. *et al.* **#Linguísticadeprotestos: novos caminhos de pesquisa**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- MOLLICA, Maria Cecília de M. *et al.* **Efeito dominó em linguagem: o que a escola precisa saber**. Curitiba: Editora CRV, 2017.
- PAO, Miranda Lee. *Automatic text analysis based on transition phenomena of word occurrences*. In: **Journal of the American Society for Information Science**, 29(3), p. 121-124, 1978.
- ROUAULT, Jacques; LALLICH-BOIDIN, Geneviève. **Linguistique automatique: applications documentaires**. Berna: PETER LANG, 1987. 309 p.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2018[1975]. 287 p.
- PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: Queroz Editor, 1984.
- SANTAELLA, L; NOTH, W. **Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação**. São Paulo: Paulus, 2017.
- SAPIR, Edward. **Linguística como Ciência**. Tradução: J. M. Camara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SEVERO, C. G. **Linguagem e sociedade: algumas reflexões sobre determinismo**. *Working Papers em Linguística: UFSC*, n. 8, 2004.
- SWALES, John M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. 260p.
- VOLOCHÍNOV, Valentín Nikoláievich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.
- ZIPF, George Kingsley. **Human behavior and the principle of least effort**. Cambridge, MA: Addison-Wesley, 1949.
- ZIPF, George Kingsley. **The Psychobiology of Language: An Introduction to Dynamic Philology**. Cambridge, MA: M.I.T. Press, 1935.

OS ORGANIZADORES



Sérgio Nunes de Jesus

LATTES iD: <https://lattes.cnpq.br/9648583745536616>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8255-751X>

É Professor Efetivo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO, *campus* Cacoal. Tem experiências de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Estudos da Linguagem; Educação; Gênero; Povos e Comunidades Tradicionais. Premiações acadêmicas: *Projeto PDA* - Menção Honrosa pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em 2017 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Menção Honrosa pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) em 2021 pela apresentação do trabalho: *Violência doméstica contra a mulher no telejornalismo...* no “II Congresso Internacional Interdisciplinar sobre Representações Sociais”.

Contatos: canibalsergio@outlook.com – sergio.nunes@ifro.edu.br



Celso Ferrarezi Junior

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/6396955256879565>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9221-0432>

É Professor Titular no Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG. Tem experiência de ensino e de pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Semântica, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de línguas, alfabetização, descrição linguística e teorias semânticas da linguagem. Premiação acadêmica: Menção Honrosa pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) em 2021 pela apresentação do trabalho: *Violência doméstica contra a mulher no telejornalismo...* no “II Congresso Internacional Interdisciplinar sobre Representações Sociais”.

Contatos: cferrarezij@gmail.com – celso.ferrarezi@unifal-mg.edu.br

AS AUTORAS E OS AUTORES

Celso Ferrarezi Junior

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/6396955256879565>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9221-0432>

Possui Licenciatura em Letras Português/Inglês (1989). Mestrado e Doutorado em Linguística - Semântica (1997/1998) e pós-doutorados (2005/2016) também na área de Semântica. É autor de 49 livros literários e científicos, estes na área de linguagem e ensino de línguas. Escreveu mais de 400 artigos científicos e de opinião publicados no Brasil e no exterior. Atua como consultor de diversas instituições e publicações científicas no Brasil e no exterior. É Professor Titular no Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG. Tem experiência de ensino e de pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Semântica, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de línguas, alfabetização, descrição linguística e teorias semânticas da linguagem.

Contatos: cferrarezij@gmail.com – celso.ferrarezi@unifal-mg.edu.br

Claudio de Alencar Padua

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/3759055778821951>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0246-7224>

Engenheiro Naval e Oceânico pela Escola Politécnica (UFRJ). Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLIN/UFRJ).

Contato: claudiopadua@letras.ufrj.br

Dóris de Arruda Carneiro da Cunha

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/0061348175883853>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5349-2887>

É professora titular aposentada da Universidade Federal de Pernambuco; fez parte do PPGCL da Universidade Católica de Pernambuco; é Pesquisadora do CNPq. Fez doutorado em Ciências

da Linguagem na Université Paris Descartes (1990) e estágios de pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3 (2009); na PUC-SP (2010); na Université Paris Descartes (2014) e na Universidade Federal do Paraná (2019). Coordenou projeto de pesquisa em cooperação com a Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3, financiado pelo Programa CAPES-COFECUB, 2015-2018, e o projeto *L'étage métalangagier du dire*, no âmbito do Programa da Escola de Altos Estudos da CAPES (2015). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase na Teoria Dialógica do Discurso. Pesquisa e orienta dissertações e teses nos seguintes temas: teoria dialógica, discurso da mídia, ponto de vista, discurso reportado, tradução, gênero discursivo e questões relacionadas ao ensino de língua portuguesa. É autora do livro *Discours rapporté et circulation de la parole*, de artigos, capítulos e traduções, organizadora e autora de um capítulo do livro *Points de vue sur le point de vue*. É líder do GP/CNPQ/UNICAP Núcleo de Estudos Dialógicos e Textuais, membro do *Ci-Dit, Groupe international et interdisciplinaire de recherche sur le discours rapporté* (<http://www.ci-dit.com/>) e do GP/CNPq/PUC-SP Linguagem, Identidade e Memória.

Contato: doris@ufpe.br

Elizângela Ataíde de Souza

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/0798966113973182>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5488-7108>

Possui licenciatura em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Especialista em Mídias na Educação (UNIR). Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela União das Escolas Superiores de Cacoal (UNESC). Professora do ensino médio no Governo do Estado de Rondônia desde 2002. Em 2014, desempenhou a função de gestora (vice-diretora) na Escola Estadual de Ensino Médio Shirlei Ceruti, em Vilhena-RO, bem como a função de coordenadora local do Enem nos anos de 2015 e 2016. Faz parte do grupo de pesquisa Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia, CNPq-IFRO, linha de

pesquisa Literatura e sociedade. Organizadora de projeto escolar intitulado: Revista Impressa, desenvolvido nas escolas Shirlei Ceruti (Vilhena) e Carmela Dutra (Porto Velho). Tem publicação nas seguintes obras: Almanaque de Formação Continuada do Professor, Vol. I, da Coleção Ciência Aberta, Vol. 19 (organizadora e autora). Almanaque de Formação Continuada do Professor, Vol. 2, da Coleção Ciência Aberta, Vol. 20 (autora). No prelo: Figuras e topos em contextos sociais (autora). Acredita que a educação precisa rever valores e métodos de ensino, onde o aluno e o professor devem se reconhecerem como parceiros na construção do saber.
Contato: lizsouza1972@gmail.com

Fabiana Giovani

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/2043361641126900>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5887-1058>

Possui licenciatura em Letras Português/Espanhol pela UFSCar (2005). Mestrado em Educação – PPGE/UFSCar (2006), Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa (2010) pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” UNESP e pós doutorado na área de Educação pela UFSCar. Escreveu diversos livros e artigos científicos na área de ensino e aprendizagem da língua portuguesa sob um viés bakhtiniano. É professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com atuação no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, no PROFLETRAS e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL). Líder do GEBAP – Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa. Pesquisadora do GRUPA – Grupo de Pesquisa de Alfabetização no Brasil (CNPq); NELA – Núcleo de estudos em Linguística Aplicada e do NEPALP - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa.

Contato: fabiana.giovani@ufsc.br

Flávia Diniz de Souza Coutinho

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/6013029463593511>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4423-9606>

Professora de Língua Portuguesa, de Literatura e de Redação do Colégio Cruzeiro. Coordenadora de Língua Portuguesa do Colégio Cruzeiro. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Linguística (UFRJ).

Contato: flavia.diniz.coutinho@gmail.com

Geane Valesca da Cunha Klein

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/5426282028864065>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8828-687X>

Professora do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus Porto Velho. Doutora em Letras pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduada em Letras pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Faz parte do Grupo de Pesquisa Filologia e Modernidades (UNIR) e realiza estudos e orientações relacionadas à Linha de Pesquisa “Linguagens, educação e mídias”. Também é membro do grupo Infotendimento e Redes (Unipampa/RS). Exerce a função de editora da Revista do Centro de Estudos da Linguagem (Re-Unir), da Universidade Federal de Rondônia. Atua no ensino superior em disciplinas das áreas de linguística, língua portuguesa e formação de professores.

Contato: geanevalesca@unir.br

Hadinei Batista

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/6536471881093689>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3157-6366>

Professor da Universidade Estadual de Minas Gerais (UFMG). Pós-doutor em Linguagem e Cognição pela Universidade de São Paulo (USP 2018). Doutor em Tecnologia e Inovação em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ 2018).

Contato: hadinei@gmail.com

José Antonio Rodrigues Luciano

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/4301370177650518>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1748-8279>

Licenciado em Letras Português/Francês (2018). Mestre (2021) e Doutorando (2021) em Linguística e Língua Portuguesa (Linha de Pesquisa: “Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais”, com concentração em Análise Dialógica do Discurso), pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP), do *campus* de Araraquara. Bolsista (CAPES) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Atua na área de Letras, com ênfase em Análise Dialógica do Discurso e estuda enunciados estéticos e filosóficos voltado à verbivocovisualidade, bem como em projetos que aliam pesquisa-ensino-extensão. Já publicou vários artigos, com destaque para a verbivocovisualidade. Contato: trodrigues01.tr@gmail.com

Josemeire Caetano da Silva

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/3733529212387898>

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-0742-2815>

Doutoranda em Ciência da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco, bolsista CAPES/PROSUC. Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco, sob orientação da professora Dr^a Roberta Varginha Ramos Caiado. Possui Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, Recife, Brasil). Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês pela Fundação de Ensino Superior de Olinda. Atualmente é membro do grupo de pesquisa GETE (Gêneros, Texto e Ensino) e do GP Dialogismo, professora concursada da Secretaria de Educação de Pernambuco. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Fundadora e

professora do curso A Arte de Escrever. Premiada como orientadora de concursos de redação locais, nacionais e internacional, com os primeiros lugares, inclusive. Contato: josemeirecaetano@gmail.com

Lucas Martins Gama Khalil

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/5480323509113727>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5690-3271>

Possui Licenciatura em Letras Português (2010). Mestrado (2013) e Doutorado (2017) em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É docente do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Orienta projetos de iniciação científica na graduação e dissertações no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras da UNIR. Coordena o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Análise do Discurso e *Ethos* – NEADE, certificado pelo CNPq, e é membro do Círculo de Estudos do Discurso – CED, da UFU. Suas pesquisas se fundamentam na Análise do Discurso, especialmente a partir dos conceitos de *ethos* discursivo, cenografia e interdiscurso.

Contato: lucas.khalil@unir.br

Luciane de Paula

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/9546185363173636>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1727-0376>

Licenciada e Bacharel em Letras Português/Inglês (1997). Mestre (2001) e Doutora (2007) em Linguística e Língua Portuguesa (Linha de Pesquisa: “Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais”, com concentração em Análise Dialógica do Discurso), pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, *campus* de Araraquara. Pós-doutora (2011) em Letras pela Université François Rabelais – Tours/França. Professora Assistente da Universidade Estadual Paulista – UNESP, lotada no Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação (DELLE), no Câmpus de Assis e credenciada como professora permanente, tanto no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP) do

campus de Araraquara, quanto no ProfLetras, no qual se encontra como coordenadora. Atua na área de Letras, com ênfase em Análise Dialógica do Discurso e estuda enunciados estéticos, midiáticos e políticos voltada à verbivocovisualidade, bem como em projetos que aliam pesquisa-ensino-extensão. Já publicou vários livros e artigos, com destaque para a Série Bakhtin Inclassificável, em 4 volumes. Contato: lucianedepaula1@gmail.com

Luciano Novaes Vidon

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/3136561352267602>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2231-6279>

Professor Associado da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre e doutor com pós-doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordena, na UFES, o Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH), desenvolvendo e orientando pesquisas nas linhas de Estudos do Texto e Discurso e Linguística Aplicada. Organizou em 2013 o II Encontro de Estudos Bakhtinianos (II Eeba), que contou com a participação de estudiosos do Brasil e do exterior, como João Wanderley Geraldi, Anthony Wall e Augusto Ponzio. Em 2014, com Ana Zandwais, organizou o I Seminário do Gebakh, com a participação de Craig Brandist. Publicou com Raquel Salek Fiad o livro: *Em(n)torno de Bakhtin: questões e análises* (Pedro & João 2013) e com Ana Zandwais *A pesquisa sob o enfoque dos estudos do Círculo de Bakhtin* (Edufes, 2019). Contato: pfvidon@gmail.com

Manoel Klebson de Andrade Oliveira

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/8891835288108410>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5496-396X>

Possui Licenciatura em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Afogados da Ingazeira (FAFOPAI 2008). Especialização em Língua, Linguística e Literatura pelas Faculdades Integradas de

Patos (FIP 2010). Bacharelado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP 2016). Mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP 2020). Doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP 2021-2024). Bolsista CAPES. Atualmente é membro do grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos Dialógicos e Textuais (Análise Dialógica do Discurso) - Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Professor de Filosofia, Direitos Humanos, Português Instrumental Jurídico e Linguagem e Comunicação Jurídica no Instituto de Ensino Superior de Olinda (IESO). Possui experiência no ensino de Língua Portuguesa em turmas do Ensino Fundamental e Médio.
Contato: klebson.oliveira1@gmail.com

Maria Cecilia Mollica

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/3739175536240285>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6261-4663>

Professora titular em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisadora do CNPq. Membro do corpo permanente de docentes do PPGL/UFRJ e do PROFLETRAS/UFRN-UFRJ. Autora de artigos nacionais e internacionais, de capítulos e livros publicados pelo parque editorial brasileiro, com coletânea organizada pela APPRIS.

Contato: ceciliamollica@terra.com.br

Maria Cristina Ramos Borges

Possui graduação em Educação Artística pela Associação Prudentina de Educação e Cultura (1981), graduação em Pedagogia pela Fundação Educacional de Penápolis (1983), graduação em Letras pela Faculdade de Educação Ciências e Letras Urubupungá (1982), mestrado em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista UNESP (2003), além de vários cursos de especialização e de extensão universitária. Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Discurso Político,

atuando principalmente nos seguintes temas: aprendizagem, lingüística, conscientização, ensino e dificuldades de aprendizagem. Trabalha com responsabilidade social e projetos de inclusão, voluntariamente.

Moacir Lopes de Camargos

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/2326661535199134>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0155-5027>

Possui licenciatura em Letras Português/Francês (1995). Mestrado em Linguística Aplicada (2003), Doutorado em Linguística (2007) e pós-doutorado na área de literatura. Escreveu diversos artigos científicos na área de ensino de línguas/literatura por meio de um viés Bakhtiniano. É professor associado do Curso de Letras, Línguas Adicionais na Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, RS. Tem experiência de ensino e pesquisa na área de ensino de línguas/literaturas, com ênfase nos seguintes temas: línguas adicionais, literatura latino-americana, interculturalidade e identidade. Líder do GEBAP – Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa.

Contato: lopesdecamargos@gmail.com

Nádia Barros Araújo

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/9688861949150301>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2102-2455>

Possui Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB 2004). Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo Instituto de Pós-graduação e Extensão (IBPEX 2006). Mestrado em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB 2016). Especialista em Educação, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF 2018). Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP 2021-2024). Atualmente é pesquisadora das Poéticas Orais populares, concursada na Rede Pública do Estado da Bahia e do Município de

Tapiramutá. Tem experiência na área de Educação, Formação continuada de professores da Educação Básica, Educação no contexto de diversidade, Educação e Multi/Interculturalismo, Ensino da Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Contato: nadia.2021800113@unicap.br

Nair Ferreira Gurgel do Amaral

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/3810875108644681>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9253-4664>

Licenciatura em Letras Português/Inglês (1987). Possui Mestrado em Linguística (Área de Concentração em Análise do Discurso) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP 1996) e Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa (Área de Concentração em Análise do Discurso) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara 2002). cursou o Pós-doutorado na Faculdade de Educação (UNICAMP 2011). Atualmente é professora Titular (aposentada) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Tem experiência na área de Letras com ênfase em Pluralidade Cultural e Linguagem, Análise do Discurso, Leitura e Produção de Textos. Atua nas seguintes áreas: aquisição da linguagem, alfabetização, letramento, leitura, análise do discurso e pluralidade cultural. Já publicou e organizou vários livros, além de artigos nas áreas respectivas de Educação e Letras.

Contato: nairgurgel@uol.com.br

Nara Dantas de Azevêdo

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/9129897670065180>

ORCID iD: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-3563-3487>

Licenciada em Letras Inglês/Português – UNEB, Campus VI. Licenciada em Letras – Espanhol/Português – Universidade Cruzeiro do Sul – São Paulo. Graduada em Gestão da Tecnologia da Informação – Universidade Cruzeiro do Sul – São Paulo. Graduada em Gestão de Marketing – Universidade Cruzeiro do Sul - São Paulo. Especialista em Língua, Linguística e Literaturas – FACIBA –

Bahia. Especialista em Coordenação Pedagógica – UFBA-Bahia. Especialista em Metodologia de Ensino para Educação Profissional – UNEB – BA. Especialista em Docência para a educação Profissional e Tecnológica. Docente no Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo (CETEP do Sertão Produtivo) Caetitê-BA (Secretaria de Educação do Estado da Bahia – NTE-13). Faz parte do Grupo Práticas Discursivas na Amazônia/PDA-IFRO-CNPq. Linha de pesquisa: Literatura e sociedade.
Contato: narazevedo@gmail.com

Osmando Jesus Brasileiro

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/9581109674671578>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2261-3751>

Possui Doutorado em Letras pela UniRitter/UCS (2019); Mestrado em Letras, UniRitter (2014); Especialização em História: Cultura Urbana e Memória, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - 2006); Especialização em Novas Metodologias e Novas Abordagens para o Ensino da Língua Materna, pela Faculdade Atual (FAAT - 2010); Licenciatura Plena em Letras: Habilitações em Português/Inglês e respectivas literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB 2004); Atualmente é Professor da Rede Estadual de Ensino do Amapá; GEA, foi professor do curso de Letras da Faculdade de Macapá - FAMA, na qual lecionou as disciplinas: Literaturas Brasileira e Portuguesa, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Teoria da Literatura, Metodologia Científica dentre outras (2009-2012 e agosto de 2015 a julho de 2020). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: memória literária, tempo e narrativa e no ensino de Língua Latina e de Metodologia do Estudo e da pesquisa. Possui experiência como tutor do Curso de Letras a distância da UNOPAR - Universidade Norte do Paraná, no período de março de 2006 a março de 2010 e como tutor da Universidade Aberta do Brasil - UAB - UNIFAP. Foi membro do grupo de Estudos Osmanianos do

UniRitter e do Clube de Leitura de Literaturas africanas e indígenas da PUCRS (2014). No mestrado trabalhou com dissertação em estudos da representação da identidade indígena no livro didático de Língua Portuguesa e literaturas. Membro da Associação Internacional de Lusitanistas - AIL. E no doutorado trabalhou com o tempo na trilogia "O tempo e o vento", de Erico Verissimo. Atuou como Professor Substituto de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira e Portuguesa da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP - de outubro de 2016 a março de 2017. Professor da Universidade do Estado do Amapá – UEAP.

Contato: osmando.brasileiro2016@gmail.com

Paulo Rogério Stella

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/6506349461840284>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4494-631>

Possui graduação em Letras pela Linguística pela Universidade de São Paulo (USP 1992). Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP 2001). Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP 2006) e Pós-Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP 2020). É professor adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas em Maceió na área de Licenciatura em Letras Libras. É líder do grupo de pesquisa ObservU (Observatório da Linguagem em Uso). É editor executivo de língua inglesa da Bakhtiniana (Revista de Estudos do Discurso desde 2021). É pesquisador na linha de pesquisa de Linguística Aplicada e Análise Dialógica do Discurso com interesse em metodologias para o ensino de línguas, *course design*, tradução e interpretação, literatura e estudos culturais, todos sob uma perspectiva dialógica.

Contato: prstella@gmail.com

Roseli Wanderley de Araújo Serra

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/7849525944341427>

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-1067-2719>

Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Bolsista CAPES/PROSUC e Mestra em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Possui Licenciatura em Psicologia com ênfase em psicodiagnóstico e psicologia escolar pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP 1986), Letras Inglês (1989) pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE 1999). Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE 1999). Atualmente é membro do grupo de pesquisa GETE (Gêneros, Texto e Ensino) e do GP Dialogismo. É consultora educacional, formadora de professores (*teacher trainer and teacher developer*), mentora da Kanttum-SerProf e tradutora da Revista Linha D'água da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de língua inglesa, formação de professores, gestão educacional, mentoria educacional, tradução, gamificação e Tecnologias Digitais Educacionais.

Contato: rfserra@gmail.com

Sandra Mara Moraes Lima

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/1759229357132295>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2608-6653>

Possui Licenciatura em Letras Português (1985). Mestrado em Estudos Literários (2005) e Doutorado em Linguística Aplicada e estudos da Linguagem (2013). Pós-Doutorado também em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (2015). Autora de 16 artigos científicos (um no prelo), 9 capítulos de livros e dois livros, sendo um como organizadora. Foi efetiva na Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo de 1984 a 2017. Atualmente é Professora Adjunta DE da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Tem experiência na formação do Magistério e na área de Letras, com ênfase em Linguística e Literatura, atuando principalmente nos

seguintes temas: Ensino de Língua Portuguesa, Discurso e vozes discursivas. Contato: sandra.lima18@unifesp.br

Sebastião Josué Votre

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/2836380035305495>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7871-0211>

Tem formação na área de sociolinguística e análise do discurso. Doutor pela PUC-RJ e livre-docente pela UFRJ. Dentre os estágios de pós-doutoramento, destaco o de sociologia do esporte na Universidade de Strathclyde, Escócia, com Dr. James Mangan. Sou professor aposentado titular da UFRJ e associado IV da UFF. Pesquisador e bolsista de produtividade do CNPq desde 1979, atuei na rede CEDES, do Ministério do Esporte. Fundei o Grupo de Estudos Discurso e Gramática, da UFRJ, o Laboratório do imaginário e das representações sociais. Fundei o grupo de estudos Semiótica das atividades humanas. Implantei a análise do conteúdo e do discurso das representações sociais na área sócio-cultural da educação física e do desporto. Idealizei e coordenei durante três anos o primeiro Curso de Especialização em Ensino de Leitura e Produção Textual a Distância, no CEDERJ, para professores da rede estadual. Minha produção acadêmica no presente triênio prioriza análise crítica do discurso, complexidade da gramática e filosofia da linguagem. Contato: svotre@gmail.com

Sérgio Nunes de Jesus

LATTES iD: <https://lattes.cnpq.br/9648583745536616>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8255-751X>

Possui Licenciatura em Letras Português-Ingês e Respektivas Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (1997). Mestrado em Linguística (2008). Doutorado em Ciências da Educação (2010). Pós-doutorado em Ciências da Educação (2015). Cursa Doutorado em Ciências da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP 2021). Foi professor visitante na York University, Toronto-Canadá, 2019. Atualmente lidera o Grupo de Pesquisa Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas

Discursivas na Amazônia (GP PDA)-CNPq-IFRO. Premiações acadêmicas: *Projeto PDA* - Menção Honrosa pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em 2017 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Menção Honrosa pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) em 2021 pela apresentação do trabalho *Violência doméstica contra a mulher no telejornalismo...* no “II Congresso Internacional Interdisciplinar sobre Representações Sociais”. Pesquisador Associado ao Projeto PAINTER-FAPEAM, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM, ICN, Benjamim Constant-AM). Autor das obras: *Português instrumental* (2013) - *Ler e gostar de ler: isso é coisa que se aprende* (2016) - *Análise do Discurso Francês: afinidades epistêmicas franco-brasileiras*, V. 1 e 2 (2016-2018) - *Coleção ciência aberta*, Vol. 1-21 (2011-2022) - *Povos e comunidades tradicionais*, V. 1 e 2 (2017-2019) - *Gramática: compreender & comunicar* (2020). Tem experiências de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Estudos da Linguagem; Educação; Gênero; Povos e Comunidades Tradicionais. Pesquisador, escritor, músico e poeta.

Contatos: canibalsergio@outlook.com – sergio.nunes@ifro.edu.br

Vânia Lisboa da Silveira Guedes

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/8438289850732520>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5854-5677>

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-doutorado e Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFRJ). Mestre em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação da UFRJ-IBICT/CNPq.

Contato: vanialisboa@facc.ufrj.br

Vivian Pinto Riolo

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/4661658126855061>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8115-2246>

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestre em Linguística pela Universidade Federal

do Espírito Santo (UFES), com ênfase em estudos sobre texto e discurso. Com apoio de bolsa Capes, participou do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad) na UFMG e desenvolveu um estudo sobre as estratégias argumentativas em publicidades televisivas, apoiando-se na análise dialógica do discurso, fundamentada em pressupostos do Círculo de Bakhtin. Integra o Grupo de Estudos Bakhtinianos (Gebakh/UFES). Atua como professora colaboradora no curso de Letras Português a Distância do Instituto Federal do Espírito Santo (Cefor/IFES) e é professora de ensino fundamental e médio.
Contato: vivianpriolo@yahoo.com.br